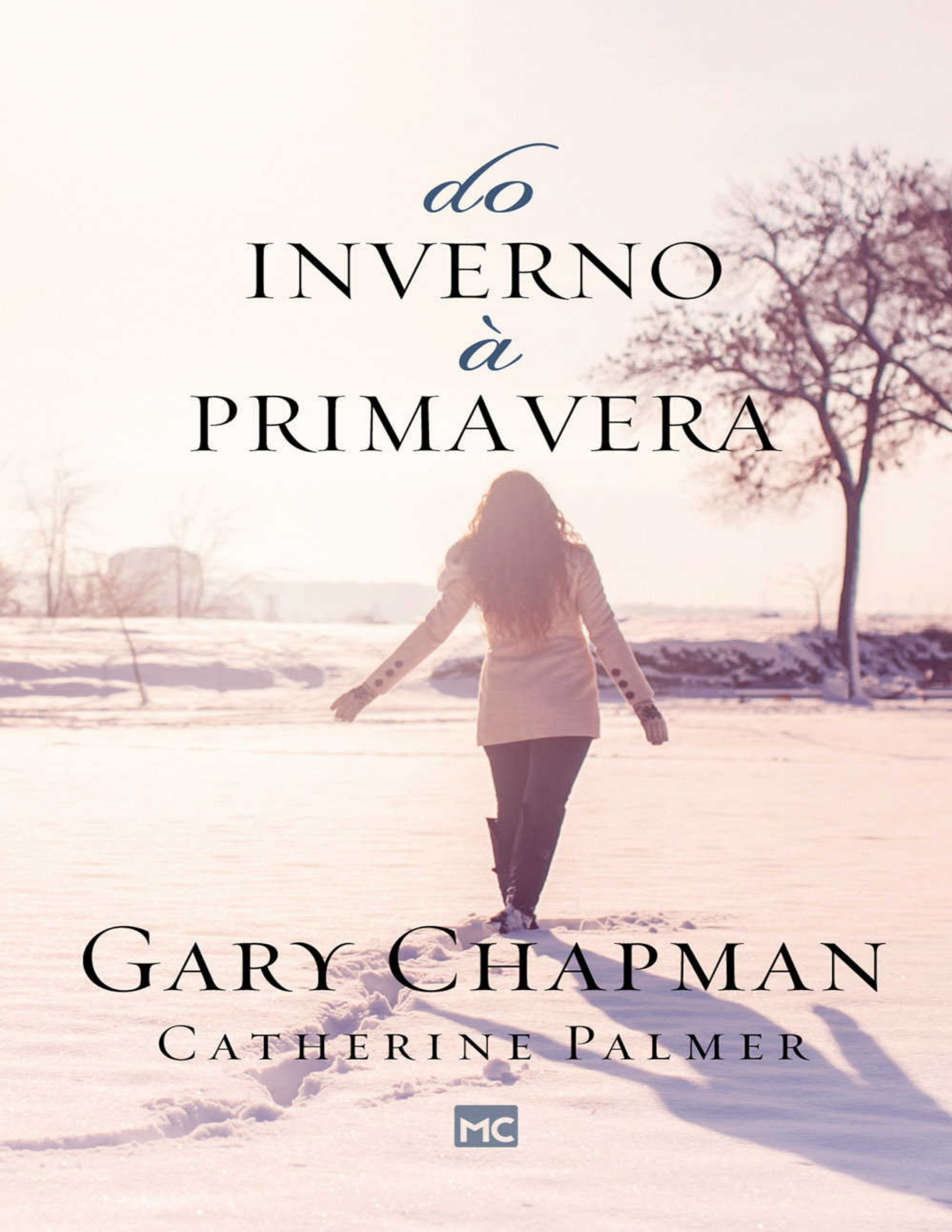

do
INVERNO
à
PRIMAVERA
GARY CHAPMAN
CATHERINE PALMER
MC

GARY CHAPMAN
&
CATHERINE PALMER

DO INVERNO À PRIMAVERA

Traduzido por MARIA EMÍLIA DE OLIVEIRA

mundocristão
São Paulo

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Copyright © 2008 por Gary Chapman & Catherine Palmer
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers, Illinois, EUA.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Preparação: Daila Fanny
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Diagramação: Assisnet Design Gráfico
Diagramação para e-book: Felipe Marques
Capa: Ricardo Shoji

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P198d
Palmer, Catherine
Do inverno à primavera [recurso eletrônico] / Gary Chapman , Catherine Palmer ; tradução Maria Emília de Oliveira . -- 1. ed. -- São Paulo : Mundo Cristão, 2017.
recurso digital; 1421 MB

Tradução de: Winter turns to spring
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 9788543302324 (recurso eletrônico)

1. Casamento - Ficção americana. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Chapman, Gary. II. Oliveira, Maria Emília de. III. Título.

17-39999

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Categoria: Ficção

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: junho de 2017

Sumário

Nota aos leitores
Agradecimentos
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

A Tim, com amor.

C. P.

O amor novo é o mais brilhante,
e o amor tardio é o mais intenso;
mas o amor renascido é o amor
mais doce do mundo.

Thomas Hardy

Nota aos leitores

Não há nada como uma boa história! Estou entusiasmado por trabalhar com Catherine Palmer numa série de ficção baseada nos conceitos expostos em meu livro *As quatro estações do casamento*.[1] Você tem em mãos o quarto e último livro desta série.

Minha experiência, tanto em meu casamento como no aconselhamento de casais por mais de trinta anos, sugere que o casamento está sempre mudando de uma estação para outra. Às vezes estamos no inverno — desanimados, desligados e insatisfeitos. Outras, vivemos a primavera, com sua receptividade, esperança e expectativa. Há ainda outras ocasiões em que nos aquecemos sob o calor do verão — confortáveis, relaxados, curtindo a vida. E de repente, vem o outono, com suas incertezas, negligências e preocupações. O ciclo se repete muitas vezes ao longo do casamento, da mesma forma que as estações se repetem na natureza. Esses conceitos estão descritos em *As quatro estações do casamento*, acompanhados de sete estratégias comprovadas, para ajudar os casais a se afastarem das turbulências do outono ou da indiferença e frieza do inverno e caminharem rumo à esperança da primavera ou do calor e aconchego do verão.

A combinação do que aprendi nesses anos de aconselhamento, com a extraordinária competência de Catherine como escritora, resultou nesta série de quatro romances. Na vida dos personagens que você conhecerá nestas páginas, verá as reiteradas escolhas que observei nas pessoas no decorrer dos anos, a importância do carinho de amigos e vizinhos e a esperança de verem seu casamento mudar para uma nova estação, muito mais agradável.

Em *Do inverno à primavera* e nas outras histórias da série *Quatro estações,* você conhecerá recém-casados, famílias mistas, casais angustiados por ter de adaptar-se ao ninho vazio e casais idosos. Esperamos que você se veja — ou veja alguém que conhece — nesses personagens. Se estiver com o coração ferido, este livro poderá dar-lhe esperança — e algumas sugestões para melhorar a situação.

E seja qual for a situação que estiver atravessando, sei que você vai gostar muito das pessoas e das histórias de Deepwater Cove.

Dr. Gary D. Chapman

1 São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

Agradecimentos

Muitas pessoas exercem influência na escrita e publicação de um romance. Gostaria de manifestar publicamente meus profundos agradecimentos ao dr. Gary Chapman. Sua sabedoria, um dom concedido por Deus, e seus livros extraordinários têm enriquecido de forma incomensurável meus textos e minha vida pessoal. Sou muito grata pela oportunidade de trabalhar em parceria com um cavalheiro de verdade, um homem que demonstra seu compromisso com Deus em tudo o que faz.

Pelas vezes em que rimos e choramos juntas, minhas amigas de longa data são tesouros que guardo com muito carinho. Janice, Mary, Sharon, Roxie, Kristie, BB e Lucia: amo vocês. Minha equipe de apoio tem me sustentado diante de Deus, e meus agradecimentos nunca serão suficientes — Mary, Andrew, Nina e Marilyn.

Sou grata também a minha família Tyndale por tudo o que fez por mim nos últimos dez anos. Ron Beers e Karen Watson, que Deus os abençoe por terem feito desta série uma realidade. Kathy Olson, imagino que não teria tido coragem de escrever uma só palavra sem você. Sua edição tão esmerada e amizade preciosa são verdadeiras dádivas do Senhor. A Andrea e Babette do departamento de marketing, ao departamento de relações públicas, à extraordinária equipe de vendas e ao excelente departamento de diagramação: muito obrigada a todos, do fundo de meu coração.

Apesar de quase sempre deixá-la por último, minha família ocupa o primeiro lugar na lista de apoiadores, encorajadores e pessoas amadas. Tim, Geoffrey e Andrei: amo muito vocês.

Catherine Palmer

1

Brad Hanes atravessou o estacionamento em direção ao Bar do Larry com um só objetivo em mente. Lá estava ela, sentada no fundo do bar. Yvonne Ratcliff, a cantora do bar, tinha uma voz forte e sensual que escoava, enchia o salão cheio e impregnado de fumaça, e provocava vibrações em cada nervo do corpo de Brad.

Por saber que sua esposa não gostava de Yvonne — e de outros frequentadores do Larry —, Brad havia considerado a hipótese de deixar que seus colegas do canteiro de construção fossem ao local sem ele. Em dezembro, a superfície da água do lago de Ozarks refletia a cor cinzenta e gélida do céu. O vento que fustigava a cidade de Tranquility atravessava sua jaqueta de brim. A noite não era convidativa para se ficar fora de casa até muito tarde, Brad sabia. Mesmo assim, nada lhe parecia melhor que algumas cervejas, um pouco de risada com os amigos e uma ou duas horas jogando bilhar ao som da música.

— Você tem certeza de que Ashley não se importa de ficarmos aqui no Larry por algum tempo? — Mack Lang, outro colega da construção, aproximou-se de Brad com passos lentos. — Minha segunda ex queria que eu chegasse em casa às 18 horas, nem um minuto a mais, para jantar. Ela me sufocava com todas aquelas ordens e regrinhas.

— Não — Brad sacudiu a cabeça. — Ashley não deve nem estar em casa. Ela começou um negócio de vender colares, lembra?

— Com contas feitas em casa?

— Isso mesmo. E com o Natal chegando aí, ela trabalha dia e noite para atender aos pedidos.

— E ainda trabalha no clube de campo?

— Claro. Ashley não vai largar aquele emprego.

Enquanto ele e o amigo se aproximavam do bar, Brad pensou na esposa vestindo o uniforme preto e branco de garçonete, limpo e bem passado; o longo cabelo ruivo, preso no alto da cabeça; e o pescoço alvo, enfeitado com vários colares de contas confeccionadas por ela.

Ashley sabia que o marido planejava ir ao Bar do Larry naquela noite, apesar de ter-lhe pedido centenas de vezes que permanecesse longe do local. Ela reclamava que Brad bebia muito, voltava para casa com cheiro de cinzeiro sujo e, no dia seguinte, sempre ia trabalhar com dor de cabeça. Parte do que ela dizia era verdadeiro, embora ele argumentasse que não via nada de errado em tomar algumas cervejas com os amigos.

— Ela nem deve notar se eu voltei ou não para casa — Brad disse, com uma onda de frustração enchendo-lhe o peito. — Sou um cara legal, você sabe. Não peço muito de uma esposa: apenas casa limpa, roupa lavada e três rangos por dia. Com a produção dos colares indo a todo vapor, Ashley não tem tempo para nada. Não prepara mais o meu jantar. Tenho de me virar com uma lata de sopa ou um pacote de macarrão. É barra pesada para alguém que trabalhou o dia inteiro construindo casas neste inverno do Missouri.

— Bem-vindo ao clube — Mack disse. — Eu odiava o casamento, mas também odiava ser solteiro. Acho que a gente deve procurar divertimento onde for possível. Por falar nisso... parece que Yvonne já está no palco.

Brad tentou não reagir ao comentário, uma clara referência à atração que crescia entre eles, a qual ele não imaginara ser tão evidente.

Yvonne — ou *Yvónne*, como ela pronunciava — tinha uma voz bonita e era muito atraente. Tinha um filho, ela contara a Brad, mas a maternidade não prejudicara nem um pouco seu físico. Com cabelo castanho comprido, olhos verdes com rímel preto e calça *jeans* justíssima, Yvonne podia fazer o que quisesse com a voz, deixando todos os homens com os olhos grudados nela.

No entanto, a atenção de Yvonne estava sempre focada em Brad. Cada canção que cantava era dirigida somente a ele. E quando ocupava seu lugar de sempre no fundo do bar, ele não resistia à tentação de aproximar-se dela e pagar-lhe uma ou duas bebidas.

Ao esticar o braço para abrir a porta do bar, Brad ouviu Yvonne cantando uma famosa canção sobre as alegrias de ser uma mulher do campo. Porém, assim que ele segurou a maçaneta, outro som o fez estremecer. O agudo gemido começou com um "ouuu!" e, em seguida, enfraqueceu num patético "ouuu, ouuu, ouuu". Brad virou-se em direção ao som, que recomeçou.

"Ouuu! Ouuu, ouuu, ouuu." Após um momento, a sequência terminou com um murmúrio manso de "ou".

— O que pode ser? — Brad tirou o boné, coçou a testa e correu os olhos pelo estacionamento, que lotava rapidamente.

— Parece choro de bebê — Mack disse enquanto os dois davam passos vacilantes em direção aos gemidos.

— De jeito nenhum. Quem abandonaria uma criança neste frio? Isso só acontece em cidades grandes, não aqui.

— Uuu! Uuu, uuu, uuu — a voz berrou. — Uuu. Ouuu. Ouuu.

— Ei! — Brad gritou. — Quem está aí?

Apesar de ser um pouco mais de 17 horas, a iluminação era tão fraca que Brad mal conseguia enxergar. Ele voltou a colocar o boné na cabeça e ajustou a aba.

— Olhe! — Mack cutucou-o com o cotovelo. — Ali!

No canto da parede que cercava o Bar do Larry havia uma caixa de papelão. E ela estava se movimentando.

Mais frio que a brisa noturna, um arrepio percorreu a espinha de Brad. Ele e Mack aproximaram-se da caixa. Brad notou algumas palavras escritas em azul e vermelho que indicavam ser uma caixa de latas de cerveja. Ao olhar dentro, um par de grandes olhos castanhos o fitou.

"Ouuu!" A boca pequenina exibiu duas fileiras de dentes brancos e afiados, cortando o ar com um grito agudo de "ouuu, ouuu, ouuu!".

— Puxa! — Mack disse. — É um bicho peludo.

Com uma sensação de alívio no peito, Brad agachou-se ao lado da caixa.

— Quem é você? — ele perguntou à bolinha de pelos cinzentos e empoeirados. — É um guaxinim? Ou um gatinho? Você está fazendo uma enorme bagunça, com certeza.

— Não toque nele — Mack advertiu. — Você pode ser mordido e morrer de hidrofobia.

"Ih! Ih! Ih!" A criatura tentou virar-se, bateu na lateral da caixa, levantou a cabeça e deu um gemido. "Auuu! Uuuu! Auuu, auuu."

— Hidrofobia — Brad resmungou. Ele enfiou a mão na caixa e passou-a sob a barriga peluda e macia. Segurando o animal, ele examinou-o rapidamente. Orelhas, olhos, cauda, focinho, pernas felpudas e quatro patas.

— É um cãozinho — ele declarou. — O mais tagarela que já conheci.

"Slept." A cabecinha espichou-se para a frente, e uma pequena língua cor-de-rosa lambeu o nariz de Brad.

— Eca! — Brad limpou a lambida com as costas da mão. Virou o cãozinho

de barriga pra cima e constatou que estava segurando um macho. — Quem deixou você aqui, amiguinho? Você deve estar congelado.

— Cara — Mack disse, com expressão de desagrado. — É preciso ser imbecil demais para abandonar um cãozinho neste frio.

Brad sabia que, em geral, os habitantes da zona rural do Missouri não tinham meios de criar bichos de estimação. Com isso, milhares de vira-latas e gatinhos indesejados eram abandonados na beira da estrada todos os anos. Os abrigos de animais na cidade costumavam pegá-los, mas muitos morriam de fome, eram mortos por predadores maiores ou atropelados.

— Pelo menos ele foi deixado perto de um lugar público — Brad observou. — Acho que imaginaram que ele encontraria um lar.

— Comigo não.

— Nem comigo.

A máquina de *jukebox* começou a tocar dentro do bar. Yvonne já devia ter terminado sua série de canções e estaria sentada em seu lugar costumeiro no bar. Casado havia quase um ano, Brad sabia que não devia dar confiança àquela mulher. A cantora de voz sensual era bem mais velha que Brad e havia passado por poucas e boas. Disse que tentara fazer sucesso no cenário musical de Nashville, mas achou difícil demais. Também atuou como *back vocal* num grande *show* da cidade de Branson. Um dia, porém, voltou a morar na região do lago — solteira, provocante e à procura de diversão. Tornava-se cada vez mais difícil resistir àquele canto de sereia.

"Au!" O ganido forte assustou Brad. O cãozinho acomodara-se na dobra de seu braço. "Ik, ik, ik."

— O que você está dizendo agora, cãozinho tagarela? — Brad murmurou, acariciando o pelo emaranhado. Quando o cãozinho pressionou de leve a pequenina cabeça contra a palma da mão de Brad, manifestou alegria ao sentir o toque humano. Brad riu. — O que você quer, garotinho? Hein?

— Ora, ora — Mack disse. — Você está parecendo um bobão.

— Não vou levá-lo para casa. Mas... ele não deve ter mais que 2 meses.

— Aposto que ainda mama. Tivemos cães em casa quando eu era criança. A gente não deve tirá-los da mãe tão cedo.

— Eu sempre quis ter um cão. Meu pai os afugentava com uma espingarda.

Embora o cão implorasse para ocupar um lugar em seu coração, Brad sabia que, diante da situação difícil entre ele e Ashley, seria um erro chegar em casa

com um filhote. Provavelmente ela pegaria suas contas e voltaria para a casa do papai e da mamãe, o que, afinal, seria uma boa ideia.

Brad não estava à procura de um relacionamento com Yvonne ou com qualquer outra moça atraente que fazia do Bar do Larry um local para beber e distrair-se. Também não queria que Ashley o abandonasse. Mas por quanto tempo duas pessoas aguentariam viver dessa maneira? Silêncio gelado entremeado com discussões. Culpa. Palavrões. Acusações.

O sexo também era uma ocorrência rara no casamento, e aquilo não agradava a Brad. Antes do casamento, Ashley sempre o procurava, e vice-versa. Ultimamente, eles mal tinham tempo para um beijo. Pelo fato de ele trabalhar de dia e ela trabalhar à noite, era raro o casal dormir junto. Não se podia esperar que um homem de 22 anos de idade, no apogeu da vida, renunciasse a esse tipo de prazer. Prazer? Não, era uma *necessidade*.

"Rrnnn... rrnnn."

Brad abaixou a cabeça e viu que o cãozinho roncava mansamente.

— Ótimo. Ele dormiu.

— O que você esperava? Ele deve ter ficado aqui fora, congelando, quase o dia todo. — Mack disse, bufando. — É melhor levá-lo para casa. É isso o que você quer.

— Não quero um cão. Mas como posso colocá-lo de volta na caixa de papelão? Quando a gente sair do Larry daqui a algumas horas, ele estará morto de frio.

Para Brad, era impossível abandonar o cão naquele ar gelado e entrar no ambiente aconchegante do bar sem sentir uma dose enorme de culpa. Queria entrar no bar, sentar-se perto de Yvonne e sentir seu perfume. Ela começaria a paquerá-lo, e ele lhe pagaria algumas bebidas. Depois, ela andaria com passos provocantes até o palco e cantaria para Brad até ele ficar tão encharcado de cerveja e tentação que mal conseguiria chegar ao carro com seus passos trôpegos.

Brad tinha a sensação de que não demoraria muito para ceder aos encantos de *Yvónne, a conquistadora*, como os homens costumavam chamar a sensual cantora. Não era segredo que Yvonne usava seus trejeitos e astúcia para conseguir o que queria dos homens. Mas àquela altura, Brad pouco se importava. Queria a mesma coisa. Um pouco de divertimento. Sem compromisso. Sem expectativas. Sem responsabilidades. Tudo parecia bom para ele.

"Rrnnn.... rrnnn... rrnnn."

Com a mão repousando sobre a cabeça do cãozinho, Brad percorreu a frente do Bar do Larry com o olhar. Três ou quatro casais haviam entrado desde que ele vira o filhote.

— Alguém vai encontrar o cão e levá-lo para casa — Brad disse ao amigo. — Não somos responsáveis por este vira-lata sarnento. Vamos entrar.

Não querendo pensar no assunto, ele colocou o cãozinho de volta na caixa e abriu com força a porta da frente do Larry.

"Ouuu!" O guincho agudo atravessou o cérebro de Brad e atingiu-lhe o coração. "Ouuu, ouuu, ouuu! Ouuuuuuu!"

Dizendo um palavrão em voz baixa, Brad curvou-se, pegou o cão, colocou-o sob a jaqueta e dirigiu-se ao carro. De longe, ouviu Mack rindo dele pelas costas.

— Idiota! — o amigo gritou. — Vou dizer "oi" a Yvonne por você!

Rangendo os dentes, Brad abriu a porta do carro. Aquilo era um erro. Um grande, grande erro. Ele e Ashley não tinham espaço para o cão em sua casa pequenina. Não tinham um quintal com cerca. Não haveria ninguém para cuidar do cãozinho enquanto eles estivessem trabalhando. Tudo aquilo era uma péssima ideia.

Ele jogou o cãozinho no banco do passageiro. Talvez um vizinho ficasse com o animal. Entrou no carro e deu partida. Com as mandíbulas cerradas, saiu do estacionamento e pegou a estrada rumo a Deepwater Cove. Não era aquilo que ele queria fazer. Talvez Ashley estivesse certa. Ele não deveria passar tanto tempo com Yvonne e outros frequentadores do bar. Entretanto, qual a razão de ir para casa e ver televisão sozinho a noite inteira?

A pressão das quatro patas aqueceu-lhe as pernas. Brad olhou para baixo e viu o cãozinho sentado confortavelmente em seu colo. "Não", ele pensou. Ele não queria um cão. Nem uma esposa, nem um lar, nem um emprego, nem um salário fixo.

Em determinada época da vida, essas coisas pareciam objetivos altos demais para se alcançar. Em razão de sua infância caótica, esses sonhos pareciam inatingíveis. Mas ele havia conhecido Ashley, conquistado seu coração, comprado uma casa e casado com a mulher que ele amava. Tinha um emprego estável e uma vida que ele esperava ser maravilhosa.

Mas não era.

Agora a situação se deteriorara rapidamente, e ele não deveria levar um cãozinho para casa. O vira-lata exigiria cuidados constantes e por muito tempo, e essa era exatamente a situação da qual Brad queria fugir.

"Rrnnn... rnnn... rrnnn."

O ronco suave do cãozinho acalmou os nervos de Brad enquanto ele chegava à garagem de sua casa. Os galhos nus das árvores ampliavam a visão durante os meses de inverno, e Brad viu o luar batendo no lago como se fossem pirilampos dançando.

O cão mal se mexeu quando Brad desceu do carro e o carregou em direção a casa. Ashley deixara todas as lâmpadas acesas, como sempre. A jovem culpava-o por seus problemas com dinheiro, mas a culpa verdadeira era dela. Todas aquelas contas para bijuterias. E sacos plásticos. E caixas. E despesas de correio. Será que ela fazia ideia de quanto dinheiro passava por suas mãos todos os meses naquele pequeno empreendimento de colares?

Ao entrar em casa, Brad viu que tudo estava quase igual ao que ele deixara no início da manhã. Ashley não lavara a louça, não varrera a casa, nem sequer guardara as compras que ela deve ter feito durante o dia. Ele olhou atentamente para os vegetais enlatados, misturas para bolos e vidros de molho para macarrão no balcão da cozinha.

Os pais e Ashley eram proprietários de uma lanchonete que vendia cachorro-quente e sorvete em Camdenton, e aquele era o único alimento que ela sabia preparar. Sua amiga Esther Moore a ensinara a cozinhar comida de verdade, mas a sra. Moore falecera no Dia de Ação de Graças. Agora, se Brad apenas mencionava o nome da mulher, Ashley formava uma poça de lágrimas de tanto chorar. E abandonara todos os esforços para aprender a preparar refeições saborosas e nutritivas.

Ainda carregando o cãozinho exausto, ele remexeu o *freezer* até encontrar o que restara de um peru assado que ninguém sabia há quanto tempo estava ali. Ele aqueceu o alimento no micro-ondas, pôs uma porção pequena num pires, encheu uma tigela com água fresca e colocou tudo no chão.

Imediatamente o animalzinho aproximou-se do pires e começou a devorar a comida. Sem conseguir conter o riso, Brad pegou um garfo, sentou-se ao lado do cão e começou a comer o que restara do peru assado. De vez em quando, o cão levantava a cabeça e balançava o rabo antes de voltar a comer.

"É isto que está faltando nesta casa", Brad pensou. "Um pouco de agradecimento. Algumas palavras de afirmação." O mínimo que Ashley poderia fazer seria agradecer as horas que ele trabalhava todos os dias na construção. Além disso, em muitas tardes ele *havia evitado* ir ao bar a fim de voltar para casa

e trabalhar com o marido de Esther. Charlie Moore e Brad estavam terminando o cômodo anexo à casa e embelezando o restante do local. Haviam pintado, consertado as rachaduras no teto por onde vazava água, calafetado a banheira e as pias e reforçado as janelas e portas.

Pelo menos o cãozinho notara o que havia recebido e manifestara gratidão. Após beber quase toda a água, o vira-lata subiu no colo de Brad e ajudou-o a acabar com o resto do peru assado. Por mais estranho que parecesse, Brad não se importou com o focinho preto limpando os cantos do prato de vidro.

— Somos muito parecidos, não, meu chapa? — ele disse ao cão. — Alguém deixou você dentro de uma caixa no estacionamento. E alguém me deixou sozinho, noite após noite, numa casa vazia perto do lago. Nós dois fomos abandonados por pessoas que pareciam nos amar. Que droga, não?

O cãozinho sentou-se na travessa vazia e encostou-se ao peito de Brad.

— Está querendo tirar outro cochilo? Bom, acho que vou lhe fazer companhia. Eu bem que poderia. Não há nada pra fazer por aqui.

Brad pegou o cão no colo e colocou a vasilha na pia com os outros pratos, copos e panelas vazios. Em seguida, jogou-se no sofá. Depois de desamarrar o cadarço das botas de trabalho, ele chutou-as para longe e esticou o corpo nas almofadas macias. O controle remoto estava fora do alcance da mão, e ele pensou em levantar-se para pegá-lo. Mas o cãozinho já se acomodara em seu braço.

"Rrnnn... rrnnn... rrnnn..."

Rindo, Brad passou as duas mãos ao redor daquela bolinha de pelos sujos e fechou os olhos. Ashley ficaria horrorizada quando entrasse em casa após a meia-noite. Mas pelo menos ele não estava no Larry. Não havia aberto nem uma cerveja. E certamente não estava com olhos grudados em Yvonne Ratcliff, com pensamentos que constrangiam até ele próprio.

Ashley esforçava-se para manter os olhos abertos enquanto dirigia seu velho Honda todo amassado na estrada curva e arborizada de acesso a Deepwater Cove. Ao longo das duas pistas havia valetas para drenar a água da chuva, e Ashley sabia que seria muito fácil sair do asfalto e capotar o veículo. O nome de três colegas do colégio de Camdenton estava escrito em cruzes fincadas na encosta de um morro à beira daquela estrada. Ela não queria que seus pais

chorassem enquanto enfeitavam uma cruz com rosas e hera no local em que a filha havia morrido.

Ao pensar em morte, ela lembrou-se imediatamente de Esther Moore e não conseguiu impedir que as lágrimas corressem por seu rosto. Mesmo duas semanas após o derrame que ceifou a vida de sua amiga, Ashley não conseguia acreditar que Esther tivesse morrido. Curiosamente, ela sentia alívio por poder chorar dentro do carro quente e silencioso, onde ninguém a via.

Brad detestava as explosões emocionais da esposa — de qualquer tipo. E em vez de consolá-la ou envolvê-la nos braços, como fazia no início do casamento, ele agora ordenava que ela se desvencilhasse daquele sentimento. Que o tirasse da cabeça. Como se a recuperação pela morte de uma pessoa querida fosse tão fácil assim.

Fungando, Ashley girou o volante em direção a Deepwater Cove. Antigamente, ela ficava tão ansiosa por chegar em casa que precisava controlar-se para não pisar fundo no acelerador. Em sua imaginação, a casinha que ela e Brad haviam escolhido parecia uma cabana aconchegante perto do lago, à espera de um toque de amor do casal. Os cômodos eram pintados com tons claros e brilhantes como se fossem casacos macios a aquecê-los. Os objetos antigos e as cortinas eram como vestidos a enfeitá-los. Do lado de fora, os canteiros de erva-dedal, petúnias e gerânios eram hóspedes sempre bem-vindos.

— Monte de entulho —, ela resmungou ao estacionar o carro ao lado do de Brad naquilo que, um dia, havia sido uma entrada para carros coberta de pedregulhos. Agora não passava de uma faixa de ervas daninhas murchas. — Odeio esta casa. Janelas mal vedadas. Aquecedor de parede horroroso. Piso gelado. Cupins.

Os esconderijos de insetos haviam sido o primeiro sinal de problemas. Nenhum dos dois pensou em solicitar uma inspeção antes de comprar a casa. Livrar a casa dos cupins havia custado uma fortuna, e Ashley ainda tinha a sensação de ver insetos rastejando quando estava em casa sozinha.

O que quase sempre acontecia.

Ao abrir a porta da frente, ela viu o marido escarrapachado no sofá. Provavelmente havia bebido, como sempre. Ele costumava cair no sono no sofá, com a TV ligada e suas botas de trabalho malcheirosas jogadas a esmo no carpete manchado.

Ashley colocou a bolsa no chão perto da porta e tirou o casaco. Naquela noite seu querido marido não se dera ao trabalho de ligar a televisão. Ela engoliu em

seco, imaginando quem teria sido a companhia de Brad no Bar do Larry. As poucas vezes que foram juntos ao local, ela notou os olhares enciumados de várias mulheres que frequentavam o bar. A ideia de que seu marido poderia ter se envolvido com uma delas provocava-lhe náuseas.

Depois de tirar seus sapatos pretos de trabalho, Ashley caminhou penosamente em direção à cozinha. Apesar de trabalhar num restaurante, ela sempre chegava em casa com fome. Ao ver a pilha de pratos na pia, o coração de Ashley apertou-se. Será que Brad não entendia que ela estava muito ocupada — que se esforçava como louca para entregar todos os pedidos de colares antes do Natal e, além disso, trabalhava quase quarenta horas por semana no clube de campo? Será que ele não era capaz de dar uma ajuda mínima na cozinha?

"Rrnnn... rrnnn... rrnnn..."

Ashley parou no balcão do bar que separava a cozinha da sala. Brad não roncava daquela maneira. O ronco era mais forte e meio sufocado. Embora irritada, ela sentiu uma ponta de preocupação. E se seu marido estivesse doente? Por mais estranho que parecesse, ela quase desejou que isso fosse verdade. Poderia, então, preparar-lhe uma canja e aninhar-se ao lado dele no sofá. Ele não poderia ir ao Larry, e os dois ficariam juntos como nos velhos dias, antes de tudo tornar-se tão desagradável.

"Rrnnn... rrnnn... rrnnn."

Preocupada, ela atravessou a sala na ponta dos pés até o lugar onde ele estava deitado. A fraca iluminação do luar que filtrava pela janela quase não lhe permitia enxergar o ambiente. Ashley costumava deixar uma lâmpada — ou duas — acesa quando saía. Ela detestava entrar na casa escura. O ronco de Brad perturbou-a, embora acompanhasse o ritmo de sua respiração.

Ajoelhando-se ao lado do sofá, ela inclinou o corpo e encostou a orelha no peito dele.

"Slept!"

Após esse som, uma coisa úmida, peluda e parecida com rato tocou o rosto de Ashley. Com um grito, ela perdeu o equilíbrio e caiu de costas, batendo o corpo com força no chão.

Brad deu um pulo no sofá.

— Hã? — ele disse sem pensar, com os olhos turvos. — O que foi?

— Sou *eu*. — Ashley esticou o braço e acendeu o abajur. — Quem você pensou que fosse? O que há de errado com você?

— O que há de errado comigo? Foi você que gritou.

— O que era aquela coisa? — ela estremeceu. — Havia uma coisa deitada em cima de você, Brad. Eu senti.

— Ah, não. — Brad levantou-se e começou a tirar as almofadas do sofá. — Para onde ele foi? Venha aqui, garoto!

Ashley levantou-se do chão enquanto Brad andava pela sala, olhando atrás do sofá e levantando a barra das cortinas.

— O que você está *fazendo*? — Ela sentiu seu peito ficar sufocado, como já ocorrera antes. — Bradley Hanes, quanto você bebeu esta noite?

Endireitando o corpo, ele encarou-a.

— Não bebi nem uma cerveja. E para sua informação, há um cãozinho escondido em algum lugar desta casa, e é melhor você me ajudar a encontrá-lo.

— Um *cãozinho*?

"Au!" O som do latido forte e agudo veio da cozinha. "Au, au, au!"

Ashley deu meia-volta e quase colidiu com o marido. Ao parar subitamente, ela avistou um montinho sem forma, de pelos emaranhados e sujos, sentado ao lado de uma poça de xixi no chão. De algum lugar sob o pelo, uma cauda começou a balançar.

— Ah, rapaz! — Brad passou por ela e pegou a criatura na mão. Sua voz era carinhosa enquanto ele acariciava a cabeça do cãozinho. — Que bela maneira de se apresentar, seu barulhento! O que ela vai pensar, hein? Ela vai chutá-lo daqui pela porta da frente, e o que vai acontecer com você?

Ashley cravou os olhos naquele homem carinhoso, quase em estado de choque, amortecendo-lhe os sentidos enquanto ele segurava o cãozinho com uma das mãos e pegava um pedaço de papel toalha com a outra. Depois de algumas rápidas esfregadas e uma vaporização de desinfetante, o piso de linóleo ficou mais limpo do que costumava estar havia semanas.

"Quem é este homem?"

— Você vai se comportar melhor? —, Brad perguntou ao chumaço de pelos emaranhados. Ele levantou o cãozinho e virou-o, ficando frente a frente com seu focinho preto molhado. "Você não pode sujar o chão, seu porquinho, está me ouvindo? Precisa avisar quando quiser ir lá fora. Assim.

Apenas de meias, Brad atravessou a sala até a porta, ajoelhou-se no chão e levantou a pata do cãozinho. Primeiro, Brad arranhou a madeira com as próprias

unhas. Depois, colocou as unhas do cão na porta, e ambos treinaram várias vezes.

— Viu? —, ele murmurou, com o rosto encostado ao floquinho cinzento. — É assim que você tem de fazer. Não molhe o chão nem faça nenhuma sujeira dentro de casa. Se você não aprender a seguir as regras rapidamente, camaradinha, vai voltar para a caixa no estacionamento. Você não quer isso, quer? Acho que não. Por isso, seja um bom garoto.

Exausta e sentindo como se estivesse sonhando, Ashley viu o marido — um homem musculoso, ex-jogador de futebol americano, pele bronzeada por trabalhar em construções e bebedor de cerveja — beijar o focinho do cão.

Olhando para a esposa, Brad deu um sorriso enviesado.

— O que você acha? — ele perguntou, segurando o cãozinho. — Bonitinho, não? Será que serve para guardar a casa?

Ashley fitou atentamente o homem com quem havia casado, o homem que a decepcionara e enganara de quase todas as maneiras possíveis. Com seus olhos azuis suaves, ele passou a mão no pelo emaranhado do animalzinho.

Havia sobrado alguma coisa entre eles? Alguma coisa que valesse a pena guardar?

O cão deu um suspiro e acomodou-se no braço de Brad. E, num instante, seus olhos se fecharam.

"Rrnnn... rrnnn... rrnnn."

O ronco suave provocou um leve sorriso nos lábios de Ashley. Ela olhou para o marido e assentiu com a cabeça.

— Ele serve para guardar a casa.

2

Brad enfiou uma colher no pote de sorvete de chocolate, encaixado sob seu braço como se fosse uma bola de futebol americano. Ashley estava se despindo — uma atividade que o marido sempre gostava de observar —, só que agora o cãozinho ficava mordendo as pernas de sua calça preta ou pegando uma meia e correndo pelo quarto com ela.

— Dê um jeito nele! — Ashley disse finalmente, virando-se para o marido. — Estou cansada disto. Você precisa trancá-lo num outro cômodo. E colocar alguns jornais no chão também.

— Trancá-lo? Você está brincando? — A imagem do cão sentado sozinho num canto trouxe à mente de Brad lembranças de castigos sofridos na infância: quartos escuros, a cinta do pai, um tapa no rosto. — Ele não está fazendo nada demais, Ash. Está apenas brincando com você.

— Não quero brincar, Brad. Quero dormir.

— Ah, sim, você não quer mais brincar. Já notei isso há alguns meses.

Ela lançou-lhe um olhar tenebroso enquanto ele colocava o pote de sorvete em cima da cômoda e levantava o cãozinho do chão.

— E não deixe que ele lamba sua colher deste jeito — ela complementou. — Chocolate é veneno para cães.

— Você acha que não sei cuidar dele, não? — Ele pôs o filhote no chão e sentou-se na beira da cama. — Admita.

— Brad, só estou dizendo que os cães podem morrer se comerem chocolate.

— Mas você disse que a gente podia ficar com ele, certo?

— Não ligo para o que você faz com ele. Só não quero que ele me morda. E é melhor dar um banho nele. Esta noite. Ele deve estar com pulgas, carrapatos, vermes e sabe-se lá o que mais. Você também vai precisar castrá-lo, senão ele vai começar a correr pela vizinhança à procura de fêmeas. E se ele fizer buracos nos jardins, os vizinhos vão ficar furiosos. E a conta do veterinário vai ser paga com o seu salário.

Brad encarou a esposa. Ela estava soltando o cabelo, uma cascata de ondas ruivas com tons dourados que chegava à cintura. Em outra ocasião, ele não

resistiria ao desejo de abraçá-la e colocá-la na cama... Mas Ashley havia enrolado suas calças compridas e as colocado num saco plástico no fundo do armário. Rapaz, que mau humor!

— Se ele for *o nosso* cão — Brad disse — nós dois vamos pagar as despesas dele. É o que as pessoas casadas fazem, lembra?

— *Não fui* eu que esqueci que somos casados. Não fico no bar a noite inteira com meus colegas de colégio, paquerando as garotas. Eu tenho dois trabalhos para pagar nossas contas. O banco já tomou seu caminhão. O que você quer que eu faça agora? Vender aquele calhambeque que tenho desde o segundo ano colegial?

Ela fez uma bola com a blusa e atirou-a no armário.

Sem saber como reagir diante daquelas acusações contra ele, Brad olhou para o cãozinho. Ele havia cravado os dentinhos na ponta da meia de Brad e estava andando para trás, fazendo um esforço enorme para arrancá-la de seu pé. Apesar de sentir vontade de rir do animalzinho, Brad sabia que não havia nada de engraçado nas acusações de Ashley.

Quase um ano após o casamento, eles ainda não sabiam lidar com a renda dos dois. Quando viviam em harmonia, eles concordaram em ter uma conta conjunta e pagar todas as despesas com esse dinheiro. Mas depois que começaram a brigar, decidiram que cada um tomaria conta de seu salário. O dinheiro entrava na conta e saía. Saía mais que entrava. Os débitos do cartão de crédito foram aumentando gradualmente, e a operadora cobrava juros sobre juros e exigia pagamentos pontuais para evitar taxas altíssimas. E pior, o cheque para pagar o financiamento da casa quase sempre era postado no correio com atraso.

— Ouça, Ashley, é você que está sempre fazendo encomendas para sua empresa de colares. — Brad decidiu tirar a meia e dá-la ao cão. — Não sei por que me culpa de todos os seus problemas. Você fez tantos gastos com o cartão de crédito que nunca poderemos quitar a dívida. E não dá 1 centavo para as contas de água, luz e outras coisas. Quando chego em casa à noite, encontro todas as luzes acesas e brilhando como se fosse Natal.

— Natal?

Após dizer isso, ela mordeu o lábio inferior e vestiu com raiva sua camisola favorita de flanela com flores azuis, aquela que Brad mais detestava. Sem dizer

nada, ela deu meia-volta e dirigiu-se à sala de estar. Com um latido de alegria, o cãozinho correu atrás dela.

Brad olhou para seu pé sem a meia.

Ele não sabia o que fazer. O que um homem poderia dizer a uma mulher como aquela? Ashley era temperamental. Quando não estava rindo, estava chorando ou zangada. Em geral, ele não conseguia nem começar a entender por quê.

— Estes são os jornais que você precisa pôr no chão quando sai de casa — sua esposa disse, entrando novamente no quarto com uma pilha de tabloides de propaganda numa das mãos e uma tigela com água na outra. — E nem pense em deixar esse cão entrar no novo cômodo. É a única coisa boa que temos. Não quero que ele mastigue tudo o que vê pela frente.

— *Esse cão?* Por que você está tão brava, Ashley? — Brad levantou-se e acompanhou-a ao banheiro. — Você deveria estar feliz. Não fui ao Bar do Larry esta noite. Não olhei para nenhuma mulher, a não ser para minha esposa, que vestiu sua camisola mais horrorosa, para que eu não sinta o menor desejo por ela. Aliás, entrei nesta casa vazia e sem nada para comer, a não ser uma droga de comida que sobrou no *freezer*. Não sei o que fiz de tão horrível.

— Você *nasceu*, Bradley Hanes!

De costas para ele, Ashley fez uma pausa e retesou o corpo. Um soluço ecoou pelas paredes revestidas de azulejo. Fungando alto, ela ajoelhou-se e colocou a tigela com água perto da pia. Em seguida começou a espalhar os jornais no chão.

Lutando contra a raiva que crescia em seu peito diante das palavras chocantes da esposa, Brad viu uma lágrima descer pelo rosto de Ashley e cair na folha de jornal. Depois outra. Ela encostou-se na parede do banheiro, dobrou os joelhos até o peito e escondeu a cabeça entre os braços. Ao ver os ombros da esposa estremecendo, Brad enfiou os polegares nos passadores de sua calça e olhou para ela. Como ele foi tão idiota a ponto de *casar* com aquele amontoado de cabelo, lágrimas e camisola velha e puída?

— Sinto muito — as palavras abafadas saíram da boca de Ashley e foram entrando aos poucos na mente de Brad. Ela respirou fundo. — Sinto muito mesmo, Brad. Eu não deveria ter dito isso. Mas não consigo acreditar que nosso casamento seja... Não posso acreditar que nós... Ah, não! Uma pulga!

Ela deu um salto do chão e pressionou o polegar contra o indicador. Cobriu os olhos com a mão livre e apontou a outra na direção dele.

— É uma pulga! Estava no meu braço. Não sei o que fazer com isto! Que horror! Que nojo! Aqui, pegue. Pegue, pegue!

Ele esticou o braço para pegar o inseto minúsculo. No momento em que Ashley abriu os dedos, a pulga desapareceu. Brad olhou para baixo e viu o cãozinho fitando-o, com a língua de fora, ofegante e feliz.

— Precisamos dar um banho no cão — Ashley avisou. Ela debruçou na banheira e abriu a torneira de água quente. — Pegue o cão e coloque-o aqui dentro. Vamos usar o seu xampu. Droga! Isto me assusta. E se as pulgas se espalharam pela casa? Pegue essa coisa, Brad.

— *Essa coisa?* — Ele olhou dentro dos olhos castanhos dela, vermelhos pelo choro. — O cão é macho. E vou me deitar.

— Não, não vai não! — ela agarrou-o pela manga da camisa. — Ponha o cãozinho na banheira, Brad. Estou falando sério. Odeio pulgas. Não suporto insetos. Vou perguntar a Jay que inseticida eles usam.

— Quem é Jay? — Brad interpelou-a enquanto levantava o cãozinho do chão e o colocava na banheira. — Você nunca mencionou esse nome.

— Ele trabalha no clube. É o chefe do setor de relacionamento com os clientes.

— Que idade tem esse cara? — O pavor caiu como uma pedra na boca do estômago de Brad quando ele empurrou o cãozinho para debaixo da água corrente da torneira. Na época em que ele conheceu Ashley, ela nunca mencionou o nome de nenhum homem no clube de campo, exceto os do *barman*, do *chef* e dos ajudantes de garçom — todos velhos demais ou jovens demais para atrair o interesse dela. Sabendo quanto era difícil lutar contra sua atração por Yvonne Ratcliff, Brad percebeu de repente que devia ficar de olho na esposa. Se ele sentia uma atração tão forte por...

"Au!" Quando se viu debaixo da água morna, o cãozinho deu um forte latido de doer os ouvidos e tentou correr na outra direção. Com as patinhas tentando arranhar a superfície de porcelana da banheira, ele conseguiu fugir da água.

"Auuu! Auuu-auuu-auuu!" Ganindo de dar dó, ele escorregou e caiu de barriga na poça que se formara ao redor da tampa do ralo. Ao tentar ficar em pé novamente, ele bateu a cabeça na borda da banheira.

— Minha nossa! — Ashley tirou-o da água com as duas mãos e segurou-o nos braços. — Você está bem? Foi uma pancada e tanto. Deixe-me ver.

Aturdido com o comportamento da esposa pela enésima vez naquela noite, Brad observou enquanto ela examinava a cabecinha peluda do filhote. Ao constatar que não havia nenhum ferimento, ela encostou os lábios na orelhinha macia. O cão lambeu-lhe o rosto, e ela riu.

— Pare com isto, belezinha! — ela murmurou. — Agora você vai entrar nesta banheira e tomar um banho. Nada de *se*, *e* ou *mais*. Ah, Brad, aposto que ele nunca tomou banho. Isso não é horrível? Ele parece ter saído de baixo de um celeiro qualquer. Deve estar sentindo a falta da mamãe dele e de seus irmãozinhos. Coitadinho!

Brad ajoelhou-se ao lado de Ashley. Ela voltou a colocar o cão na banheira, segurou-o firmemente com uma das mãos e jogou água nele com a outra. Sabendo instintivamente o que Ashley queria fazer em seguida, Brad despejou uma trilha de xampu nas costas do cão.

— Ajude-me a segurá-lo — Ashley instruiu. — Ele não vai gostar disto.

Ambos seguraram firme o cãozinho que se contorcia e fizeram espuma com o xampu. Imediatamente a espuma se escureceu com sujeira e terra e começou a pingar na banheira. Ashley tentava segurar o cão e acalmá-lo enquanto ensaboava os pelos compridos de suas orelhas e de seu corpo até a ponta da cauda. Quando ela se endireitou para poder respirar melhor, ele sacudiu o corpo violentamente, espirrando espuma suja no banheiro e nos dois habitantes humanos da casa.

— Ah, não! — Ashley gritou, caindo na gargalhada. — Pegue-o, Brad. Ele vai fugir.

A sujeira dentro da banheira deu um pouco de equilíbrio ao cão, e ele esforçou-se ao máximo para pular fora. Com muita dificuldade, Brad tentava segurar a bolinha de espuma escorregadia.

"Au! Au! Au!"

— Jogue um pouco de água limpa nele — Brad disse a Ashley. — Não consigo segurá-lo.

— Ele está querendo fugir! — ela gritou enquanto o cãozinho sacudia o corpo novamente.

Ela recolheu a água da torneira com as duas mãos e jogou-a sobre o cão.

Brad conseguiu passar as duas mãos em volta da barriga do animal, com os dedos abertos, como se estivesse segurando uma bola. Apesar dos gritos e uivos, ele pôs o cãozinho de novo sob a água morna da torneira e ajudou Ashley a tirar o resto do xampu.

— Ele é marrom! — ela exclamou. — E tem uma mancha branca na cabeça. Veja as patas dele. São brancas também. Pensei que ele fosse cinza, e você? Vamos passar mais xampu nele.

— Outra vez?

Apesar de achar a ideia muito complicada, Brad cooperou com a esposa para lavar o cãozinho mais uma vez com xampu. Agora a espuma que se formou era branca, e o cão dominado submeteu-se choramingando à última enxaguada.

Ashley pegou uma toalha, enrolou o cãozinho nela e segurou-o nos braços.

— Ele é uma gracinha — ela murmurou. — Veja os olhos castanhos dele, Brad. Ele não é um amor? E agora está com cheiro bom. Coitadinho. Você foi abandonado, não? Foi, sim. É um bebezinho abandonado.

Brad sentou-se na tampa do vaso sanitário. Devia ser 1 ou 2 horas da manhã. Logo ele precisaria tomar uma ducha acompanhada e um café e seguir para o condomínio que seu patrão estava construindo perto da praia Sunrise. Bill Walters não gostava que os empregados chegassem atrasados, e tinha pouca tolerância com desculpas esfarrapadas. O trabalho era constante, pagava bem, e ele havia feito algumas amizades. Mas fora isso, Brad não gostava muito do emprego. E a última coisa de que precisava era dar banho num cãozinho no meio da noite.

— Ele é mesmo uma gracinha — Ashley disse, fitando o marido com seus olhos castanhos. — Você o encontrou num estacionamento?

— No estacionamento do Larry. Eu estava indo para lá com Mack quando ouvimos esta coisinha barulhenta numa caixa de papelão. Ele estava dentro da caixa. Eu não podia deixá-lo morrer congelado.

— Puxa! — ela inclinou o corpo e beijou o rosto do marido. — Não sabia que você era tão carinhoso e sentimental.

— Hummm. — Ele descansou os cotovelos nos joelhos.

— O que foi?

— Às vezes penso que você não me conhece muito bem, Ash. Parece que atualmente nós brigamos durante a maior parte do tempo. É como se fôssemos inimigos em vez de duas pessoas que deviam se amar. Alguns minutos atrás você disse que estava brava comigo porque eu existo.

— Não volte a falar nisso, Brad. Já me desculpei. Não queria ser tão grosseira. — Ela sacudiu a cabeça. — Estou muito cansada, e a casa está um caos.

Trabalhamos o tempo todo e não nos divertimos mais. Não *sentimos* alegria. Não sei o que aconteceu conosco.

"Rrnnn... rrnnn... rrnnn..."

Ashley olhou para o cãozinho em seus braços e sorriu para Brad.

— Ele dormiu. — ela disse baixinho. — Devia estar exausto. E veja este banheiro. E nós.

Era uma cena e tanto, Brad teve de admitir. Havia respingos de lama marrom nas paredes de azulejo branco. Sua camisa estava encharcada, e apenas um de seus pés estava com meia. Ashley segurava o cãozinho contra o queixo, e Brad tinha certeza de que a camisola dela devia estar ensopada.

—Vou jogar água na banheira — ele sugeriu — e você vai encontrar uma caixa qualquer para ele dormir. Que tal?

— Amo você, Bradley Hanes — ela disse, beijando-o de novo. — Amo você e quero que tudo volte a ser maravilhoso conosco.

Enquanto jogava água limpa em toda a banheira, Brad sacudiu a cabeça. Ele *não* entendia sua esposa. Será que todas as mulheres eram tão emotivas assim, ou será que apenas Ashley se comportava dessa maneira? Como ela podia ser tão detestável num minuto e, em seguida, ser tão carinhosa como uma pombinha? Será que ela adorava o marido por ele ter salvado o cãozinho? Ou simplesmente adorava o cãozinho?

Casamento era um grande jogo de adivinhação, Brad concluíra. Ele nunca sabia o que encontraria quando estivesse frente a frente com a esposa. Ela poderia estar chorando a morte de Esther Moore, exultante por ter recebido uma grande encomenda de colares, zangada com ele por uma ofensa que ele não imaginara ter cometido ou rindo por um fato engraçado ocorrido no clube de campo. E qualquer que fosse o humor de Ashley, sempre sobrava para Brad. Como seria possível vencer sempre?

Ele também sabia que não deveria ter levado o cão para casa. No decorrer do tempo, o animalzinho traria problemas. Porém, ele gostara de ver Ashley voltar a sorrir. Ela estava certa a respeito de uma coisa. Eles raramente sentiam alegria. Levando tudo isso em consideração, o casamento era a pior coisa do mundo.

Em pé, ele esticou os braços. Todos os músculos doíam. Ele havia carregado madeira o dia todo na construção do condomínio, e o pescoço e os bíceps pareciam ter sido socados com uma marreta. Cansado demais para ordenar os pensamentos, ele escovou os dentes e tirou a camisa molhada. Ashley ficaria

brava se ele não pusesse as roupas empilhadas no armário, mas àquela altura ele se daria por satisfeito de poder chegar até a cama. Deixou a camisa no chão do banheiro ao lado da calça *jeans* e de um pé de meia.

Ao abrir a porta do quarto, ele viu a silhueta da esposa sob o luar que atravessava a janela. A fatídica camisola azul de flanela desaparecera. Ashley estava escovando o cabelo comprido, e ele conseguiu enxergar o contorno de cada curva de seu corpo.

— Ash? — a exaustão sumiu repentinamente. Brad aproximou-se da esposa por trás e passou os braços ao redor da cintura dela.

— Obrigada por não ter ido ao Larry — ela cochichou enquanto a boca de Brad roçava-lhe os lábios. — Obrigada por ter salvado o cãozinho de morrer congelado.

— Obrigado por ter tirado aquela camisola.

— Amo você, Brad. — Virando-se para abraçá-lo também, ela passou as mãos nas costas dele e começou a massagear os músculos retesados. — Sinto sua falta.

— Estou aqui, lindeza — ele murmurou. — Inteirinho seu.

Com um suspiro de prazer, ela deitou-se na cama. Brad deitou-se ao lado dela, mal conseguindo acreditar que o pesadelo estava se transformando rapidamente em sonho. Quando seus lábios se uniram, ele sentiu um volume pressionando-lhe o ombro.

"Slept!"

Ao ouvir o som, Brad prendeu a respiração. Ashley, porém, riu e aconchegou-se a ele.

— Não consegui fazer o cãozinho ficar dentro da caixa — ela disse. — Você não se importa, não?

— Bom, eu...

Quando ela começou a beijar seu pescoço, Brad percebeu que não se importaria, claro. Nem um pouco.

— Ouvi dizer que Brad e Ashley Hanes adotaram um cãozinho — Patsy Pringle comentou enquanto cortava o cabelo curto e loiro de Miranda Finley. — Alguns dizem que é um vira-lata, mas outros acham que pode ser um cão de raça. Você mora do lado da casa deles. Já viu o cão?

— Ah, vejo o tempo todo. Tagarela, é assim que eles o chamam. Um nome apropriado. O cão "fala" sem parar. Nunca vi coisa igual. Com base nas orelhas e nos latidos, desconfio que seja filhote de *cavalier king charles spaniel*. Ele tem uma mancha castanho-avermelhada na cabeça, que poderia ser significativa, mas penso que ele também tem traços de *border collie* e talvez de *golden retriever* também. Não, tenho certeza de que Tagarela não tem *pedigree*. Pode acreditar, Patsy. Eu assistia a desfiles de cães em St. Louis.

Desde que se mudara para a região do lago na primavera anterior, Miranda tornara-se cliente regular do salão de beleza de Patsy, o Assim Como Estou. Após a morte de Esther Moore, ela pediu respeitosamente para preencher o horário de Esther, marcado para todas as sextas-feiras à tarde. Patsy ficou agradecida. Ter uma amiga na cadeira e a certeza de uma conversa interessante eram os ingredientes certos para a hora passar mais tranquilamente.

— Você assistia a desfiles de cães? Por lazer? — Patsy não considerava essa atividade nem um pouco interessante. Recentemente, ela aprendera a apreciar corridas de *stock cars* com o noivo. Pete Roberts, proprietário da loja de artigos para pesca, ao lado do salão, era grande admirador da Nascar.[2] Desfiles de cães e corridas de carro. Cada um tem seu gosto, ela imaginou.

— Tenho amigos queridos que possuem uma *bichon frisé* adorável — Miranda explicou. — Ela ganhou vários prêmios, e seus filhotes são muito procurados. Você poderia cortar um pouco mais atrás, Patsy? Estou usando gola olímpica com frequência nestes dias. E você sabe que é muito fácil o cabelo assentar-se no lugar errado com uma gola alta. Normalmente não uso gola olímpica, mas tenho passado muito tempo dentro e fora da nova casa que comecei a reformar. Golas olímpicas, malhas de lã, jaquetas, casacos. Isso torna as coisas mais fáceis. Posso tirar um por vez quando começo a sentir calor.

— Você está se dando bem lá? — Patsy perguntou.

Algumas semanas antes, Miranda comprara uma casa que permanecera vazia durante muito tempo, ao lado da pequena residência dos Hanes. A casa tinha uma vista maravilhosa do lago, mas a área construída não era muito grande. Também havia rumores de que a estrutura de madeira estava corroída por cupins — embora Patsy detestasse levantar esse assunto —, conforme havia acontecido com a casa de Ashley e Brad. Patsy esperava sinceramente que Miranda tivesse solicitado uma inspeção.

— Para dizer a verdade — a mulher mais velha disse — a mudança de St. Louis tem sido cansativa demais. Se não fosse a ajuda de Charlie Moore, não sei o que eu faria. A empresa de dedetização encontrou cupins.

Patsy prendeu a respiração.

— Verdade?

— Claro que isso derrubou o preço consideravelmente, e a cozinha e o quarto de hóspedes são pequenos demais. Por sorte, Charlie é um homem muito bom. Eu havia pedido a ele que me ajudasse a colocar os móveis no lugar. Mas as coisas mudaram, e ele está reconstruindo uma grande parte da estrutura de minha casa. Estamos instalando uma janela saliente na cozinha, para que eu possa pôr uma mesa ali e contemplar o lago de manhã. O quarto está ganhando um novo armário e novas esquadrias de janela. Acabei pondo todos os móveis e peças de decoração num depósito até poder mudar para a casa sem despencar de um andar no outro.

— Minha nossa! — Patsy esfregou um pouco de gel nas mãos e começou a passá-lo nos cabelos de Miranda. — Não sabia que a casa se encontrava em tão mau estado. Bom, tenho certeza de que Charlie não se importará nem um pouco de permanecer ocupado nestes tempos. Ele deve estar sentindo muito a falta de Esther. Não posso imaginar perder uma pessoa querida bem no meio dos feriados. Ele parecia arrasado no Dia de Ação de Graças, como se estivesse entorpecido. Eu acho que ele estava entorpecido. Acho que todos nós estávamos.

— Não fiquei tão triste com a morte de Esther quanto a maioria das pessoas, imagino. — Miranda olhou-se no espelho enquanto Patsy colocava os fios curtos no lugar. — Sei que minhas crenças não são muito aceitas aqui, mas estou convencida de que a bela alma de Esther Moore já encontrou um novo lar. O ciclo da vida continua, e nós, os humanos, nos juntamos ao resto da natureza na eterna rotatividade da regeneração e renovação.

Foi difícil para Patsy conter um riso de escárnio. Ela entendia a importância de respeitar a fé alheia. Mesmo assim, a ideia maluca de Miranda de que Esther poderia ter reencarnado era demais. Esther, uma das mulheres mais firmes e mais retas da igreja que Patsy jamais conhecera, punha sua fé em prática todos os dias.

— Concordo que Esther tenha ido para um lugar melhor — Patsy disse. — Um lugar eterno, que chamo de céu.

Miranda segurou a mão de Patsy e fez um gesto para que ela se aproximasse. Assim que Patsy curvou o corpo, Miranda sussurrou:

— Esther é o cãozinho.

— O quê? — Patsy exclamou, retesando o corpo.

— O cão que Brad encontrou um dia desses. O Tagarela. Estou convencida de que a essência infinita de Esther retornou para ajudar Ashley.

— Esther é um *cão*? — Assustada com as palavras de Miranda, Patsy não conseguiu falar baixo como costumava fazer. No salão, os acordes de sua música favorita abafavam o ruído dos secadores, da conversa das mulheres sentadas nas cadeiras de vinil preto e do tilintar das xícaras e pires na área de chá. Mas o comentário de Miranda foi demais.

— Aquele cãozinho é *macho* — Patsy declarou, com a mão no quadril. — Não passa de um vira-lata que Brad encontrou dentro de uma caixa de papelão perto do Bar do Larry e levou para casa para que ele não morresse congelado. Ora, qual é a sua, Miranda? Não me diga que você acredita que Esther Moore voltou como um cão.

— Não a Esther em si. A *alma* dela. E por que não? Nós duas acreditamos no espírito eterno da vida. Você acha que a alma começa no nascimento e atravessa a morte até chegar ao céu, um lugar de recompensa.

— Ou ao inferno. — Patsy não resistiu e complementou a frase de Miranda. — E aí não se vai para um lugar de recompensa. De acordo com a Bíblia, ninguém pode ir para o céu com base no que fez na terra. Tudo gira em torno da fé que temos.

— Bom, sim... Conheço seus pontos de vista, Patsy. Parece que todas as vezes que ando por aqui, na região do lago, alguém começa a me pregar sermões. Mas acredito que o espírito não tem começo nem fim. Ele simplesmente é. A energia divina habita dentro de cada um de nós, e a alma de Esther, se é assim que você quer chamar, transformou-se num ser que ajudará uma pessoa necessitada. Ashley, a amiga dela.

Patsy jogou um último jato de fixador no cabelo de Miranda e tampou a lata com mais força que necessário. A conversa passara dos limites, e ela simplesmente não podia continuar ouvindo tantas bobagens. Fosse cliente ou não, Miranda não tinha o direito de dizer aquelas coisas a respeito da querida amiga de Patsy.

— Se Esther pudesse escolher em que se tornaria — Patsy informou a Miranda — não seria um cão. Ela amava Boofer, claro, o velho vira-lata que anda por aí no carrinho de golfe de Charlie. Mas por que cargas-d'água ela

haveria de querer transformar-se num cãozinho coberto de lama e quase congelado?

— Para salvar a amiga, claro. — Miranda levantou-se, sem fazer nenhum esforço para falar baixo. — Ashley e Brad estão enfrentando problemas conjugais. Moro ao lado deles, mas qualquer um sabe disso. Aquele cãozinho pode ser a salvação deles, Patsy. Se Esther pudesse fazer isso, não tenho dúvida de que o faria.

Tendo dito isso, ela caminhou com passos largos em direção à caixa registradora. Patsy teve a sensação de que não receberia a gorjeta costumeira, e não se importou com isso. Miranda era uma mulher atraente, boa amiga e avó generosa, e havia feito o possível para entrosar-se na comunidade de Deepwater Cove. Porém, seus modos de mulher de cidade grande e suas ideias sobre religião quase sempre pegavam o pessoal desprevenido.

Havia, evidentemente, muitas pessoas neste mundo que acreditavam em essência espiritual, reencarnação, regeneração da alma e coisas do gênero. Pensavam que a moralidade e os valores virtuosos receberiam recompensas eternas. Mas como alguém poderia pensar que Esther Moore — meiga, bondosa, genuinamente divertida e, acima de tudo, boa cristã— poderia ter se transformado num vira-lata de pelos emaranhados? Isso extrapolava a compreensão de Patsy.

Miranda saiu do salão com o cabelo lindo, mas um pouco ofendida. Também não deixou gorjeta. Patsy não fez caso disso. A chance de sentar-se na área de chá e tomar uma xícara de chá inglês parecia o tônico perfeito para sua sensação de desânimo no fim de um dia longo e cansativo.

Enquanto se dirigia à garrafa de água quente para preparar o chá, Patsy cumprimentou várias clientes assíduas que conversavam diante de xícaras fumegantes, mordiscando quitutes do balcão de doces na área de chá. A claridade da tarde entrava pela enorme janela de frente para a rua, iluminando as mesas redondas e as cadeiras.

Desde a organização do Clube dos Amantes de Chá na última primavera, muitas lembranças agradáveis haviam sido criadas naquele espaço aconchegante. A maioria incluía Esther Moore. Porém, outras pessoas queridas também tomavam conta do ambiente na imaginação de Patsy, inclusive Miranda Finley com sua tranquila nora. Grávida de outros dois gêmeos, Kim Finley parecia mais feliz e mais viçosa que nunca. Brenda Hansen e suas lindas filhas, Jennifer e Jessica, deviam estar discutindo o casamento que se aproximava...

— Oi, Patsy, estava pensando em tomar emprestado o seu carro e dar uma volta no estacionamento para ver se não bato em nada desta vez. O que você diz sobre minha ideia?

Despertando de seu devaneio e voltando à realidade, Patsy avistou o rapaz bonito de cabelos encaracolados que se sentara ao lado dela.

— Cody Goss, você não vai pegar o meu carro nem o de outra pessoa para andar por aí sem carteira de motorista — Patsy replicou. — Não consigo acreditar que Jennifer emprestou o carro dela a você. Fique satisfeito por ter apenas amassado a placa do carro quando bateu naquele poste. Você sabe muito bem que precisa estudar o manual da autoescola, passar no exame e receber a habilitação antes de sentar-se diante de um volante. E quando isso acontecer, deverá levar a carteira de motorista com você. Do jeito que as coisas vão, você terá sorte se encontrar alguém corajoso o suficiente para isso.

— Aquele livrinho da autoescola é a coisa mais sem graça que já li, Patsy. Não fala de arte impressionista, nem de procedimento parlamentar, nem de morar na encosta de uma montanha, nem de nada interessante. Tem mais números que outra coisa.

— É verdade, porque é preciso conhecer esses números para dirigir um carro. — Tentando acalmar-se, Patsy tomou um gole de chá. O coitado do Cody nunca tinha a intenção de aborrecer ninguém com suas perguntas desconcertantes e comentários estranhos. Na verdade, provavelmente ele era o ser humano mais bondoso e sincero que ela conhecera. Mas havia ocasiões em que ele tirava Patsy do sério.

— Não gosto de números — Cody disse. — Eles não ficam gravados na minha cabeça.

— Sei que isso é difícil, querido. Mas se você quiser ter uma carteira de motorista, precisa memorizar os limites de velocidade, a distância que deve manter de outro carro, todas essas coisas. Você já enfrentou situações piores na vida. Sei que vai conseguir. Continue tentando.

Cody olhou para a mesa. Havia comido bolo de chocolate um pouco antes, e havia migalhas presas na barba malfeita. Com o coração enternecido, Patsy tirou as migalhas. O rapaz era muito esforçado.

— Tenho uma ideia — ela disse, pousando sua mão sobre a dele. — Que tal se a gente pedir a alguém que o ajude a memorizar os números do manual de direção?

— Se essa pessoa for Jennifer, eu já tentei. Ela não quer. Ela está de férias da

escola de missionários, mas fica o tempo todo no quarto e não quer sair. Quando sai, diz que fica lá dentro *pensando*. Eu disse a ela que também estou pensando, e estou pensando que ela precisa sair do quarto.

— Ela vai sair quando estiver pronta, Cody.

— Eu amo Jennifer de verdade, Patsy. Amo de todo o coração. Mas às vezes não entendo nem um pouco essa moça.

— Bem-vindo ao mundo dos homens, meu chapa. — Pete Roberts apertou as costas de Cody, deu um beijo no rosto de Patsy e sentou-se numa cadeira diante da mesa onde eles estavam. Pete, o segundo homem que ingressou no Clube dos Amantes de Chá depois de Cody, habituara-se a visitar a área de chá do salão de Patsy todas as tardes por volta desse horário.

— As mulheres são um mistério — ele alertou Cody. — Quando você tem certeza de que sabe o que elas estão pensando, descobre que está redondamente enganado. É melhor você dar um tempo a Jennifer, Cody. Ela passou uma temporada difícil no México. Aqueles bandidos que agrediram o grupo missionário dela deveriam ser enxotados de lá e chicoteados.

— Nada disso teria acontecido se eu estivesse com ela — Cody insistiu. — Eu jamais iria deixar que alguém batesse em Jennifer e em seus amigos e roubasse as bolsas, os relógios e os anéis deles. Eu iria proteger Jennifer. Os caras podiam até me matar, mas não iriam machucá-la.

— Eu sei, Cody — Patsy disse, mexendo no cabelo escuro e encaracolado dele. — Você é bom demais.

Ele fez cara de bravo.

— Eu sei ser mau se for preciso, Patsy. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos." Está em João 15.13, e dar a vida significa morrer.

— Mas todos sofreriam se você morresse — Patsy protestou.

— Eu daria a minha vida por Jennifer, e, se fosse morto por bandidos, não voltaria na forma de um cão, pode ter certeza, porque foi exatamente isso o que eu disse a Miranda Finley.

Patsy olhou de relance para Pete. Ele devolveu o olhar como se tivesse ouvido a coisa mais estapafúrdia deste mundo. Ela enroscou o braço no bíceps musculoso de seu futuro marido e encostou a cabeça em seu ombro grande e confortável.

— Cody, você andou bisbilhotando minha conversa com Miranda? — ela perguntou.

— Não, eu escutei enquanto vocês falavam.

— É o mesmo que bisbilhotar. Miranda e eu estávamos conversando reservadamente.

— Ah, sim, uma conversa sobre a sra. Moore ter morrido e se transformado no cão de Brad e Ashley. E se o sr. Moore descobrir que a dona da casa em que ele está trabalhando acha que Tagarela é a mulher dele? Ele vai ficar bravo ou cair morto de infarto.

— Bom, em primeiro lugar você não deveria escutar a conversa dos outros. Isso contraria a etiqueta social.

— OK. — Cody olhou para um ponto distante por um momento. Mas seu remorso foi rapidamente substituído por determinação. — Há coisas piores que contrariar a etiqueta social, Patsy.

Ele levantou a mão e começou a enumerar os motivos com os dedos.

— A coisa pior número um é dizer às pessoas que a sra. Moore se transformou num cão. A número dois é ser bandido e assustar Jennifer, que não fala mais comigo. A número três é contar às mulheres do salão que Brad e Ashley estão com problema no casamento, mesmo que todo mundo já saiba. E a quatro é escrever um manual de autoescola cheio de números que algumas pessoas não conseguem decorar porque o cérebro delas não funciona dessa maneira.

— Ei, espere um pouco. — Pete olhou para Patsy com ar de preocupação. — Alguém acha que Esther Moore se transformou num cão? Os Hanes estão com problema no casamento? Sou o único aqui que não sabe de nada?

— Eu explico mais tarde — Patsy respondeu.

Cody levantou-se.

— Vou começar a passar pano no chão. E caso a sra. Finley não saiba, a sra. Moore nunca teve pulgas.

2 Nascar (National Association for Stock Car Auto Racing) é uma organização particular norte-americana que organiza corridas de carro. (N. do T.)

3

Ashley empurrou uma bandeja de plástico na mesa, em direção à sua área de trabalho. Enquanto separava a coleção de contas dentro da bandeja, ela forçou-se a engolir a onda de tristeza que tomou conta de todo o seu ser. Fazia apenas um mês, ela pensou enquanto mexia delicadamente nas contas com os dedos, que Esther Moore tinha guardado aquelas mesmas contas em seus pequenos compartimentos. Antes de Esther sofrer o derrame, os Moores haviam se prontificado a ajudar Ashley em sua empresa, que crescia a olhos vistos. Todas as tardes o casal sentava-se na varanda e separava as contas de dentro dos saquinhos que ela deixara com eles.

Quando devolveu as bandejas de plástico numa manhã após a morte da esposa, Charlie contou a Ashley que algumas contas poderiam estar em compartimentos errados. Esther estava cada vez mais confusa em seus últimos dias de vida, ele recordou-se. Charlie também se culpava por não ter insistido em convencer a esposa a submeter-se ao procedimento médico que poderia ter prolongado sua vida. Ashley lembrou-o de que o médico dissera que nada poderia ter salvado a vida de Esther, e que Charlie não deveria se sentir culpado.

Fungando, Ashley notou que Charlie estava certo a respeito das bandejas. Aquela em especial estava um desastre. Contas azuis misturadas com roxas, e as contas vermelhas estavam no compartimento das cor-de-rosa. Porém, isso não aborrecia Ashley nem um pouco. Ela estava tão cansada de montar colares e braceletes que quase não se importava com as cores que usava.

— Você está bem? — a voz suave veio da escada de acesso ao porão. — Pensei ter ouvido alguém chorando.

Ashley passou a mão no rosto, virou-se e viu Jennifer Hansen em pé no último degrau. As duas se conheciam havia anos. Ashley e Jessica, a irmã mais nova de Jennifer, haviam estudado juntas no curso primário. As três tornaram-se amigas no curso colegial, mas, um tempo depois, Ashley começou a trabalhar na lanchonete dos pais durante a tarde. Jessica costumava frequentar as rodas sociais, ao passo que Jennifer permanecia em casa, concentrada nos deveres de

casa. Diante da dificuldade de se encontrar com mais frequência, as três se separaram.

— Estou bem — Ashley disse à bela loira. — Apenas cansada, acho.

— Você continua a trabalhar na lanchonete de seus pais perto da escola?

— Não, só em caso de emergência. Agora trabalho como garçonete no clube de campo.

Ashley notou que Jennifer se aproximava da mesa de trabalho, e queria desesperadamente ficar sozinha. Ela lamentava o fato de ter de trabalhar com as contas no porão da casa dos Hansens, transformado em sala de artesanato. Sua casa era pequena demais para acomodar a empresa em expansão, e aquilo significava passar horas com a sensação de ter invadido a privacidade da família.

Ashley queria que Jennifer subisse a escada. As duas jovens não tinham mais nada em comum. Ashley não sabia sequer como iniciar a conversa com alguém que decidira ser missionária. Francamente, aquela era a coisa mais estranha do mundo.

— Meus pais costumam frequentar o clube de campo — Jennifer observou. — Eles gostam da comida de lá. Papai me contou que eles marcam encontro com os clientes da imobiliária ou com os clientes da loja de minha mãe para jantar lá.

— É verdade, eu sempre os vejo. — Ashley voltou a enfiar um conjunto de contas vermelhas num fio transparente, para montar uma peça que uma cliente de St. Louis encomendara para o Natal.

— Então, na verdade você está trabalhando em dois empregos. — Jennifer puxou um banquinho em frente a Ashley e apoiou os cotovelos na mesa de trabalho. — Minha mãe disse que você está trabalhando com as contas dia e noite, porque agora você tem um *site* na internet.

— Foi Miranda quem fez isso. Ela também fez meus cartões de visita.

— Ela também desenhou alguns para Cody... para sua "empresa" de pintura. Acho que ela quer incentivar todo mundo. — Jennifer permaneceu em silêncio por um momento, observando Ashley montar a peça. — Mas talvez nem todo mundo queira receber incentivo.

Ashley colocou uma mecha grossa de cabelo ruivo atrás da orelha e não levantou a cabeça.

— Este trabalho exige muito tempo, mas estou feliz por levar um pouco mais de dinheiro para casa. Bem... vai ser bom quando as clientes começarem a me

pagar. Até agora, eu tenho enviado as peças e as faturas pelo correio e só de vez em quando recebo um cheque.

— Talvez fosse melhor você pedir pagamento adiantado.

Erguendo a cabeça, Ashley lutou contra a irritação provocada por aquele comentário. O que Jennifer Hansen entendia de negócios? Nunca foi forçada a fazer nenhum trabalho na vida, por menor que fosse. O pai era proprietário de uma das imobiliárias mais bem-sucedidas da região do lago. A mãe acabara de abrir uma butique de decorações e presentes em Tranquility. Jennifer tinha um carro novo e se formara na faculdade. Agora estava participando de um seminário religioso e planejando morar na selva para pregar aos nativos.

Voltando a concentrar-se no colar, Ashley admitiu que Jennifer poderia estar sendo crítica demais. Sua viagem ao México não dera certo, mas será que isso lhe dava o direito de permanecer amuada e trancada no quarto? Se isso tivesse acontecido com Ashley, ela deveria apresentar-se pontualmente no clube de campo na mesma noite. E teria também de montar dezenas de colares.

— Não entendo nada de negócios — Jennifer disse, repercutindo os pensamentos de Ashley. — Fiz especialização em antropologia. Você está certa em enviar as peças antes e confiar que o dinheiro chegue. Eu não saberia dirigir uma empresa.

— Se Miranda Finley estivesse empurrando você, saberia, sim. Aquela mulher não para nunca.

Jennifer sorriu.

— Ouvi dizer que ela conseguiu que todas as suas amigas de St. Louis fizessem pedidos.

— E elas contaram a todas as suas amigas de Kansas City, de Nova York, de Los Angeles... — Ashley respirou fundo. — É uma loucura. Quero dizer, são apenas *contas*. Por que tanto estardalhaço? Eu nunca quis dirigir uma empresa. Queria ser professora de jardim de infância, sabe? Qualquer criança de 5 anos sabe fazer estas coisas bobas.

Ao dizer isso, Ashley jogou uma conta na mesa. A conta passou por Jennifer e bateu na parede. Cobrindo a cabeça com as mãos, Ashley desistiu de reprimir sua dor. “De que adiantava agir com tanta confiança?”, ela pensou, com o rosto banhado em lágrimas. Sua vida estava em frangalhos. Nada se encaixava nem funcionava da maneira que ela queria. Tudo não passava de uma grande piada.

— Suas contas são lindas — Jennifer disse com ternura. — São obras de arte. Todos gostam delas, a sra. Moore as adorava. Ela sempre falava de suas contas e sentia-se orgulhosa por você estar começando a vendê-las. Vocês duas eram muito ligadas, não? Sei que você a ajudou muito após o acidente.

— Ela *me* ajudou — Ashley disse, soluçando. — A sra. Moore separava as contas para mim, e estava me ensinando a cozinhar. Mas ela também... Bom, ela era minha amiga. Conversávamos muito. Ela costumava dizer: "Sou muito desligada", e era verdade. Nunca pensei que uma senhora de mais idade pudesse ser uma amiga tão interessante e divertida, mas ela era. Sinto muitas saudades dela. Não posso acreditar... Não posso acreditar que ela esteja morta.

Ashley não conseguiu deixar de olhar para Jennifer, como se de alguma forma ela e sua preciosa religião fossem culpadas de tudo. Embora Jennifer não tivesse nada a ver com a morte de Esther Moore, o sofrimento e a raiva explodiram.

— Se Deus é tão maravilhoso a ponto de você ir para a selva e falar dele aos outros povos — Ashley disse com esforço — então por que ele permitiu que a sra. Moore morresse? Ela era uma boa pessoa. Não queria o mal de ninguém. Por que os assassinos e ladrões, e os bêbados, por que eles continuam a viver e a infernizar a vida das outras pessoas? Isso é justo? É certo? De jeito nenhum. Se alguém merecia ter uma vida longa e feliz, esse alguém era a sra. Moore. Mas ela teve aquela droga de derrame, que deixou o sr. Moore... eu... Boofer e todo mundo... sozinhos. Odeio isso.

Enquanto Ashley extravasava seus pensamentos, Jennifer examinou as contas delicadas na bandeja, pintadas e gravadas com água-forte. Quando, porém, Ashley terminou seu desabafo, Jennifer empurrou a bandeja e enxugou o rosto.

— Não sei, Ash — ela disse baixinho, com voz de choro. — Eu também não entendo. Quero dizer, foi mais ou menos o que aconteceu comigo. Nosso grupo missionário estava em Oaxaca, uma cidadezinha quente e muito suja, fazendo uma boa obra, sem prejudicar ninguém. Estávamos distribuindo Bíblias em espanhol. De graça. Convivemos com aquele povo por alguns dias, dormimos na casa deles, comemos a comida deles e tentamos mostrar a todos quanto nós os amávamos. Quanto *Deus* os amava. De repente, aqueles bandidos apareceram na calada da noite, com pedaços de pau e porretes. Acho que tinham armas. Eu sabia que eles iam nos matar. Tinha certeza. Pensei: "Vou morrer, e não vou ser missionária, nem esposa, nem mãe, nem nada".

— Puxa, Jen! — Ashley disse. — Eu não sabia que foi tão grave assim.

— Foi, sim. Quando acordei, estava deitada na lama com um galo enorme na nuca. Meus amigos estavam chorando e apavorados, até o líder do grupo. Ninguém da cidade nos ajudou. Agarramo-nos uns aos outros e oramos. Depois que a polícia chegou, algumas pessoas saíram de casa para ver o que havia acontecido. Fomos conduzidos a uma clínica dentro de um velho Land Rover. *Aquele* lugar não tinha o mínimo recurso. Não havia macas, agulhas esterilizadas, estetoscópios, nada do que se poderia esperar de uma clínica. Eles tinham cotonetes, álcool e codeína. Só isso. Tudo aquilo foi horrível, e não sei mais o que fazer. Pensei que Deus quisesse que nossa equipe fosse até lá e que ele nos protegeria, mas então tudo isso aconteceu. Estou confusa demais.

Ashley pôs na mesa o colar que estava montando.

— E agora? Você está bem?

— Não — Jennifer levantou a cabeça, com o rosto vermelho e os olhos inchados. — Não estou bem. Sempre confiei em tudo. Achei que sabia o que Deus queria que eu fizesse. Mas agora...

As duas jovens entreolharam-se. Ashley não sabia se sentia pena de Jennifer ou dela própria. Por que havia acontecido coisas tão terríveis àquela moça? O normal seria que o mundo só virasse de ponta-cabeça daquela forma quando as pessoas fossem mais velhas. Mas ela e Jennifer Hansen já haviam sofrido muito antes de chegar aos 25 anos de idade.

— De repente, passei a viver assustada — Jennifer disse. — Não posso mais imaginar viver sozinha no meio do nada. A organização missionária na qual ingressei forma equipes e tem rádios para nos comunicarmos. Temos até um avião para nos resgatar em caso de perigo. Mas os missionários casados e os filhos ficam juntos em casas muito pequenas. Eu ficaria sozinha à noite, Ash. Completamente sozinha.

— Você tem Deus.

— Deus... — Jennifer sussurrou, novamente com os olhos cheios de lágrimas. Ela sacudia a cabeça à medida que as palavras saíam entrecortadas. — Sinto que ele me traiu. Sei que os cristãos nem sempre são protegidos do mal. Mas por que eu? Por que nosso grupo? Estou confusa demais.

— Talvez seu cérebro esteja com sequelas das pauladas que levou na cabeça.

Finalmente um leve sorriso apareceu no rosto de Jennifer.

— Passei por todos os tipos de exames quando voltei ao Missouri. Meu cérebro está ótimo. O problema está em meu coração.

— Ora, Jen. Seu coração não mudou. Você continua a acreditar em todas aquelas coisas que nos contou nas reuniões do CAC. Pense nas vezes em que deu bronca em Miranda e pregou para todos. Você parece a Joana d'Arc naquele filme, fazendo cruzadas e chamando o povo a arrepender-se. Você apenas saiu muito assustada do México, só isso.

— Com certeza. Mas aquilo me mudou, Ash. Forçou-me a pensar em muitas coisas, perguntas, preocupações e sonhos que eu havia deixado de lado.

— Como casar, por exemplo? Ah! Pode acreditar. Não é aquela maravilha que deveria ser.

Ashley sentiu os olhos de Jennifer cravados nela. Voltando a trabalhar no colar, ela procurou as contas vermelhas nos compartimentos da bandeja. Considerando a vida triste que Jennifer levaria se permanecesse solteira, não seria má ideia que ela conhecesse o outro lado da história.

— Quando a gente se casa, imagina que tudo vai ser maravilhoso — ela murmurou, com os olhos concentrados no colar. — A gente pensa: "Uau! Se o namoro é bom, o casamento tem de ser bem melhor". Eu sentia que era o centro do universo de Brad. Ele não desgrudava de mim, e estava sempre me fazendo carinho.

Recompondo-se, Ashley olhou de relance para Jennifer.

— Acho que você não concorda em dormir com um cara antes do casamento, não?

— Nunca encontrei um mandamento de Deus que *prejudicasse* as pessoas. — Jennifer rolou algumas contas na direção de Ashley. — Por isso acredito que devemos esperar. Penso que as coisas correm melhor para os casais que esperam.

Ashley teve de pensar naquelas palavras por um momento. Nenhuma de suas amigas era virgem. Exceto Jessica e Jennifer Hansen — ambas vencedoras do concurso Miss Religião. Atualmente, as pessoas não pensavam duas vezes. Mas a convivência com Brad não estava funcionando muito bem para Ashley. Eles tiveram relação sexual antes do casamento. Seria esse o problema?

— Enfim — Ashley prosseguiu — hoje Brad e eu mal nos vemos... e não há mais carinho nem carícias entre nós. Ele trabalha de dia construindo condomínios para uma empreiteira. Eu trabalho de noite como garçonete.

— Mas isso ocupa apenas oito horas de cada um de vocês — Jennifer ressaltou. — O dia tem 24 horas. Ainda sobram oito horas para ficarem juntos.

Pensando se deveria contar a verdade, Ashley passou mais algumas contas pelo fio e amarrou-o. Jennifer havia sido sincera com ela, então por que não abrir o jogo?

— Poderíamos passar algumas horas juntos — ela disse. — Mas Brad vai ao Bar do Larry após o expediente, por volta das 15 horas. Eu tenho de estar no clube de campo às 17 horas, mas odeio aquele bar, odeio aquelas mulheres olhando para Brad e paquerando-o. Ele é *meu* marido, mas parece que não nota minha presença.

— O que Brad faz?

— Joga bilhar na maior parte do tempo. O bar tem uma nova cantora que ele acha um deslumbre. Não a conheço, mas não confio nem um pouco nessas mariposas de bar. Já pedi a Brad que não vá ao Larry, mas ele só não vai lá quando está planejando trabalhar em nossa casa com o sr. Moore. Eles estão tentando consertar os estragos provocados pelos cupins e pela chuva. Já que Brad está sempre ocupado, eu venho aqui para trabalhar com as contas. Além disso, não há motivo para encontrar algumas horas para passarmos juntos. Quase sempre acabamos discutindo.

— Vocês poderiam jantar fora. Ou namorar no sofá. E quando você chega do trabalho?

— Brad está completamente bêbado. Quase sempre eu o encontro deitado em algum lugar, roncando.

— Não há jeito de você encontrar um emprego durante o dia, como Brad? Não seria melhor? — Jennifer perguntou. — Há uma mudança de turno no almoço no clube de campo, não?

— As gorjetas são duas vezes maiores à noite. Eu preciso de dinheiro. Meus pais estão sempre à beira da falência, e eu os ajudei há anos. Brad não sabe disso, mas ainda dou um pouco de dinheiro a eles todos os meses. Se não fizer isso, não vão conseguir sobreviver.

— Você tem segredos que não conta a seu marido? Isso é bom?

— Não posso contar. Ele fica furioso todas as vezes que falamos de dinheiro. Brad acha que este meu negócio com as contas só causa despesas. Ele sempre pega no meu pé quando compro envelopes, fitas de embalagens, argila, esmaltes, as coisas de que preciso para atender aos pedidos. Estou arrependida de ter começado este negócio.

— Vou ajudá-la.

A oferta foi impulsiva. Teria sido sincera ou não? Ashley fitou Jennifer por um momento.

— Você não vai querer montar colares, Jen. É um trabalho maçante.

— Eu preciso disso. — Jennifer começou a separar as contas na bandeja. — Estou passando pela experiência mais maçante de minha vida. Estou tão assustada que não consigo nem decidir se vou voltar para a escola no próximo semestre. Parece que aqueles bandidos no México roubaram muito mais que minha bolsa e relógio. Eles roubaram minha coragem. Agora, a ideia de sair pelo mundo e viver sozinha numa cabana me deixa em pânico.

— Você pode sempre contar com a ajuda de Cody Goss.

Ao ouvir essas palavras, Jennifer ergueu a cabeça, assustada. Porém, quando viu o sorriso no rosto de Ashley, ela relaxou.

— Cody *poderia* me proteger.

— Claro que sim. — Ashley sacudiu a cabeça. — Ele sobreviveu depois que o pai o deixou sozinho no mundo. E viajou de Kansas a Deepwater Cove sem sequer saber consultar um mapa.

Jennifer deu uma risadinha.

— Cody parece ser capaz de fazer tudo o que põe na cabeça.

— É verdade, ele é legal, mas me deixa louca. Acho que isso faz parte do autismo. Ele sempre cospe em meu rosto quando fala comigo. E quando ele começa a falar de bolo de chocolate ou de outros assuntos favoritos nas reuniões do CAC, pode esquecer.

— Ele é diferente, mas, para ser sincera, Cody me espanta. Seu talento artístico é incrível.

— Você deve saber — Ashley disse, lembrando-se dos retratos que Cody pintara na parede do Assim Como Estou, todos com uma variação de seu tema favorito: Jennifer Hansen. — Cody daria um bom missionário. Aposto que ele sabe quase a Bíblia inteira de cor. E provavelmente pregaria um sermão melhor que o pastor de sua igreja.

— É difícil alguém ser melhor que o pastor Andrew.

— Eu o ouvi falar no clube de campo um dia. Um grupo convidou-o para fazer uma palestra. Ele é bem interessante, reconheço. Mas continuo a apostar que Cody conhece mais versículos da Bíblia que ele.

— Ainda não encontrei um assunto para o qual ele não encontre uma resposta. Você pode mencionar qualquer coisa, e Cody tem uma resposta pronta

extraída de um texto da Bíblia.

— Está vendo? Você deveria levá-lo para a ajudar. Ele poderia ser seu parceiro missionário. Parte de sua equipe.

Enquanto falava, Ashley viu uma expressão inconfundível no rosto de Jennifer. As faces da moça coraram, e ela desviou o olhar com timidez. Seus olhos brilharam repentinamente. Embora Ashley mal pudesse acreditar, ela conhecia aquela expressão.

— Você *gosta* de Cody — ela disse em voz baixa. — Jen, qual é o lance? Está apaixonada por ele?

Jennifer fechou as mãos com força e sacudiu a cabeça.

— Não, claro que não. Isso seria ridículo. Cody é autista. Pelo menos é o que imaginamos. Além disso, ele tem aqueles hábitos irritantes e não frequentou a escola nem um só dia na vida. E também não sabe lidar com números, você sabe. Ele é capaz de ler os livros inteiros de Michelangelo ou de Leonardo da Vinci, mas não consegue lidar com números. Ele não sabe ver as horas e ainda confunde os dias da semana. De certa forma, ele parece uma criança.

— Parece, mas não é. Ele tem mais ou menos a sua idade. E é bonito. Bonito como um artista de cinema.

— É mesmo, não?

— Sim. — Ashley pegou um fecho da caixa de suprimentos e começou a prendê-lo ao colar. Aquela era uma das conversas mais estranhas de sua vida. Mas ela gostava de Jennifer Hansen, e sentia-se bem com aquele bate-papo.

— Não há mal nenhum em gostar de quem você quiser, Jen — Ashley disse. — Pode gostar de Cody, se quiser. Pode até amá-lo.

— Eu o amo. Mas não desta maneira. Pelo menos, é o que eu penso. — Ela segurou com força as laterais da mesa. — Está vendo? Não consigo coordenar os pensamentos nestes dias! Tudo é uma confusão gigantesca.

— Talvez fosse bom você afastar-se da escola e trabalhar por uns tempos. O que você pode fazer com uma especialização em... como é mesmo?

— Antropologia. Matéria sem sentido, inútil. Não tenho ideia do trabalho que posso fazer. Tudo era lógico, confortável e correto. Mas agora é uma confusão total.

— Tente não ficar tão ansiosa com o que vai acontecer. Você não precisa comprar as passagens para o Mali amanhã, certo? Fique feliz por não ter assumido um compromisso permanente como eu assumi. — Ashley fez uma

pausa, pensando em seu casamento no Dia dos Namorados.[3] — Você não esteve numa igreja para prometer amar alguém, de corpo e alma, pelo resto da vida.

— Na verdade, eu prometi. Só que minha promessa foi feita a Deus. Eu só pensava nele, e só me interessava por ele.

— *Deus?*

— Sim. Lembro-me daquele sentimento, daquele fogo que me consumia. Eu sabia por que amava o Senhor, e faria qualquer coisa por ele. Qualquer coisa. Era muito feliz, muito segura de estar tomando as decisões certas. Mas também não agia como cega. Fui à África numa viagem missionária. Vi como outras pessoas do mundo vivem, todo o seu sofrimento, e aquilo me deu mais determinação. Mas foi antes de minha viagem ao México.

— É mais ou menos parecido com Brad e eu. Sabia que a melhor coisa do mundo foi me casar com ele. Acreditava de verdade que minha vida seria totalmente diferente depois do casamento. Assim como você, achei que sabia das coisas. Você estava na África com Deus, e eu estava na cama com Brad.

— Bom, não é a mesma coisa.

— Concordo, mas você e eu somos parecidas de muitas formas, Jen. Eu sabia no que estava me metendo. Vi o futuro e queria esse futuro. Mas agora, agora que vivo a realidade, estou pensando em jogar a toalha.

— Você está falando sério?

— Penso nisso o tempo todo. Brad prometeu me amar e me proteger, estar sempre comigo, ser fiel a mim. Mas ele vive no Bar do Larry e volta bêbado para casa e grita comigo por causa de dinheiro, da roupa por lavar ou da comida que faço. Ele odeia este meu trabalho. Os pais dele são esquisitos, e ele diz que os meus são perdedores. Temos um cãozinho que faz xixi no chão de todos os cômodos. Nossa casa está desmoronando. E não posso contar com meu marido. Não confio mais nele. — Enquanto falava, os olhos de Ashley voltaram a encher-se de lágrimas.

— Oh, Ash. — Jennifer soltou a respiração. — Entendo o que você está dizendo. Nós duas confiamos em alguém em quem acreditávamos... E nós duas nos decepcionamos. Gostaria que tudo fosse como antes.

— Ter aquele sentimento de volta? Eu também. Daria tudo na vida para voltar a ver o amor verdadeiro nos olhos de Brad.

— Você não é capaz de reconquistá-lo?

Ashley encolheu os ombros.

— De que adiantaria? Para mim, ele era um homem admirável. Maravilhoso. O rapaz mais bonito, mais querido da classe. Não conseguia nem que ele olhasse para mim. Ele era armador no time de futebol americano, Jen.

— Eu sei. Brad e eu temos a mesma idade.

— Você o conhece bem? Talvez pudesse conversar com ele para mim.

— Eu? Conversar com Brad? — Jennifer voltou a separar as contas. — Ashley, não acho que seja uma boa ideia. Ele é seu marido. É você quem deve conversar com ele.

— Mas não sei o que dizer. A gente acaba sempre brigando. Você é cristã e conhece tudo sobre religião. Sabe alguma coisa sobre aconselhamento?

— Assisti a uma aula no último semestre, mas se referia às necessidades das pessoas que vivem em tribos.

— Penso às vezes que Brad é um selvagem. — Ashley concentrou-se em prender o fecho. Não queria se lembrar das situações em que Brad bebia e eles discutiam. Mais de uma vez, ela temeu que ele a agredisse.

— Pode ser — Jennifer disse. — O time de futebol era uma tribo, e ele está descontando seus sentimentos na esposa. Você deveria consultar um conselheiro. Dizem que o pastor Andrew é excelente.

— Você é que deveria conversar com o pastor Andrew. Ele entende desses assuntos de missionários. Mas Brad... Talvez ele a ouvisse, Jen. Vocês estudaram juntos, têm a mesma idade e talvez você seja tão inteligente quanto ele, o que eu não sou.

— Ora, Ash? Por que diz isso?

— Brad formou-se com nota máxima, você sabe.

— Brad Hanes?

— Acredite ou não, mas é verdade. Ele diz que foi porque queria continuar a jogar no time de futebol, mas a verdade é que ele gostava da escola. Eu só tirava notas médias. Vivia ocupada, trabalhando na lanchonete de meus pais e não tinha tempo para fazer os deveres de casa. Não ligava para nada, a não ser para as aulas de educação artística. Brad é muito mais inteligente que eu. Olhe para mim e para estes colares. Você está certa. Eu deveria pedir pagamento adiantado pelos colares. Sou tão boba que nem pensei nisso.

— Você não é boba. É apenas inexperiente.

— Converse com Brad para mim, por favor. Diga a ele que não sou má esposa. Diga que estou fazendo o melhor possível, e que ajo como uma mulher

normal. Sou emotiva porque tenho sentimentos. E diga a ele que pare de ir ao Larry. Por favor, Jen.

Jennifer empurrou a bandeja que acabara de organizar em direção a Ashley.

— Se eu me encontrar com ele por acaso, posso tentar dizer alguma coisa.

— Bom, preciso ir embora — Ashley disse. — Devo estar no trabalho daqui a meia hora.

Quando Ashley começou a recolher as bandejas, Jennifer segurou-a pelo braço.

— Deixe tudo aqui. Eu separo o resto das contas para você.

Ashley sorriu.

— Obrigada. Talvez isso me ajude a não pensar tanto em Esther.

— Sabe, Ashley, você é bondosa, artística e sensível, sem falar deste seu maravilhoso cabelo ruivo. Se Brad Hanes não sabe o que tem nas mãos, ele é mais bobo do que penso.

Ao atravessar a porta corrediça do porão, Ashley sentiu-se melhor do que nas últimas semanas. Ela fez uma pausa, virou-se e olhou para a outra jovem.

— Você sabe o que fazer, Jen. Precisa apenas ter paciência.

— Você também, Ash. Você também.

As duas entreolharam-se por um instante. Em seguida, Ashley abriu a porta e saiu.

3 Nos Estados Unidos, o Dia dos Namorados é comemorado no dia 14 de fevereiro. (N. do T.)

4

Brad levantou o cãozinho do chão e colocou-o na caixa de papelão.

— Veja o que você ganhou, Tagarela. Voltou ao ponto de partida. E nem pense em uivar para mim, porque não vou deixá-lo sair.

— Você não precisa deixar que ele saia — Charlie Moore comentou quando o cãozinho deu um salto e pulou por cima da lateral da caixa — porque ele já aprendeu a fazer isso sozinho.

— Que beleza. — Com os polegares enroscados nos bolsos, Brad fez um gesto de desânimo. O cãozinho caiu estatelado no chão, equilibrou-se, sacudiu a cabeça e precipitou-se em direção à barra da calça *jeans* de Brad. Com os dentinhos cravados no tecido, o cão começou a andar para trás, rosnando ferozmente enquanto tentava puxar Brad pela sala.

— Desse jeito, não vamos chegar a lugar nenhum — ele disse a Charlie. — O senhor acha que ele poderia brincar com Boofer?

— Por que não? — O homem mais velho caminhou até a porta do novo cômodo que ele e Brad haviam construído na casa dos Hanes. — Boof é um velho esquisito como eu, mas talvez não se importe de ter a companhia de um filhote de vez em quando.

Piscando para Brad, ele abriu a porta para que o vira-lata gorducho entrasse na sala. No momento em que Boofer entrou, Tagarela correu em direção ao esfregão de pelos compridos e pretos. Com a ponta do rabo levantada, o filhote curvou-se como que se submetendo ao cão mais velho.

"Au!" Saltando de repente de um lado para o outro, Tagarela começou a correr ao redor de Boofer dando latidos agudos de satisfação. "Au, au, au."

Boofer fez um esforço para cheirar a criaturinha que pulava em círculos. Abanando o rabo, o cão mais velho permitiu que Tagarela o cheirasse, até ambos se conhecerem. Os dois cães começaram a correr pela sala de estar, passando velozmente por trás do braço da poltrona, quase derrubando a televisão do suporte, escorregando no piso da cozinha.

Brad observou, rindo, quando Tagarela correu atrás do sofá, tendo Boofer em seu encalço. O cão mais velho, que ganhara peso nos últimos anos, ficou preso

sob o sofá, mas não por muito tempo. Afastando-se, ele sacudiu o corpo e voltou a correr atrás do cãozinho.

— O senhor estava certo — Brad disse a Charlie. — Eu imaginei que a caixa não seguraria Tagarela por muito tempo. Ashley fez uma cama confortável no chão para ele dormir na primeira noite. Ele uivou tanto que tivemos de colocá-lo sob as cobertas conosco.

— E passou a dormir com vocês desde então. — Charlie riu. — Aconteceu o mesmo com Boof. Eu disse a Esther que seria um erro permitir que o cão dormisse em nossa cama. Quem disse que ela me ouviu?

— Elas nunca nos ouvem. — Brad olhou para a pia vazia, onde havia esfregado todas as panelas e caçarolas que ele e Ashley possuíam. A máquina de lavar louça ligada, enxaguando os pratos e o faqueiro que ele havia posto dentro. Os balcões brilhavam. Ashley não levantara um só dedo.

— As mulheres não gostam de ouvir — Charlie disse — a não ser que a gente saiba como atrair a atenção delas. Elas só querem falar, *compartilhar sentimentos*, conforme Esther dizia. Ela se importava com minhas opiniões, claro, mas estava muito mais interessada em querer que eu entendesse o que se passava em sua mente. Quando eu queria tratar de um assunto importante, precisava fazê-la concentrar-se em mim. Era difícil às vezes, mas aprendi alguns truques ao longo dos anos.

— O senhor tem algum truque que faça a esposa limpar a casa de vez em quando? Eu faço tudo isso sozinho.

— *Você?* — Charlie simulou uma expressão de espanto. Depois, pôs a mão no ombro de Brad. — Ouça, filho, o homem pode não gostar de lavar pratos, mas ele é tão capaz de fazer essa tarefa quanto uma mulher. Descobri isso depois do acidente de Esther. Eu alegava ser ignorante a respeito de lava-louças. Insistia que tudo na lavanderia era um mistério para mim. Não sabia passar uma camisa a ferro sem queimá-la... Era a desculpa que eu dava a Esther. Ela me disse que, se eu sabia lidar com uma serra elétrica e uma escavadeira, poderia muito bem passar uma camisa. Ela estava certa. Claro que levei quase cinquenta anos para admitir isso. Nunca preguei um botão. Insistia que era *trabalho de mulher*. Olhe para mim hoje.

Charlie apontou para o punho frouxo de sua camisa xadrez de flanela.

— Reconheço que vou ter de encontrar a caixa de costura de Esther e pregar o botão qualquer dia desses. Este bode velho vai ter de aprender um novo

serviço.

— Ashley pode pregar o botão para o senhor. Ela sempre tem agulha e linha à mão.

— Não, obrigado. Quero fazer isso sozinho só para agradar a Esther. Ela e minha mãe estão no céu, provavelmente discutindo que meus sapatos não combinam com as meias, que a camisa não combina com a calça ou que me esqueci de prender a fivela da cinta. Alguma dessas coisas. Esther estava sempre me pegando no pé por causa de minha aparência, mas eu não ligava. Dizia que a roupa que eu usava era problema meu, não dela. Tenho certeza de que você já sabe que haverá coisas que você e sua jovem esposa irão discutir até o dia em que um dos dois partir para a glória.

Brad refletiu no comentário de Charlie. No momento, era capaz de lembrar-se de cinquenta coisas que provocavam discussão entre ele e Ashley. Bebida. Colares. A cozinha. O cãozinho. A grama do jardim. Dinheiro. Sogros e sogras. Sexo. Amigos. Tempo livre. Empregos. Quem arrumaria a cama na manhã seguinte. Quem varreria as folhas na entrada dos carros. A lista era interminável.

— Bom, depois de ver que você arrumou a cozinha — Charlie prosseguiu — acho que está na hora de arrancarmos estes ladrilhos velhos. Parece que aqueles dois amigos já se cansaram de brincar de pega-pega.

Brad olhou por cima dos ombros e viu os dois cães deitados, dormindo profundamente, enrolados um ao lado do outro. Tagarela roncava alto, como sempre. Boofer parecia satisfeito por estar encostado no cãozinho.

— Nunca vi Tagarela tão exausto desde o dia em que eu o peguei perto do Bar do Larry e o trouxe para casa — Brad disse ao entregar uma pá a Charlie. — Ele tinha passado um dia inteiro tremendo dentro de uma caixa de papelão. Assim que encheu o estômago, ele apagou.

— Você fez uma boa ação quando salvou a vida dele. Poucas pessoas pegam um cãozinho abandonado, principalmente nesta época do ano. Faz muito frio, e o animal não quer sair para fazer suas necessidades. — Charlie colocou a ponta da pá contra a emenda entre dois ladrilhos velhos de linóleo. Com um pé ao lado do cabo da pá, ele forçou o revestimento. O ladrilho partiu-se ao meio e saltou do lugar.

O trabalho não parecia tão difícil quanto Brad temia. Ele ajudou o homem mais velho, e depois de meia hora já haviam arrancado uma grande parte do piso velho. Como sempre, conversaram um pouco enquanto trabalhavam. Ambos acompanhavam o campeonato da Liga Nacional de Futebol Americano e

torciam pelo mesmo time. Como costumava fazer, Charlie lembrou-se de sua infância e de seu trabalho como carteiro. Toda a sua conversa era entremeada com observações sobre Esther. Agora, cada comentário tinha uma dose de tristeza. De vez em quando, Charlie se emocionava e não conseguia falar.

Enquanto ouvia o amigo recordar-se dos eventos de seu longo casamento, Brad conjeturava se ele e Ashley atravessariam juntos o primeiro ano — que diria quase cinquenta. Ele não podia imaginar sua esposa tornando-se parte tão essencial de sua vida a ponto de mencionar o nome dela em todas as conversas. Atualmente, Brad não gostava nem de pensar na ruiva esbelta e sensual que o levara à loucura de tanto desejo pouco tempo atrás. Como alguns meses de vida conjugal poderiam ter transformado Ashley daquela forma? De um objeto de seus maiores desejos em alguém que lhe causava medo quando ele acordava todas as manhãs?

— Você está muito calado esta tarde — Charlie disse, apoiando-se na pá. — Quer ir ao Bar do Larry? Lá deve ser mais divertido que ficar arrancando ladrilhos da cozinha com um velho.

Um sorriso brotou nos cantos da boca de Brad.

— O senhor não gostaria de ir comigo ao Larry um dia, sr. Moore? Lá o senhor vai conhecer os meus colegas de trabalho. A música é ótima. Há uma nova cantora, que canta com emoção numa apresentação bastante atraente. Que tal reunir-se comigo e com os rapazes, tomar algumas cervejas e relaxar um pouco? Seria bom para tirar essas coisas de sua cabeça.

— Ah, não, obrigado. — Charlie ergueu a mão. — Meus tempos de bebedeira ficaram para trás há muito tempo. Foi uma experiência difícil que só trouxe problemas.

— Uma bebida de vez em quando não faz mal a ninguém.

— Não sei não. Isso é o que você diz. Você não estava presente para ver a expressão no rosto de minha esposa na noite em que perdi o rumo e fui parar num clube de *strip-tease*.

— *Strip-tease*? — Brad não conseguiu se conter e riu alto. — Não acredito, sr. Moore.

— É verdade. Preste atenção no que vou dizer, rapaz. As mulheres podem até perdoar, mas nunca esquecem.

— Como a sra. Moore descobriu?

— Não lembro bem, mas elas *sempre* descobrem. Pode acreditar. — Charlie olhou firme para o chão por um momento. — E sabe de uma coisa? Pouco antes de morrer, Esther me fez lembrar aquele incidente.

— Faz quanto tempo que isso aconteceu?

— Foi logo depois do nosso casamento. Eu era jovem, egoísta, idiota. Esther era sonhadora e só tinha olhos para mim. Eu era o seu cavaleiro de armadura brilhante. Aí, cheguei cambaleando em casa e caí do pedestal. A gente pensa que um erro cometido no começo do casamento não vai afetar a situação no decorrer do tempo, mas afeta. Com certeza.

Charlie voltou a arrancar os ladrilhos com a pá, e Brad passou a ajudá-lo. Os cães acordaram com o ruído das pás e voltaram a brincar, rolando em cima do carpete e mordiscando um ao outro. Tagarela adorava esperar que Boofer se deitasse, para saltar sobre as costas do velho cão e forçá-lo a levantar-se.

Enquanto jogava uma pá cheia de ladrilhos num latão de lixo perto da mesa da sala de jantar, Brad pensou no sr. Moore embebedando-se e indo a um clube de *strip-tease*. Embora a imagem fosse engraçada, ele teve uma sensação desagradável dentro de si.

Apesar de Brad mal ter notado a presença dos Moores quando ele e Ashley se mudaram para Deepwater Cove, o casal mais velho passara a fazer parte da vida deles. Aliás, a vizinhança inteira parecia envolvida em tudo o que acontecia com "o menino e a menina Hanes", conforme eles eram conhecidos. Na infância, Brad viveu cercado de muitos irmãos e irmãs, mas se tornara solitário. Era eficiente para trabalhar em equipe — no campo de futebol e na construção — mas não gostava que ninguém se intrometesse em sua vida.

Só que... Ele nunca sentiu a presença do sr. Moore como uma imposição. Brad respeitava aquele senhor. Quando o sr. Moore o chamava de *filho*, a palavra caía no peito de Brad como uma barra de ouro brilhante que lhe aquecia o coração. O pai de Brad era um homem ocupado e desligado demais para dar um pouco de atenção aos filhos, por isso o rapaz passara a gostar das noites e dos fins de semana que ele e o sr. Moore passavam trabalhando na pequena casa revestida de madeira.

Na verdade, o sentimento que Brad desenvolvera por aquele senhor de cabelos grisalhos ia além do respeito. Brad admirava o sr. Moore. Queria ser igual a ele — capaz de olhar para trás e lembrar-se de uma vida agradável com a

esposa querida, alguns filhos e uma carreira estável. Um homem capaz de andar de cabeça erguida e olhar todas as pessoas nos olhos.

Aquela visão não se enquadrava no episódio do clube de *strip-tease*. Aquilo não se encaixava no sr. Moore. Como um homem podia transformar-se em outro completamente diferente?

— Compromisso — Charlie disse, enxugando a testa enquanto voltava a apoiar-se na pá. — Foi o que ajudou Esther e eu a atravessar tempos difíceis. Ela nunca mais me pôs num pedestal, mas tudo bem. Eu não merecia. No entanto, ela teve de descobrir como se sentiria em relação a mim após aquela noite terrível. *Compromisso* foi o que ela finalmente disse. A princípio, achei que aquilo não chegava nem aos pés do amor, porém mais tarde descobri que era melhor.

— A sra. Moore lhe perdoou porque tinha assumido um compromisso com o senhor? Parece uma palavra que meu patrão usa sobre o condomínio que estamos construindo, principalmente se um operário chega atrasado ou de ressaca. "Você não tem compromisso com o trabalho, homem", é o sermão que ele faz. Sabemos imitar a voz e os gestos do cara. Bill é muito rigoroso, mas fazemos a nossa parte no trabalho. E ninguém quer ir embora, porque ele paga bem e o trabalho é constante.

— Bom, é isso aí. Construir um condomínio é bem parecido com construir um casamento. Nem sempre gostamos das restrições, mas o compromisso faz o trabalho ficar pronto. Se houver firme dedicação, ninguém vai querer desistir. Esther e eu éramos unidos, você viu. Tínhamos um propósito. Sonhos e objetivos que queríamos alcançar. E complementávamos um ao outro muito bem, principalmente no... no fim.

Charlie pressionou a pá contra um ladrilho e, com raiva, forçou-o a sair. O ladrilho trincou, voou pelos ares e caiu no chão, espatifando-se.

"Au!" Tagarela veio correndo e agarrou um dos ladrilhos com a boca. Enquanto o cãozinho passava de cabeça empinada por Charlie, o homem segurou-o na mão, encostou o rosto no pelo marrom macio e chorou.

Brad encostou a pá num balcão e preparou um bule do chá favorito de Ashley. Ele e Charlie sentaram-se e tomaram várias xícaras, num silêncio confortável. Logo em seguida, retornaram ao trabalho.

— Chegou a hora das minutas — a voz forte de Cody Goss abafou o vozerio das mulheres reunidas na área de chá do salão de beleza Assim Como

Estou. — A sra. Moore está no céu, e gostaria que a gente fizesse as minutas.

Patsy Pringle olhou de relance para Pete Roberts, sentado do outro lado da mesa. Com um sorriso maroto no rosto bem barbeado, seu noivo estava mergulhando um biscoito de chocolate em seu chá inglês da tarde — uma atividade predileta, que Patsy lhe havia implorado que abandonasse.

Pete havia feito grandes progressos em relação à aparência, mas ainda tinha um longo caminho a percorrer quanto às boas maneiras. Patsy se perguntou se Cody poderia ensinar algumas etiquetas sociais a Pete — e essa ideia provocou um riso irônico na boca da cabeleireira.

— Precisamos de uma nova presidente, e eu nomeio Ashley Hanes. — Cody se levantara da cadeira e estava batendo na xícara de chá com a colherinha, da mesma forma que Esther Moore sempre fazia. — Há apoio? — Cody perguntou. Ele fez uma pausa. — Apoiar em uma reunião não é a mesma coisa que se apoiar quando a gente vai levantar de uma mesa porque você não tem equilíbrio suficiente para se levantar sozinho.

Ao ouvir essa observação, a sala inteira mergulhou em silêncio. Cody prosseguiu.

— De acordo com os Estatutos das Associações Civis, as minutas da reunião são quando o presidente da organização, que acho que deve ser Ashley Hanes, lê os assuntos antigos.

— Eu não quero ser presidente — Ashley avisou, olhando com ar de reprovação para os presentes. — Ando muito atarefada e não estou a fim disso.

As reuniões do clube estavam aumentando em audiência, Patsy notou, e hoje as mesas pareciam mais que lotadas. A que ela e Pete haviam escolhido incluía Cody, Jennifer Hansen e Ashley. Patsy observara as duas jovens envolvidas numa conversa animada quando entraram juntas no salão.

— Mas a sra. Moore escolheu você, Ashley — Cody protestou. — Quando ela sofreu o acidente, escolheu você para ser a presidente *pro tempore*. *Pro tempore* é uma palavra latina para...

— Não vou aceitar o cargo — Ashley interrompeu. — A sra. Moore era... Bem, ninguém é capaz de fazer o que ela fazia.

Quando a voz de Ashley começou a tremer, Cody olhou para Jennifer como se ela pudesse resolver o dilema. De fato, ela pôde.

— Por que você não ocupa o cargo de presidente, Cody? — ela lhe perguntou. — Você conhece os procedimentos parlamentares melhor que nós.

— Eu apoio — Pete disse em voz alta.

— Mas espere, ainda não demos a palavra para as indicações — Cody objetou. — E Jennifer não fez uma proposta.

— Eu proponho — Jennifer disse — que Cody Goss seja presidente do Clube dos Amantes de Chá.

— Eu apoio a proposta — Pete voltou a fizer. — Alguma objeção? Não? OK. Então todos os que são a favor digam *amém*.

Enquanto um coro de améns ecoava pela sala, Cody olhou atônito para todos.

— Bom, mas não é exatamente certo...

— É bom para nós — Jennifer disse-lhe carinhosamente, tocando-lhe o braço. — Prossiga.

— OK, assunto antigo — Cody anunciou e, sem olhar para os registros, começou a descrever o desfile do Dia de Ação de Graças, a fogueira e o churrasco que haviam sido tema da última reunião do clube.

Patsy admirou a capacidade do jovem de lembrar-se dos eventos. Apesar de Cody ter a tendência de concentrar-se nos detalhes que as outras pessoas não notavam — como o fato de que no evento do Dia de Ação de Graças o bolo de chocolate de Miranda havia sido cortado em triângulos, não em quadrados —, ele certamente gravara a ocasião com cores vivas.

Quando chegou o momento de discutir os assuntos novos, várias pessoas mencionaram a aproximação do Natal e do ano novo e o fato de que a comunidade haveria de querer comemorar essas duas datas de alguma maneira. Patsy, porém, não se surpreendeu ao ver que ninguém demonstrou entusiasmo suficiente a ponto de fazer planos para uma celebração especial. Sem a animação costumeira de Esther Moore para dar continuidade à discussão, o assunto perdeu a graça.

Ao perceber que não havia conseguido incentivar o grupo a tratar do assunto novo, Cody terminou a reunião e sentou-se, com uma expressão de desânimo em seu belo rosto.

— Sinto muitas saudades da sra. Moore — ele murmurou. — Ela teria sugerido outro desfile, com certeza. A sra. Moore adorava desfiles.

— Vou pensar em algumas boas ideias — Jennifer garantiu-lhe. — Você se saiu muito bem em seu primeiro dia como presidente. Acho que ninguém quis falar do Natal porque ainda estamos tristes com a morte da sra. Moore.

— O Natal é outro problema, Jennifer — Cody disse, com seus profundos olhos azuis. — Tentei conversar com a sra. Miranda Finley sobre o Natal um dia desses quando estava andando à beira do lago à procura de águias-calvas. Avistei três, mas tive de prestar atenção à sra. Finley, que queria explicar as origens pagãs do Natal.

— Origens pagãs? — Ashley franziu a testa para Cody e virou-se para Jennifer. — O Natal tem a ver com o menino Jesus, a manjedoura, os magos, essas coisas, não?

— A sra. Finley me contou que o Natal não é bem isso — Cody respondeu. Antes de prosseguir, ele olhou de relance para Miranda, sentada do outro lado da sala com outro grupo de mulheres. — Ela é uma senhora muito simpática que fez cartões de visita para me ajudar no trabalho de pintura — ele explicou em voz baixa — mas diz que ninguém sabe *quando* ou *se* Jesus nasceu. As árvores de Natal, os enfeites, as meias e até o Papai Noel, tudo isso vem de um costume antigo das religiões pagãs. Então, ha-ha-ha! Foi aí que eu disse a ela que Deus é muito maior e muito mais poderoso que qualquer pessoa que podemos imaginar, principalmente ela. Ha-ha-ha pra ela!

Cody deu uma mordida numa barrinha de limão e complementou:

— A sra. Miranda Finley e eu tivemos uma pequena discussão, se vocês querem saber a verdade, mas decidimos continuar amigos.

Patsy concentrou a atenção em Pete, que ouvira com grande interesse a mais recente divagação de Cody. Pete sempre surpreendia sua futura esposa. Ele tinha apenas diploma de curso colegial. Não sabia manter uma conversa de alto nível, tinha um histórico pífio em termos de casamento e bebida e só recentemente havia ingressado na igreja local. Qualquer pessoa imaginaria que um homem desse tipo carecia de intelectualidade. Pete, porém, *era* um profundo pensador, e gostava de ouvir as ideias das pessoas muito mais do que deixava transparecer.

— Cody, você é uma das pessoas mais corajosas que conheci — Pete declarou. — Não sei se eu enfrentaria Miranda Finley da forma que você enfrentou.

— É verdade — Ashley complementou. — Você acabou com ela nessa discussão sobre o Natal. Aposto que você tem coragem suficiente para lidar com qualquer coisa, Cody. Poderia até ser missionário se quisesse.

Ao ouvir isso, Patsy notou que Jennifer cutucou Ashley de lado. A ruiva reprimiu o riso. Parecia que as duas haviam conversado a respeito de Cody — e

não apenas no sentido geral.

— Quem sabe — o rapaz disse a Ashley, com expressão séria nos olhos azuis. — Mas já sei que prefiro Deepwater Cove a qualquer outro lugar do mundo, porque as pessoas são simpáticas comigo, me dão trabalho para fazer, organizam festas surpresa de aniversário, cortam meu cabelo e me deixam dormir na varanda da casa delas.

— Acho que você é muito feliz aqui — Jennifer disse.

Cody cravou os olhos nela.

— Sou muito feliz por estar perto de você, Jennifer. Você é a minha melhor amiga e a mulher mais linda que conheci. É por isso que amo você.

Antes que Jennifer pudesse encontrar uma resposta adequada para mais uma das declarações de amor de Cody, Ashley voltou a falar.

— E se Jen for morar longe daqui? O que você vai fazer, Cody? Não vai querer ir embora de Deepwater Cove. Quem sabe gostaria de ir com ela?

O rapaz fixou o olhar em sua xícara de chá por um momento. Depois, segurou um cacho de seu cabelo e fechou as duas mãos com força.

— Não sei — ele disse sem pensar. — Quero que Jennifer seja feliz, mas quero também que ela continue aqui. Quero ficar perto dela. Amo tanto Jennifer...

— Ei, espere um pouco, Cody. — Pete passou o braço ao redor do ombro dele. — Jennifer está sentada ao seu lado, e ninguém vai a qualquer lugar neste momento. Você não precisa tomar nenhuma decisão, a não ser comer o resto da barrinha de limão. Jennifer também não precisa fazer nada. Sou bem mais velho que vocês, garotos, e vou lhes dizer uma coisa. Quanto mais vocês demorarem a tomar uma decisão, sem ir com muita sede ao pote, melhor será para vocês. Já fiz muitas bobagens na vida porque estava com pressa, e com certeza aprendi a lição.

— Você ficou noivo de Patsy muito cedo — Ashley lembrou-o. — Fazia menos de um ano que você a conhecia. Brad e eu ficamos noivos quase dois anos depois que começamos a sair juntos.

— Hummm... — Pete parecia ponderar as palavras dela. — Então, você acha que as coisas estão dando mais certo para você e Brad porque esperaram um pouco mais?

As faces pálidas de Ashley adquiriram um tom rosado, e Patsy chutou de leve a canela de Pete sob a mesa. Todos em Deepwater Cove sabiam que os dois jovens moraram juntos por algum tempo antes do casamento e agora estavam passando por um período de turbulência.

Apesar de sempre ter feito o possível para não alimentar boatos no salão, Patsy ouvira falar vários meses atrás que havia problemas entre o casal. Alguns de seus clientes do sexo masculino contaram-lhe que Brad dava muita atenção à nova cantora do Bar do Larry. Outros ouviram Brad e Ashley discutindo no restaurante de Bitty Sondheim na porta ao lado, o Pop-In. Todos sabiam que o orgulho e a alegria de Brad — o enorme caminhão branco que ele comprara na primavera — havia sido tomado pelo banco. Na verdade, todos se surpreendiam ao ver que o grande anel de brilhante continuava no anular esquerdo de Ashley. Diziam que os dois estavam afundados em dívidas e que a família de Ashley sempre recorria à loja de penhores em tempos de dificuldade.

Além disso, se Charlie Moore não tivesse se prontificado a ajudar Brad a terminar o novo cômodo na casa dos Hanes e a escorar as outras paredes comidas por cupins, o povo imaginava que a casa inteira desmoronaria. A conversa começava a ficar desagradável, e Patsy desejou que o assunto não tivesse vindo à tona.

— Brad e eu estamos bem. — Ashley reagiu com raiva às palavras de Pete. — Você já foi casado, não? Seu primeiro casamento foi uma das *bobagens* que você disse ter feito?

Jennifer cutucou Ashley novamente, mas Patsy viu que a ruivinha não estava a fim de ficar calada. Ela viera à reunião aborrecida com alguma coisa, e a insistência de Cody em nomeá-la presidente só serviu para piorar as coisas. Agora ela estava em pé de guerra, pronta para iniciar uma discussão com Pete.

— O casamento é um negócio arriscado — Pete disse a ela. — Tive *duas* esposas na vida, e com certeza não mereço ter outra. Casei quando era muito jovem e ignorante para saber como tratar uma moça fina como você, Jennifer ou a srta. Patsy Pringle. E estava com pressa demais para acertar minha vida. Você tem razão de ter dito aquilo, Ashley. Provavelmente eu deveria ter esperado um pouco mais para pedir a mão de Patsy em casamento. Desta vez há apenas uma coisa diferente das outras duas, e espero que ela nos ajude a atravessar os tempos difíceis.

— "Se não for o Senhor o construtor da casa" — Cody interveio — "será inútil trabalhar na construção". Salmos 127.1. A casa é uma metáfora para casamento. Pete e Patsy vão começar um casamento que vai ter Deus no meio, embaixo e ao redor. É por isso que eles vão ser felizes para sempre. Não é mesmo, Pete?

— Gostei de saber que vamos ser felizes para sempre. — Pete olhou em direção a Patsy, piscou para ela e surrupiou o prato de Cody. — Você não estava pensando em comer o resto desta barrinha de limão, estava?

— Estava, claro! — Cody gritou, tomando o prato da mão de Pete.

Jennifer riu e cutucou Pete no ombro enquanto Cody devorava a barrinha de limão. O sorriso de Patsy desapareceu quando ela viu o lábio inferior de Ashley tremer assim que a jovem levou a xícara de chá à boca.

5

— Você é um vira-lata sem-vergonha. Devia ter ido à casa do sr. Moore para que ele e Boofer ensinassem você a ser um cão educado.

Brad limpou a sujeira recente de Tagarela com papel toalha. Ao levantar o plástico que forrava a lata de lixo, ele lembrou-se da noite em que Charlie Moore o ajudara a arrancar os ladrilhos do piso da cozinha. Na maior parte do tempo, o homem mais idoso parecia não saber o que esperar da vida naqueles tempos. Mas de vez em quando, ele dizia algo que fazia sentido.

Charlie conversara com Brad sobre a importância do compromisso. O casal precisava estar tão determinado a levar o casamento adiante que o compromisso deveria ser mais importante que o amor um pelo outro. Charlie dissera estas palavras a respeito de sua esposa: "Quando eu queria tratar de um assunto importante, precisava fazê-la concentrar-se em mim".

Embora estivesse exausto por ter colocado revestimento nas paredes o dia inteiro, Brad tomou a decisão de forçar sua esposa a concentrar-se nele. Estava determinado a extrair o que quisesse dela. Para variar, não seria uma estripulia na cama. Não, Brad estava determinado a forçar Ashley a notar a presença dele. Não apenas notar sua presença, mas dizer algumas palavras agradáveis. Admirá-lo como sempre fizera. Dizer que se sentia uma mulher de sorte por tê-lo como marido. Que ele era maravilhoso e inteligente. Fazer uma lista de todas as coisas que ela amava nele.

— É tão difícil assim? — ele perguntou ao cãozinho, que estava empinado ao lado dele, em direção à porta da frente. — Estou falando sério, Tagarela. Você acha que sou um cara sensacional, não? Por que ela não acha?

Atirando o saco de lixo num recipiente maior do lado de fora da casa, Brad lembrou-se de que estabelecera uma meta para aquela noite. Incentivado por seu propósito, ele evitou ir ao Bar do Larry, preparou um sanduíche para comer em casa e começou a fazer aquilo que, a seu ver, atrairia a atenção de Ashley.

Pela segunda vez naquele mês, ele limpou a casa inteira, do teto ao chão.

Enquanto a máquina de lavar roupa funcionava uma vez atrás da outra, ele passou o aspirador de pó na casa inteira e limpou o vaso sanitário. Depois,

começou a arrumar o lado de Ashley. Empilhou as revistas de artesanato, guardou os sapatos dela no armário e ajuntou todos os enfeites que ela colocava no cabelo. Arrumou também o seu lado do quarto, guardando os sapatos, as revistas, as meias, os brinquedos do cão e as garrafas vazias de água, cada coisa em seu lugar.

— Quando ela parou de pensar que sou perfeito? — Brad perguntou enquanto segurava a porta aberta para Tagarela passar. — Sou o rei do quarto, quando digo essas palavras a mim mesmo. Isso deveria deixá-la feliz. Então, por que ela nunca me diz uma palavra carinhosa?

Tagarela sacudiu a cabeça até fazer um ruído com as orelhas. "Au!", ele latiu. Em seguida, o resto de seu pequeno corpo começou a tremer, inclusive a cauda peluda.

— Eu sei, está muito frio — Brad resmungou. Seus pensamentos se voltaram para o Bar do Larry por um momento. Sem dúvida, agora Yvonne estaria cantando sua segunda série de músicas. Aquele cabelo escuro e comprido estaria balançando em volta de seus ombros enquanto ela movimentava o corpo dentro de uma calça *jeans* apertada. Brad estaria num lugar aconchegante, levemente alcoolizado e ouvindo boas músicas. Em vez disso, estava limpando a casa para uma ruiva gelada que raramente lhe dava atenção.

Teria sido realmente a bebida o motivo do afastamento de Ashley? Ou o trabalho cansativo dela a levara a esquecer que era casada? Ou — pior ainda — ela não o amava mais?

Franzindo a testa diante daquele pensamento, Brad apagou a lâmpada do teto, esticou-se no sofá e ligou a televisão. A iluminação da tela deu um brilho agradável à sala. Ele *não* dormiria, disse a si mesmo enquanto Tagarela subia em cima dele para acomodar-se entre o seu braço e antebraço. Definitivamente ele não cochilaria. Embora o pescoço doesse por ele ter olhado para o teto o dia inteiro, ele manteria os olhos abertos até aquela mulher atravessar a porta...

— Brad?

Ao ouvir aquela voz, ele saltou do sofá como se tivesse tocado um fio desencapado. O cãozinho latiu forte e caiu no carpete.

— Você está bêbado de novo? — O tom da voz de Ashley fez Brad encolher-se. Ela pôs as mãos no quadril. — Porque *não* vou arrastar você até a cama esta noite. Pode dormir no sofá com seu cão.

— Eu não bebi nada — ele disse.

— Ah, como não? — Ashley tirou o cachecol do pescoço e pendurou-o num cabide perto da porta. — E como vão as madames do Larry? A Yvónne cantou todas as suas músicas favoritas?

Ela desvencilhou-se do casaco e bateu com os pés no chão.

— Está nevando, se você quer saber. Um de nós vai ter de retirar a neve da entrada para carros amanhã cedo, e não serei eu. Dois lavadores de pratos não apareceram para trabalhar esta noite, por isso eu e o resto do pessoal tivemos de trabalhar dobrado e lavar tudo.

Brad passou a mão nos olhos e remexeu os cabelos para tentar despertar.

— Vou levar Tagarela para fora — ele resmungou. A falta de treinamento do cão para fazer as necessidades fora da casa transformara-se em outro elemento de tensão entre o casal. Brad acendeu a luz da sala e abriu a porta. Talvez Ashley notasse o trabalho que ele havia feito, mas naquela altura ele não se importava mais. Afinal, quem gostaria de estar casado com a Rainha da Reclamação?

Em pé do lado de fora da casa, Brad observou os flocos de neve caindo e derretendo ao bater no chão. Tagarela correu em círculos por um momento, confuso e empolgado com a neve; depois lembrou-se de que tinha algo mais importante para fazer. Quando o cãozinho levantou a perna, Brad percebeu que, de fato, havia orado para que Tagarela se lembrasse de que deveria fazer suas necessidades fora de casa.

Orado. Orado para que o cão não fizesse sujeira na casa. Que loucura era aquela?

Embora toda a família Hanes fosse à igreja quase todos os domingos quando Brad era criança, ele quase se esquecera de Deus depois de completar 16 anos e ter um carro só seu. Disse aos pais que não queria mais participar da rotina dos fins de semana, e eles não contestaram. Para os pais de Brad, a igreja não passava de um hábito adquirido de suas respectivas famílias. Ashley, por sua vez, além de não saber em que igreja se casaria, nunca mencionara nada a respeito de religião. Os pais dela sempre usavam os domingos para descansar do trabalho na lanchonete, e ela contou a Brad que não dava muita atenção a esse fato.

— Tagarela, o que você sabe sobre Deus? — Brad perguntou ao cãozinho.

Como sempre, no momento em que ouviu seu nome, ele parou, olhou para Brad e inclinou a cabeça. A resposta foi tão imediata, tão inteligente e tão engraçada que Brad não pôde deixar de rir. O cãozinho abanou o rabo.

— Você me ouviu, Tagarela? — Brad perguntou. — Você conhece Deus?

"Au!" O cão rodopiou na neve, batendo as patinhas no chão.

— Verdade? Então, o que você acha dele?

"Au, au!"

— Entendo — Brad disse, acariciando os pelos macios atrás das orelhas do cão. A ideia da existência de um ser divino havia abandonado a mente de Brad muito tempo atrás, ele admitiu. Nem o brilho da neve que caía suavemente sob o luar foi capaz de comovê-lo. Ele se transformara num homem insensível. Desligara o lado terno e gentil que poderia causar-lhe sofrimento. Até seu amor por Ashley se tornara rude e agressivo, como se ele fosse um garimpeiro de diamantes perfurando uma rocha para encontrar uma pedra preciosa. Mas à medida que o tempo passou, ele viu que o diamante era imperfeito. Não valeu sequer o esforço para conquistá-la.

— Bradley Hanes! — A voz de Ashley na porta tinha um tom de grande alegria. — Você limpou a casa inteira! Ah, minha nossa, não acredito!

Antes de Brad ter tempo de virar-se, ela atirou os braços ao redor da cintura dele e começou a beijá-lo no rosto.

— Que maravilha! Está tudo perfeito. Lindo! Exatamente como sempre esperei. E o piso novo da cozinha... e o teto que você consertou... Ah, Brad, muito, muito obrigada!

Com uma onda inesperada de afeto tomando conta dele, Brad olhou firme para a lua azulada e envolta em nevoeiro. "Legal", ele pensou. "Legal, legal."

— Entre, antes que você congele aí fora — Ashley estava dizendo. — Você também, Tagarela. Entre, meu amorzinho. Você já fez o que queria fazer? Aposto que ajudou o papai a limpar a casa, não? O que você sugeriu a ele?

— A tarefa do Tagarela é *fazer sujeira* na casa, lembra?

O cãozinho correu adiante do casal, e todos entraram na sala aquecida.

— Você quer um chocolate quente? — ela perguntou.

— Eu adoraria. — Brad voltou a afundar-se no sofá. O trabalho valera a pena. Ashley notara seus esforços para limpar e arrumar a casa, e os elogios dela ainda lhe soavam nos ouvidos.

Agora, ela mencionaria a qualquer minuto as roupas lavadas e os pratos limpos. Ele não se importaria de ouvir um pouco mais de elogios sobre os ladrilhos que ele e Charlie haviam colocado na cozinha. Foi um trabalho e tanto ter de arrancar o piso antigo e assentar o novo de vinil. Ele havia conseguido

chamar a atenção da esposa para a casa limpa, e, agora que ela estava concentrada nele, haveria um bom recomeço.

Dentro de alguns instantes, Ashley provavelmente perguntaria sobre o projeto do condomínio, Brad previu, com o coração cheio de esperança. Quando ele lhe contasse quanto havia trabalhado o dia inteiro naqueles 35 metros de teto, ela provavelmente ficaria encantada. O trabalho de rejunte nunca era fácil, mas os rejuntes de um teto eram muito mais trabalhosos que os rejuntes de uma parede.

Seria ótimo contar à esposa que Bill Walters se referira a ele como o melhor rejuntador que contratara depois de muitos anos. Ashley gostaria de saber disso. E até de elogiá-lo um pouco diante de suas amigas. Ela sempre se orgulhara muito de Brad sobre seu enorme sucesso no campo de futebol e vivia elogiando-o.

Além de considerá-lo seu herói, ela comentava as façanhas do namorado a todas as pessoas que conhecia. E fazia o mesmo com o anel de noivado, a casa nova, o emprego permanente na Walters Construction. Elogios, elogios, elogios. Aonde quer que eles fossem, Ashley sempre exaltava as qualidades de Brad. Ele não via a hora de voltar a receber um pouco daquela admiração e amor.

— Você não acredita como é difícil para um restaurante aqui do lago manter um bom lavador de pratos — Ashley estava dizendo enquanto atravessava a sala com uma caneca de chocolate quente em cada mão. — Eles ganham um salário mínimo, claro, e o trabalho é terrivelmente desagradável. Aquele triturador de lixo no clube de campo está sempre entupido.

— Ah, verdade? Você deveria ver o que acontece quando alguém deixa de lavar um misturador de cimento no fim do dia. Esse é um problema sério.

Ele pegou a caneca e olhou firme para a esposa. Ashley afastou uma mecha de cabelos ruivos da testa enquanto se sentava numa cadeira perto do sofá.

— É exatamente o que estou dizendo — ela explicou. — É muito difícil encontrar empregados responsáveis. Graças a Deus não tenho de chegar perto do triturador de lixo. Eles chamam o lugar de imundícia. No momento em que aquilo congela, a água malcheirosa e cheia de gordura explode e espirra em todo mundo. Não adianta nem usar avental. E as pessoas deixam muita comida nos pratos. Ah, cara, aposto que o clube de campo poderia alimentar metade dos chineses com a comida que jogamos fora. Comida boa também, como camarões inteiros e bifes do tamanho da minha mão. Ainda bem que não tenho de ver aqueles restos de comida descendo pelo cano. É nojento. Só o fato de ter de

colocar os pratos na lavadora já é desagradável o suficiente. Esta noite foi horrível.

Brad tomou um gole de chocolate quente e olhou atentamente para a esposa enquanto ela falava. Ashley estava bonita, como sempre. Mesmo depois de um turno de trabalho longo e difícil, ela chegava em casa com uma aparência de dar água na boca. Havia prendido o longo cabelo com alguns palitos compridos para mantê-los no alto da cabeça. Naquela noite, apesar da camisa branca e da calça preta que usava no trabalho, ela tinha um ar exótico. As contas que escolhera complementavam o efeito — azuis e brancas, com desenhos complexos que ela esculpia na argila. Ele deveria elogiá-las, mas não queria de maneira alguma levantar o assunto das contas, pois ela falaria dele horas a fio. Melhor seria voltar ao assunto do trabalho dele — a betoneira barulhenta, a massa aplicada nos tetos, todas as coisas sobre as quais Ashley sempre lhe perguntava com admiração.

— Você está me ouvindo? — ela perguntou.

— Claro. — Brad sacudiu o corpo internamente. O que ela estava dizendo? — Você me contou que dois lavadores de pratos não apareceram para trabalhar.

— É verdade, e com isso eu e o resto do pessoal tivemos de nos revezar para ir até lá e fazer a máquina funcionar. Ah, droga. Vou lhe dizer uma coisa. Se tiver de fazer isso novamente, vou entrar em greve. Jay disse que está planejando falar com os proprietários sobre um aumento do salário-base dos lavadores de pratos. Senão, que tipo de gente aceitaria trabalhar para ganhar aquele salário? É ridículo. Esse pessoal humilde chega, trabalha por alguns dias e nos deixa na mão.

— Espere um pouco... Jay? — Brad esforçou-se para desviar a atenção do pescoço longo de Ashley. — Quem é Jay?

— Eu falei sobre ele outro dia. É o chefe do setor de relacionamento com os clientes. Ele toma conta da cozinha o tempo todo. É uma das áreas principais. Se os clientes não gostarem da comida, não vão voltar.

— Você conversa com esse cara? Com esse tal de Jay?

— Claro que converso — ela tirou um dos palitos dos cabelos. — Ele é muito divertido. Quando ele aparece, o meu humor muda. *Você* mudou meu humor de verdade esta noite. O que deu em você para limpar a casa? Está maravilhosa. Estou impressionada. Você é incrível!

Brad sentiu um fluxo de adrenalina correr por seu peito, fazendo o coração começar a bater com força. Ashley havia tirado o segundo palito, e seus cabelos caíram como lava vermelha. Charlie Moore estava certo, Brad pensou um pouco surpreso. A situação estava melhor do que Brad esperava. Ashley notara seus esforços para limpar a casa e, acima de tudo, estava começando a fazer-lhe elogios — *e* despindo-se lentamente diante dele.

— Não foi muito difícil — ele disse. — O banheiro foi a pior parte, mas o resto foi moleza. Sei lidar com uma vassoura. No trabalho, há muita coisa para ser varrida depois que a gente dá uma boa lixada na massa. Passei o dia inteiro aplicando massa nos tetos. Quase todos são altos... como tetos de catedrais. É muito complicado trabalhar lá em cima. Só faz esse tipo de serviço quem entende muito bem do assunto.

Ashley chutou os sapatos para longe e sentou-se sobre as pernas cruzadas.

— Detesto varrer. Ainda bem que temos empregados para fazer esse trabalho no clube de campo. Se eu tivesse de passar o aspirador de pó embaixo daquelas mesas, acho que vomitaria. Eu não gostava nem um pouco de varrer a lanchonete, mas sempre tinha de fazer isso, claro. Eu me sentia um zero à esquerda quando as pessoas paravam para comprar sorvete.

Ashley tomou um gole de chocolate, mas, antes que Brad tivesse tempo de abrir a boca para falar de seu trabalho, ela recomeçou a ladainha.

— Ah, e por falar em gente rica, adivinhe quem apareceu no clube esta noite. Nossa vizinha de porta. Miranda Finley. Ela disse que finalmente está se mudando para a casa. Pobre do sr. Moore. Acho que ela está sobrecarregando esse homem de tanto trabalho. Ela convidou algumas amigas de St. Louis para jantar esta noite, porque não vai passar o Natal lá este ano. O pessoal de lá tem o costume de levar as mulheres para jantar fora antes do início da parte mais estressante das festas de fim de ano. Acho que a tradição vem do tempo em que os filhos ficavam em casa e elas precisavam organizar a ceia, cuidar da decoração do ambiente, embrulhar presentes, todas essas coisas divertidas. Mas eu diria que é muito difícil imaginar uma mãe parecida com Miranda Finley, não?

Ciente de que Ashley lhe fizera uma pergunta, Brad voltou a concentrar-se na esposa. Ele estava admirando suas pernas bem torneadas e conjeturando por que ela não lhe perguntara mais sobre seu trabalho no projeto do condomínio nem lhe dera a chance de comentar o elogio de Bill Walters.

— Penso às vezes como seria ter um filho — Ashley prosseguiu, sem esperar a resposta. — Entendo como você se sente sobre isso, Brad... sobre esperar. Entendo. Entendo mesmo. Mas você já pensou em ser pai? Acho incrível ser mãe. Eu adoro crianças. Queria ser professora de jardim de infância, lembra?

Brad assentiu com a cabeça.

— Ah, sim. Acho que lembro.

— Você *acha*? Eu falava muito disso nos tempos de namoro. Aliás, tentei economizar dinheiro durante um tempo para estudar na faculdade e receber o diploma de professora.

Brad engoliu em seco, esperando que ela não levantasse o assunto de que o dinheiro economizado havia sido gasto na compra do caminhão que ele destruíra pouco antes de sua segunda infração por dirigir alcoolizado. O caminhão foi tomado. Enquanto ele tentava encontrar um jeito de mudar de assunto, Ashley voltou a falar.

— Um dia desses, contei a Jennifer sobre meu sonho de lecionar para crianças pequenas. Penso que o trabalho que faço com as contas vem do amor que sinto por crianças. Não sei, Brad... Para mim, as contas parecem tão... infantis. Jennifer não concorda, mas não imagino por que todo mundo fica tão entusiasmado com elas. Penso às vezes que uma criança seria capaz de fazer os mesmos desenhos. As contas *não são* uma arte. Mas Miranda diz que suas amigas as adoram porque são especiais. Ela está sempre falando sobre minhas contas, sabe?

Se havia um assunto que Brad conhecia bem, esse assunto eram as contas de sua esposa. E ele não queria de maneira alguma falar sobre elas naquela noite. Além do mais, o que ele poderia dizer? Para ele, pareciam uma espécie de criancice. Na escola, ele se interessava por matemática e ciências, mas não entendia por que as pessoas sentiam atração pela arte. Principalmente por aquelas contas, que passaram a ser mais importantes que ele.

— Por que você não diz nada? — Ashley perguntou, com um pouco de tremor na voz. — Acha que minhas contas não valem nada? Aposto que sim. Você acha isso, não? Não gosta delas. Acha que são feias.

— Eu nunca disse isso — Brad protestou. — Apenas vou ficar feliz quando o Natal terminar para que as coisas voltem ao normal aqui em casa.

O rosto de Ashley empalideceu e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Espere, não me entenda mal. — Ele fechou as mãos com força, tentando consertar o erro. — Suas contas são lindas, Ash. São... bem, as mulheres as adoram com certeza. É que eu sinto falta da vida que tínhamos. Só isso.

— A vida que temos agora não tem nada a ver com as minhas contas. — A expressão de seu rosto mudou de decepção para raiva num piscar de olhos. — Não há nada de errado com uma mulher que queira ir atrás de seus sonhos. Jennifer e eu conversamos sobre esse assunto.

— OK — ele conseguiu dizer.

— Jen não sabe agora se quer ser missionária, e eu lhe disse para fazer a escolha que desejar. Ela também não sabe o que fazer com Cody. Ele é muito bonito, claro, mas estranho demais. Há uma parte dela que o ama. Há outra parte que deseja ter um companheiro normal. Eu disse: "Ei, você não pode confiar que qualquer homem se transforme no que que você gostaria". Veja o nosso caso, Brad. Pensei que a gente passaria do namoro para o casamento sem nenhum problema. Mas agora tudo está diferente. Jennifer disse que devemos discutir nossa relação. Então... você quer fazer isso?

Passando os dedos por entre os cabelos, Brad tentou pensar numa resposta apropriada para aquela súbita bomba destruidora. *Não*, claro que ele não queria discutir a relação! Era a última coisa no mundo que ele queria fazer. Preferia lavar vasos sanitários ou limpar banheiros pelo resto da vida a ter de conversar sobre o relacionamento entre eles.

— Você não quer conversar sobre isso, certo? — ela estava perguntando, com um apelo nos olhos castanhos.

— Bom, isto é... claro. Acho.

— Eu esperava que fizéssemos as mesmas coisas do tempo em que namorávamos. Discutir tudo na vida... todos os sentimentos, sonhos e pensamentos. Caminhar conversando à beira do lago. Ir ao cinema. Ficar agarradinhos. Você não gostava disso?

— Gostava, claro.

Brad sentiu-se incomodado — como um urso que coça as costas em um tronco e se vê obrigado a subir na árvore quando chega um cão de caça. Ele não está com medo. Está apenas inquieto. Coçando. Quer movimentar-se. Levantar-se. Andar. Fazer qualquer coisa para sair daquela situação.

— Eu adorava quando você me levava para um passeio de carro e ouvíamos música durante horas. — Ashley esticou o corpo, colocando os pés com meias na

mesinha de café e recostando-se na cadeira. — Lembra? E você brincava com meu cabelo. Eu ficava feliz quando você mexia em meus *clips* de cabelo e em meu pente. Acho que poderíamos fazer essas coisas mais vezes.

Brad lembrava. Claro que lembrava aqueles tempos tranquilos quando ele e Ashley ficavam juntos, sem ninguém por perto, concentrados um no outro e apreciando a intimidade que ambos sentiam. Aliás, ele não se importaria de passar os dedos no cabelo da esposa naquele exato momento. Quando começou a se movimentar, ele viu que Ashley mudara mais uma vez o rumo da conversa, agora para um assunto inesperado.

— Há muita coisa interferindo em nossa vida nestes dias — ela se lamentava. — Sua mãe vive telefonando para me passar receitas. Acho que ela está tentando ser gentil, mas isso me aborrece. Parece que ela imagina que não sou a esposa ideal para você. Faço o melhor que posso na cozinha. Se ela se preocupa tanto com isso, por que não ensina *você* a cozinhar? Todos os *chefs* no clube de campo são homens, mas, em casa, todos acham que as mulheres devem preparar as refeições. Que estupidez. Jay concorda comigo nesse ponto, Brad. Estou tentando ser gentil com seus pais, apesar das frequentes interferências de sua mãe, mas não entendo por que você não quer mais ir à lanchonete de minha família. Você passava o tempo todo lá. Ficávamos juntos, mesmo quando eu estava trabalhando. Penso que você não vai mais lá porque não gosta de meu pai.

"O quê?!" Brad soltou a respiração e levantou-se do sofá. Aquilo não fazia parte de seus planos de jeito nenhum. Ashley deveria admirar a limpeza que ele fizera na casa e perguntar sobre seu trabalho no projeto do condomínio. Não aquela discussão sobre relacionamento. Não foi assim que ele planejara a noite.

— Você gosta do meu pai? — Ashley perguntou.

— Claro. — Brad dirigiu-se à cozinha, com Tagarela acompanhando-lhe os passos. — Ele é legal.

Brad pegou uma cerveja e abriu-a. Se nos próximos minutos tivesse de aguentar o discurso de Ashley sobre a condição do casamento deles, seria melhor fortalecer-se um pouco. A bebida eliminaria parte do desconforto de ter de sentar-se e ouvi-la falar de sua família, suas amigas, seus sonhos, suas contas...

— O que você está fazendo? — Ashley inclinou-se para a frente na cadeira enquanto ele voltava ao sofá.

— Tive um longo dia, e estou cansado. Se você já esqueceu, trabalhei o dia inteiro passando massa nos tetos.

— Bom, eu fiquei lavando pratos, e você não está me vendo tomar cerveja, está? Por que você precisa beber?

— É só uma cerveja, Ash. Fique fria. Não vejo nenhum problema.

— O problema está nas multas que você toma por dirigir alcoolizado.

— Estou com cara de quem vai dirigir?

— Não, mas você dirige quando está bêbado.

— Gosto apenas de tomar uma geladinha de vez em quando, principalmente quando as coisas começam a esquentar em casa.

— Como assim?

— Você está sempre procurando encrenca, Ashley. Tentando encontrar problemas entre nós. Um minuto atrás, você estava detonando minha mãe, como sempre. Se tenho de ouvir isso, é melhor passar o tempo fazendo *uma* coisa que me dá prazer.

— Estávamos conversando, Brad. Discutindo nosso casamento.

— *Você* estava falando. E falando e falando. Fiquei sentado aqui com Tagarela, que já deve estar querendo sair de novo.

Quando ele se levantou, Ashley pulou da cadeira e parou diante dele no sofá.

— Não se atreva a falar comigo deste jeito, Bradley Hanes! Pela primeira vez em nosso casamento, estamos tendo uma conversa decente. Eu estava falando de meus sentimentos, de meu emprego, de nosso relacionamento e de minhas amigas.

— Seu emprego? Aquele onde você conversa com Jay o tempo todo? Suas amigas? Como Jennifer, que acha que precisamos conversar até morrer? Nosso relacionamento, que está se afogando?

— Não está! Não diga isso, Brad — irrompendo em lágrimas, ela ajoelhou-se e cobriu o rosto com as mãos. — Imaginei que você tivesse limpado a casa como um presente para mim. Pensei que você quisesse um pouco de tempo comigo... Como fazíamos antes. Pensei que tudo fosse ficar bem novamente. Ah, isto é terrível!

— Não é terrível, Ash. Estou tomando uma cerveja, e você está tendo um chilique.

— Mas você bebe o tempo todo, e destruiu seu caminhão...

— Eu já disse que não quero mais falar sobre aquele caminhão! — Quando ele se levantou, o cãozinho pulou do sofá e correu para a porta. — Está vendo? O Tagarela precisa sair. Ele está aprendendo. Tudo vai ficar bem, Ashley. Você

não precisa fazer tanto estardalhaço por causa disso. Com você, parece que há uma catástrofe aqui. O que está havendo? Você está com TPM ou coisa parecida?

— Ah! — Ela levantou-se e endireitou o corpo enquanto gritava com ele. — Como você se atreve a dizer que isso faz parte de nossos problemas? Comecei a menstruar quando tinha 11 anos, e isso nunca me causou tantos problemas quanto você. *Você* é quem está errado aqui. Você é que não consegue conversar nem por dez minutos sem correr até a geladeira para pegar uma cerveja.

— Eu limpei a casa para você, mulher! Ouvi você falar por pelo menos uma hora. Você não para nunca. Sua boca se mexe o tempo todo. Falando, falando, falando. Preciso de um tempo, tá? Para sua informação, trabalhei duro o dia inteiro passando massa nos tetos, sem falar que o sr. Moore e eu quase nos matamos naquele piso da cozinha. Faço tudo isso por você, e nunca recebo uma palavra de agradecimento. Quando você não está detonando minha família ou minha bebida, está falando sem parar sobre suas contas. Bom, anote isto: admiro suas contas idiotas e elogio cada pedaço de carne queimada que você tira do forno. Eu dizia que amava você o tempo todo, e era verdade. Mas você não tem mais tempo nem de ouvir isso, tem? Está sempre tão ocupada falando de seus *sentimentos*, quase sempre arrasando comigo, que não tem tempo para me dizer uma palavra carinhosa. E quer saber? Nunca mais vou levantar um dedo para ajudar na limpeza da casa. E quanto às minhas cervejas, vou tomar quantas eu quiser e quando eu quiser, por isso nem pense em tentar me fazer desistir. Vamos, Tagarela. Vamos sair daqui.

Brad segurou firme na maçaneta e olhou para baixo. O cãozinho estava sentado ao lado de várias pedras grandes marrons. Só que não eram pedras. Com um resmungo de frustração, ele levantou o cãozinho do chão, abriu a porta com força e andou em direção ao jardim. Seria preferível dormir em seu carro numa noite gelada a ter de permanecer dentro de casa com aquela mulher.

6

Carregando o cãozinho com uma das mãos e um sanduíche na outra, Brad abriu a porta da Rods-N-Ends às 6 horas da manhã seguinte, depois de passar a noite tremendo dentro do carro, na companhia de um cão choramingando e se contorcendo de encontro a ele. Dentro da loja de artigos para pesca, Brad bateu as botas de trabalho com força no chão para desvencilhar-se da neve. Pete Roberts cumprimentou-o detrás do balcão, mas Brad certamente não estava a fim de bater papo.

Esse pensamento lhe ocorreu antes de avistar Yvonne Ratcliff vasculhando uma fila de prateleiras ao longo da parede perto da caixa registradora.

— Você não vende cigarros, Pete? — ela perguntou com sua conhecida voz rouca enquanto se virava de frente para o corpulento dono da loja. — Os meus acabaram, e meus nervos ficam em frangalhos quando... — os olhos dela pousaram em Brad. — Ei, bonitão. Pensei que você tivesse sumido da face da terra. Onde fica seu esconderijo?

Brad deu de ombros. Ele parecia ter andado até cair de exaustão, rolado na fuligem e depois numa camada de pedregulhos. A aparência de Yvonne não era muito melhor que a dele, para dizer a verdade. Apesar de seus cabelos sedosos e do corpo em ótima forma, havia círculos escuros sob seus olhos. Os lábios que deviam estar pintados de batom brilhante algumas horas antes, agora pareciam borrados e inchados. Aquela saia curta de couro preto e o par de botas combinando poderiam dar um toque de sensualidade se não houvesse um furo enorme na meia, perto do joelho.

— Ah, Brad — Pete disse em voz alta. — Seu cão não pode entrar aqui, amigo. Sinto muito, mas eu sirvo comida, e é proibida a presença de animais, a não ser que estejam acompanhando um deficiente físico.

— Ele está muito parecido com um deficiente físico, Pete — Yvonne disse, com voz arrastada, rebolando em direção a Brad. — Você deve ter tido uma noite arrasadora, meu bem. O que aconteceu? Sua mulher chutou você e seu cãozinho na neve?

Com uma das sobrancelhas levantadas, ela sorriu de leve para Brad, levantou a mão e tentou pegar o cão, mas Tagarela rosnou forte e mostrou os dentes para ela.

Puxando a mão rapidamente para proteger os dedos, Yvonne deu uma risada irônica.

— O que é isto? Um tipo de cão de guarda? — Ela jogou uma mecha de cabelo castanho-escuro sobre os ombros. — Bom, é melhor eu ir andando. Tenho de chegar em casa antes que meu filho acorde. Tive uma longa noite. Ensaiei uma nova série depois que o Larry fechou as portas. Você deveria aparecer por lá, Brad. Agora tem um novo cara que me acompanha ao violão. O nome dele é Josh. Ele toca bem, e fico feliz por ele me fazer companhia. Claro que ele nem chega a seus pés, Brad.

Ao ouvir aquele elogio dito em voz alta, Brad finalmente conseguiu dar um sorriso. Bom, pelo menos *alguém* o considerava atraente.

— Acho que vou ver você esta noite. Se a neve continuar a cair, o patrão vai nos dispensar mais cedo.

— Você sabe onde me encontrar. — Ao afastar-se, Yvonne encostou o corpo ao de Brad de uma forma que provocou um arrepio por toda a sua espinha. — Até mais, meu bem.

— Até mais, Yvonne — Brad murmurou, desejando ter ao menos escovado os dentes naquela manhã.

— Você deveria vender cigarros e bebidas, Pete — ela gritou por cima do ombro enquanto abria a porta, deixando entrar um vento gelado. — Senão, você ficará sem fregueses neste inverno. As pessoas não conseguem viver sem seus vícios, você sabe.

Com uma risada, ela deixou a porta vaivém fechar atrás de si e atravessou o estacionamento coberto de neve.

Brad encarou Pete.

— Não posso deixar Tagarela no carro, homem. Está frio demais. Nós dois precisamos nos aquecer, e Bitty não tem espaço para sentarmos dentro do Pop-In. Se você me deixar comer meu lanche aqui, saio do seu caminho em seguida. Você tem café?

Pete olhou para ele por um tempo tão longo que Brad começou a sentir-se constrangido — como se o homem mais velho fosse capaz de ler seus pensamentos mais íntimos. Da mesma forma que Yvonne, Pete certamente

suspeitava que Brad e Ashley tivessem brigado. Provavelmente sabia que Brad dormira no carro. E diante do comportamento sedutor de Yvonne, Pete devia desconfiar que havia algo entre eles. Talvez tenha até imaginado que Brad não tinha dinheiro suficiente para pagar um café reforçado no restaurante de Bitty Sondheim.

— Pegue o seu cão e venha aqui atrás — Pete ofereceu, passando por vitrinas de artigos de pesca, garrafas térmicas, coletes salva-vidas e camisetas com a logomarca do lago de Ozarks estampadas nelas. — Mas não faça barulho. Faço reuniões com alguns homens aqui, e não quero que ninguém saiba que permiti a entrada de um cão em meu estabelecimento. Yvonne Ratcliff é um pouco avoada, mas sabe de algumas coisas que acontecem no lago. Sem meus fregueses de verão para comprar gasolina e iscas, mal estou ganhando para pagar o aluguel nestes dias. E com certeza não quero ver o pessoal da vigilância sanitária fungando no meu pescoço.

Brad deu uma mordida no lanche. Quem se reuniria nos fundos da loja de Pete àquela hora da manhã? Em geral, as únicas pessoas que estavam acordadas e andando eram os trabalhadores da construção preparando-se para enfrentar o dia e os *barmen* ou as cantoras — como Yvonne — preparando-se para sair do trabalho.

— Você vai mesmo fazer isso? — Charlie Moore estava perguntando a Derek Finley. — Falando francamente, meu amigo, acho que não é prudente.

Para surpresa de Brad, ele reconheceu a maioria dos homens sentados em cadeiras dobráveis, dispostas em círculo, perto da cafeteira. Vários moravam em Deepwater Cove. Steve Hansen, o corretor imobiliário da localidade, avistou-o e sorriu.

— Ora, ora, se aquele não é Brad Hanes — Steve disse. — Pegue uma xícara de café e venha nos fazer companhia.

— Brad? — Charlie ergueu a cabeça, sem acreditar no que via. — Você veio para o estudo bíblico?

— Estudo bíblico? — Brad deu um passo para trás. — Vim aqui para tomar um café.

— Sente-se por alguns instantes, meu jovem amigo. — Charlie bateu de leve no assento de uma cadeira vazia ao lado dele. — Esse aí é o Tagarela?

Pete decidiu intervir.

— Sei que isso contraria as leis, Derek. Não me entregue, está bem?

— Minha jurisdição é o lago — o patrulheiro replicou.

— Ei, amiguinho — Charlie disse, com o olhar carinhoso focado na bola de pelos no braço de Brad. — Por que está tremendo? Sou eu. Aposto que você sentiu o cheiro de Boofer, não?

Brad não teve coragem de admitir que manteve o cão no carro gelado a noite inteira. Charlie esticou os braços para a frente, e Tagarela pulou, feliz, para o aconchego das mangas de flanela do homem mais velho. Pete entregou uma caneca grande de café preto a Brad, e, antes de ter tempo para pensar, ele já estava sentado na companhia dos outros homens.

— Bem-vindo ao grupo de estudo bíblico para homens — Derek Finley disse, entregando um livrete a Brad. — Steve está conduzindo um estudo sobre o evangelho de João. Reunimo-nos todas as quartas-feiras de manhã, mas acho que você chegou um pouco atrasado hoje, Brad. Acabamos de concluir o estudo da semana. No final da reunião, cada um de nós faz um pedido de oração. Este é um grupo fechado. Significa que todos nós demos a palavra de não passar adiante nada do que é dito aqui.

— OK — Brad disse, sentindo o café quente descer pela garganta e cair no estômago. — De qualquer forma, não planejo ficar.

— Não importa. — Derek olhou firme para ele. — Esta é uma reunião particular. Temos de pedir que você siga nossas regras.

— Claro. Sem problemas. — Brad segurou a caneca quente com as duas mãos e olhou demoradamente para Tagarela. O cãozinho adormecera no colo de Charlie e estava roncando tão alto que o grupo inteiro ouviu.

Derek riu para o cão e voltou a falar.

— Adotamos para o nosso grupo o formato das reuniões dos Jogadores Anônimos que frequento, Brad. A promessa de sigilo facilita para que o homem abra seu coração.

Jogadores Anônimos? Brad abriu a boca, surpreso ao ouvir as palavras do patrulheiro aquático. Ele não sabia que aquele cidadão de ombros eretos e porte altivo de Deepwater Cove tinha um problema em sua vida aparentemente perfeita. Derek Finley — um homem viciado em jogo?

— Eu estava contando aos outros homens que me ofereci para ensinar Cody Goss a dirigir — Derek explicou. — Steve acha que, com o treinamento que recebeu de sua esposa e filha, Cody está pronto para fazer o exame escrito. Se ele

conseguir a licença provisória, alguém vai precisar ensiná-lo a dirigir. Estou disposto a fazer isso.

— Sou contra essa coisa toda — Charlie disse em voz alta. — Minha esposa e eu tivemos muitos problemas com o carro para me deixar mais que precavido. Conheço sua boa intenção, Derek, mas você tem dois gêmeos em casa e outros dois a caminho. Cody é um sujeito de boa índole que não faria mal a uma mosca, mas macacos me mordam se eu confiar nele atrás de um volante.

— Ele já amassou o carro de Jennifer — Steve lembrou ao patrulheiro. — Nunca vou saber por que a minha filha permitiu que Cody a levasse para dar uma volta em seu novo carro. O rapaz não conseguiu sair do estacionamento sem bater no poste.

A intensidade no olhar de Derek mostrou que ele não desistiria.

— Cody ainda não tem a experiência, mas vai ter. Ele é artista, e isso exige grande coordenação entre mãos e olhos.

— Mas onde está o bom senso? — Charlie perguntou.

— Creio que ele vai conseguir se tiver tempo suficiente para treinar. Pode ser que leve mais tempo que uma pessoa comum, mas veja quem são as pessoas que estão dirigindo em nossas estradas e na água. Pessoalmente, acho que, com o tempo, Cody vai ser capaz de dirigir um veículo melhor que a maioria das pessoas.

— Nisso você tem razão — Charlie finalmente admitiu. — Tudo bem, vamos orar por você, Derek. E por Cody também. E agora, eu gostaria de fazer um pedido de oração para o Senhor me proteger na viagem que farei à Califórnia.

— Califórnia? — Brad disse sem pensar durante a última mordida no sanduíche.

— Achei que já havia contado a você. Vou visitar meu filho, Charles Jr., e sua família no Natal. Esther e eu planejávamos... planejávamos...

De repente, Charlie não conseguiu mais falar. Com os olhos vermelhos, ele tentou pronunciar as palavras, e Brad reconheceu o sofrimento no rosto do amigo. Desejando consolá-lo, mas com medo de baixar a guarda diante dos outros homens, Brad tomou outro gole de café e surpreendeu-se ao ver Derek esticar o braço e dar um aperto de leve no ombro curvado de Charlie.

— Você e Esther planejavam visitar os netos no Natal — Derek terminou a frase. — Vamos nos lembrar de você em nossas orações, Charlie.

— Com certeza — Pete Roberts confirmou.

Brad notou que Pete entrava e saía para atender os clientes que chegavam à sua loja. Apesar de ter perdido parte da discussão sobre as lições de direção de Cody, ele estava ciente da próxima viagem de Charlie.

— Vocês precisam orar muito por essa viagem — Charlie disse, forçando um sorriso. — Creio que podemos chamá-la de viagem longa. Mas estou feliz porque vou ter companhia, para não ter de ficar pensando em... pensando muito nas coisas. Digo a vocês que não me sinto muito à vontade para acompanhar Bitty Sondheim na visita que ela fará a seus parentes. Ela faz uma empada deliciosa, mas a mulher é um pouco excêntrica, para dizer o mínimo.

— Sem falar dos pombinhos que você e Bitty terão de manter separados. — Steve Hansen sacudiu a cabeça. — Se você não tivesse se oferecido para tomar conta de Jessica e do noivo dela, eu teria de pôr minha filha num avião para visitar seus futuros sogros.

— Tudo vai dar certo — Charlie disse. — Se Jessica tiver metade da doçura e da integridade da irmã mais velha, ela não me causará nenhum problema. Meu plano é que ela viaje no banco traseiro com Bitty enquanto eu e o rapaz nos revezamos na direção.

Com dificuldade de visualizar os quatro numa estrada em época de Natal, Brad olhou atentamente para Charlie. O homem mais velho estava acariciando a cabeça de Tagarela enquanto o cãozinho dormia. Brad não gostou da ideia de ficar sem seu amigo nas festividades de fim de ano. Embora não fosse nem um pouco parecido com os rapazes que Brad considerava seus amigos, Charlie Moore era uma pessoa em quem se podia confiar como boa companhia e bom conselheiro em todas as situações.

Quando Ashley e ele discutiram acaloradamente na noite anterior, os pensamentos de Brad voltaram-se automaticamente para Charlie. O que ele teria feito se Esther agisse de forma tão maluca? Charlie teria dormido no carro numa noite gelada de dezembro? Como os Moores teriam feito as pazes depois de uma explosão como aquela? Na verdade, Brad sentiu o desejo de dirigir para a casa do amigo e bater na porta.

— Muito bem — Derek disse, enumerando os assuntos nos dedos. — Vamos orar por Cody e por mim, que vou tentar ensiná-lo a dirigir. E vamos orar pela segurança dos que vão viajar.

— Não apenas pela segurança — Charlie interrompeu. — Preciso da ajuda de Deus para entender Bitty. Ela nasceu na Califórnia e vai voltar para o lugar onde todos os seus problemas aconteceram. Sei que ela quer fazer as pazes com

seu passado, mas há muita coisa a ser resolvida. Não sei qual é o relacionamento dela com o Senhor. Não sou pregador, mas gostaria de conversar com ela sobre Deus de forma que ela entenda.

— Vamos acrescentar esse item a nossas orações — Derek disse.

Brad sentiu o desejo de sacudir a cabeça, sem acreditar no que via. Será que aqueles homens maduros pensavam realmente que Deus iria ouvir cada coisinha do que eles tinham a dizer? Brad sabia que algumas pessoas acreditavam nisso, mas ele nunca imaginou que pessoas inteligentes, cultas e bem-sucedidas como aqueles homens acreditassem que Deus se importava com eles.

— Se ninguém tiver outro pedido de oração — Steve Hansen interveio — eu gostaria de pedir que vocês apresentassem meu nome diante do Senhor como marido e pai. Já lhes contei sobre a última primavera quando Brenda e eu tivemos alguns problemas. Estamos com dificuldade de readquirir o equilíbrio.

— Podemos fazer alguma coisa para ajudá-lo? — um dos homens perguntou. Brad achou que o conhecia do setor de empréstimos do banco em Tranquility.

— Principalmente orar. — Steve soltou a respiração. — Brenda sentiu-se sozinha e abandonada por uns tempos. Agora chegou a minha vez. Ela tem tanta coisa para fazer que está difícil encontrar tempo para ficarmos juntos. A nova loja está exigindo muito dela. Brenda está trabalhando muito para deixar tudo em ordem para a correria do Natal.

As palavras de Steve chamaram a atenção de Brad. Ele não esperava um relato tão sincero de Steve Hansen, mas foi reconfortante saber que outro homem também tinha problemas com uma esposa atarefada demais. Aparentemente, Brenda não gritava com o marido por ele ter bebido, mas talvez discutissem por outros motivos.

— Se a loja fosse a única preocupação de Brenda, penso que tudo estaria bem — Steve disse. — O problema é que ela também está trabalhando comigo para reformar e decorar várias propriedades que compramos. Tenho pessoas interessadas em conhecê-las, mas as casas ainda não estão apresentáveis.

— Reconheço que o casamento de Jessica também está mantendo Brenda ocupada. — O rosto de Charlie contorceu-se num riso esquisito. — Puxa! Pensei que Esther fosse ter um ataque de nervos depois que Charles Jr. pediu Natalie em casamento. Apesar de ser a mãe do noivo, Esther planejou tudo. Depois, ela e a mãe de Natalie começaram a se desentender. Que confusão! Tive de me esforçar para não fugir para bem longe.

— Experimente ser o pai da noiva — Steve disse. — Parece que todas as

vezes que entro em casa, há um furacão passando por ali. Bolos, convites, flores, vestidos das damas de honra, *smokings* e tudo o mais que se possa imaginar, como se tivesse acontecido uma catástrofe. Se alguma coisa der errado, paciência. E agora o casalzinho feliz está indo para a Califórnia e deixando a bagunça toda nas mãos de Brenda. Sem falar do fato de que nosso filho, que passou raspando do segundo para o terceiro ano na Universidade do Missouri, decidiu não vir para o Natal deste ano. Ele vai para Key West, na Flórida, com alguns amigos. Brenda não está concordando com isso.

— Como Jennifer está passando nesses últimos dias? — Pete perguntou. — A última vez que ela esteve aqui para abastecer o carro, eu mencionei aquela viagem ao México. Ela ainda não queria falar sobre o assunto.

— Agora ela está um pouco mais animada. — Steve olhou de relance para Brad. — Está ajudando a esposa de Brad no projeto dos colares. É claro que tudo está indo muito bem. Jennifer disse que elas estão fazendo o possível para aprontar tudo antes do Natal. Sempre ouço Jennifer e Ashley conversando e rindo no porão como duas adolescentes.

Ashley conversando e rindo? Aquela não se parecia com a jovem irada e de voz esganiçada de quem Brad fugira na noite anterior. Por que as mulheres pareciam conviver tão bem umas com as outras, mas não com o marido ou namorado? Os homens também agiam da mesma maneira. Brad e seus amigos nunca discutiram sobre assuntos como bebedeira ou trabalhos domésticos.

O casamento não é para qualquer um.

Seria melhor passar um tempo agradável com uma mulher — com uma pessoa despreocupada e divertida como Yvonne — e partir para outra. Brad não conseguia imaginar o que levara Pete Roberts a pedir Patsy Pringle em casamento. O homem já havia casado duas vezes, e deveria ter aprendido alguma coisa. Patsy era muito simpática no salão de beleza, mas, sem dúvida, seria uma pedra no sapato após o casamento.

— Algo mais? — Derek perguntou.

Ao ver que ninguém se manifestou, Steve iniciou uma oração que, no entender de Brad, bateria o recorde mundial. Começou a falar como se Deus estivesse presente na reunião dos homens e ouvindo cada palavra. Primeiro, Steve recitou uma montanha de agradecimentos — pelo lago, pela neve, pelas famílias, pelos amigos e assim por diante até o ponto de Brad querer tirar Tagarela dos braços de Charlie Moore e sair de fininho da loja.

No exato momento em que Brad imaginou que Steve terminaria a oração, o homem iniciou um discurso de apologia a Deus. Perdão por isso, perdão por aquilo. Steve — que tinha o direito de ser um dos homens mais orgulhosos do lago — parecia ser a pessoa no nível mais baixo da pirâmide. E levou todos os homens do grupo a descer ao nível dele. Disse a Deus que eles lamentavam por tê-lo menosprezado, por não separar tempo suficiente para ler a Bíblia, pelas palavras ofensivas que poderiam ter proferido, por ter olhado para as mulheres com pensamentos impróprios...

Aquilo pegara Brad de surpresa. Ele tentou manter a cabeça curvada, mas, ao ouvir a confissão de Steve, Brad olhou de relance para o grupo e viu Tagarela fitando-o com seus grandes olhos castanhos. O cãozinho ouvira as discussões e os gritos na noite anterior. Embora em silêncio, aquele animalzinho sabia que seu dono se encontrava em apuros. E agora... para espanto de Brad, parecia que Tagarela também conhecia tudo a respeito de Yvonne Ratcliff.

Seria possível? Ou era o sentimento de culpa atormentando-o?

Quando Steve prosseguiu pedindo a ajuda de Deus para cada problema que os homens haviam mencionado, Tagarela decidiu saltar do colo de Charlie. O homem tentou segurá-lo, mas o cãozinho serelepe caiu de barriga no chão e correu em direção a Brad.

Ao levantar o cãozinho do chão, Brad viu Charlie olhando para ele com uma expressão de tristeza no rosto, semelhante à que Tagarela demonstrara momentos antes. Embora Steve estivesse orando pela proteção de Derek e Cody Goss, Charlie parecia estar falando baixinho, como se estivesse consultando, lendo a mente de Brad e transmitindo-lhe mensagens dele próprio.

Enquanto trabalhavam juntos, os dois homens conversavam com tanta frequência que Brad quase podia sentir o que se passava na mente de Charlie. Na verdade, ele tinha certeza disso.

Embora estivesse com os olhos abertos e a boca imóvel, Charlie estava *orando* por Brad e Ashley.

Brad assustou-se tanto ao perceber isso que teve de engolir o súbito nó que se formara em sua garganta. A verdade era uma só: Brad amava Ashley — e Charlie sabia disso. Brad também sabia.

Ashley sabia?

Charlie quase destruíra seu casamento com Esther. Embebedou-se e foi parar num clube de *strip-tease*. Mas ele amava tanto Esther que até agora mal

conseguia pronunciar o nome dela sem chorar.

Brad sentiu que Charlie estava orando por um amor idêntico no casamento dos Hanes. Desconfortável diante da intimidade do momento, Brad curvou a cabeça e coçou a parte posterior das orelhas de Tagarela.

Passar uma hora no início da manhã num estudo bíblico e em oração parecia uma maluquice, mas os outros homens deviam gostar disso a ponto de voltar sempre. Brad não deu muita importância a isso, apesar da oração homérica do líder do grupo. O café desceu suavemente, e a área dos fundos da loja de artigos para pesca era aconchegante. Se Tagarela não estivesse fuçando o bolso do casaco de Brad na esperança de encontrar um petisco, o ambiente estaria aquecido e confortável o suficiente para fazer uma pessoa cair no sono. Principalmente agora que Steve estava orando pelo prefeito, pelo governador, pelo presidente e até por alguns inimigos dos Estados Unidos.

No momento em que sentiu as pálpebras pesadas, Brad ouviu um coro forte de améns. E todos estavam animados, servindo-se de mais café, acariciando Tagarela, desejando uma boa semana uns aos outros e saindo pela porta dos fundos.

Charlie aproximou-se dele perto da porta.

— Que bom vê-lo aqui, Brad. Saiba que você é bem-vindo a qualquer hora para participar da reunião conosco.

— Obrigado, sr. Moore. Eu gostaria de conversar mais um pouco, mas estou atrasado para o trabalho. Hoje não há problema por causa da neve. O patrão sabe que não vamos chegar no horário. Mas nos outros dias, meu patrão fica uma fera quando chego depois que os outros empregados já começaram a trabalhar.

Aquilo não era exatamente verdadeiro. O estudo bíblico começava às 6 horas e Brad tinha de se apresentar no trabalho às 7, portanto ele poderia chegar no horário. Bill Walters raramente permitia que os empregados que trabalhavam no lado oeste do lago e moravam em Deepwater Cove chegassem mais que cinco ou dez minutos atrasados. Apesar de não gostar que Brad chegasse atrasado, o homem provavelmente faria uma exceção para uma reunião como aquela. Walter era tão religioso que não permitia que os homens dissessem um palavrão que lhe chegasse aos ouvidos.

— Então, até mais ver — Charlie disse com um movimento afirmativo de cabeça. — Acho que só nos veremos no início do próximo ano. Cuide do

cãozinho. Boofer vai sentir falta de brincar com ele. Boof vai ficar no canil enquanto eu estiver fora, mas não parece se importar muito com isso.

— Quem sabe Tagarela e eu vamos fazer uma visita a ele.

— Isso seria ótimo. — Charlie olhou para um dos cantos do teto por um momento. — Seu primeiro Natal com sua mulher, não? Hummm. Lembro-me muito bem do meu. Não se esqueça de comprar um presente que Ashley goste de verdade. Algo que diga que você gosta muito tela. E gaste um pouco de dinheiro no presente, se puder. Cometi um ou dois grandes erros em minha época. Escolher o presente certo faz a outra pessoa pensar muito na gente.

Brad pôs a caneca de café numa mesa ao lado.

— Acho que vou comprar um colar de contas para ela.

Charlie entendeu o comentário imediatamente e riu. Mas para Brad, a expectativa de passar o Natal com Ashley não era exatamente engraçada. Ele não tinha certeza se estariam juntos, muito menos se abririam pacotes embaixo da árvore de Natal.

— Boa viagem, sr. Moore — Brad disse. — Faça Bitty conversar sobre comida. Isso a manterá ocupada.

— Excelente ideia. Mas não se esqueça. Bitty vai viajar no banco traseiro com Jessica Hansen. É com o noivo que vou ter de conversar.

Ao ouvir isso, Brad deu um tapinha no ombro do amigo.

— Qual é, sr. Moore? O senhor não está pensando que Jessica e o namorado vão viajar o tempo todo até a Califórnia sentados longe um do outro, está? Sem chance. O senhor e Bitty vão se revezar na direção. E se eu fosse o senhor, não ficaria olhando os ocupantes do banco traseiro pelo espelho retrovisor. Imagine só o que vai ver.

Visivelmente pálido, Charlie engoliu em seco.

— Essa não. Talvez seja exatamente neles que vou *ajustar* o espelho retrovisor. Não podemos permitir nenhuma agarração. Sou responsável pelos dois. Steve Hansen vai comer meu fígado se eu não tomar conta da filha dele.

— Ora, sr. Moore, o senhor está muito por fora dessas coisas. Hoje em dia, ninguém segue essas regras antigas. Se o sr. Hansen pensa que sua filha vai ficar santinha perto do noivo, ele é muito mais bobo do que parece. Não conheço uma única mulher que não ceda de vez em quando diante do homem certo. É assim que funciona.

— Talvez seja esse o problema — Charlie apontou o dedo para Brad. — Você pode me chamar de velho antiquado, mas sei que há alguns jovens hoje em dia que dão valor à pureza. Isso faz diferença. E nunca é tarde demais para pedir perdão a Deus pelo passado e começar tudo de novo. Não se esqueça disto, ouviu?

— Ouvi, sr. Moore.

Brad sacudiu a cabeça enquanto ele e o homem saíam do recinto antes de o dia clarear. Uma camada de neve de mais de 2 centímetros forrava o estacionamento, e cristais de gelo se formavam nas beiras dos telhados das lojas ao longo da rua em Tranquility. Brad acenou um adeus quando o homem mais velho sentou-se ao volante de seu carro.

"Os jovens hoje em dia dão valor à pureza", Brad pensou, contendo o riso enquanto abrigava Tagarela sob a jaqueta de brim e caminhava em direção a seu veículo. Nos tempos de adolescente, ele deixava a pureza em segundo plano. Aliás, ele e seus amigos queriam pôr fim a essa coisa estapafúrdia.

Brad divertira-se com várias garotas antes de descobrir Ashley na lanchonete perto do colégio. Uma das coisas que mais o preocupavam acerca do casamento era ter de deixar seus velhos hábitos para trás. Agora, sentia que deveria ter ouvido melhor sua intuição.

A vida era curta demais para permanecer com uma só mulher — esposa ou não. Quanto mais Brad pensava nisso, mais a ideia lhe parecia ridícula. Ele não podia imaginar que Steve, Derek ou outros homens mais novos que participaram daquela oração piedosa em grupo houvesse esperado até o casamento. As pessoas não faziam mais isso. As garotas agiam da mesma forma. Virgindade era para crianças.

— Oi, Brad. — Jennifer Hansen apareceu detrás do carro dela no momento em que ele abria a porta do dele. O rosto bonito da moça estava emoldurado por um gorro de lã marrom e um casaco combinando. A moça de cabelo dourado lançou um sorriso tímido para ele. — Não esperava vê-lo aqui esta manhã. Você não deveria estar trabalhando?

— Não há problema por causa desta neve toda. — Os olhos de Brad fixaram-se em Jennifer quando ela se aproximou um pouco mais, envolvendo-o com seu perfume adocicado de flores. Ela acariciou as orelhas do cãozinho.

— Ashley me ligou esta manhã. Estava aborrecida. — Jennifer soltou a respiração com cheiro de açúcar com canela. — Poderíamos conversar por alguns minutos? Em particular?

— Em particular? — Brad disse, sentindo o cabelo loiro tocar seu braço por causa do vento. — Claro. Seria ótimo.

7

Conforme Brad imaginava, Jennifer estava a caminho da nova loja de decoração de sua mãe, a Bênção Para o Lar, para abri-la. Brad atravessou o estacionamento com ela e acompanhou-a até o cômodo grande e escuro, repleto de móveis, abajures, travesseiros, velas, tapetes e outros artigos do gênero — a maioria confeccionada perto do lago, ela lhe contou. Antes de acender as luzes, ela riscou um fósforo e começou a acender as velas, uma a uma. Os pavios acesos liberaram no ar um aroma de pinho misturado com cravo, moranga e hortelã.

— Quanto tempo faz que nós nos conhecemos? Desde o jardim de infância? — Jennifer perguntou a Brad.

— Sim.

— Na classe da sra. Kirkpatrick. Você era encrenqueiro na época.

— E sou até hoje.

Ela desvencilhou-se do casaco, pendurou-o num gancho atrás do balcão e tirou o gorro. A eletricidade estática fez seu cabelo longo se espalhar ao redor dos ombros como a luz solar brilhando atrás de uma nuvem. Depois de dar um suspiro, ela parou por um momento, olhando firme para o chão.

Por um motivo que não sabia explicar, Brad quis tomar Jennifer Hansen nos braços, arrastá-la até um dos sofás macios da loja e beijá-la. Ele sentiu o desejo reprimido há muito tempo crescer dentro de si em ondas que amorteciam a razão. Ashley, o grupo de estudo bíblico, Bill Walters, o pessoal da construção, Charlie Moore, Tagarela, tudo foi varrido de seus pensamentos como folhas secas levadas por uma rajada de vento.

A única coisa que importava era aquele momento. Aquela mulher. Com o coração batendo com força, ele concentrou-se nela como se estivesse mirando uma linda caça com um rifle. Seu alvo. Num instante, seu maior desejo.

— Você e eu não nos conhecemos realmente na escola — Jennifer murmurou, acendendo uma lâmpada fraca na mesa ao lado. — Eu era muito tímida, acho. Você nem sequer se lembra de mim.

— Lembro, sim. Você estava no desfile de boas-vindas aos alunos, no ano passado.

— Aquela era minha irmã. Jessica foi eleita rainha quando estava no último ano. Ela é uma borboleta social, eu não.

Brad deu um passo e aproximou-se mais dela. Tagarela escolheu aquele momento para levantar a cabeça e farejar o ar. O movimento do cão trouxe Brad de volta à terra. Aquela era a loja de Brenda Hansen. Jennifer era amiga de Ashley. Ele deveria estar trabalhando.

— Minha irmã e eu éramos amigas de Ashley quando estávamos no ensino fundamental — Jennifer disse, agora andando a esmo pela loja, acendendo uma série de lâmpadas pequenas. — Acho que Ashley lhe contou que a estou ajudando a atender aos pedidos dos colares antes do Natal. Só nos tornamos amigas íntimas depois que voltei da viagem ao México. Meu grupo teve alguns problemas lá. Você deve ter ouvido falar disso.

Tentando separar o bom senso do desejo, Brad permaneceu firme em pé sobre um tapete trançado com fitas cor-de-rosa. Não estava interessado na viagem ao México. E certamente não queria conversar sobre as contas de Ashley. Por que Jennifer o convidara para ir à loja? Com certeza sabia que era atraente. Ela exalava um aroma de sonho, e seu cabelo se movimentava graciosamente sobre os ombros. Quem conseguiria concentrar-se tendo uma mulher como aquela a apenas cinco passos de distância?

— Ouvi, sim — ele conseguiu dizer. Tagarela decidira que era hora de fazer algumas sondagens, por isso Brad o colocou no tapete. — Você queria conversar comigo, Jennifer?

— Ah, claro. Só preciso acender estes outros abajures. Por que você não vai ao escritório de minha mãe? É só atravessar aquela porta. Estarei lá daqui a um minuto.

Brad entrou na sala pequena. A mesa e as cadeiras comuns contrastavam com todo o aparato da loja. Jennifer estaria pensando o mesmo que ele? Estaria de olho nele desde o colegial, esperando que houvesse uma ligação entre eles? Talvez Ashley lhe tivesse falado sobre seus problemas, e Jennifer vira uma chance de fazer uma investida. A ideia de alguém com aparência tão angelical ter a coragem de agir como uma raposa tornava tudo mais excitante.

Puxa! Era exatamente nisso que ele vinha pensando nos últimos meses. A ideia não era permitir que um casamento infeliz o derrubasse. Ele queria apenas se divertir. Tornar a vida mais feliz. Curtir o momento.

— Bom, enfim — Jennifer disse, entrando na sala com Tagarela em seu encalço. — Andei pensando sobre... todas essas coisas que andam acontecendo.

— Ah, sim. Que coisas? — Jennifer não acendera a luz daquele cômodo, e Brad aproveitou a oportunidade para aproximar-se dela. — O que se passa em sua cabeça, garota?

No momento em que ele esticou o braço para tocar no cabelo dela, Jennifer afundou-se na cadeira e curvou o corpo, segurando o estômago como se estivesse passando mal. Sua voz era trêmula quando ela olhou para ele.

— A situação anda muito difícil nestes dias, Brad. Ashley pediu-me que conversasse com você. Sei que não nos conhecemos muito bem, Mas Ashley é minha amiga, e... bom, eu disse a ela que tentaria.

— Ashley pediu que você conversasse comigo? — A realidade caiu sobre Brad, e ele retirou a mão. — Por que ela mesma não conversa comigo?

Jennifer olhou para o chão.

— Ela disse que tem tentado, mas você não a ouve. Disse que você não se interessa pelos sentimentos dela.

"*Sentimentos* dela?" Brad endireitou o corpo rapidamente, como se um elástico o acertasse nas costas.

— Ashley passa cada minuto que estamos juntos falando dos sentimentos dela. Não posso ignorá-los, mesmo que eu tente. Ouça, Jennifer, não aguento mais tanta choradeira a respeito da sra. Moore. Parece que já fui a cinquenta enterros. Ashley não para. Quanto tempo ainda vai levar para ela aceitar que aquela senhora teve um derrame e morreu?

— Muito tempo! — Jennifer levantou-se e encarou-o. Seu perfume continuava a desviar-lhe a atenção. — Você não pode esperar que Ashley sufoque suas emoções e siga em frente.

— O que você sabe de nossos problemas? Isso não é da sua conta, você sabe.

— Sim, eu sei! — Jennifer aspirou o ar, e seu lindo rosto foi tomado pela tristeza. Antes que as lágrimas descessem pelo rosto, ela cobriu os olhos com as mãos. — Mas prometi a Ashley que conversaria com você. Ela acha que seria melhor não ter se casado com você, porque você mudou muito desde os tempos em que namoravam. Disse que se sente sozinha o tempo todo, e que vê um futuro sem ninguém por perto. Ninguém para amá-la.

A porta do escritório foi aberta subitamente.

— Ei, Brenda, você viu que a neve já começou a derreter?

Cody Goss parou de repente, completamente chocado. Seus olhos correram de uma pessoa para a outra.

— Ah, é você, Jennifer. E Brad Hanes. Onde Brenda está? O que está acontecendo?

— Nada — Jennifer disse, sem pensar. — Por que você está aqui na loja, Cody? — Ela pegou um lenço de papel da caixa sobre a mesa da mãe e enxugou o rosto. — Você deveria estar pintando uma casa para meu pai.

— Esqueci minha esponja. Não é possível fazer uma boa textura sem uma esponja.

Frustração, atração e espanto ainda percorriam o corpo de Brad, e ele coçou a nuca.

— Eu já estava de saída. Até mais.

— Mas o que você e Jennifer estavam fazendo? — Cody perguntou, postando-se diante da porta. — Vocês estavam escondidos no escritório de Brenda? Estavam no escuro? Por que Jennifer está chorando?

— Não é da sua conta, rapaz. Saia do meu caminho. Estou atrasado para o trabalho.

— Não. — Cody endireitou os ombros, bloqueando a única saída. — Você magoou Jennifer?

— Claro que não, Cody. — Jennifer aproximou-se de Cody e tocou-lhe o ombro. — Calma. Está tudo bem.

— Mas você está chorando.

— Estou, e Brad tem razão. Não é da sua conta.

— Vou proteger Jennifer — Cody resmungou, perfurando o que restara da compostura de Brad com seus olhos azuis frios como aço. — Vou tomar conta dela para sempre. Ela sabe que sim. Nunca vou permitir que alguém magoe Jennifer, nem no escritório de Brenda nem em outro lugar do mundo. Por que você fez Jennifer chorar?

— Brad e eu estávamos conversando, só isso. — Jennifer pegou o braço de Cody e tentou tirá-lo da porta de entrada.

— Conversando sobre você? — Cody olhou de relance para Jennifer. — Ah, aposto que estavam falando de Ashley, certo? Sobre como ela fica triste porque Brad bebe, porque ralou seu caminhão novo e por não falar bem das contas dela. Eu sei de tudo isso porque ouço a conversa das mulheres no Assim Como Estou. Patsy diz: "Não quero saber de mexericos neste lugar", mas aquelas mulheres falam, e falam de você, Brad Hanes.

— De mim? — ele estufou o peito. — Se aquelas fofoqueiras não têm nada melhor para fazer do que...

— Ei, é o Tagarela! — Cody disse de repente. — Você trouxe o Tagarela! Gosto dele. Ele é o melhor cão depois do Boofer. Gosto mais do Boofer só porque o conheço há mais tempo. Mas gosto muito do Tagarela.

Antes que Cody pudesse fazer um movimento, Brad curvou-se e pegou o cão, que estava roendo a perna da cadeira do escritório de Brenda Hansen.

Jennifer abriu a boca, horrorizada.

— Ah, não! Vejam o que ele fez. Encharcou tudo! — Ela ajoelhou-se sobre uma pilha de tapetinhos manchados de amarelo. — A mamãe comprou isto ontem. São feitos de lã e tecidos à mão. A mamãe quase foi à falência para poder pagá-los. E agora? Como vou limpar esta sujeira? Minha mãe vai me matar por eu ter deixado esse cão entrar aqui. E veja o que ele fez com a cadeira dela! É uma *antiguidade*, Brad. Seu cão roeu metade da madeira de uma perna ornamental!

— Ha! Que engraçado! — Cody disse, mudando repentinamente a expressão do rosto, de preocupação para alegria. Rindo, ele curvou o corpo e bateu na coxa. — A sra. Miranda Finley tem certeza de que Tagarela é a sra. Moore reencarnada num cão. Esperem até eu contar a ela o que a sra. Moore fez nos tapetinhos e na cadeira antiga! Quero que ela me explique isso, vocês não querem?

— Do que você está falando, cabeça de bagre? — Brad disparou. — Não diga asneiras. E saia daí antes que eu jogue você do outro lado da sala.

Cody recompôs-se e apontou o dedo na direção do peito de Brad.

— Não sou idiota, e é melhor você não me jogar do outro lado da sala nem fazer Jennifer chorar de novo. Você deviria ir embora daqui para sempre, Brad. É isso que deveria fazer, porque ninguém gosta de você em Deepwater Cove, a não ser o sr. Moore. E só porque a sra. Moore gostava muito de Ashley e pediu ao marido dela para ajudar você a consertar a sua casa que está caindo aos pedaços.

— Ah, tá, e você deveria morar no hospício. — Brad pegou o cãozinho, colocou-o entre o braço e o antebraço, empurrou Cody com o cotovelo e saiu da loja.

Ninguém em Deepwater Cove gostava dele? As palavras de Cody ecoavam na cabeça de Brad enquanto ele caminhava com passos firmes em direção à porta. E daí? Ele também não queria nada com ninguém. Os homens fanáticos por Bíblia espalhavam boatos sobre ele pelas costas. Provavelmente mencionaram seu nome num de seus "pedidos de oração". E as mulheres do salão que falavam dele

enquanto penteavam os cabelos? Se essa gente morresse, Brad não ligaria nem um pouco.

E Jennifer Hansen estava incluída nisso, ele pensou enquanto abria a porta da frente. Qual era a intenção dela em atraí-lo para a loja escura? Será que ele se equivocara ao pensar que Jennifer queria algo mais que apenas bater um papo?

De jeito nenhum. Brad não se enganava a respeito das garotas havia anos — pelo menos até se casar. Agora Ashley encontrara um jeito de atormentá-lo. Será que pedira realmente a Jennifer que conversasse com ele? O que ela queria conseguir?

Com as botas esmagando a neve enquanto atravessava o estacionamento, Brad sentiu Tagarela tentando pular de seu braço.

— O que foi? — ele perguntou ao cão. — O que você quer? Vai também ficar contra mim?

O cãozinho encolheu-se e fitou Brad com seus olhos castanhos.

"Au." Sua boca aveludada abriu-se para formar latidos suaves. "Au, au."

— Você tem razão — Brad resmungou.

Ao entrar no carro, ele pensou na noite que passara congelando naquele espaço apertado. Pensou na esposa, nas lágrimas dela, em seu desejo de tomar outra mulher nos braços. Depois pensou em Cody, na mancha molhada nos tapetinhos e no cabelo dourado de Jennifer balançando em suas costas.

Afinal, o que tudo aquilo significava?

Brad girou a chave de ignição, e o motor frio começou a funcionar. Agora ele estava definitivamente atrasado para o trabalho. Bill Walters não aceitaria de bom grado a presença de um cão nas obras do novo condomínio. Brad passaria o dia inteiro fazendo rejuntes nas paredes. Depois, iria para casa, para sua esposa infeliz numa vizinhança onde ninguém o suportava. Que boas festas seriam *aquelas*.

— Feliz Natal! — Patsy Pringle estendeu os braços quando Jennifer abriu a porta de entrada da casa dos Hansens. — Ah, venha cá, coisinha linda. Quero lhe dar um grande abraço.

Ao abraçar a jovem frágil, Patsy percebeu a mágoa e a perturbação naqueles ombros magros e caídos. Ela sabia que Jennifer havia tido problemas recentemente, mas havia outro motivo além daquela lamentável viagem ao México. A garota estava realmente trêmula.

— Você está tremendo de frio, querida? — Patsy entrou no *hall* e fechou a porta atrás de si. Pegando um prato de docinhos enfeitados, ela entrou apressada na sala de estar, colocou-o na mesinha de café e começou a tirar as luvas.

— Aposto que uma leve brisa seria capaz de derrubá-la, Jennifer. — Patsy olhou a jovem de alto a baixo. — Você emagreceu? Veja só como está: magra demais, pálida e tremendo como um cãozinho jogado na neve, o que me faz lembrar do cão que Brad e Ashley adotaram. Você tem visto Brad? Posso jurar que Tagarela está duas vezes maior do que quando eles o salvaram de morrer de frio. Que gracinha! Ah, aquele cãozinho é capaz de comover qualquer um.

Patsy colocou as luvas nos bolsos do casaco e olhou com mais atenção para Jennifer.

— O que está afligindo você? Já andou chorando esta manhã? Ainda não são 10 horas. Tirei o dia para ajudar você e Ashley a terminar aqueles pedidos de contas, mas, ao chegar aqui, encontrei uma garota que parece estar prestes a desmaiar. É melhor você começar a falar, doçura, e já.

Jennifer encolheu os ombros.

— Não sei onde Ashley está. Ela disse que chegaria aqui às 9, mas não apareceu até agora. Também não está atendendo o telefone.

— Ela não é assim. Nunca vi uma pessoa tão responsável e dedicada quanto Ashley em relação às suas contas. Ela não deixaria de aparecer de repente sem um bom motivo. Principalmente agora, antes do Natal. Hoje é o último grande dia para ela enviar tudo pelo correio.

— Eu sei. — Jennifer afundou-se no sofá. — Verifiquei o *site* dela, e ontem à noite chegou mais uma batelada de pedidos. Não podemos fazer nada sem ela.

— Oh, céus! — Sem saber o que pensar, Patsy decidiu comer um docinho natalino. Tirou uma embalagem de plástico da travessa de vidro e entregou um docinho de gengibre em formato de meia a Jennifer. Depois, escolheu para si uma barrinha de pecã polvilhada com chocolate granulado.

— Não fui eu que fiz estes docinhos. Foram trazidos por uma de minhas clientes. — Patsy sacudiu a cabeça enquanto mordia a guloseima. — Sempre me surpreendo com as mudanças que ocorrem nas pessoas. Quando conheci a mulher que me deu esta travessa, pensei que ela havia enlouquecido. Tinha acabado de enfrentar um divórcio e estava completamente transtornada. Esta é a palavra exata: *transtornada*. Queria que eu fizesse mechas em seu cabelo parecidas

com as listras de um tigre. E eu fiz. Laranja e preto. Cores nem um pouco discretas.

— Você está falando sério?

— Nunca falei tão sério. Mas logo depois, ela instalou-se numa casa pequena, fez novas amizades, aprendeu a pescar, comprou um barco pequeno e decidiu deixar o cabelo grisalho crescer. Quando entrou no salão para me trazer estes docinhos, ela me disse que ingressou no Lions Club e conheceu um belo viúvo na última festa da panqueca. Você acredita? Estes docinhos não são deliciosos? Eu gostaria que as pessoas incluíssem as receitas quando me trouxessem estas guloseimas. Não que eu tenha tempo para assá-las. Mas Pete as adora. Já almocei na casa dele várias vezes depois que ficamos noivos, e você nem imagina como aquele homem sabe cozinhar.

Patsy terminou de comer a barrinha de pecã, olhou ao redor à procura de uma caixa de lenços de papel e, ao não encontrar nenhuma, abriu sua bolsa. Embora fosse muito difícil ganhar a vida como cabeleireira, ela fazia o possível para estar sempre com uma ótima aparência. Isso significava usar uma bela cor de batom e manter as unhas compridas esmaltadas e em perfeito estado. Depois de retocar os lábios e tirar o chocolate dos dedos com um lenço de papel de sua bolsa, ela olhou para Jennifer.

— O que houve com você hoje? Ninguém deveria chorar antes do meio-dia. Alguma coisa está errada.

Jennifer fitou seu docinho de gengibre por tanto tempo que Patsy achou que ela não ia responder. Mas de repente, ela resolveu falar.

— Eu me encontrei esta manhã com Brad Hanes — ela disse em voz baixa. — Ashley me ligou ontem à noite. Contou que eles tiveram uma briga feia e que Brad saiu de casa. Ela não sabia para onde ele tinha ido.

— Ele esteve no estudo bíblico para homens esta manhã, se é que você acredita — Patsy explicou. — Depois que todos saíram, Pete praticamente correu até o salão para me contar a novidade. Não é maravilhoso? Viu como as pessoas mudam? A transtornada de cabelos cor de tigre transformou-se numa doce mulher, e agora Brad está participando do grupo de estudo bíblico para homens. Se eu soubesse onde Ashley está para poder lhe contar a novidade, aposto que ela viria correndo para cá, feliz como um passarinho. Por que você não tenta ligar para ela mais uma vez?

Jennifer digitou as teclas de seu celular. Depois, sacudiu a cabeça.

— Ela continua não atendendo. Mas... não acho que Brad tenha ido ao

estudo bíblico de propósito, Patsy.

— Talvez não, mas ele foi parar lá. Deus age de maneiras misteriosas.

Jennifer olhou atentamente para seu doce de gengibre mais uma vez antes de voltar a falar.

— Vi Brad do lado de fora da Rods-N-Ends. Ele estava entrando no carro para ir ao trabalho. Eu havia acabado de chegar a Tranquility para abrir a nova loja de minha mãe. Ela tinha uma reunião logo cedo com um dos clientes de meu pai. Por isso... perguntei a Brad se eu poderia conversar com ele por um minuto. Veja, Ashley sabia que Brad e eu estudamos e nos formamos juntos no colegial, por isso pensou que talvez eu pudesse ajudá-lo a entender o que ela sente a respeito do casamento deles. Ela me implorou que conversasse com ele.

— Sério? — Patsy refletiu na informação e decidiu imediatamente que aquele havia sido um erro. A pessoa certa para conversar com Brad sobre problemas conjugais era o pastor Andrew ou Charlie Moore ou ainda um conselheiro competente. Não Jennifer.

— Bom, de qualquer forma, Brad e eu entramos juntos na loja — a jovem estava dizendo, com tom de voz cada vez mais solene. — Ainda estava bem escuro lá fora, e as luzes da loja estavam apagadas.

— Ah... — Patsy pegou um docinho enrolado de tiras vermelha e branca.

— A mamãe me pediu para acender as velas e os abajures. Ela não gosta das lâmpadas florescentes no teto. As velas dão um toque melhor ao ambiente.

— Sim, mas o que Brad lhe disse? — Patsy deu uma mordida no docinho. — Você falou com ele sobre Ashley?

— Foi... esquisito demais. Eu não sabia o que dizer. Mas como Ashley me pediu, achei que poderia pelo menos tentar.

— E? — Mexendo-se no lugar, inquieta, Patsy limpou os dedos com o lenço de papel e levou à boca um docinho em formato de estrela salpicado de açúcar amarelo. — Você se encontrou com Brad? Onde?

— Nos fundos da loja. No escritório de minha mãe. — Jennifer devolveu o docinho de gengibre à travessa. — As luzes de lá ainda estavam apagadas. Não tive tempo de acendê-las.

Patsy parou de respirar por um momento. Engoliu o último pedaço do docinho, agradecida por não ter se sufocado com ele.

— Então você conversou com Brad. Nos fundos da loja. Certo?

— Bom, não conversamos exatamente. Penso... tenho certeza... não sei ao certo, mas parece que... — Jennifer sacudiu a cabeça. — Acho que Brad quis me

dar uma cantada. Disse umas coisas num *tom* de voz estranho e depois tentou tocar em mim... tocar em meu cabelo...

Patsy pegou um docinho coberto com gota de chocolate e enfiou-o inteiro na boca, mastigando freneticamente. Orando. Pensando. Transpirando. Por que vestira malha de lã em vez de blusa de algodão? E para piorar, todas aquelas migalhas em sua saia!

O que ela deveria dizer a Jennifer? O que *poderia* dizer? Aquilo seria mexerico? Onde estaria Ashley naquela manhã? Brad teria dito alguma coisa imprópria a Jennifer? E por que ela estava contando tudo aquilo a Patsy em vez de contar a sua mãe ou a alguém mais experiente e mais conhecedor do assunto?

— E daí, ele tentou tocar em você? — ela finalmente repetiu, sem ter outra coisa para dizer.

— Tentou, mas eu me sentei antes disso. E comecei a chorar.

— Chorar... — Patsy olhou para a travessa de docinhos como se fosse uma porta pela qual ela poderia fugir dali. — Você chorou porque Brad tentou dar uma cantada em você?

— Não tenho certeza se foi uma cantada, Patsy. Talvez não tenha sido. Achei que foi, mas como podia saber? Faz tanto tempo que não tenho namorado, e foi por isso que comecei a chorar. Aí Cody apareceu e começou a tentar me proteger de Brad, o que foi totalmente horrível, mas um pouco doce também. E depois o cãozinho molhou os tapetinhos novos de minha mãe. Brad saiu imediatamente da loja, mais zangado com Ashley do que quando entrou. Ah, Patsy, fiz tudo errado. Acho que estraguei o casamento deles, e, se eles se divorciarem, a culpa será minha.

— Mas você não se insinuou para Brad, certo?

— Não, claro que não! Como você pode dizer isso? Ah, foi horrível demais! — Jennifer levantou-se, movimentando as mãos como se estivesse tentando pegar moscas no ar. — Eu jamais faria alguma coisa para seduzir Brad Hanes ou outro homem casado. Por que eu faria isso? Ashley é minha amiga. Eu me preocupo com ela de verdade, Patsy. Você sabe disso.

De repente, ela se jogou no sofá com o corpo dobrado.

— Está bem, posso ter me insinuado para ele um pouquinho — ela murmurou entre lágrimas. — Não sei se fiz isso ou não. Ele é muito bonito e estava dizendo palavras bonitas para mim de uma forma que há anos eu não

ouvia. Ah, Patsy, estou com medo de que Brad tenha pensado que eu queria que ele me tocasse! E pior, acho que fiz isso!

— Não fez, não.

— Posso ter feito. Eu olhava para ele o tempo todo na escola. Tinha uma grande paixão por ele quando era bem mais nova. E depois que fui para a faculdade, continuei a pensar nele algumas vezes. Pensei, sim, Patsy. Pensei nele mesmo depois de saber que ele havia se casado com Ashley. E todas as vezes que o vejo desde que voltei a Deepwater Cove, sinto a mesma coisa dentro de mim. E pode ser que esse sentimento tenha vindo à tona esta manhã. Talvez eu tenha me insinuado para um homem casado. O marido de minha amiga.

Ela voltou a levantar-se e começou a andar de um lado para o outro.

— Como pude fazer aquilo? E se Brad contar alguma coisa a Ashley? E se Ashley me perguntar o que aconteceu?

— Chega de drama, Jennifer. — Patsy disse. Ela levantou-se e segurou a jovem pelos ombros. — Já ouvi cenas dramáticas suficientes para um dia inteiro. Agora, sente-se.

Com apenas uma leve pressão, ela fez Jennifer sentar-se no sofá. Resistindo ao desejo de pegar um docinho em forma de árvore de Natal enfeitado com bolinhas vermelhas, Patsy sentou-se ao lado dela e tentou imaginar o que poderia dizer. Pela enésima vez na vida, ela gostaria que o Senhor aparecesse numa nuvem e falasse com ela.

Respirando fundo, Patsy pôs a mão no braço fino de Jennifer.

— Em primeiro lugar — ela disse com a maior calma possível — não aconteceu nada entre você e Brad Hanes. Há muitos *talvezes* nessa situação para causar todo esse nervosismo. Você tentou agir corretamente e, pelo que sabemos, ele também.

Jennifer fungou.

— Espero que sim.

— Em segundo lugar, você precisa entender que ser solteira não é a pior coisa do mundo. Sou solteira há muitos anos, e tenho sido feliz quase o tempo todo. Tenho amigas suficientes para a vida toda. Recebo todos os abraços de que necessito quando abraço outras pessoas. Se elas não quiserem me abraçar, tudo bem. Mas se virem Patsy Pringle, sabem que receberão um abraço bem apertado.

— É verdade — a voz de Jennifer saiu em tom de lamento.

— Mas sei que o que estou falando não é a mesma coisa que ter marido e filhos. Não finjo que é verdade. Ser solteira é ser solteira, e às vezes a gente sente solidão. Mas pelo que tenho ouvido no salão de beleza, as pessoas casadas também sentem solidão. Ser casada não significa automaticamente que você vai ser feliz. Não lhe garante proteção. Também não promete braços carinhosos na cama à noite. Acredite em mim, querida, tenho ouvido muitas histórias tristes sobre casais que dormem em quartos separados. Você sabe tão bem quanto eu qual é a fonte da verdadeira felicidade. A verdadeira felicidade só Deus pode nos dar.

Assentindo com a cabeça, Jennifer enxugou as últimas lágrimas.

— Eu sei disso, Patsy. Sei, sim. É que às vezes me sinto presa no meio de medos e preocupações. Começo a questionar tudo.

— Você não precisa questionar Deus nunca. Já sofreu muito, e agora é tempo de cura. — Soltando a respiração, Patsy olhou para a travessa de docinhos. A quantidade diminuíra consideravelmente.

— Bom, provavelmente você e eu podemos ler os pedidos de colares de Ashley e começar a empacotá-los, não? Vamos ao porão.

— Há mais uma coisinha que aconteceu esta manhã.

— Tudo bem. — Mais uma vez em atitude de oração, Patsy fechou a travessa de docinhos. — O que mais aconteceu?

— Cody. Ele viu Brad e eu.

— No escritório?

— No escuro.

Transpirando, Patsy pegou uma revista na mesinha de café e começou a abanar-se. Definitivamente a malha de lã havia sido uma péssima ideia. Mas Jennifer estava olhando pela janela, com expressão calma pela primeira vez depois de muito tempo.

— Cody ofereceu-se para me proteger — ela disse a Patsy em voz baixa. — E teria me protegido. Depois que Brad saiu, Cody ajudou-me a limpar a sujeira que Tagarela fez nos tapetinhos. E depois me disse que me amava e queria casar comigo, como sempre faz.

— O que você disse?

— Nada. — Jennifer encostou a cabeça no ombro de Patsy. — Não vou me casar com Cody, você sabe. Ele não está preparado para casar. Talvez nunca esteja. E estou muito impaciente e emotiva. Não daria certo. Mas, Patsy, eu amo

Cody Goss de verdade. Eu o amo de todo o coração. Creio que ele é o melhor amigo que alguém poderia ter.

8

Ela o odiava. Havia poucas coisas sobre as quais Ashley imaginava ter certeza na vida, mas aquele sentimento era uma delas. Ela odiava o marido.

Sem conseguir dormir, deitada na cama enquanto os raios de sol atravessavam as lâminas da persiana do quarto, uma após outra, Ashley tinha o olhar fixo no teto branco, que havia sido reformado por Brad e o sr. Moore. Eles substituíram uma faixa de madeira compensada com manchas de vazamento e depois pintaram o teto inteiro de branco. Ela sentira orgulho de Brad naquele dia. Ele e o sr. Moore haviam trabalhado juntos no quarto, cutucando um ao outro com o cotovelo e conversando sobre os planos secretos para a comunidade no Dia de Ação de Graças. A sra. Moore enviara um prato de lasanha que havia sobrado do almoço, e Ashley e Brad jantaram juntos antes de ela sair para o trabalho. Pelo menos havia *uma* lembrança feliz de seu casamento fracassado.

"Ouu?" O som abafado veio da sala de estar. "Rrnnn. Ouu. Ouu?"

Tagarela estava acordado. Quanto tempo levaria para Brad acordar de sua bebedeira e levar o cão para fora? Ashley retesou o corpo ao ouvir o marido se mexendo no sofá na sala de estar.

"O que você quer?", ele perguntou em voz baixa e carinhosa. "Quer sair? Ah, que menino educado. Cão bonzinho, Tagarela. É assim que você deve fazer".

A porta da frente foi aberta. Uma série de palavrões proferidos por Brad indicou que a tempestade de neve caíra a noite toda. Ashley fechou os olhos, como se pudesse bloquear também o que estava ouvindo. A boca suja de Brad era uma das coisas que ela odiava no marido. Quando o sr. Moore estava por perto, ele nunca pronunciava essas palavras. Mas em casa, perto da esposa, o homem não tinha nenhum escrúpulo em dizer o que queria.

No entanto, ela ainda se importava com aquilo.

Na noite anterior, a nova tempestade de neve surpreendera Ashley. A volta para casa havia sido assustadora, com rajadas de flocos brancos na estrada batendo nos raios de luz emitidos pelos faróis. Ela não esperava outra nevasca tão cedo após a geada na véspera. Ninguém esperava por isso, claro. Os tratores não haviam aparecido, e o carro dela foi o único a fazer uma trilha no asfalto.

— Entre, garoto! — A voz de Brad foi ouvida novamente num tom afetuoso que Ashley raramente ouvia quando ele se dirigia a ela. — Você é um menino comportado, Tagarela. E na neve também. Isso é o que eu chamo de cão esperto.

"Au!" As unhas de Tagarela bateram felizes na fileira de ladrilhos na porta da frente. "Au, au! Auuu, auuu!"

Brad riu. — Vou preparar seu café da manhã. E fazer um bule de café para mim. Rapaz, que noite nós tivemos, não? Que bagunça nós fizemos.

Nós?

Brad estaria incluindo o cão em suas afrontas... ou haveria alguém mais na casa com seu marido?

Ashley lembrou-se de ter dormido na sala de estar até pouco antes da meia-noite. Quanto desejara encontrar Brad na cama do casal, esperando por ela! O dia havia sido terrível. Ela despertou sozinha, pegou parte do salário para dar aos pais e, de repente, irrompeu em lágrimas bem na frente deles; tentou freneticamente enviar os últimos pedidos de colares enquanto Patsy e Jennifer tagarelavam, trabalhou horas a fio no restaurante do clube de campo e finalmente voltou para casa dirigindo o carro sob a neve, com medo de cair numa valeta a qualquer momento.

Ela e Brad não se falaram o dia todo. Em geral, eles ligavam um para o outro uma ou duas vezes por dia para saber se tudo estava bem. No início do romance, ela lembrou, as mensagens entre eles eram sussurros furtivos de amor e desejo. Ela havia salvado todas as mensagens de voz e de texto que Brad lhe enviara. Certamente aqueles dias não mais existiam. Apesar disso, quando abriu a porta naquela noite, Ashley esperava de todo o coração que o marido tivesse voltado para casa, deitado na cama e dormido no travesseiro ao lado do dela.

Mas não. Ele estava deitado no sofá, com latas de cervejas espalhadas no chão a seu redor. A televisão continuava ligada no último volume. E pior de tudo — na verdade, o golpe mortal — foi aquela revista aberta em cima do peito de Brad.

Pornografia!

Ao lembrar-se da fotografia na capa, Ashley teve de cerrar os dentes para não gritar. Gritar — ou entrar correndo na cozinha, pegar uma faca de açougueiro e enfiá-la no desgraçado.

Como ele ousava fazer isso? Que *atrevimento*!

Ah, ela o odiava. Ela o desprezava. Não via a hora de Brad sair de casa para que ela pudesse jogar as roupas dele numa sacola, atirá-la com força na neve e trancar a porta. "Saia da minha vida!", ela gritaria se ele tentasse se aproximar dela hoje. "Nunca mais toque em mim. Eu odeio você! Odeio você!"

Assobiando a vinheta de um programa de televisão, Brad caminhou com passos vacilantes em direção ao quarto. Com apenas os olhos fora do cobertor, Ashley viu quando ele tirou a calça *jeans*, a cueca e a camiseta e, depois, cheirou as axilas, fazendo uma careta.

Em seguida, olhou para a cama.

Completamente nu, ele se assustou.

— Não sabia que você estava aqui.

— Pensou que eu também tivesse fugido?

Por um momento, ele não disse nada. Tagarela pulou na cama e começou a lamber o rosto de Ashley.

— Pare — ela resmungou, afastando o cão. — Faça este cão parar. Estou tentando dormir.

— Venha cá, Tagarela — Brad disse. Ao ver que o cãozinho não lhe obedecia, ele pegou a bolinha de pelos marrons nos braços. — Ele só quer dizer "oi".

— Cale a boca, Brad — ela disparou.

— O quê?

— Saia da minha frente.

— Qual é o problema, Ash? Eu voltei para casa, não voltei? Você deveria estar contente com isso.

— Contente? Você está brincando? — Ela levantou-se na cama e atirou para longe a revista que pegara enquanto ele dormia. — Eu deveria ser grata porque um homem que lê esta imundícia é meu marido?

Brad esquivou-se da revista, mas foi pego de surpresa quando sua esposa pulou da cama e pôs-se em pé diante dele.

— Saia desta casa, seu bêbado! Seu imprestável! Farsante! Você me dá nojo.

Agarrando os braços dele, ela o empurrou com força. Brad era evidentemente duas vezes mais forte que Ashley, mas ela sabia que estava em posição de vantagem. A ressaca turvara a visão dele e lhe dera dor de cabeça. Com todas as suas forças, ela o empurrou para fora do quarto em direção à porta de saída da casa.

— O que você está fazendo? Enlouqueceu? — Ele tentou firmar-se no lugar. Quando ele balançou o corpo para um lado, ela agarrou a maçaneta.

— Espero nunca mais ver você! — Investindo o ombro contra o abdômen do marido, ela derrubou-o de costas na varanda coberta de neve. Quando ele tentou levantar-se, ela bateu a porta com força. Onde estava a chave? Espere, a barra de ferro para trancar a porta. Por que ela não conseguia encontrá-la?

Ali!

Respirando penosamente, ela encostou-se na porta. *Pronto*. Fora de sua visão. Fora de sua vida. Graças aos céus!

— Ashley! — Com um baque capaz de fazer vibrar as vidraças, ele chutou a porta. Os batentes estalaram e curvaram-se. — Ashley, abra já esta porta!

Ela saltou de lado no momento em que ele deu outro soco e a porta inteira desabou na sala. Totalmente nu e pálido em razão do frio, Brad investiu contra ela.

— Você me atirou na neve! — ele gritou.

— Eu odeio você! — Ela correu de volta para o quarto, subitamente com medo dele, mas furiosa ao mesmo tempo. — Suma da minha frente. Vá procurar uma de suas piranhas do bar! Pode ficar com ela!

Ofegante, Brad pegou a calça *jeans* e vestiu-a.

— Estou casado com você! — ele berrou, apontando o dedo e caminhando em direção à esposa. — O pior erro de minha vida.

— Não sou nenhum erro! Sou responsável, carinhosa e atenciosa. Você é o beberrão perdedor neste casamento. Pra começo de conversa, nem sei por que gostei de você.

Ao ouvir isso, ele retesou o corpo.

— Não sabe? Esqueceu quem eu sou? Posso ter qualquer garota que eu queira.

— Quem está impedindo? — ela gritou, pegando a revista do chão. — Que tal *ela*? — Ashley rasgou a página, fez uma bola com ela e atirou-a nele. — Ou esta aqui? Ela é uma gracinha, não? Ou quem sabe você goste mais da srta. Dezembro?

Ele não saiu do lugar enquanto as bolas de papel atingiam seu peito. Ashley jogou a revista no chão e pisoteou-a.

— Não sou quem você esperava, certo? Se é isso que está tentando me dizer, então por que não diz em voz alta? Você me odeia tanto quanto eu o odeio.

Você quer ter uma vadia de bar na sua cama! Ou uma modelo nua! Não quer uma esposa que ame você, que trabalhe muito e faça tudo para ver você feliz. Prefere embriagar-se e se excitar com mulheres imaginárias nas revistas. Prefere olhar para elas a segurar sua esposa nos braços!

— Como posso segurá-la nos braços, Ashley? — ele perguntou. — Você nunca está aqui.

— Você também não. Está sempre no Larry.

— E você está sempre no trabalho.

— Eu tenho de trabalhar, porque você jogou aquele caminhão novinho em folha numa valeta, e agora temos de pagar as prestações dele. Estou carregando bandejas de comida que pesam metade de meu peso por causa de um caminhão que não existe mais, que foi destruído por um bêbado.

— Não fale daquele caminhão.

— Por quê? Porque ele faz você lembrar que se transformou num perdedor depois de ter sido um aluno brilhante no colegial? Aquele foi o auge de sua vida, Brad. Você nunca será melhor do que foi naquela época.

— Pare — ele berrou. — Não diga isso. Não é justo.

— O que você fez de importante ultimamente? Instalou paredes de gesso no condomínio? Fez rejuntes com fita? Puxa! Estou impressionada.

Ele sentou-se na beira da cama e olhou para a revista amassada no chão. Por um determinado momento, Ashley pensou que havia ofendido demais seu marido, e um traço de arrependimento invadiu-lhe o coração.

Nesse momento, porém, ele levantou a cabeça e disse com sarcasmo:

— Por que não posso ler o que eu quiser? Você está sempre ocupada com suas *contas*, sem tempo para passar com seu marido. Se alguém me tivesse dito três anos atrás que minha vida inteira ficaria emocionalmente descontrolada por causa de algumas contas, eu teria rido na cara dele.

— Meu negócio não é a causa de nossos problemas, Brad. A causa é você. Você afastou-se de mim logo depois do casamento. Começou a ir ao Larry, e depois ficou difícil a gente ir dormir na mesma hora. Mas por que você precisa segurar-me nos braços? Você tem sua revista. Qual é o sentido de ter uma vida verdadeira com uma ruiva de pernas finas comparado com uma daquelas mulheres deslumbrantes?

— Não é assim, Ashley. Sei que elas não são verdadeiras. Você não entende.

— Não preciso entender esse lixo. Só preciso aceitar a verdade de que meu marido não toca mais em mim há muito tempo. Sabe quem você carrega no colo e acaricia hoje? Um cão. Na sua lista de prioridades, eu tenho menos valor que aquele cãozinho.

Brad endireitou o corpo subitamente.

— Espere um pouco. Onde está Tagarela?

— Como posso saber? — A raiva de Ashley começou a aumentar quando ela se deu conta de que a porta destruída se encontrava no chão da sala de estar. A neve estava entrando numa casa que eles mal tinham condições de manter aquecida. E agora o cãozinho fugira.

— Tagarela! — Brad levantou-se e passou por ela. — Tagarela, onde você está, garoto?

Ashley tirou o roupão da cadeira onde o jogara na noite anterior.

— Tagarela! — ela gritou. — Venha cá, Tagarela! Está na hora de comer.

— Ele não está aqui. A casa está vazia.

— Ajude-me a colocar a porta de volta no lugar. Ele deve ter ficado apavorado quando você a esmurrou. Deve estar escondido.

Juntos, eles puseram a porta e o batente cheio de farpas no lugar. Ashley sentou-se no sofá em meio às latas de cerveja vazias e empurrou-as com suas botas de neve. Aquilo era horrível. Que coisa horrorosa! Ela e Brad haviam discutido alto demais, gritado um com o outro, destruído a casa, e agora o cãozinho desaparecera! E se aquele cão fosse um filho deles? Como a situação chegara a tal ponto?

Brad calçou suas botas de trabalho, vestiu o casaco sobre o peito nu e fechou-o com o zíper. Com um pouco de esforço ele conseguiu abrir a porta o suficiente para sair. Ashley acompanhou-o, sem conseguir fechá-la atrás de si. Andando com dificuldade pela neve, eles assobiaram e chamaram o cãozinho.

— Ele é muito pequeno! — Ashley gritou para Brad quando ela parou para recuperar o fôlego. — Vai morrer congelado.

— Ele é esperto. Vai ficar bem. Tagarela! Venha aqui, amigo. Venha com o papai!

Papai?

A palavra ricocheteou em Ashley. Brad sempre protestara contra a ideia de ter um bebê. O cômodo que ela esperava ser o quartinho do bebê estava vazio, sem mobília, frio. Com o passar do tempo, ela logo desistira de ter filhos e, conforme

ficou comprovado, aquela foi provavelmente uma atitude sábia. Veja a situação deles. Que estrago haviam feito em seu casamento!

Será que Brad tinha sentimentos paternais verdadeiros escondidos em algum lugar dentro de si? Ele foi sempre tão gentil e carinhoso com o cão, ela pensou enquanto se embrenhava nas árvores atrás da casa. Um dia, também havia sido gentil e carinhoso com ela. Por que se afastara dela? Por que não queria mais abraçá-la? O que ela havia feito de tão horrível?

Se Brad era capaz de amar um cão tanto quanto amava Tagarela, por que não podia amar sua esposa?

— É isto aqui que você está procurando? — a voz de Miranda Finley ecoou entre as casas vizinhas. Usando um casaco de pele preta, ela segurava o cãozinho. — Notei a presença dele na minha varanda um minuto atrás.

— Tagarela! — Ashley correu entre os arbustos espinhosos. Quando chegou a um lugar aberto, avistou Brad um pouco adiante. Com um salto, ele entrou na varanda de Miranda e envolveu o cãozinho nos braços.

— Obrigada, sra. Finley — Ashley disse, indo ao encontro dele. — Brad estava se aprontando para trabalhar, e acho que o cãozinho escapou.

— Deve ter fugido pela porta da frente que seu marido chutou com o pé descalço. — Miranda sorriu. Seus olhos semicerrados passaram de Ashley para Brad. — Que sequência interessante de eventos eu presenciei durante o café da manhã! Agora sei o significado verdadeiro de um trabalhador bronzeado.

Sem dizer nada, Brad virou-se e saiu da varanda da vizinha. Enquanto ele carregava o cãozinho de volta para casa, Ashley olhou firme para a mulher mais velha.

— Eu gostaria que a senhora não tivesse visto aquilo — ela disse a Miranda.

— Ah, foi uma visão agradável. Você é uma garota de sorte.

Ashley cerrou os dentes com raiva. Miranda esticou o braço e apertou de leve o ombro dela.

— Não se preocupe, querida. Toda mulher casada tem seus fardos para carregar. Pelo que vi, os seus não parecem tão ruins.

— Não achei graça, sra. Finley.

— Estou brincando. Ashley, você deveria saber mais que qualquer outra pessoa que eu desejo o seu bem. Ajudei-a a dar início ao negócio das contas, não ajudei? Tenho tentado ser uma boa amiga para você.

— É verdade, e sou grata por isso. Mas meu casamento é assunto particular.

— *Nada* foi particular esta manhã. — Miranda deu uma risadinha e sacudiu a cabeça. — Ora, não fique tão aborrecida assim. O que vi esta manhã foi uma bela surpresa para uma mulher de minha idade. A vizinhança anda dizendo que você e Brad estão tendo algumas discussões, mas nunca prestei atenção a esse tipo de coisa. Meu marido e eu também tivemos nossos problemas, quando ele era vivo.

— A senhora teve problemas? — Ashley nunca ouvira Miranda falar de seu falecido marido. Que tipo de homem se casaria com uma mulher de cabelos espetados que não fazia nada, a não ser expor-se ao sol o dia inteiro ou ir a salões de bronzeamento e deixar a pele com a aparência de couro curtido? Derek Finley não era nada parecido com a mãe. O patrulheiro aquático gentil devia ter puxado ao pai.

— O que você precisa, Ashley — Miranda estava dizendo — é de alicerce espiritual. Você está flutuando pela vida sem ninguém para guiá-la, sem ter onde pôr sua fé, a não ser em você. Confiar em si mesma, em sua divindade interior, é corretíssimo, mas só se você se sentir bem onde está. Vou lhe dizer por quê. No Natal, vou lhe dar alguns de meus livros. Você também poderá vir aqui e praticar ioga comigo, se quiser. Isso a deixará calma, e você se concentrará na direção certa... dentro de você.

— Não estou muito certa disso, sra. Finley. É melhor a senhora não me dar nenhum de seus livros. — Ashley não queria confessar até que ponto seu casamento fracassara, e o fato de que talvez não fosse capaz de ler os livros de Miranda em meio a um divórcio precipitado e acalorado. — Estou muito ocupada. Não sei quando poderei devolvê-los.

— Os presentes não precisam ser devolvidos. Essa é minha forma de ajudar você e Brad. Ashley, você anda correndo de uma coisa para outra há tanto tempo que não consegue concentrar-se naquilo que realmente tem importância.

— Eu sei. Em Brad.

— Não em seu marido. Em *você*. — Ela tocou no primeiro botão do casaco de Ashley com a ponta do dedo. — Em você, saudável e por inteiro. Você precisa entender que tudo neste mundo é, em essência, uma parte de deus. Você, Ashley Hanes, é uma divindade. Seu único defeito é ignorar essa verdade. Você não precisa entender sua própria natureza nem como ela se encaixa no universo inteiro. Esses livros que vou lhe dar esclarecerão sua mente. Quando você der início a uma transformação pessoal, as coisas começarão a fazer sentido.

— Não tenho certeza.

— Bom, eu tenho. O problema está fora de você. Está na ignorância, na ilusão e nos enganos deste mundo.

Ashley apoiou-se no outro pé enquanto Miranda falava. A verdade é que ela não se sentia nem um pouco divina.

Enquanto tentava pensar numa boa maneira de mudar de assunto, ela avistou Brad, totalmente vestido, dirigindo-se para o carro dele, com Tagarela nos braços.

— A senhora tem razão, sra. Finley. — O problema *está* do lado de fora, porque continua a nevar aqui fora, a porta da frente de minha casa está quebrada e meu marido está saindo para o trabalho sem se despedir de mim. Com licença, mas preciso sair deste frio e ver se o sr. Moore poderá vir para consertar a porta.

— Ah, você não vai encontrar Charlie Moore em casa hoje — Miranda gritou enquanto Ashley descia correndo os degraus da varanda. — Ele foi para a Califórnia com Bitty Sondheim, Jessica Hansen e o noivo dela. Você não tem ninguém a quem recorrer, Ashley.

Brad sentou-se perto do aquecedor do grande vestíbulo do condomínio que estava ajudando a construir. Os outros operários estavam almoçando, mas Brad não tinha fome. Tagarela, por outro lado, corria de um homem para outro, abocanhando pedaços de sanduíche de carne, pão, batatas fritas e até amendoins que eles lhe davam. Brad mal fazia ideia do tipo de sujeira que teria de limpar depois.

— Você deve ter tido uma grande comemoração ontem à noite, meu chapa. — Mack deu alguns passos e sentou-se de cócoras ao lado de Brad. — Não vi você no Larry. Não me diga que encontrou outro lugar aonde ir. Yvonne perguntou por você.

— Pare de buzinar no meu ouvido, Mack. — Brad tirou o celular do bolso. — Não estou a fim desta conversa.

— Só estou dizendo... — Mack encolheu os ombros e deu uma última mordida num sanduíche. — A mulher gosta de você. Se eu tivesse um mulherão como Yvonne no meu pé...

Brad interrompeu-o com um olhar, e Mack atravessou a porta para fumar um cigarro após o almoço. Brincando com o telefone nas mãos, Brad pensou em Ashley.

Ele não queria admitir nem para si mesmo, mas sempre esperou que sua esposa fosse pura e meiga, uma daquelas garotas virginais como Jennifer Hansen. Ashley era quase isso. Não exatamente, mas estava bem perto da mulher que ele tinha em mente para passar o resto da vida a seu lado.

Como foi possível ela se transformar naquela ruiva azeda que não suportava a presença dele?

Ele seria tão mau assim?

Brad soltou a respiração. Provavelmente.

Não conseguia lembrar-se de seu encontro com Jennifer Hansen sem sentir-se desconfortável. O que ele pensou naquele momento? Acabara de sair de um estudo bíblico e, quando percebeu, estava cantando a amiga de sua esposa dentro da loja da mãe dela. Ele estaria ficando louco?

Talvez estivesse perdendo algumas células do cérebro. Ashley disse que ele bebia demais. Seria isso?

Brad olhou para os outros colegas da construção. Todos eram homens iguais a ele, que gostavam de tomar algumas cervejas de vez em quando. Ele não podia afirmar que os admirava. A não ser seu patrão, talvez. Mas Bill Walters tinha diploma universitário e dirigia sua empresa como um sargento durão. O único momento de ternura que Brad vira no homem foi quando ele levou Tagarela ao trabalho depois de ter passado uma noite dentro do carro. O cãozinho estava tremendo e faminto. Bill levou Tagarela para seu *trailer*, deu comida a ele e deixou-o dormir lá durante o dia. Na verdade, os dois ficaram tão amigos que Brad imaginou que não seria boa ideia aparecer *sem* o cãozinho no dia seguinte.

E quanto às acusações de Ashley sobre os problemas financeiros de Brad? Ela estava redondamente enganada. Ele comprara e destruíra o caminhão, é verdade. Mas um homem podia ser perdoado por um ou dois deslizes financeiros, certo? Não era o mesmo que fazer pedidos dia e noite para confeccionar colares.

— Por que você não vai ao Larry conosco esta noite? — Mack estava perguntando enquanto devorava um pedaço de bolo de creme de baunilha num único bocado. — Amanhã é véspera de Natal, por isso não vai haver muita bagunça lá. Acho que Larry vai fechar mais cedo. Yvonne está cantando uma versão picante de "Jingle Bell Rock", e aposto que você...

— Espere. Você disse que amanhã é véspera de Natal? — Brad endireitou o corpo. — Tem certeza?

— Por onde você tem andado, cara?

Olhando para o celular, Brad pensou pela enésima vez se deveria ligar para Ashley. Ele deveria desculpar-se realmente por algumas coisas. Não por tudo, claro. Mas por algumas. Como as latas vazias em volta do sofá. E por ter destruído a porta da frente.

No entanto, ele não teria feito nada disso se ela não o tivesse empurrado para fora de casa. A expressão no rosto de Miranda Finley o fez sentir-se enojado. O que aquela velha queria quando se insinuou para Brad bem na frente de sua esposa? Será que ela o vira nu?

— É melhor eu ligar para Ashley. — Brad coçou as orelhas de Tagarela, e o cãozinho afastou-se correndo. O número estava bem na frente dele, fácil de digitar. Mas será que ele queria ouvir de novo todas aquelas acusações cruéis?

— Ah, tá bom, vista o avental — Mack disse. — Corra para sua esposa com o rabo entre as pernas para ver se ela vai lhe perdoar. Você está muito maltratado.

Mack fez uma bola com a embalagem do bolo. Com um resmungo alto, o grandalhão ajeitou a calça *jeans* na cintura e saiu dali para fumar um último cigarro. A qualquer momento Bill Walters chegaria ao vestíbulo e chamaria os operários de volta ao trabalho.

Olhando novamente para o celular, Brad consultou os nomes e os números gravados. O número do celular de Charlie Moore iluminou-se por um momento. O que ele diria de tudo aquilo? Provavelmente daria uma boa risada ao saber que Brad saiu correndo completamente nu na neve. Mas o sr. Moore não acharia graça nenhuma no resto da história.

Brad hesitou em digitar o número por um momento. Com um movimento do dedo, ele provavelmente teria o sr. Moore na linha. Estranho, mas seria ótimo ouvir a voz do homem mais velho. Saber das novidades sobre a viagem à Califórnia. Sem dúvida o sr. Moore perguntaria como estava a situação entre ele e Ashley. O que Brad diria?

— Voltem ao trabalho — Bill chamou. Os outros homens entraram apressados no vestíbulo. Brad acompanhou-os. Com um latido de reconhecimento, Tagarela passou correndo por seu dono e saltou nos braços do homem.

— Vou levar seu cãozinho para o *trailer* — Bill disse.

Apesar de saber que o regulamento não permitia a entrada de animais no local de construção, Brad também sabia que seu patrão estava muito apegado ao

cão. E vice-versa. Aquilo o aborreceu.

— Claro — Brad disse. — Obrigado.

— Sem problema. Ele deve estar pronto para dar um cochilo. Lá é mais quente. — Bill levantou a cabeça. — Ouçam, todos. Se vocês instalarem aquela parede de gesso, passarem a fita e fizerem os rejuntes na suíte e no banheiro, poderão sair mais cedo. Amanhã vamos fechar ao meio-dia. Se alguém quiser ir a um culto de Natal à luz de velas, o da Capela do Cordeiro é muito bom. Eles fazem um culto todos os anos. Todos vocês são bem-vindos. Às 19 horas em ponto.

Ao sair do local de trabalho, Mack cutucou Brad com o cotovelo.

— Até parece que vou a um culto de Natal. Saiba que *não vou* botar meu traseiro num banco da igreja amanhã à noite. Não, vou me aquecer num dos banquinhos do Bar do Larry. Pode acreditar.

— Você não vai passar o Natal com seus filhos este ano?

— Não. Cada um vai ficar com sua mãe. Isso também é muito bom. Odeio Natal. Eu e o Tio Patinhas. Somos farinha do mesmo saco.

Rindo, ele começou a subir a escada de acesso ao quarto que os colegas estavam terminando. Brad colocou o celular de volta no bolso e acompanhou-o.

9

— Onde está sua árvore de Natal, Ashley? — Cody perguntou gritando enquanto martelava o batente da porta dos Hanes no lugar. A neve que caíra à noite começava a derreter, e o ar lá fora soprava um delicioso aroma de pinho para dentro da casa pequenina. — Você esqueceu que amanhã é véspera de Natal? As árvores de Natal não têm nada a ver com o Natal, mas mesmo assim você deveria ter uma, para que sua casa fique com ar festivo.

Ashley não disse nada. Mal conseguia ouvir Cody por causa do barulho das marteladas, e ela não sabia como responder àquela pergunta. Com Brad e ela trabalhando fora, discutindo e quase sempre se ofendendo, nenhum deles havia mencionado a chegada do Natal.

Pelo contrário; os dias haviam passado, e ela não fizera nada para preparar sua casa para o Natal. Brad também não mencionara a palavra, como se falar sobre uma data tão especial atraísse a atenção para a ausência de alegria ou brilhantismo na vida deles. O casamento sobreviveria até o Natal? Ao que tudo indicava, era duvidoso.

Ashley planejava passar o Natal na casa dos pais. Antes do casamento com Brad, ela sempre acordava em sua cama e descia a escada correndo para ver os presentes embaixo da árvore. Em geral, eram muitos, e ela adorava o entusiasmo da manhã e a hora do almoço quando se reunia com os parentes.

A mãe de Ashley ligara alguns dias atrás. Ashley prometeu que ela e Brad chegariam a tempo para o almoço do Dia de Natal. Mas com a confusão em que seu casamento se transformara, ela não teve tempo de avisá-lo. Agora planejava ir sozinha. Ele poderia passar o dia com sua família — e isso não incluiria Ashley. Para ela, a sensação era a de que eles já estavam divorciados.

— Brenda diz que as árvores de Natal devem ter um tema. — Cody parou de martelar e desceu a escada. — Este ano o tema que ela escolheu é roxo e dourado. Steve e Brenda compraram uma árvore no estacionamento da loja de ferragens. Cortaram as raízes dela. Por isso, mesmo que Brenda diga que a árvore está viva, ela está morta. Eu mencionei isso a ela, e ela pediu que eu não voltasse a falar do assunto. Todos nós enfeitamos a árvore antes de Jessica viajar com o

noivo para conhecer os futuros sogros na Califórnia. Jennifer também ajudou a pendurar os enfeites. Ela não está mais tão triste desde que começou a trabalhar com você naqueles colares de contas. Acho que o trabalho fez bem a ela.

— Que bom. — Ashley abriu a porta e tranquilizou-se ao ver que era possível fechá-la. A lingueta encaixou-se no lugar. — Obrigada, Cody. Eu não poderia ter feito isso sem você. Agora vou ligar o aquecedor.

Embora esperasse que ele entendesse a dica, Ashley sabia que Cody tinha dificuldade em assimilar sugestões implícitas. Para ele, a conversa tinha de ser concreta. Tangível. Sem muitas sutilezas. Ele gostava de metáforas, mas não conseguia entender nada que não fosse explicado em letras garrafais.

— Você não vai montar uma árvore com um tema? — ele perguntou, acompanhando os passos dela. — A árvore também pode não ter nenhum tema. Kim e Derek Finley compraram uma árvore de plástico porque Kim é alérgica a pinheiros vivos, mesmo que já estejam mortos. Os Finleys penduraram enfeites feitos pelos gêmeos. Kim vai ter gêmeos de novo no ano que vem, e isso significa muito mais enfeites. Os Finleys nunca vão precisar de um tema.

— Não vamos montar uma árvore este ano, Cody. — Ashley girou o termostato na temperatura mais alta que conseguiu. Ela e Brad mal estavam conseguindo pagar as dívidas. Se o inverno não fosse moderado, ela previa ter problemas com a empresa fornecedora de gás.

— Nenhuma árvore? — Cody perguntou, desnorteado. — Parece o tempo em que eu morava com o papai. Mas a gente era pobre, e vocês não. Vocês são ricos. Você tem um brilhante grande que Brad lhe deu.

Ashley olhou para o anel de compromisso do qual sempre teve orgulho de mostrar às amigas.

— Não sei, Cody. Não vamos montar uma árvore, só isso.

Enquanto planejava o casamento com Brad Hanes, Ashley sonhara com seu primeiro Natal como marido e esposa. Ela enfeitaria sua casinha aconchegante, assaria biscoitos de gengibre, embrulharia presentes escolhidos especialmente para ele. Embora seus pais nunca a tivessem levado à igreja, a ideia de assistir a um culto de Natal lhe parecia romântica e inusitada. A sra. Moore contara que ela e Charlie sempre iam à igreja juntos aos domingos e que o culto na noite de Natal era um dos principais eventos do ano para eles. Depois da igreja, Ashley imaginou sentar-se juntinho de Brad no sofá e admirar as luzes piscando na árvore enquanto tomavam sidra em canecas combinando.

— A sra. Miranda Finley também não vai montar uma árvore viva, nem

morta, nem de plástico. — Cody informou a Ashley, sentando-se e esticando suas pernas compridas. — Ela disse que os enfeites de Natal ainda estão empacotados desde a mudança para o lago, para a casa pegada à sua. Mas ela não se importa, porque vai passar o Natal na casa de Derek e Kim. Ela me contou que adora ser avó, principalmente de comprar de presentes.

— Ah, com certeza. — Ashley imaginou uma forma de fazer Cody seguir seu caminho. Aquele era o primeiro dia que ela não tinha de confeccionar contas, nem montar colares, nem embalar as mercadorias, nada. Ela podia relaxar até a hora de dirigir-se ao trabalho no clube de campo.

— Eu fiz um presente lindo para Jennifer, mas você não pode contar a ela. É segredo. Não sou bom para guardar segredos, mas até agora não contei a ela. Você quer saber o que fiz?

— Claro. — Ashley sentou-se no braço de uma velha poltrona reclinável.

— Pintei um retrato dela.

Ashley teve de conter-se para não rir.

— Cody, você já fez milhares de retratos de Jennifer. Lotou as paredes do Assim Como Estou com os retratos dela. Seu quarto nos fundos do salão está repleto de desenhos do rosto dela. Patsy me contou.

— É porque eu gosto de desenhar retratos de Jennifer. Gosto de pintar também. Ela é a mulher mais linda do mundo. Espero casar com ela. Até agora, ela não disse sim. Mas não vou desanimar nem desistir. Vou continuar pedindo até ela aceitar.

— Acho que você não deveria, Cody.

— Por quê?

— Porque... Bom, pode ser que Jennifer não queira casar com você.

O rosto do rapaz ficou sério.

— Ela não quer?

— Não sei, mas você precisa pensar nisso. Já pediu Jennifer em casamento dezenas de vezes, e ela nunca disse sim. Por que você não entende?

— Não entendo o quê?

— Pode ser que ela não queira casar com você. Quando as pessoas querem fazer alguma coisa, e podem, elas fazem. Se Jennifer quisesse ser sua esposa, seria.

— Acho que vou precisar perguntar mais uma vez.

Ashley respirou fundo e sentou-se na cadeira.

— Cody, há alguma comida que você detesta?

— Você mudou de assunto. Isso não faz parte das boas maneiras, mas tudo

bem. Qualquer pessoa pode aprender boas maneiras se praticar bastante.

Ele passou os dedos por entre o cabelo, uma massa de cachos castanho-escuros que quase causava inveja a Ashley.

— Detesto fígado de frango — ele respondeu. — O meu papai me fazia comer fígado de frango quando a gente não tinha dinheiro. Era só o que ele podia comprar, e ele dizia que fazia bem para a saúde. Ele enrolava os fígados de frango em farinha de rosca e os fritava na gordura de *bacon*. Mas eu não gostava mesmo assim. Eca!

— Você gostaria de comer fígado de frango agora?

Ele olhou para seu relógio por um longo tempo.

— Ainda não aprendi bem a conhecer as horas, mas acho que ainda não são 12 horas. Acho que está mais ou menos perto de 10 horas. Significa que não preciso almoçar ainda. Posso estar enganado sobre a hora, mas obrigado, não, prefiro não comer fígado de frango.

— E se eu lhe pedisse cinquenta vezes que comesse fígado de frango?

— Hummm... — ele se contorceu um pouco. — Sou obrigado?

— Não. Mas estou perguntando se você gostaria de comê-lo agora.

— Obrigado, mas não. Obrigado. Muito obrigado.

— Veja, é isto que estou tentando lhe dizer, Cody. Você sempre pergunta a Jennifer se ela quer casar com você, e ela continua a dizer "não, obrigada". Se você continuar a perguntar, ela vai sempre vai dizer "não". Ela não quer casar com você, da mesma forma que você não quer comer fígado de frango.

Cody fitou Ashley em silêncio.

— Você transformou o fígado de frango em metáfora — ele disse finalmente em voz baixa. — Para mim, é uma metáfora.

— Mais ou menos. Eu disse isso para que você entenda a situação. Seja apenas amigo de Jennifer. Você não precisa casar com ela.

Os olhos azuis de Cody encheram-se de lágrimas repentinamente.

— Eu sou fígado de frango.

— Não, Cody. Você não é. Você é *você*. É um excelente rapaz. Só acho que Jennifer não quer casar com você. Pode ser que ela não queira casar com ninguém. Talvez não seja do tipo que goste de casar.

Engolindo em seco, ele enxugou o rosto.

— Entendi essa metáfora, Ashley. Mas nunca pensei que Jennifer achasse que sou fígado de frango. Isso é horrível, porque o fígado de frango é nojento e me

faz querer vomitar. Para falar a verdade, já vomitei muitas vezes quando fui forçado a comer isso. Eu disse ao meu papai que não queria mais fígado de frango. Por favor, papai, por favor. Mas ele sempre me obrigava, e é isso que estou fazendo quando continuo a perguntar a Jennifer se ela quer casar comigo. Estou forçando Jennifer a comer fígado de frango.

— Ah, está bem. — Ashley inclinou o corpo para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. — Cody, olhe para mim e pare de chorar. Não vamos mais falar de fígado de frango. Jennifer ama você. Ama de verdade. Ela gosta de você como um bom amigo ou um irmão especial.

Com lágrimas continuando a descer pelo rosto, Cody olhou desconsolado através da janela.

— A neve está derretendo mais rápido agora — ele disse num sussurro. — Eu deveria ir à casa de Jennifer e pedir desculpas a ela. Não vou mais pedir que ela case comigo. Não quero ser fígado de frango. Prefiro ser bolo de chocolate cortado em quadrados.

— Espere, não vá ainda. Fique um pouco mais aqui até acalmar-se.

A última coisa que Ashley queria era ver Cody andando pela casa, mas o que mais ela poderia dizer? Tentara explicar a situação a ele e, como acontecia ultimamente, ela acabava estragando tudo.

Eles permaneceram em silêncio na sala de estar, ambos olhando para a neve derretida que pingava do telhado de onde a calha havia despencado. Ashley pensou em ligar para Brad. Havia motivos suficientes para ela desculpar-se pelo que acontecera entre eles naquela manhã.

Tentando imaginar a voz do marido, ela temeu que ele se irritasse por ser interrompido no trabalho. E se eles discutissem pelo telefone? Ele poderia não voltar para casa naquela noite. Ou nunca mais.

Ela queria isso? Ou tanto fazia?

O que eles haviam feito? Como chegaram ao ponto de estragar tudo?

— Pode ser que Jennifer se case com outro homem — Cody disse, sem nenhuma emoção na voz. — Pode ser que ela encontre outra pessoa para ser marido dela.

— Quem sabe? — Ashley murmurou, lembrando-se da conversa que tivera com Jennifer. A verdade é que sua amiga ficaria muito feliz de encontrar um homem que ela pudesse amar de verdade.

— Mas Jennifer não pode casar com *Brad* — Cody disse — porque você já casou com ele. Ela pode querer amá-lo e casar com ele, mas isso é impossível.

Ashley voltou à realidade.

— O que você está dizendo, Cody? Por que Jennifer haveria de querer casar com Brad?

— Porque eles estavam conversando juntos no escritório escuro da loja Bênção Para o Lar na semana passada.

— O quê?

— Quando vi, pensei que eles estavam se beijando, essas coisas. Mas Jennifer disse que não, que não estavam. Brad não disse nada porque saiu com Tagarela o mais rápido que pôde quando eu o enfrentei e disse que ele fosse embora.

— Brad estava com Jennifer? Dentro da loja nova da sra. Hansen? Tem certeza?

— Tenho, e eu disse: "Jennifer, acho que você estava trocando beijos com Brad, que é marido de Ashley". Ela disse: "Não, a gente estava conversando". Depois decidimos pôr vinagre nos tapetinhos para tirar as manchas. Aí, eu encontrei minha esponja e fui embora também.

A essa altura, Ashley estava sentada com o corpo ereto na cadeira.

— O que eles estavam fazendo lá? Há alguma coisa entre eles?

— Não estavam se beijando, foi o que Jennifer disse, e eu acredito nela. Ela nunca mente. — Ele hesitou por um instante. — Mas também não me diz a verdade. Ela poderia dizer: "Cody, não quero casar com você. Quero ser sua amiga, mas não sua esposa".

O grande nó que pesou no estômago de Ashley a manhã inteira começou a contorcer-se, fazendo-a sentir náuseas subitamente.

— O que eles estavam fazendo?

— Estava escuro, lembra? No começo, eu não vi nada. Ouvi os dois conversando, e então meus olhos se acostumaram à escuridão, e eu vi Brad e Jennifer. Ela estava chorando.

— Chorando? Por quê?

— Devia ser por causa da sujeira que Tagarela havia feito nos tapetinhos. Mas não se preocupe, nós limpamos tudo.

— Não se preocupe? Você acaba de me dizer que entrou num cômodo escuro e viu meu marido e minha amiga juntos! Cody, pare de falar nos tapetinhos e me conte exatamente o que aconteceu.

— Você não deve se preocupar, Ashley. Eu consertei sua porta, e Brad foi trabalhar com Tagarela, e Jennifer parou de chorar, e os tapetinhos estão limpos. Está tudo certo.

— Não, não está. Por que Brad e Jennifer estavam juntos? Sobre o que eles estariam conversando, a não ser... a não ser...

Ashley prendeu a respiração, lembrando-se do dia em que implorara a Jennifer que falasse com Brad sobre seu problema conjugal. Jennifer concordara com relutância em conversar com ele. Seria esta a forma que ela escolhera para atender ao pedido de Ashley — uma conversa matutina numa sala escura? Não fazia sentido.

E se Jennifer e Brad já tivessem conversado várias vezes? E se aquelas conversas tivessem se transformado em atração entre os dois em vez de resolver os problemas dele com a esposa?

— Preciso ver Jennifer. — Ashley levantou-se de repente, tentando conter as lágrimas. — Preciso conversar com ela agora. Neste *instante*!

— Mas ela não está mais triste. Está feliz porque as manchas desapareceram.

— Ah, não! — Ashley correu até o cabide e pegou o cachecol, o casaco e as luvas. — Isto é terrível. Por que não desconfiei? Eu deveria saber. Sou muito idiota. Sou a pessoa mais burra do mundo!

— Espere, Ashley. — Cody levantou-se. — Você precisa fazer o que eu fiz quando me falou do fígado de frango. Precisa sentar-se e acalmar-se. — Ele a segurou pelos ombros. — Sente-se aqui no sofá porque você está muito perturbada para conversar com outra pessoa além de mim. Acho que não quebrei as regras de etiqueta ou coisa parecida. O que fiz de errado?

Ashley afundou-se no sofá e sacudiu a cabeça.

— Nada. Você não fez nada errado, Cody. Parece que houve um grande naufrágio. Estraguei tudo o que era possível estragar num casamento. Minha vida não vale nada. Eu me odeio.

Cody sentou-se ao lado de Ashley e bateu de leve nas costas dela. Cody estava tão perto que ela sentiu o cheiro do solvente de tinta nas mãos dele.

— É verdade que você se odeia, Ashley?

— Sou uma idiota, uma garota horrorosa de pernas finas e cabelão ruivo. Tenho um diploma que não vale nada, e a única coisa que achei que estava fazendo certo, fiz tudo errado. Eu tinha certeza de que Brad e eu éramos um

casal perfeito. Sabia que seríamos felizes para sempre, que sempre nos amaríamos e que teríamos uma penca de fi...fi... lhos...

Soluçando, ela cobriu o rosto com as mãos e dobrou o corpo, com medo de sentir náuseas. Seu casamento em ruínas era a pior coisa do mundo. Como isso pôde acontecer? Jennifer estaria apaixonada por Brad? Ele a traíra?

— Não acho que você seja idiota nem feia — Cody disse, continuando a agradá-la, batendo com a mão nas costas dela. — Acho que você é igual à esposa que a mãe do rei Lemuel descreveu para ele. Mas o problema é que Brad não é igual ao rei Lemuel. A mãe do rei disse ao filho que não tomasse bebida alcoólica, porque ele se esqueceria da lei e prejudicaria o julgamento dos aflitos. E é exatamente isso que Brad fez quando bebeu: se esqueceu da lei e fez o caminhão novo dele cair na valeta.

— Eu não devo falar do acidente nem da multa que ele levou por dirigir embriagado, Cody — Ashley disse, com voz chorosa. — Nunca faço Brad lembrar-se do que ele fez. Ele detesta quando *alguém* menciona aquela droga de caminhão.

— Eu sei que a gente não deve fofocar, porque Patsy disse: "Nunca espalhe boatos". Mas você está triste, por isso vou lhe contar uma coisa para você se sentir melhor.

Cody parou de bater nas costas de Ashley.

— Jennifer disse que acha Brad uma pessoa muito inteligente, apesar de agir como um burro. Foi o que ela me contou.

Ashley engoliu o nó na garganta.

— Espere! Jennifer disse isso? Depois que ela e Brad estiveram juntos na sala escura? — Fungando forte, ela endireitou o corpo. — Jen disse mesmo que Brad é inteligente? Disse que ele deveria ser um bom marido para mim?

— Disse. Mas ela acha que ele age como um burro.

— Ah, não acredito — Ashley disse sem pensar enquanto uma onda de alívio tomava conta dela. — Você está me dizendo que Jennifer *não* sente atração por meu marido? Tem certeza absoluta de que não há nada entre eles?

— Nada, a não ser conversar. Jennifer disse que estava chorando porque quer que todas as mulheres encontrem um bom marido, inclusive ela. Eu disse que seria um bom marido e que queria casar com ela. Mas ela não disse nada, a não ser que a gente precisava de mais vinagre, senão as manchas nunca sairiam.

— Ah, agradeço aos céus!

— Eu não agradeço tanto assim. Acabo de descobrir que sou fígado de galinha para Jennifer, e fiz você chorar, e Brad é capaz de me odiar porque eu disse que ele devia sair do Bênção Para o Lar.

— Não, você é um amor, Cody — ela esfregou a manga no rosto. — Sempre tenta fazer o melhor. A perdedora aqui sou eu.

Ashley sentiu-se inesperadamente desconfortável, sentada no sofá com Cody quase grudado a ela como se estivessem em uma sala lotada. Embora algo dentro dela tenha se levantado para defendê-la contra a acusação de que era uma perdedora, seu coração dominou essa sensação. Ela conhecia a verdade.

Nenhuma pessoa perfeita joga o marido completamente nu na neve. Não grita com ele nem o ofende. Não o odeia. Ela havia feito tudo isso... e mais.

Ashley soltou a respiração.

— É melhor você ir agora, Cody. Já estou mais calma por saber que Brad não está... porque o que pensei que estivesse acontecendo não está. Pelo menos é o que eu acho.

Cody levantou-se do sofá.

— Estou feliz por ter consertado sua porta. Peço desculpas se não tive boas maneiras.

— Está tudo bem. Preciso ligar para Brad. Acho que se conversarmos... se tentarmos de fato... se pudermos resolver nossos problemas, tudo vai ficar bem. Não tenho sido a melhor esposa do mundo.

— Jennifer acha que você é boa esposa.

— Jennifer não me conhece muito bem. Sou uma esposa razoável.

— OK. — Cody pegou seu casaco no cabide e vestiu-o. — Ligue para mim de novo se você e Brad quebrarem alguma coisa. Sou bom consertador.

Sem dizer mais nada, Cody virou-se e caminhou em direção à porta da frente. Ashley sentiu a tensão aliviar quando ele saiu e ela fechou a porta. Embora estivesse muito mais calma, suas mãos ainda tremiam.

Brad e Jennifer no escuro? Brad e Jennifer juntos e sozinhos? Por quê?

E se Jennifer tivesse mentido para Cody?

E se Brad fosse infiel?

O que Ashley faria? Como seria a vida dali em diante? Esse era o maior medo de Ashley. Seu maior pesadelo.

Que tipo de marido fazia sua esposa sentir-se daquele jeito, vivendo sempre apavorada? Que tipo de homem ficava num bar até altas horas da noite? E lia

revista pornográfica? E não pagava as contas, destruía o caminhão, falava mal dos pais dela?

Brad era um marido *horrível*. Ashley não sabia por que se envolvera com ele. Será que o amara realmente... ou estava vivendo uma mistura maluca de admiração, deslumbramento, fascínio e desejo?

O que era realmente o amor?

Ashley pensou em Esther Moore. A sra. Moore teria uma resposta àquela pergunta. Saberia explicar tudo. Mas agora... agora a sra. Moore estava morta. Exatamente isso. Morta.

— Correspondência! — Cody gritou a palavra com alegria, abrindo a porta e entrando intempestivamente na sala de estar. — Há um monte de cartas para você, Ashley. Vi o carteiro colocando a correspondência em sua caixa, e pensei que poderiam ser cartões de Natal. Brenda sempre fica feliz quando recebe cartões de Natal. Ela coloca todos num cesto em cima da mesa e mostra a Steve, a Jennifer e a mim. Estão aqui! Feliz Natal!

Ele mostrou uma pilha grande de grandes envelopes brancos. Ashley reconheceu sua letra na maioria deles.

— O que é isto? Não são cartões de Natal.

Ela pegou-os e colocou-os no colo. Aos poucos, começou a entender quando abriu um deles.

— São os envelopes de cartão-resposta. Enviei com os pedidos de colares. Ah, Cody! Isto é um cheque. É dinheiro. Muito dinheiro. Elas estão me pagando. Minhas clientes estão me pagando de verdade!

— Espere até ouvir isto — Cody disse, rindo. — Fiz uma brincadeira com você, Ashley! Há mais! Muitos mais. Escondi estes envelopes no meu bolso porque queria pregar uma peça em você! Que tal? Eu consegui? Você está surpresa?

À medida que os envelopes caíam ao redor dela como flocos de neve, Ashley abriu a boca.

— Que maravilha!

— Ha-ha-ha! — Cody bateu com as mãos nas coxas. — Eu sabia! Foi uma peça e tanto. Feliz Natal, Ashley Hanes. Feliz Natal para você!

10

Brad sentou-se na beira da cama e desligou o despertador. "Há quanto tempo estava tocando?", ele pensou, coçando os olhos. Era véspera de Natal — e ele chegaria atrasado ao trabalho.

A neve derretera completamente antes de ele sair de casa na noite anterior, portanto hoje não haveria desculpas. Teria de tomar uma ducha rápida e comer um lanche no Pop-In a caminho da construção. Bitty Sondheim estava na Califórnia visitando a família, mas pedira ao cozinheiro que mantivesse o pequeno restaurante aberto para seus clientes fiéis, entre eles Brad, que já estava ansioso por comer seus costumeiros ovos mexidos com *bacon* e queijo envoltos em massa de salgados.

Ao levantar-se, Brad olhou para a mulher escarrapachada entre os lençóis amassados. Ashley nunca dividira a cama com uma irmã, portanto costumava puxar a coberta, virando-se na cama a noite inteira como um peixe agonizante. Naquela manhã, no lusco-fusco do amanhecer, ele viu que ela usava sua camisola favorita de flanela, velha e feia, e um par de meias cinzentas que sua avó tricotara. Ela não se preocupou em desmanchar as tranças, que pareciam uma corda vermelha esfiapada em cima do travesseiro. Ele não se lembrava de tê-la ouvido chegar em casa.

Embaixo do chuveiro, ele relembrou o dia anterior, que começara com sua esposa enxotando-o na neve. Depois, ele arrombara a porta da frente com um chute. Miranda Finley, sua vizinha psicótica, presenciara todo o episódio através de sua janela na sala de jantar e, evidentemente, achou tudo muito engraçado. Ele não viu graça nenhuma.

Enquanto enxugava o corpo com a toalha, ele lembrou-se das muitas vezes durante o dia quando pegou o celular e pensou em ligar para Ashley a fim de desculpar-se. Ele não era mau — não era o tipo de sujeito que bate na esposa ou derruba a casa num acesso de raiva por causa de bebida. Como ele pôde ficar tão zangado com ela? O que Ashley dissera? O que ele havia feito? Havia sempre algo borbulhando entre eles, aumentando sob a superfície e esperando vir à tona. Ashley mencionara a bebedeira, ele lembrou. E havia encontrado sua revista.

Tagarela também contribuíra para a confusão, desaparecendo na neve e deixando-os apavorados. O dia havia sido péssimo.

Ele respirou fundo e voltou a entrar no quarto. Tentando ser o mais silencioso possível, ele vestiu a cueca e a calça *jeans*. Enquanto passava a camiseta pela cabeça, ele sentiu um puxão na perna da calça.

"Rrrrf! Rrf-rrf!"

— Quieto! — ele sussurrou, pegando o cãozinho nos braços. — Fique quieto. Vou levá-lo para fora num instante.

— Eu faço isso. — Ashley sentou-se na cama com as pernas cruzadas e olhou para ele, com as mechas de cabelo espalhadas em volta da cabeça. — Eu levo Tagarela para fora.

— Obrigado. — Ele vestiu uma camisa de flanela xadrez e começou a abotoá-la. — Estou atrasado.

— Você vai trabalhar o dia inteiro? — sua voz era mais suave que a usual. — Hoje é véspera de Natal.

Ele queria reconciliar-se com ela, mas estava atrasado. Não sabia por onde começar. Como melhorar a situação com sua esposa? Como mostrar-lhe que ainda gostava dela? Será que gostava mesmo?

— Não restou muito trabalho para fazer naquela unidade — ele disse, imaginando se teriam tempo para jantar fora naquela noite. Até mesmo uma refeição em casa seria razoável. — Vamos sair mais cedo. E você?

— Um grupo de cantores da igreja reservou o restaurante inteiro. Vão jantar no clube e depois sair para cantar. Acho que vou chegar tarde.

Brad assentiu com a cabeça. Fazia sentido. Em seu emprego, o feriado geralmente significava folga. No emprego de Ashley, significava clientes extras e mais horas de trabalho. Outro ponto a acrescentar na crescente lista de motivos que explicava por que nada entre eles funcionava.

Ashley pisou no chão e esticou o braço para pegar o cãozinho. Quando ela segurou Tagarela nos braços, Brad sentiu a pele quente dela tocar a sua. Ela olhou para ele com seus olhos castanhos profundos.

— Brad, sinto muito — ela começou a dizer e parou por um instante. Umedeceu os lábios e engoliu em seco. — Peço desculpas... peço desculpas por não ter enfeitado a casa para o Natal. Ajudei minha mãe a montar um pinheiro dias atrás, mas não sabia se tínhamos dinheiro para comprar um. Não sei como você se sente a respeito... a respeito do Natal... nem de nada. Sinto muito.

— Não se preocupe. — Ele virou-se, procurando suas botas. Por que ela não se desculpara por coisas mais importantes? Por tê-lo atirado na neve? Aquele teria sido um começo.

A frustração encheu-lhe o peito. Sem dúvida Ashley esperava que ele lhe pedisse perdão pela revista cheia de garotas. Teria sido melhor não comprá-la, mas agora não havia tempo para falar de tudo aquilo.

— Você viu minhas botas? — ele perguntou.

— Estão ao lado do sofá.

Ela havia posto Tagarela no chão e estava vestindo o casaco. Ele pegou sua jaqueta grossa, tentando ainda pensar numa forma de suavizar o ressentimento entre eles.

— Você vai trabalhar amanhã? — ele perguntou.

— Amanhã é meu dia de folga por ser a funcionária mais antiga. — Ela endireitou os ombros. — Posso escolher meus dias de férias antes do resto do pessoal. Jay deixou que eu escolhesse primeiro.

Brad teve de conter-se para não dar uma resposta atravessada a respeito desse tal *Jay* que parecia ter invadido seu casamento. Se Jay era tão maravilhoso assim, por que Ashley não passava o Natal com ele?

Não, aquilo era grosseria. Brad sabia que devia manter a boca fechada. Se quisesse dizer alguma coisa a Ashley, precisava falar de maneira educada. Algo positivo.

Um pensamento ocorreu-lhe.

— Minha mãe está nos esperando para almoçar na casa dela amanhã ao meio-dia — ele disse, com a mão na maçaneta. — Ela assou um pernil este ano. Um bem grande.

Ashley retesou o corpo.

— Mas minha mãe nos convidou também.

— *Sua* mãe? — Aquela possibilidade não lhe ocorrera. — O que você disse a ela?

— Eu concordei, claro. Você nunca me disse que sua família queria que fôssemos lá. É a primeira vez que ouço isso.

— Você também não me disse nada. E minha mãe assou um pernil. É muito importante para ela. Não temos pernil todos os anos.

— Brad, meus pais estão nos esperando.

— Ah, é? Eu não vou comer aquele cachorro-quente de queijo, grande e apimentado, no Natal.

— Minha mãe não vai fazer isso!

— É só isso que ela sabe cozinhar, Ash. — Ele soltou uma respiração quente. — Olhe, não tenho tempo para discutir. Sou o marido e digo que vamos à casa de *meus* pais.

— Pode ir. Vou almoçar na minha casa.

— *Esta* deveria ser a sua casa! — ele gritou, surpreso com a súbita raiva que ardia dentro de si. — É *aqui* que você mora — ele disse apontando o dedo indicador para o chão. — Este é o lugar que você deveria enfeitar para o Natal. É aqui que os presentes deveriam estar. Bem aqui. Debaixo de *nossa* árvore. Somos casados, caso você tenha esquecido.

— Casados? O que é isso? Duas pessoas que nunca se veem? Que brigam o tempo todo? Um marido que prefere ler uma revista pornográfica a...

— Chega! — ele segurou-a pelo pulso. — Pare de falar sobre a revista.

— Ah! É mais uma coisa entre tantas outras sobre a qual não devo falar? Vejamos, não posso falar de seu caminhão, de sua multa por dirigir embriagado.

— Ashley! — Ele apertou o braço dela. — Pare. Pare de debochar de mim. Você me põe pra baixo o tempo todo. Faz pouco de mim. Estou cansado disso. Só quero que me respeite um pouco, tá? Sei que não sou perfeito. Sei que decepcionei você. Mas você poderia pelo menos tentar descobrir uma palavra boa para me dizer de vez em quando.

— Eu poderia dizer uma palavra boa se encontrasse o homem com quem me casei no Dia dos Namorados. Eu mal *o* conheço. Ou você está no Larry ou está jogado no sofá todas as noites quando entro em casa. Nunca me abraça nem me faz carinho. E quando me quer, só me agarra, me agarra, me agarra o tempo todo. Se quer que eu o respeite, dê-se ao respeito. Seja carinhoso comigo.

— Eu trabalho pelo menos quarenta horas por semana num emprego que detesto, só para trazer dinheiro para você. Isso é ser muito *carinhoso*, se você quer saber.

— Se detesta seu trabalho tanto assim, faça outra coisa. Vá estudar na faculdade.

— Ah, pois não. — Ele abriu a porta com força. — Você poderia pelo menos pendurar algumas meias na casa, Ash. Qualquer esposa normal teria feito isso.

A caminho da varanda, ele ouviu o ruído das patinhas deTagarela atrás de si. Ashley acompanhou-os, com os sapatos desamarrados pisoteando a calçada molhada.

— Você acha que não sou uma esposa normal? — ela gritou. — Você não sabe nada sobre mim! Não tem ideia do que estou realizando! Sou mais que normal. Vou ter sucesso, Brad Hanes. Vou ter uma vida boa, e não preciso de você por perto para conseguir isso!

Brad curvou o corpo, levantou Tagarela do chão e aproximou-se da esposa e colocou o cão nos braços dela.

— Então, por que você e sua camisola de flanela não desaparecem da minha vida? — ele gritou, com o rosto a centímetros do dela. — Eu também não preciso de você.

— Eu odeio você! — ela berrou, com lágrimas descendo pelo rosto enquanto ele entrava no carro.

— Eu também odeio você — ele resmungou. Com os dentes cerrados, ele saiu a toda velocidade, com os pneus cantando no asfalto.

Aquele era um caso perdido.

Patsy percebeu imediatamente. Por mais que Derek Finley tentasse ensinar Cody a dirigir seu carro na estrada que circundava Deepwater Cove, o rapaz sempre fazia uma barbeiragem.

— Continue tentando, querido! — ela gritou, acenando com a mão enluvada, quando Cody passou mais uma vez por ela e Jennifer. O salão estaria fechado nos próximos dias, por isso as duas mulheres concordaram em sair de casa para animar Cody em sua tentativa de aprender a dirigir.

— Vá em frente, Cody! — Jennifer gritou.

— Você vai conseguir! — Patsy levantou a mão fechada quando ele desceu a ladeira na pista esquerda da estrada. — Ele não vai conseguir — ela murmurou. — Não vai, Jennifer, e esta é a grande verdade sobre o assunto. Vamos ter de imaginar uma forma de dizer isso a Cody, da maneira mais doce possível, antes que ele entre com o carro de Derek na varanda de alguma casa. Não entendo por que Derek continua tentando. Posso jurar que aquele pobre homem deve ter perdido uns dois anos de vida nessa empreitada.

Jennifer riu.

— Nós não acreditamos que Cody passaria no exame escrito, lembra? Mas ele passou.

— Raspando. Penso que o funcionário o deixou passar só porque Cody é sincero demais.

— Eles não podem fazer isso!

Jennifer estava sorrindo, mais linda do que nunca, Patsy pensou. A jovem ainda não sabia definir quais eram os seus sentimentos nem havia tomado uma decisão quanto ao futuro. Mas pelo menos a lembrança do que acontecera no México parecia estar desaparecendo. Graças a Deus. Ele aliviaria as terríveis lembranças e certamente guiaria uma jovem tão encantadora na direção certa. Disso ninguém duvidava.

— Você está conseguindo ver os dois? — Patsy perguntou, ficando na ponta dos pés para enxergar a estrada sinuosa ao longe. — Espero que aquele rapaz não tenha caído numa valeta.

— Ah, lá vêm eles de novo. — Jennifer bateu palmas com as mãos enluvadas, cheia de entusiasmo. — Veja, Cody está permanecendo a maior parte do tempo na pista direita da estrada! Ele está conseguindo, Patsy.

Após o ruído de uma brecada forte, o carro parou subitamente ao lado de duas mulheres. Cody e Derek foram atirados para a frente, e só não bateram com a cabeça no para-brisa por causa dos cintos de segurança. O vidro do lado do motorista foi abaixado, e Cody pôs a cabeça para fora, sorrindo de orelha a orelha.

— Que tal? — seus olhos azuis se fixaram em Jennifer. — Você viu que eu andei um trecho longo sem desviar o carro para o meio da pista?

Enquanto Jennifer o parabenizava, Patsy olhou para o homem sentado no banco do passageiro. Derek estava com a cabeça recostada no banco e respirando como se tivesse acabado de completar meia maratona. Apesar do frio, havia gotas de suor em volta do cabelo.

— Você está bem, Derek? — Patsy perguntou.

Ele olhou de relance para ela e revirou os olhos. Patsy entendeu a mensagem silenciosa.

Com a mão pousada no ombro de Cody, ela falou carinhosamente.

— Você está se esforçando bastante para aprender a dirigir. Que tal um pedaço de bolo de chocolate?

Ela viu a luta dele para decidir. Completar o círculo mais uma vez... ou comer bolo de chocolate na casa de Patsy. O que ele escolheria?

— Cortei o bolo em quadrados — ela lhe disse. — Do jeito que você gosta.

— OK!

Sem dar tempo para ela afastar-se, Cody deu partida e começou a descer a ladeira. Patsy e Jennifer engasgaram. Balançando de um lado para o outro, o veículo estava prestes a entrar no jardim de alguém ou cair numa valeta.

— Ele vai bater! — Jennifer gritou, agarrando-se a Patsy e apertando os olhos.

— Derek está lá, não esqueça.

O carro deu uma guinada para esquerda e, por pouco, não raspou na caixa de correspondência de Opal Jones. De repente, a buzina tocou. O carro derivou para a direita, levantando uma nuvem de pedregulhos do acostamento.

— Ah, não! — Jennifer agarrou a mão de Patsy. Oh!

— Ele vai entrar na minha garagem! — Patsy começou a correr, uma tarefa complicada por causa das botas de couro de bico fino e salto alto e da saia justa.

Jennifer passou por ela facilmente, correndo pela pista molhada em direção à casa pequenina de Patsy à qual ela dera o nome de lar por muitos anos.

— Que o Senhor tenha misericórdia! — Patsy respirou ofegante enquanto corria, tentando fazer o possível para segurar as coisas no lugar. — Senhor, permite que ele pare. Se me amas verdadeiramente, Senhor, peço que detenhas o carro daquele rapaz antes que atinja minha casa!

Enquanto Jennifer chegava à entrada de veículos da casa de Patsy, o carro deu um solavanco e tomou o rumo da garagem, como se Cody tivesse a intenção de colidir com a própria garagem. Patsy deu um grito. O carro deu nova guinada. O salto da bota de Patsy enroscou-se numa fenda da calçada. O novo e frágil corniso plantado no jardim de sua casa desapareceu sob o para-choque. Patsy levou um tombo. O salto da bota quebrou, e ela caiu de joelhos sobre o tornozelo torcido.

Ao olhar para cima, ela viu que o carro havia parado. Os limpadores do para-brisa movimentavam-se de um lado para o outro quando Cody saltou do banco do motorista e começou a pular ao redor.

— Fiz tudo errado! — ele lamentou. — Não sabia como frear! Sinto muito! Quase bati na garagem. Destruí a árvore nova de Patsy.

Enquanto Jennifer corria em direção a Cody, Derek analisou a frente de seu carro para avaliar o prejuízo. Foi então que Patsy sentiu a dor percorrer sua perna como se fosse uma vareta incandescente. A dor subiu até o quadril e voltou ao tornozelo.

Incapaz de movimentar-se, ela sentou paralisada, olhando suas meias em frangalhos, os joelhos ralados, a saia rasgada — e aquelas duas pernas despontando estranhamente embaixo dela. Seriam suas pernas? Por que a dor era tão forte? Ela abriu a boca para gemer, mas não proferiu nenhum som. Sua visão foi tomada por uma onda escura. Ela estava sentindo náuseas.

— Patsy! — A voz de Derek Finley ecoou através da nuvem negra. — Patsy, você está me ouvindo? Você ralou os joelhos e deve ter machucado o tornozelo. Vou tirar esta bota.

Ela cerrou os dentes e agarrou o ombro do patrulheiro aquático quando ele a inclinou um pouco, abriu o zíper da bota e tocou seu pé com muito cuidado. Lágrimas brotaram em seus olhos, e não havia nada que as detivesse.

— Es...tá... do...endo! — ela gemeu.

— Eu sei, eu sei. Vamos ver se conseguimos esticar sua perna. Você sente que alguma coisa quebrou?

— Tudo! — ela berrou, completamente incapaz de segurar a onda de angústia. — Estou sangrando! Estou morrendo aqui, Derek! Minha perna está quebrada, meu pé, meu tornozelo. A dor está me matando. Tudo está me matando. Preciso de morfina! Chame uma ambulância. Eu vou morrer.

Ela ouviu Derek rir.

— Pare de rir de mim, Derek Finley. Tire-me deste lugar! Já!

— Calma, Patsy. Se você consegue gritar é porque vai ficar bem. Nós nos preocupamos mais com os quietinhos. Não carrego morfina, e você não precisa de ambulância. — Ele estava apertando a perna dela, tentando girá-la. — Aparentemente não há fratura. Deve ter havido uma luxação no tornozelo.

— Luxação? — A maneira como seu pé latejava indicava certamente que ele havia se partido ao meio. Ela não conseguia sequer olhar para aquilo. Sua perna deveria estar toda ensanguentada.

— Oi, Patsy. — Jennifer ajoelhou-se ao lado dela. — Eu manobrei o carro de Derek. Você acha que consegue entrar nele?

— Entrar? Você acha que estou em condições de entrar num carro?

Derek segurou-a por baixo de um dos braços.

— Vamos, Patsy. Vamos ajudá-la a entrar no carro para que você permaneça aquecida. Depois decidiremos se precisamos ir ao hospital.

Sem conseguir conter as lágrimas, Patsy permitiu que Jennifer e Derek a ajudassem a se levantar e sentar no banco traseiro do carro dele. Por um motivo inexplicável, a dor e as lágrimas abriram as comportas dentro dela, e tudo o que

parecia triste em sua vida fluiu de uma só vez. A morte prematura do pai. A longa batalha da mãe contra o mal de Alzheimer. Sua luta interminável para manter o salão funcionando. Sua solidão.

Espere! A solidão não fazia mais parte da lista.

— Onde está Pete? — ela perguntou, fungando. — Preciso de Pete.

Jennifer olhou para ela e sorriu enquanto colocava o carro na entrada para veículos e o freava com cuidado.

— Vou ligar para ele assim que você estiver acomodada. Preciso também cuidar de Cody.

"Ah!", Patsy pensou, "Cody". Quanto tempo demoraria para ele recuperar-se desta última calamidade? Ela já havia presenciado suas crises nervosas. Quando ele chegou a Deepwater Cove, qualquer ruído forte o fazia emitir um grito animalesco e sair correndo, aterrorizado. Quando ele se acostumou ao local e começou a sentir menos medo, seus episódios evoluíam em acessos de choro e gemidos, às vezes a ponto de arrancar os cabelos. Ele ainda chorava algumas vezes, mas aprendera a ser menos dramático. Ela lembrou-se dele pulando na entrada de carros.

— Meu corniso — ela lamentou. — Plantei-o na primavera.

Derek abriu a porta traseira e esticou o braço em direção a ela.

— Ele foi atingido. Mas é apenas um arbusto. Não deve ter morrido. Como você está se sentindo?

— Como *morta*. Você tem certeza de que não carrega morfina? Alguém precisa me dopar.

Ele riu novamente.

— Não estou em serviço, e só carrego material de primeiros socorros quando estou trabalhando. Você vai ficar bem, Patsy. Apoie-se em mim.

Com Jennifer e Derek amparando-a, um de cada lado, ela mancou até a varanda e atravessou a porta da sala. Eles a ajudaram a sentar-se num sofá. Enquanto Jennifer colocava um travesseiro sob a perna de Patsy, Derek voltou da cozinha carregando um saco plástico de ervilhas congeladas.

— Essas ervilhas são caras, você sabe. — Ela olhou para ele. — Eu ia servi-las no... oh, droga. Amanhã é Natal, não? E eu estou aqui, quase morta.

— Tenho 99% de certeza de que se trata apenas de uma luxação, Patsy — Derek assegurou enquanto embrulhava as ervilhas num pano de prato e as

colocava ao redor do inchaço. — Suas botas muito apertadas ajudaram a proteger o tornozelo.

— Minhas botas são culpadas pelo que me aconteceu. — Ela gemeu e fechou os olhos. — Onde Cody está?

— Escondido no banheiro — Jennifer respondeu. Ela terminara de limpar o sangue dos joelhos ralados de Patsy, que felizmente não precisaram de ataduras. Com um suspiro, Jennifer concentrou-se na porta empoeirada da sala. — Vou servir o bolo. Só assim ele vai sair de lá.

— Infelizmente vou ter de recusar a porção de bolo deste evento — Derek disse com um sorriso maroto. — Já tive minha cota de adrenalina para um dia inteiro.

— Você vai desistir de Cody? — a pergunta de Jennifer foi proferida num sussurro. — Acha que ele nunca vai aprender a dirigir?

Derek olhou para o teto por um instante.

— Não tenho certeza. Ele não consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo. Para dirigir, é necessário realizar várias ações diferentes ao mesmo tempo. Quando ele está tentando permanecer à direita na estrada, parece não se lembrar de olhar no espelho retrovisor ou ver se há um carro saindo de uma garagem. Quando está se aproximando de uma esquina, Cody liga a seta, mas se esquece de reduzir a velocidade, de olhar para os dois lados e de girar o volante. Ele apenas inclina o corpo inteiro para um lado, como se o carro acompanhasse seu movimento. Já subimos em tantas sarjetas que perdi a conta.

— Ele é autista — Jennifer murmurou. — Tenho lido muito a respeito do assunto. Os autistas têm dificuldade em realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Aparentemente, eles conseguem dominar uma, mas se esquecem de todas as outras que a acompanham. Eles demoram muito para integrar tudo o que estão aprendendo.

— Bom, a palavra *desistir* não faz parte de meu vocabulário, e tenho muito tempo para dedicar a Cody — Derek disse, sorrindo para ela. — Com mais um par de gêmeos a caminho e Kim reduzindo o ritmo de trabalho, não estou planejando a ir a lugar nenhum. Vão ser meninos, você sabia? Minha mãe quer chamá-los de Eric e Derek, em homenagem a meu pai e a mim. Mas não concordamos de jeito nenhum. Kim e eu decidimos que queremos nomes bíblicos. Nomes que tenham significado, como...

De sua posição no sofá, Patsy tentou concentrar-se na troca gentil de informações entre Derek e Jennifer. Porém, achou difícil interromper a conversa e pedir a um deles que fizesse alguma coisa para aliviar sua dor. E rápido!

— Que ótima ideia! — Jennifer estava dizendo. — Meus pais optaram pela letra *J*. Jennifer, Justin e Jessica. Mas isso causou muita confusão para nós. As pessoas não se lembram de quem é quem, por isso...

— Com licença — Patsy disse finalmente. — Detesto interromper, mas eu gostaria de comer uma fatia daquele bolo de chocolate, Jennifer. E você poderia arrumar alguns analgésicos para mim enquanto está aqui?

— Oh, Patsy. Desculpe-me.

Poucos segundos depois, Derek já havia ido embora, e Jennifer voltava à sala de estar com o bolo que Patsy assara de manhã.

— Fiz o bolo para minha primeira ceia de Natal com Pete — ela disse, lamentando a linda estrela decorativa que criara com pecãs inteiras. — Aquele bolo e as ervilhas. Já que estamos usando as ervilhas, seria melhor ir em frente e cortar o bolo. Quero um pedaço grande. Para me consolar um pouco. Quem disse que eu não mereço?

Assim que Jennifer enfiou a faca no bolo, Patsy viu a porta do banheiro abrir-se e revelar a silhueta de Cody. "Como uma abelha ao mel", ela pensou.

— Saia daí, querido — ela chamou. Com um gole de água, ela engoliu dois analgésicos que Jennifer trouxera. — Ninguém está bravo com você. Vamos comer todo este bolo e falar de coisas agradáveis.

— Natal? — Cody disse esperançoso. Ele caminhou arrastando os pés e sentou-se na ponta da cadeira perto do sofá. Com um rápido olhar para os joelhos e o tornozelo inchado de Patsy, ele pareceu arrasado novamente. Jennifer, porém, colocou um prato de bolo nas mãos dele, e Cody animou-se imediatamente.

— Você tem um tema? — ele perguntou a Patsy. — Na casa de Jennifer, o tema é roxo e dourado.

— Na árvore de Natal — Jennifer esclareceu.

Patsy olhou para o pinheiro artificial com galhos espetados que possuía desde a infância.

— Amor — ela disse. — Acho que meu tema é este. Herdei os enfeites de meus pais e não sei de quem eles herdaram. Todos os anos, eles os tiravam das caixas, e os pendurávamos na árvore para nos lembrar do amor em nossa família.

No próximo Natal, se Pete e eu já estivermos casados, vou pendurar esses enfeites numa árvore comprada por nós.

— Você ainda não marcou a data do casamento, marcou? — Jennifer perguntou. — Faz um mês que Pete a pediu em casamento, Patsy. O que vocês estão esperando?

— Não sei o que estamos esperando. Não temos passado muito tempo juntos para conversar sobre o assunto.

— Porque eles gostam de se beijar em vez de conversar — Cody interveio.

— O que você sabe de Pete e mim? — Patsy esticou o pé são e deu-lhe um leve chute no joelho. — É melhor não ficar espiando nas janelas.

— Não fico espiando nas janelas. Acho que as pessoas se beijam quando estão apaixonadas. — Cody olhou de relance para Jennifer. — Mas quando não estão... quando pensam que a outra pessoa é fígado de frango, então não querem beijá-la, e não há nada que a gente possa fazer. Ou quando estão casadas, mas se odeiam como Brad e Ashley, e empurram um ao outro na neve, sem roupa nenhuma. Foi o que a sra. Miranda Finley me contou que Ashley fez com Brad. Aí, um não quer beijar o outro. Mas caso contrário, acho que deveriam se beijar.

Patsy e Jennifer entreolharam-se. A conversa seria longa.

11

Brad percorreu os nomes gravados em seu celular e se perguntou o que o sr. Moore estaria fazendo naquela noite de Natal. A iluminação dentro do Bar do Larry estava fraca, e do lado de fora a escuridão era total. Yvonne Ratcliff havia cantado duas sequências de canções. A primeira foi uma coleção de seus costumeiros números sertanejos. Na opinião de Brad, ela interpretava muito bem essas músicas de grande sucesso. A outra foi composta de canções de Natal repletas de palavras como *celebração*, *felicidade* e *alegria*. O pessoal reunido no Larry não parecia ter muita felicidade para repartir. Mesmo assim... estar perto de uma pequena árvore rotatória num dos cantos do bar e das guirlandas de prata presas ao teto era melhor que ficar em casa sozinho.

— Não telefone para ela — Mack disse, gesticulando em direção ao celular de Brad. — Ela está trabalhando. Não há motivo para você se aborrecer.

— Não estava pensando em Ashley. — Brad sabia que aquela era uma mentira. Pensou nela a noite inteira. Mas não disse nada ao recolocar o celular no bolso. — Você conhece Charlie Moore, o cara que me ajudou na reforma da casa? — ele perguntou a Mack. — Ele está na Califórnia. Viajou para visitar o filho. Não imagino o que ele esteja fazendo esta noite.

Mack tomou um gole da bebida. Brad olhou para sua caneca vazia. Os dois haviam bebido mais que o normal, mas por que não? Hoje era feriado. Dia de comemoração. Dia de farra.

— Deve estar montando a bicicleta para o filho — Mack disse, rindo. — O que alguém faz nestes dias? Você se lembra dos velhos filmes quando o pai descia ao porão para tentar construir uma casa de boneca para a filha e terminar de montar a bicicleta do filho antes da meia-noite? A mãe descia até lá com seu avental branco amarrotado e perguntava como ele estava indo, e ele estava sempre atrapalhado. Vou lhe contar uma coisa. Minha mãe não usava avental, e meu pai nunca montou uma bicicleta para mim. Roubei a única que tive.

— O filho do sr. Moore é adulto — Brad contou-lhe. — Não precisa ganhar uma bicicleta no Natal. Eles devem estar sentados em volta da lareira, cantando músicas de Natal.

— Na Califórnia? Eles têm lareiras lá?

— Talvez não. Mas aposto que o sr. Moore está com saudade da esposa. Ela morreu na véspera do Dia de Ação de Graças. O casamento deles durou quase cinquenta anos.

— Ha, ha, ha! — Mack levantou sua caneca e balançou-a para a frente e para trás enquanto ria. — Cinquenta anos de escravidão!

— Cale a boca, seu idiota.

— Qual é o problema, meninos? — Yvonne sentou-se no banquinho do bar ao lado de Brad. Usava calça de camurça preta apertada e um suéter vermelho que lhe acentuavam as curvas. Os brincos vermelhos e verdes em forma de luzes de árvore de Natal balançavam ao redor de seus ombros. — Não me digam que estão discutindo na noite de Natal.

— Brad está chorando — Mack disse a ela. — O casamento dele morreu.

— Sério? — a voz de Yvonne parecia entusiasmada demais para aquela hora da noite.

— Morto e enterrado — Mack afirmou.

— Ohhh! — Yvone inclinou o corpo em direção a Brad. — Que pena, querido! Isso acontece nas melhores famílias. Mas na véspera de Natal? Isso é o que chamo de estrago. O que aconteceu?

Brad olhou atentamente para a espuma que se secava em sua caneca. O que *havia* acontecido? Ele mal sabia. Lembrava-se nitidamente do dia em que viu Ashley preparando um *milk-shake* na lanchonete de seus pais, de costas para ele. Brad ficou fascinado ao ver a lava de cabelo que descia pelas costas da moça. Uma cascata de ondas caía até o quadril incrivelmente perfeito. Ela era alta e magra e estava em pé diante da máquina de *milk-shake* com aquela postura relaxada que provocou uma reviravolta no peito dele.

Aquela criatura não podia ser, de jeito nenhum, tão bonita de frente quanto era de costas, ele pensara. Mas, de repente, ela virou-se e olhou direto para ele com aqueles grandes olhos castanhos. Ao vê-lo, as faces dela enrubesceram, e o coração de Brad bateu descompassadamente.

"Oi", ela o cumprimentara. "Você não é Brad Hanes? Você jogava como armador no Lakers. O seu time venceu o campeonato estadual."

Estático, ele só conseguiu ficar com os olhos cravados nela. Onde ela estava enquanto ele cursava o colegial? Por que nunca notara a presença dela?

Ela enroscou o dedo indicador numa longa fileira de contas ao redor do pescoço. “O que você deseja?”, foi sua pergunta.

“Você.” As palavras saíram quase impensadamente. “Você, você, você e ninguém mais. Pelo resto da minha vida.”

Foi assim que ele se sentiu ao ver Ashley, e não parou de ter o mesmo sentimento durante o noivado, o casamento e os primeiros meses de vida conjugal. Nada nem ninguém era capaz de satisfazê-lo mais que sua esposa.

Ele faria qualquer coisa para agradar Ashley. Depois do primeiro encontro com ela, ele nunca mais olhou para outra mulher. Comprou um enorme e chamativo anel de brilhante para Ashley, gastando quase todas as economias nele. Dois meses depois de terem se conhecido, ele estava procurando uma casa para ela morar depois que se tornasse sua esposa. Ela era meiga, bonita, inteligente e prestativa — a mulher dos sonhos de qualquer homem.

E havia algo mais. Ashley era sedutora. Seu longo cabelo ruivo o deixava louco, e ele adorava suas saias ousadas e colares de contas. Ela sempre o surpreendia com criatividade e imaginação, e ele não podia acreditar que era um homem de tanta sorte.

Naquele tempo todo, ela só tinha olhos para ele. Ambos não viam mais nada, a não ser um ao outro. Ashley rasgava elogios a tudo o que ele havia feito no passado e a tudo o que fez depois de conhecê-la. Ela adorava tudo o que ele era, lembrando-o constantemente de tudo o que ele significava em sua vida. Eles sonharam e fizeram planos até o dia em que tudo se concretizou. Ele não queria mais nada, a não ser segurá-la nos braços do entardecer até o amanhecer.

O que acontecera?

— Brad não está a fim de conversar — Mack disse a Yvonne. — Acho que ele precisa abastecer sua caneca. Ei, Bub! Mais uma loira aqui para o nosso velho Brad! Ele está pra baixo hoje.

O *barman* Bubba Jones, neto de Opal Jones, fez uma careta.

— Quem vai levar esse cara para casa? Você também não está legal para dirigir, Mack.

— Eu tomo conta dele — Yvonne disse, aproximando-se um pouco mais. Ela curvou o corpo e encostou os lábios macios no rosto de Brad. — Este garoto está em boas mãos esta noite.

— Tudo bem! — Mack riu. — Eu gostaria de dizer o mesmo.

— Não tente ser durão, Mack. Olhe para as mulheres deste lugar. Hoje é noite de Natal, querido. Todo mundo está sozinho e querendo companhia. Vá lá e jogue uma partida de bilhar com Dixie e Brandy e as outras garotas. Você não tem nada a perder.

Mack tomou outro gole.

— Não, não estou a fim disso, Yvonne. Dixie e as garotas são como irmãs para mim. Estou todas as noites aqui com elas.

— Você é um grande covarde, Mack. — Ela passou as pontas dos dedos no cabelo de Brad. — Você não *me* vê como irmã, certo, benzinho?

Brad engoliu em seco. Bandeiras vermelhas agitavam-se dentro dele. "Não faça isto. Não deixe que ela interfira em seu caminho. Vá para casa, idiota. Você pode acertar a situação com Ashley."

Ele, porém, não podia. E sabia disso. Não tinha ideia de como consertar o estrago que provocara. Ashley lhe dissera com todas as letras que o odiava. Ela não precisava mais dele.

Que esperança um homem pode ter quando a esposa diz aquelas palavras? Que motivos ele teria para negar a própria necessidade? Ele estava sozinho. Magoado. Com raiva. Frustrado. E, sim, Mack dissera a verdade. Brad estava chorando. O casamento que ele sonhara estava morto, e ele deveria aceitar o fato.

Engolindo o sofrimento, ele inclinou o corpo em direção a ela.

— Nunca me senti deste jeito em relação a nenhuma das minhas irmãs — ele sussurrou no ouvido de Yvonne.

Com uma risadinha, ela aconchegou-se a ele e passou os braços ao redor de seu pescoço.

— Meu filho está com o pai dele esta noite. Você tem algum motivo para ir para casa?

Brad sabia o que Yvonne queria. Não tinha dúvida nenhuma.

Ele pensou na cama que havia comprado com Ashley no cartão de crédito antes de se mudarem para a nova casa. Aquilo e tudo o mais que eles possuíam provavelmente seria retomado pelos credores ou leiloado.

— Tagarela — ele disse, olhando firme para os lábios dela através do torpor em sua cabeça. — O cãozinho está em casa.

— Você vai trocar meu presente de Natal por um cão?

Lembrando-se da noite em que encontrou Tagarela, Brad se deu conta de quanto sua vida mudara. Naquela noite, ele resistira à sedução do bar e da

cantora sensual de cabelo comprido. Embora ele e Ashley tivessem tido uma boa quantidade de problemas já naquela época, a missão de salvar o cãozinho lhe dera condições de resistir ao toque da sirene da tentação.

Agora, porém, Tagarela estava aquecido e bem alimentado. Ashley chegaria em casa a tempo de levá-lo para fora. Ou de limpar a sujeira. Brad não tinha nenhum motivo para ir para casa.

— Nãããão — ele murmurou, abraçando-a pela cintura. — Não tenho nada. Só tenho você, queridinha.

Ashley mordeu o lábio inferior enquanto esterçava a direção do carro rumo a Deepwater Cove. Para surpresa de todos, os cantores do Natal da igreja haviam jantado rapidamente e deixado o restaurante muito antes do esperado. Não demorou muito para o pessoal limpar as mesas, recolocá-las no lugar e encerrar o expediente. Até os lavadores de pratos trabalharam tranquilamente. Jay, o encarregado do atendimento aos clientes, passou por lá para desejar Feliz Natal a todos e entregar os cheques de bonificação, e os funcionários responsáveis pelo salão de refeições e pela cozinha foram dispensados para ir para casa.

Ir para casa.

As palavras formaram um nó na garganta de Ashley. Brad estaria lá? Teria visto o que ela havia feito na ausência dele durante o dia — seu esforço heroico para salvar o casamento? Será que ele entenderia o que aquele gesto significava?

Claro que entenderia. Tinha de entender.

Amado Deus, por favor, permite que Brad entenda que eu não o odeio!, ela implorou em silêncio.

Apesar de não ter sido criada na igreja, Ashley decidira muito tempo atrás que devia haver um Deus a quem podíamos orar. Será que os bordos adquiririam o tom de vermelho-vivo todos os outonos, sem ajuda de ninguém? E as garças azuis, que permaneciam em pé como soldados nos embarcadouros ao pôr do sol? Será que simplesmente decidiram ter pernas compridas, bico e pescoço curvo — perfeitos para pegar os peixes do lago?

Alguém devia ter criado aquilo tudo. Milagres desse tipo não aconteciam. Se Deus fez todas as coisas, com certeza se importava um pouquinho com Ashley e Brad. Com certeza faria alguma coisa para restaurar um casamento fracassado.

Tentando concentrar-se na estrada estreita, Ashley continuou a orar silenciosamente ao Criador. Ele costurava pele rasgada e colava ossos quebrados.

Selava a casca das árvores atingidas por um raio. Fazia brotar flores de arbustos espinhosos. Com certeza poderia fazer algo para pôr ordem naquela confusão terrível.

Por favor! Por favor, ajuda-nos!

Ao aproximar-se de Tranquility, Ashley não pôde deixar de olhar para o local onde trabalhava sua maior rival que roubava o tempo e a atenção de Brad. O Bar do Larry estava às escuras, a não ser pelas luzes em forma de pingentes de neve na beira do telhado. O estacionamento estava vazio.

Vazio não. Havia um carro lá.

Respirando com dificuldade, Ashley decidiu entrar no caminho de acesso ao estacionamento, todo esburacado. Sim, aquele era o carro de Brad.

O que ele estaria fazendo ali sozinho? Estaria ainda no bar? Será que todos haviam ido para casa e fechado o estabelecimento com um bêbado desmaiado dentro?

Ashley parou o carro ao lado do carro de Brad e desceu. A brisa estava gelada. Espiando através do vidro, ela viu que o velho carro de Brad estava vazio. Tentou abrir a porta. Trancada.

Assustada e confusa, ela caminhou em direção à porta da frente do bar. Trancada também. E, de repente, os pingentes acima dela se apagaram.

Devia haver alguém ali.

— Brad? — ela chamou.

Ashley correu até os fundos do bar. A claridade do luar ajudou-a a enxergar a figura de um homem esvaziando uma lata de lixo dentro de um contêiner de metal. Ela achou que o conhecia.

— Bubba Jones? — Ashley chegou mais perto.

— Sim, sou eu. O que você quer?

— Bubba, é Ashley Hanes. Moro perto de sua avó em Deepwater Cove. Você viu Brad? Brad Hanes?

Ele colocou a lata no chão e sacudiu a cabeça.

— O que você está fazendo na rua a esta hora na noite de Natal, menina?

— Estou procurando meu marido.

Ao aproximar-se dele, ela viu a expressão de cansaço em seu rosto, um olhar de resignação.

— Brad foi embora. Já fechei o estabelecimento.

— Mas o carro dele ainda está aqui. — Ela enfiou as mãos nos bolsos do casaco. — Estava vindo do trabalho e vi o carro dele no estacionamento. Ele

deve estar aí dentro.

Bubba deu um suspiro profundo.

— Não. Já verifiquei tudo, como faço todas as noites. O local está vazio.

— Você viu Brad sair? Mack o levou para casa?

— Mack saiu com Dixie Barnes. — Bubba voltou a pegar a lata. — Por que você não vai para casa? Pode ser que daqui a pouco ele apareça por lá.

— Bubba, onde meu marido está?

O homem levantou o boné e olhou as luzes da rua a distância.

— Sou apenas o *barman*, você sabe. Não sou dono deste lugar. E preciso ir para casa.

Quando ele se virou para atravessar a porta dos fundos do bar, Ashley segurou-o pelo braço.

— Bubba, diga-me para onde Brad foi. Por favor. Eu preciso saber.

— Há muitas coisas no meu trabalho que eu detesto. Bêbados arruaceiros. Música mal cantada. Palavrões. Esta é uma delas.

Ashley sentiu o corpo gelar e retesar-se.

— Ele está com a cantora? Aquela tal de Yvonne? Onde ela mora?

Ashley viu a resposta nos olhos do *barman* quando ele apontou o dedo por cima do ombro dela.

— Yvonne Ratcliff. Ela mora ali adiante, na rua atrás do bar. Num conjunto de quatro apartamentos. Primeira porta à esquerda. Porta preta.

Incapaz de aceitar o que acabara de ouvir, Ashley agarrou o braço do homem.

— Tem certeza?

— Eu não disse nada. Você não me viu esta noite. É assim que as coisas funcionam.

Repelindo-a bruscamente, ele levou a lata de lixo para dentro e trancou a porta atrás de si.

Ashley engoliu um soluço.

Não.

Não podia ser verdade. Brad não faria isso. Ele era seu marido. Prometera na igreja que a amaria e que permaneceria a vida inteira ao lado dela.

Sofrendo, ela voltou a seu carro e sentou-se em silêncio por um instante. Eles haviam trocado palavras duras nos últimos meses. Palavras cheias de veneno e hostilidade. Haviam cuspido todo ódio, raiva e repulsa de dentro deles naquela manhã. Ela sentia realmente todas aquelas coisas que disse a ele — todas.

No entanto, será que aquilo significava o fim? Brad a deixara? Havia partido com a cantora do bar? Seria possível que o casamento tivesse realmente terminado?

Ashley deu partida no carro. Aturdida, ela passou por trás do bar, encontrou uma rua estreita e parou em frente a um conjunto de quatro apartamentos.

Mais uma vez, permaneceu sentada. Sem conseguir movimentar-se. As luzes no apartamento do andar inferior estavam apagadas. Havia quatro carros na área de estacionamento. O mais perto da porta era um Honda todo amassado com muitos adesivos no para-choque.

Agindo mecanicamente, Ashley abriu a porta do carro e desceu. Então era assim que as pessoas faziam quando os casamentos terminavam. Era desta forma que elas tomavam conhecimento, isto é, da pior maneira possível.

Ela bateu na porta preta e ouviu som de vozes abafadas dentro. A tranca foi destravada. A porta abriu com um estalo, deixando à mostra uma mulher de cabelo castanho despenteado.

— Sou Ashley Hanes — ela disse em voz baixa. — Brad está aí?

A mulher limpou a boca com as costas da mão. Tirou a corrente da porta, escancarou-a e acendeu a lâmpada da sala.

— Não sei, meu bem. Ele me disse que se chamava Papai Noel.

Brad sentou-se no sofá — um sofá-cama cheio de ondulações, coberto com lençóis cinzentos. Havia roupas espalhadas no chão. Um suéter vermelho. A calça *jeans* dele.

— Ashley? — ele murmurou, com os olhos semicerrados de perplexidade. Seus olhos azuis anuviaram-se, e ele puxou um lençol para cobrir o peito nu. — Feche a porta, Yvonne!

Ao ouvi-lo dizer um palavrão, a mulher jogou uma mecha de cabelo castanho por cima do ombro.

— Boa noite, benzinho — ela disse, com uma sobrancelha levantada e um leve sorriso nos lábios. — Pode ser que você descubra que é um duende.

Ashley virou-se e ouviu a porta fechar com um clique. Ela engoliu em seco. Então, tratava-se de um adultério, aquela palavra misteriosa que ela nunca entendera completamente.

Era isso.

O fim.

Movimentando-se como um robô, ela voltou ao carro. Abriu a porta. Sentou-se. Fechou a porta. Ligou o motor. Engatou a ré. Saiu do estacionamento.

As luzes amarelas na estrada passavam rapidamente, e ela conseguiu chegar à pequena casa em Deepwater Cove — a casa com o cômodo recém-construído, um quartinho para o bebê que ela sonhara ter. A casa onde tantas coisas deveriam ter acontecido, mas que não mais aconteceriam.

Ashley desceu do carro, entrou na casa e parou. Tagarela passou como um foguete por ela, correndo em direção a seu lugar favorito no jardim. Deixando a porta da frente aberta, ela entrou no quarto que dividia com o marido havia dez meses. Nem sequer um ano. Nem sequer um só ano.

Ela abriu o armário e tirou uma pilha de cestos plásticos, todos vazios. Rosa, a cor do romance, ela pensara quando os comprou. Agora serviriam para ela acomodar tudo o que possuía. Colocando-os em cima da cama, ela começou a tirar os vestidos dos cabides.

Quando ela dobrou o primeiro e colocou-o num cesto, Tagarela entrou correndo no quarto e subiu na cama. Com as patas cheias de lama formando um desenho de empolgação, ele farejou tudo. Em seguida, saltou dentro do cesto e emitiu um ganido alto. Balançando o rabo, ele sentou-se e olhou para ela com a cabeça inclinada de um modo esquisito.

— Estou vendo você, Tagarela — Ashley disse. — Você foi bonzinho por ter esperado tanto tempo para sair. Chegou a hora de empacotar nossas coisas. É assim que as pessoas fazem no fim. Elas empacotam suas coisas e vão embora. Portanto, vamos fazer isto juntos. Vou pôr minhas roupas, meus colares, minhas contas e talvez algumas vasilhas de prata e uma ou duas panelas nestes cestos. Vamos pôr sua comida e sua tigela no carro. E depois vamos embora.

"Au!" O cãozinho levantou-se no cesto e andou em círculo. "Au, au!"

Ashley coçou as orelhas compridas do animal enquanto as lágrimas começavam a cair.

12

— Que tal mais um pedaço de bolo de chocolate, querida? Você aceita?

— Não, estou mais que satisfeita. Ah, estou me sentindo péssima. — Lutando contra a dor no tornozelo e com o desapontamento no coração, Patsy olhou de cima a baixo o homenzarrão sentado na ponta do sofá da casa dela.

Pete estava fazendo de tudo para consolá-la. Depois de tomar conhecimento do tombo dela no dia anterior, ele havia assado um pernil, batido um purê de batatas com molho, montado uma travessa de vagens assadas e preparado uma linda salada para o almoço de Natal deles. Após a refeição — que ele trouxera para Patsy numa bandeja — Pete cobriu-a com um xale e colocou o pé dela, calçado com meia soquete de algodão, sobre sua perna. Depois, começou a massagear o tornozelo que não sofrera nenhum dano.

— Vou ligar para Kim Finley — ele sugeriu. — Ela trabalha para o dr. Groene. Aposto que tem alguns bons analgésicos em casa.

— O dr. Groene é dentista, Pete.

— Por isso mesmo. Quem sabe mais sobre dor que um dentista? O dr. Groene deve prescrever narcóticos a torto e a direito. Talvez Kim possa ligar para ele e pedir-lhe que receite um remédio para você.

— Ora, acalme-se, seu boboca. Estou bem. Tive apenas uma luxação e estou me sentindo como um bebê. Mas, sinceramente, isto estragou meu Natal.

— Não gostou do suéter que lhe dei?

— Eu adorei, Pete querido. Ele tem cores muito brilhantes e vivas... não, Ashley?

Patsy olhou do outro lado da sala para a jovem, que batera em sua porta no meio da noite. Para dizer a verdade, a blusa que Pete escolhera e embrulhara em papel dourado não tinha nada que pudesse ser elogiado. Sem falar que era dois números menor que o dela. Patsy teria de trocá-la no *shopping*, e as chances de encontrar a mesma blusa no tamanho dela eram praticamente zero. Felizmente.

— Gostei do decote.

Finalmente Ashley disse algo positivo. Estava sentada do outro lado do sofá, com olhos inexpressivos. O cãozinho dormia em seu colo. Patsy sabia que a

pobre moça não dormira nada. Entre a dor no tornozelo e a preocupação com Ashley, Patsy também não havia dormido.

— É verdade, ela tem um lindo decote — Patsy concordou. — Estou desanimada porque odeio ficar presa a este sofá. Eu me sinto mal por você ter de cuidar de toda a comida, Pete. Ontem estragamos as ervilhas congeladas. E atacamos o bolo de chocolate de Natal enfeitado com uma estrela de pecãs. E não embrulhei seu presente. E a pobre Ashley... bem, a situação não é das melhores.

— Você quer que eu vá embora, Patsy? — Ao ouvir o tom de voz choroso de Ashley, o cãozinho levantou a cabeça e fixou os olhos escuros na moça, enquanto ela prosseguia. — Posso morar com meus pais. Eles não se incomodariam.

— Não, você fez bem em vir para minha casa. Vamos deixar Brad passar um pouco de tempo querendo saber onde você está. Com isso, ele terá a chance de pensar na vida.

— Eu gostaria de dar um soco no nariz de Brad — Pete disse entre os dentes.

— Preste atenção, sr. Perfeito. — Patsy segurou a mão do noivo. — Você se lembra do que Jesus disse aos homens que queriam a matar a mulher que foi pega infringindo a lei? Que aquele que não tivesse pecado atirasse a primeira pedra.

— Sei que não sou perfeito — Pete reconheceu. — Mas não há desculpa para o que Brad fez.

— Claro que não. — Patsy apertou a mão dele. — Não imagino coisa pior. Foi um erro terrível, e tenho certeza de que Brad sabe disso.

Pete encolheu os ombros.

— Você tem razão, Patsy. Mas mesmo assim... acho que um olho roxo lhe cairia bem neste momento.

— Ou em Yvonne Ratcliff — Ashley interveio. — Não sei quem eu odeio mais.

Patsy tentou pensar na resposta certa. Como discutir um incidente como aquele? A simples ideia de alguém encontrar o marido na cama com outra mulher era suficiente para fazê-la estremecer. Se Pete fizesse algo parecido... Bom, Patsy não conseguia imaginar como reagiria.

— Não sei o que lhe dizer, Ashley — ela finalmente admitiu. — Não consigo pensar em nada para consertar esta situação. Só quero que você saiba que eu a amo, e estou aqui para ajudá-la. Pode ficar aqui durante o tempo que quiser.

Um esboço de sorriso surgiu no rosto de Ashley.

— Obrigada por não dizer coisas bobas para tentar melhorar a situação, Patsy. Quando a sra. Moore morreu, ouvi o povo dizer: "Ela teve uma vida longa e feliz". Ou: "Deve ter chegado a hora dela". Essas bobagens não ajudam. Nada pode mudar o que sinto. Neste momento, eu gostaria de desaparecer.

— E você desapareceu com certeza — Pete lhe disse. — Com seu carro estacionado na garagem de Patsy, ninguém tem ideia de que você está aqui. Mas você não acha que deveria ligar para seus pais? Eles devem estar preocupados.

— Não quero conversar com eles sobre todos esses assuntos. Não estou disposta a responder nada. Preciso esconder-me por uns tempos. Talvez para sempre.

— Com o tempo, as pessoas vão saber onde você está. — Pete olhou firme para Patsy. — Não há condições de guardar segredos em Deepwater Cove.

Patsy pensou por um instante. Era verdade que Ashley teria de enfrentar a realidade mais uma vez, e em breve. Mas talvez houvesse uma forma de permitir que a moça permanecesse em silêncio por mais um tempo.

— Tive uma ideia — ela disse. — Vale a pena tentar.

Ela pegou o telefone e digitou alguns números. Quando ouviu a voz de Brenda, Patsy cumprimentou a amiga e pediu para falar com Cody.

— Feliz Natal, queridinho! Você ainda não abriu meu presente?

— Oi, Patsy! Você me deu cinco caixas de mistura de bolo de chocolate, cinco latas de cobertura de chocolate, uma forma retangular e também uma faca. Mas, Patsy, você esqueceu que não sei assar bolos.

— Você vai aprender. Foi por isso que lhe dei esse presente. Aposto que Brenda ou Jennifer vão ajudar você a transformar uma dessas misturas num bolo. Depois que você aprender, poderá fazer bolos quando quiser.

— Obrigado, Patsy. E sabe de uma coisa? Jennifer me deu uma aquarela. Estou pintando um retrato dela neste instante. O papel está ficando encharcado.

Sabendo que Cody gostava de falar de seus interesses durante horas, Patsy mudou de assunto.

— Pete veio a minha casa. Não posso ficar em pé para cozinhar, por isso ele fez nosso almoço. Estamos nos divertindo muito esta tarde. Abrimos presentes, cantamos músicas de Natal e comemos aquele bolo com uma estrela em cima, formada por pecãs. Ashley Hanes está muito bem, e todos nós já comemos tanto que não sabemos o que fazer. Você almoçou bem?

— Comi uma coxa de peru inteira.

— Sozinho?

— Sozinho. Mas ninguém fez bolo aqui.

— Bom, peça a Jennifer que o ajude a usar uma dessas misturas. Talvez ainda esta tarde. Que tal?

— OK.

— Então, Feliz Natal. Tenha certeza de que eu amo você, Cody.

— Amo você também.

Patsy sorriu ao desligar o telefone.

— Agora é só esperar. Nosso serviço de telegrama de cabelos encaracolados logo espalhará a notícia, inclusive a pequenina informação que passei adiante sobre Ashley.

— Patsy, você está louca se pensa que Cody é capaz de guardar segredo — Pete disse. — As pessoas vão descobrir que ela está aqui com você.

— Você sabe como Cody mistura os detalhes, e eu não disse que Ashley estava aqui. Vamos deixar que ele resolva isso e ver no que vai dar. Tudo vai ficar bem.

Depois de fazer uma afirmação tão otimista, Patsy não resistiu e olhou de relance para Ashley. A linda moça ruiva tinha o olhar fixo na janela, como se seu mundo tivesse chegado ao fim. E era verdade.

— Sinto saudade da sra. Moore — ela murmurou. — Gostaria de saber que conselhos ela me daria.

— Podemos ligar para Charlie e perguntar a ele — Patsy ofereceu-se. — Ele está na Califórnia, mas tenho seu número.

— Não quero importuná-lo. A última coisa que ele vai querer no Dia de Natal é pensar que sua esposa não existe mais. Está morta. — Um suspiro doloroso traiu o coração de Ashley. — De qualquer forma, quem gostaria de conversar sobre um casamento totalmente destruído?

Pete remexeu-se no sofá.

— Não sei o que Esther Moore teria a dizer, mas sei o que Charlie diria.

As duas mulheres olharam para ele.

— Charlie diria que Brad foi um tolo por ter ofendido sua esposa e pensado que poderia fazer o que fez sem que ela descobrisse. Charlie diria que Brad merece cada gota de infelicidade que vier a sofrer. Diria também a você que fosse atrás de seu marido, conversasse com ele e procurasse saber se tem condições de resolver a situação. Charlie e Esther pareciam um casal perfeito, mas ele contou algumas coisas no estudo bíblico para homens que me deixaram convencido de que a vida nem sempre foi um mar de rosas na casa dos Moores. O importante

foi que eles tentaram. E continuaram sempre tentando, querendo resolver seus problemas, vendo se conseguiam encontrar uma forma de ser felizes juntos.

— E de perdoar — Ashley disse suavemente. — A sra. Moore dizia que o perdão era importante. Mas acho que ela não teve de perdoar nada tão terrível como isto.

Patsy sentiu a mão de Pete apertar a sua. Ashley estava certa, claro. Era verdade... a coisa mais terrível. Patsy não tinha certeza se perdoaria um erro semelhante àquele. Haveria misericórdia para isso?

— Não sei o que os Moores diriam — Patsy olhou para Ashley. — Mas penso que Cody poderia citar um versículo da Bíblia para nós. Há um que diz que aquilo que parece impossível para o homem é possível para Deus.

Ashley semicerrou os olhos.

— Se Deus me ama, não deveria ter permitido que algo semelhante a isto acontecesse. Eu acreditava em Deus, Patsy. Mas não acredito mais. Agora sei que jamais acreditarei nele.

Brad abriu os olhos. Uma pontada de dor percorreu um lado de seu crânio e penetrou no cérebro, impedindo-lhe de movimentar a cabeça. Onde ele estava?

Ele olhou para cima e tentou entender onde se encontrava. O teto acima do sofá era conhecido. Ele estava em casa.

— Ashley? — ele tentou gritar a palavra, mas o som de sua voz intensificou o latejar da cabeça.

— Ei, Ash!

Sem receber resposta, ele tentou recordar-se dos eventos da noite anterior. O dia havia sido ótimo — ele se lembrava muito bem disso. Ele e Ashley haviam brigado de manhã. Depois ele foi trabalhar. Saíra mais cedo. Parara no Larry.

Ah, não.

Com um gemido, Brad visualizou imagens vagas da noite anterior que passavam rapidamente por sua cabeça. O Bar do Larry. Mack. Bubba. Yvonne.

Contorcendo-se, ele passou a mão no rosto. Sim, saíra do Larry com Yvonne. Agora conseguia lembrar. E depois vira Ashley parada na porta do apartamento de Yvonne. Os olhos castanhos de sua esposa focaram os dele. E então, ela foi embora.

Yvonne riu. Acendeu um cigarro. Tentou tocá-lo. Ele a repeliu. Empurrou-a. Discutiu com ela. Gritou com ela. Ela implorou, ameaçou, choramingou.

O ar da noite o atingira como um sopro vindo de um *freezer* aberto quando ele saiu do apartamento com passos cambaleantes. Yvonne o vestira. Ele procurou o carro. Ela começou a berrar, atirando objetos nele. Do outro apartamento, um homem gritou pedindo que eles calassem a boca.

Sem saber como, ele encontrou o caminho do Larry e seu carro no estacionamento. Não se lembrava de como havia chegado em casa. Poderia ter caído numa valeta. Ou ter colidido de frente com outro veículo. Mas nada disso aconteceu. Ele estava ali. No sofá.

— Ashley? — ele gritou novamente. — Ashley, que horas são? Onde você está?

A casa parecia vazia, e Brad sabia por quê. Ela havia ido embora. O cãozinho também. Ela levara Tagarela. Temendo deixar o cão sozinho, ela devia tê-lo pegado com seus pertences e saído de casa.

Lutando contra a reviravolta provocada por ele próprio, Brad conseguiu sentar-se. Os ouvidos zumbiam, e sua cabeça parecia prestes a explodir. O que ele havia feito?

O que ele havia feito?

O celular no bolso da calça *jeans* vibrou. Ele o pegou e olhou o número. Sua mãe. O relógio digital na mesinha lateral marcava 14 horas.

Soltando a respiração, ele arremessou o celular do outro lado da sala. Hoje era *Dia de Natal*. Ele deveria ter almoçado com os pais. Ele e Ashley haviam discutido sobre onde estar ao meio-dia, da mesma forma que discutiam sobre qualquer coisa ultimamente.

Onde ela estava? Ele precisava falar com ela. Ela deveria estar na casa dos pais.

Levantando-se, ele percebeu que estava sem camisa. Devia tê-la deixado na casa de Yvonne. Yvonne Ratcliff. O que ele lhe dissera na noite anterior? Por que havia ido ao apartamento dela? Como podia ter sido tão idiota?

Cerveja. A culpa era da cerveja. Ele se embriagara. Ashley acreditava naquilo. Mas poderia fazer alguma diferença? Não. Ele havia feito aquilo, aquela coisa horrível, e sua esposa sabia. E por causa disso, ela o abandonara para sempre.

Brad pegou o celular no chão e digitou o número da casa dos pais de Ashley. A mãe dela atendeu.

— Onde vocês estão? — ela perguntou ao ouvir a voz de Brad. — Aquela voz irritada soou como um gongo dentro da cabeça dele. — Deixei a comida no forno até as 13 horas, mas depois desistimos e almoçamos. Quero falar com

minha filha. Estou ligando há horas para o celular dessa menina. Ashley prometeu que vocês viriam.

Brad olhou firme para o celular enquanto o desligava sem responder. Ashley não estava na casa dos pais? Para onde teria ido? E se houvesse acontecido algo com ela? Ou se ela tivesse... não. Ela não se mataria. Não por causa daquilo. Será?

Uma onda de medo atravessou-lhe o peito, reacendendo a dor de cabeça. E se Ashley estivesse morta? A culpa seria dele.

Não, ela deveria estar na casa dos Hansens com Jennifer e a família dela. Ashley gostava de Jennifer, e buscaria refúgio com alguém que se preocupava com ela. Ao lembrar-se de seus pensamentos inapropriados a respeito da amiga de Ashley, Brad estremeceu. Como poderia ligar para lá? A esta altura, todos já sabiam que ele passara a noite com Yvonne. Eles o desprezariam.

Mesmo assim, ele precisava encontrar sua esposa. A agenda de telefone estava em cima do balcão. Ele folheou-a e finalmente encontrou o número de Steve e Brenda.

— Alô, aqui é Cody! — a voz era tão alta que Brad recuou ao sentir pontadas de dor na cabeça. — Estou na casa dos Hansens porque é Natal e abrimos presentes e adivinhe só! Ganhei uma aquarela profissional de Jennifer e mistura para bolos de Patsy e muitas outras coisas.

— Ashley está aí?

— Não, espero não quebrar uma regra de etiqueta se eu disser adeus. A gente está se preparando para comer torta de pecã. Não é tão boa quanto bolo de chocolate, mas...

Sem conseguir suportar a conversa de Cody por mais tempo, Brad desligou o celular. Ashley não estava na casa dos pais. Não estava com os Hansens. Para onde teria ido? O que poderia ter feito?

Depois de ver o marido daquele jeito... na cama de outra mulher... o que ela faria? Mais uma vez ele visualizou os olhos castanhos e brilhantes de Ashley na porta de Yvonne.

A náusea aumentou, e ele digitou outro número no celular. Tocou apenas uma vez.

— Alô, aqui é Charlie — a voz era muito conhecida. Muito jovial. Muito sensata.

— Oi, sr. Moore.

— Brad? É você?

Brad curvou o corpo e ajoelhou-se de cabeça baixa.

— Sim. Sou eu.

— Que bela surpresa! Desejo-lhe Feliz Natal, mas você não parece bem. Está doente?

— Hã... mais ou menos. — Ao erguer os olhos, Brad notou subitamente uma coisa desconhecida na sala. Uma árvore de Natal.

Os galhos esticados enchiam o ambiente no lugar onde ficava a poltrona reclinável, e a fragrância de pinho subia até o teto. Contas penduradas em todos os galhos. As contas de Ashley. Contas de várias cores e formatos imagináveis. Contas em fios de arame e em forma de estrelas. Contas desenhadas no formato de flocos de neve. Contas penduradas na árvore inteira, brilhando nos raios de sol que penetravam na sala.

Os olhos de Brad encheram-se de lágrimas, toldando a visão da árvore que deveria ter sido montada por Ashley. Depois de gritar com ele, de dizer-lhe que o odiava, de deixar claro que não necessitava dele, ela havia saído para comprar uma árvore de Natal. Depois, passara o dia inteiro enfeitando-a. Para ele. Para eles.

— Você está resfriado?

— Hein? — Brad olhou para o celular.

— O que está atormentando você, rapaz? — Charlie perguntou. — Pegou uma virose? Espero que Ashley não esteja doente também. Alguém precisa estar aí para fazer descer um pouco de sopa por sua garganta.

Brad enxugou a lágrima sob o olho.

— Não, não estou doente. Não é nada disso.

— Você parece estar falando do fundo de um poço. Qual é o problema, Brad?

— Nenhum. Agora preciso desligar, sr. Moore.

— Ei, alto lá! Você me ligou por algum motivo, e quero saber qual é. Se você não quiser me contar, ponha Ashley na linha.

Depois de uma pausa de um segundo, Charlie voltou a falar.

— Quanto tempo faz que ela partiu, Brad?

— Ela não estava aqui hoje cedo. Acho que foi embora ontem à noite.

— *Acha?* Onde você estava? Não no bar, espero. Não na noite de Natal.

Brad não conseguiu responder.

— Entendo. Bem. — Charlie limpou a garganta. — Prossiga, rapaz. O que aconteceu? Quero saber todos os detalhes.

— Tivemos uma discussão.

— E o que mais? Sei que ultimamente vocês têm brigado como cão e gato. O motivo não pode ter sido só esse.

Brad sacudiu a cabeça.

— Não. Não foi exatamente.

— Você fez alguma coisa errada?

— Sim — a palavra saiu como um falsete inesperado, enquanto ondas de angústia começavam a apertar-lhe o peito.

— Entendi — Charlie disse, com uma voz suave. — Você agrediu Ashley?

— Pior.

O silêncio no telefone foi tão decisivo que Brad não conseguiu conter o choro. Curvou-se no chão, e dobrou o corpo numa bola de agonia. As lágrimas brotaram com força, caíram dos olhos, desceram pelo rosto e molharam o carpete. Ele engoliu um suspiro sufocado.

— Brad — a voz de Charlie era calma. — Quero que me conte exatamente o que aconteceu. Cada detalhe. Desembuche, porque é a única maneira de começar a resolver a situação.

— Não posso falar, sr. Moore. Preciso desligar. Não sei onde Ashley está. Não consigo encontrá-la.

— Comece pelo começo. Pela última discussão entre vocês. É o melhor que tem a fazer.

— Não quero falar sobre isso.

— A confissão faz bem para a alma. Além disso, você só vai tirar do peito o que sente agora depois de ter uma conversa franca e detalhada com sua esposa. É melhor começar a praticar comigo.

— Ashley disse que me odiava. Que não precisava mais de mim. — A raiva que Brad sentiu ao lembrar-se daquele momento deteve suas lágrimas. — Não tenho sido o melhor marido do mundo, mas não merecia *aquilo*. Tenho tentado, sr. Moore. Os problemas entre nós não são todos por minha culpa.

— Eu sei, eu sei, eu sei. Pare de defender-se e prossiga.

Sem saber por que, de repente Brad despejou tudo. Talvez porque Charlie Moore estivesse muito longe, na Califórnia. Ou porque ele era um homem respeitável demais para passar adiante o que ouvia. Fosse qual fosse o motivo,

Brad descreveu o dia anterior — desde a discussão da manhã até ver o rosto de Ashley na porta do apartamento de Yvonne Ratcliff.

— Então, você está em casa agora, e ela foi embora — Charlie disse. — Sabe para onde ela foi?

Engolindo em seco, Brad coçou o queixo.

— Espere! O senhor não vai gritar comigo, sr. Moore? Quero dizer, o senhor ouviu o que eu disse. O que fiz a Ashley. A minha esposa. Não vai dizer nada sobre isso?

— Você sabe o que eu penso. O jeito agora é descobrir o que fazer a partir daqui. Antes de tudo, você precisa encontrar sua esposa. Os dois precisam descobrir uma forma de continuar casados. Não importa como, rapaz, você precisa desculpar-se seriamente. E estou falando de humilhar-se. Nada dessas bobagens de *tentei ser um bom marido*. Você cometeu adultério. Prometeu amar Ashley e cuidar dela para sempre, e você a enganou. Aos olhos de Deus, vocês dois se tornaram um só, mas você rompeu essa união. Ouça, qualquer pessoa com um mínimo de bom senso sabe que problemas conjugais têm duas vias. Vocês dois contribuíram para o problema. Mas o ponto principal foi que você descumpriu sua promessa.

Ao ouvir a declaração conclusiva de Charlie, Brad sentiu os soluços crescendo dentro dele novamente.

— Ela não vai me aceitar de volta, sr. Moore.

— Você quer voltar? Com certeza não tem feito nada nesse sentido.

— Não sei. Ela... Bom, ela é chata. O casamento cheira mal. Não é nada como pensei que fosse. Ashley só pensa nas contas e no emprego dela e quer ter um bebê. Só isso. Tentei uma vez sentar-me ao lado dela e ouvi-la, e ela não parou de falar nem por um minuto. Só falou sobre ela, sobre as ideias que tinha, sobre seu trabalho, essas bobagens. Não disse nada a meu respeito nem quis saber nada sobre mim.

Charlie deu uma risada de descrença.

— Sobre *você?*

— O que há de errado com isso? Ela sempre me elogiava, perguntava o que eu estava fazendo e me admirava, sabe? Agora só fala das coisas dela. Levei dez minutos para entender que se fosse ficar ouvindo aquela falação, eu precisaria de uma cerveja para aguentar. Peguei uma na geladeira, e ela começou a gritar comigo. Ela detesta quando eu bebo.

— Você bebe demais, Brad. Todos sabem disso. Já tem multas na carteira por dirigir alcoolizado. Você vive naquele bar. E agora saiu para fazer farra com uma mulher que mal conhece. Tudo porque estava bêbado.

— Mas eu não tomo bebida forte. Não gosto nem de uísque.

— Olhe, rapaz, se você vai ficar aí sentado e se defendendo, não tenho tempo para ouvir. Fazia muito tempo que eu não via meus dois netos, e estávamos jogando uma partida muito interessante quando você ligou. Por isso, pare de falar que você é um cara durão, senão vou voltar a brincar com as crianças.

— Sim, senhor. — Brad coçou o rosto. — Sinto muito, sr. Moore.

— Vou lhe dizer uma coisa antes que você desligue. Se desistir desse casamento, nunca vai fazer um boa troca. Ashley não é diferente de qualquer outra mulher. Elas adoram falar o tempo todo, estão sempre mudando de humor até o ponto em que a gente não consegue suportar e não querem ser agarradas, a não ser que sejam um pouco paparicadas antes. Você não vai encontrar uma esposa *melhor que* Ashley. Vai encontrar alguém um pouco *diferente*, mas não muito.

— Entendi, senhor.

— Então tome uma atitude, aja como homem e pare de ser tão tolo. Vá à igreja e fale com o pastor Andrew. Ele é um sujeito inteligente. Comece a frequentar o estudo bíblico para homens na Rod-N-Ends. Converse com Steve Hansen e Derek Finley. Eles estão casados há mais tempo que você, e poderão ajudá-lo. E, acima de tudo, você precisa fazer o possível a fim de reconquistar o coração de sua esposa. Entendeu?

— Entendi, sr. Moore.

— Você está sóbrio agora?

— Estou.

— Bom, afundar em tristeza não vai melhorar nada. Fique lúcido, ouviu?

— Ouvi.

— E Brad? Amo você e vou orar por você.

— Obrigado, senhor.

Depois de colocar o celular de volta no bolso, Brad olhou para a árvore de Natal no outro lado da sala. Não havia presentes embaixo dela, mas tudo bem. A árvore era suficiente.

13

Brad andava de um lado para o outro, da sala de estar à cozinha. Era a primeira manhã do novo ano, e ele sentia uma terrível ressaca.

No dia seguinte ao do Natal, Brad telefonou a seu patrão para avisar que estava doente, com um resfriado forte, segundo ele. Quando a febre, os arrepios, a dor de cabeça e a náusea continuaram por alguns dias, ele concluiu que havia pegado uma gripe. E sabia que merecia isso.

Ele só voltara a sentir-se mais ou menos um ser humano na véspera do ano-novo. Mack apareceu naquela noite com um *cooler* repleto de cervejas. Brad recusou a princípio, lembrando-se das advertências de Charlie Moore. Depois, cedeu à insistência de Mack e disse que tomaria apenas uma. Depois de muitas horas, muitas cervejas e muitas lágrimas derramadas por mulheres, os dois homens brindaram o ano-novo.

Agora, enquanto vasculhava o armário da cozinha à procura de uma aspirina, o ridículo da situação abateu-se sobre Brad. Ele havia ficado muito doente durante dias. E quando finalmente estava começando a melhorar, decidira embriagar-se, provocando todo aquele mal-estar novamente.

Abrindo com força a porta da geladeira, ele começou a pegar latas de cervejas e jogá-las dentro de um saco de papel vazio. Uma a uma, ele encheu-o até a boca. Depois abriu a porta da despensa e tirou de lá as seis garrafas de cerveja importada, ainda embaladas, que comprara na semana anterior. Carregando tudo nos braços, ele atravessou a sala de estar.

Ao abrir a porta da frente, ele pensou em Tagarela. O cão não havia morado ali por muito tempo, mas Brad se acostumara a ouvir o ruído de suas unhas no ladrilho quando saía da casa. Ele sentia falta da voz do cão — e ninguém poderia negar que Tagarela tinha voz. Os uivos, os latidos para chamá-lo, os latidos de alegria, os ganidos e outras vocalizações encantavam qualquer pessoa que conhecesse aquela bolinha fofa.

Ashley, porém, havia levado Tagarela embora, e com todo o direito. Brad não merecia nem a alegria nem a responsabilidade de possuir um cão. Censurando-se por ter deixado o cão sozinho na noite de Natal enquanto passava o tempo no

Larry e depois quebrando as promessas de casamento no apartamento de Yvonne, Brad carregou a embalagem das seis cervejas e o saco de papel com as outras latas até o lago.

Ao chegar à beira do lago, ele as colocou no banco, pegou uma lata e atirou-a na água, o mais longe que pôde. Apesar de saber que as pessoas não gostariam de encontrar latas de cerveja boiando no lago, ele não se importou. Havia sido armador do time de futebol americano, e aquilo era o que ele sabia fazer melhor.

— Esta é para vocês do Camdenton Lakers —, Brad resmungou enquanto atirava outra lata. — Futebol americano, um esporte que não vale nada.

Outra lata foi atirada. — O que devo fazer com minha fama de armador do time agora? — ele gritou quando a lata bateu com força na água. — O que todos aqueles recordes em jardas têm feito por mim nos últimos tempos? Alguém pode me dizer?

A raiva transformou-se em nó na garganta quando Brad pensou em sua popularidade efêmera e orgulho vazio. O que as homenagens no colegial significavam na vida real?

— Nada! — ele resmungou enquanto atirava outra lata além das ondulações criadas pela anterior. Curvando-se, ele rasgou a embalagem de seis unidades, arremessando as garrafas enquanto as lágrimas caíam e ele gritava.

— Esta é para aquela nota A! — *Splash*.

— Esta aqui é para você, Mack, bom camarada! — *Splash*.

— Yvonne! — *Splash*.

— Paredes de gesso! — *Splash*.

— Dez pratas por hora! Maravilha! — *Splash*.

— Caminhão novo! — *Splash*.

Depois de esvaziar a embalagem de seis garrafas, ele voltou a pegar o saco de papel.

— Novo cômodo! Bar do Larry! Bubba! — *Splash. Splash. Splash*.

— Ei, você aí.

A voz atrás de Brad assustou-o. Ele virou-se de repente e viu Cody Goss em pé na margem do lago. De jaqueta e calça de brim, o rapaz parecia quase normal. Brad, porém, sabia tudo sobre o sem-teto maluco que viera parar em Deepwater na última primavera.

— Fique longe de mim, seu idiota — ele resmungou. — Deixe-me em paz.

Cody engoliu em seco.

— Você sabia que todas as primaveras, quando limpam o lago, eles encontram geladeiras, espuma, garrafas de vidro e todo tipo de coisas no lago? Não devemos jogar objetos na água.

— Cale a boca, imbecil.

— Não fale assim comigo. É falta de educação.

— *Falta de educação?* — Brad aproximou-se de Cody e empurrou-o pelo ombro. — Falta de educação é não deixar as pessoas em paz quando elas pedem.

— Eu ouvi você gritando o tempo todo na casa dos Hansens, e Brenda disse...

— Quer parar para me *escutar*? — Brad gritou, com o rosto a centímetros do de Cody. — Eu disse *fique longe de mim*.

— Achei que devia ver como você está, porque...

— Pare! — Brad atingiu o peito de Cody com o ombro. O rapaz abriu os braços como se pudesse parar no ar e caiu com força no chão, estatelado na grama seca e marrom, e permaneceu deitado, com os olhos azuis abertos.

Brad pôs um joelho no chão, agarrou Cody pelo colarinho da jaqueta e forçou-o a sentar-se.

— Eu disse *cale a boca*. Cale a boca e deixe-me em paz.

— Você não está sendo razoável — Cody conseguiu dizer, ofendido.

— *O quê?* — Brad bradou e empurrou o rapaz de volta ao chão.

— Razoável. — Cody piscou, com lágrimas nos olhos. Sua voz saiu num sussurro rouco. — Jogar lixo no lago não faz parte de etiqueta social. Nem derrubar as pessoas no chão.

— O que você sabe sobre etiqueta social, seu doido? O que você sabe sobre qualquer coisa?

— Sei que você e eu estamos chorando. Eu estou chorando porque você me dá um pouco de medo. E acho que você está chorando por causa de Ashley.

Respirando forte, Brad olhou para a figura esparramada no chão. Uma parte dele queria dar uma surra no rapaz. A outra queria... o quê?

O que Brad poderia fazer neste mundo para mudar alguma coisa? Soluços inesperados formaram-lhe um nó na garganta. Ele sentou-se no chão ao lado de Cody, cobriu o rosto com as mãos e chorou. Gemidos roucos e fortes subiram por seu peito e saíram pela boca.

— Brad? — Cody tocou-lhe o braço.

— Suma daqui, imbecil. — Brad sacudiu o braço a esmo, mal conseguindo proferir as palavras.

— O sr. Moore chega da Califórnia daqui a dois dias — Cody disse em voz baixa. — Ele vai gostar de saber que você jogou fora as suas cervejas.

O conselho de Charlie Moore pelo telefone filtrou de volta na mente de Brad.

— O sr. Moore não entende essas coisas. Está velho demais. Eu sou jovem. E é isso que fazemos. Meus amigos e eu, nós bebemos.

— Eu sou jovem, e não bebo. Sabe por quê? Porque Steve Hansen disse: "Cody, o álcool traz muitos tipos de problemas". Derek disse: "Cody, nove pessoas morreram este ano no lago, e todas estavam bêbadas. Não beba". E Pete Roberts me contou que era alcoólatra e que ia às reuniões dos Alcoólicos Anônimos e aí tinha uma recaída, depois foi a mais reuniões e teve *outra* recaída, até finalmente decidir que não vale a pena nem provar uma bebida. Ele disse: "Cody, isso é veneno do diabo".

Brad limpou o rosto com as costas da mão.

— Você é a criatura mais estranha que conheci, e sabe por quê?

Cody permaneceu em silêncio por um momento.

— Pelo menos eu não derrubo a porta da frente da minha casa nem deixo o conserto nas costas de minha esposa e do amigo estranho dela, que sou *eu*.

— Você consertou nossa porta?

— Consertei. — Cody firmou-se no cotovelo para sentar-se. — E você pode contar comigo, apesar de não ter dito "obrigado".

— Ah, tá... obrigado.

— OK.

Os dois permaneceram sentados lado a lado, olhando a água.

— Ashley foi embora — Brad disse finalmente. — Ela me abandonou.

— Mas ela está bem. Está muito bem.

Brad virou-se.

— Como você sabe? Você a viu? Onde ela está?

Cody encolheu-se.

— Não tenho certeza. Havia muita gente falando comigo, e alguém disse que Ashley está muito bem. Não lembro quem disse isso. Todo mundo anda falando demais nesses dias.

Coçando os olhos, Brad sacudiu a cabeça.

— A mãe de Ashley disse que ela não apareceu em casa no Dia de Natal.

— A casa de Ashley é lá com você.

Juntos, eles fixaram o olhar na casa pequenina com o novo cômodo construído ao lado. Brad sentiu o nó se formando novamente na garganta, por isso tirou uma lata do saco de papel e atirou-a no lago.

— Porcalhão. — Cody olhou para ele com um sorriso maroto no rosto.

— Maluco.

— Porcalhão.

Brad não conseguiu conter um traço de sorriso que surgiu após o nó na garganta.

— Você não é tão maluco assim, Cody. Pelo menos tem uma vida. Eu arruinei a minha. E agora não sei o que fazer.

— Acho que Ashley foi embora porque você fez uma coisa errada com outra mulher. Você é esse tipo de homem. Sei disso porque, quando as mulheres me veem, elas dizem: "Oi, Cody. Como vai, queridinho?". E quando elas veem você, dão uma risadinha e ficam com o rosto vermelho.

— Ashley não. Não mais. Ela pegou suas coisas e o nosso cão e foi embora.

— Você precisa pedir perdão a Deus. Aí, pode ser que tenha uma chance de ser perdoado por Ashley.

— Abandonei a religião há muitos anos, cara. Não frequento mais a igreja.

— Deus não mora numa igreja. Ele mora nas pessoas. Você pode pedir desculpas a ele em qualquer lugar. Não sabia disso?

Brad olhou dentro do saco de papel e viu que ainda restava uma lata. Lutando contra o desejo de tomar um gole, ele sentiu os olhos de Cody pousados nele.

— Ei, pare de olhar para mim como se eu fosse um idiota qualquer. Para sua informação, tirei nota A na escola.

— Não sei o que significa nota A, mas sei o que está escrito em Êxodo 20.14: "Não adulterarás". É isso o que eu acho que você está fazendo errado, Brad. E bebendo demais. E quebrando a porta da sua casa.

— OK, já entendi. — Brad passou os dedos pelos cabelos. — Caramba! O que você fazia quando era criança? Decorou a Bíblia inteira ou coisa parecida?

— O meu papai me ensinou muitas coisas da Bíblia. Não estudei na escola. A Bíblia é a minha nota A. — Cody levantou-se. — Bom, agora preciso ir. Estou sentindo frio.

Ainda sentado no chão duro, Brad contemplou o lago. Sereno e vítreo, ele adquirira uma tonalidade prateada no fim do dia.

— O que deu em você para dizer aquelas coisas sobre mim, sobre adultério? — ele perguntou em voz baixa. — O que você sabe?

— Sei que você é parecido comigo quando o meu papai me deixou na beira da estrada e foi embora. Fiquei sozinho e perdido até encontrar a estrada de Deepwater Cove. Eu teria ficado feliz muito antes, se soubesse que direção seguir. Acho que você sabe a direção que deve seguir, Brad Hanes.

Esticando o braço em direção ao saco de papel, Cody pegou a última lata. Afastando-se um pouco, ele atirou-a no lago, formando um arco brilhante e prateado. A lata bateu na água bem longe dali, formando um círculo ao redor dela.

— Feliz ano-novo — ele disse, afastando-se.

Brad observou Cody atravessar o gramado inclinado ao lado do embarcadouro e dirigir-se à casa dos Hansens.

— Pete acha que enlouqueci por ter gastado tanto dinheiro com tinta e cortinas. — Patsy entrou alegremente na sala de estar carregando uma bandeja de maçãs caramelizadas e cortadas em fatias, acompanhadas de xícaras de sidra quente apimentada para ela e Ashley. — Ele me lembrou de que faz pouco tempo que pintei a sala de chá com aquela linda cor roxa.

Ashley oferecera-se para ajudar, mas Patsy tinha uma forma especial de preparar sidra e gostava de fazer isso sozinha. Ashley não se importou de esperar. Apesar de ter tirado uma semana de folga do trabalho, ela sentia-se exausta o tempo todo. Patsy também estava cansada. Havia trabalhado até tarde na véspera do ano-novo — mancando de um lado para o outro por causa do tornozelo machucado enquanto penteava os cabelos e fazia as unhas das clientes, preparando-as para a festa. Naquela primeira manhã do novo ano, as duas mulheres levantaram tarde e saborearam um café da manhã demorado.

Agora Ashley estava tirando um punhado de pipocas da tigela em seu colo. Ela jogou um pouco no chão para Tagarela. O ar na sala cheirava a canela, cravos e velas com aroma de pinho. Os reflexos do fogo estalando na lareira iluminavam as paredes e dançavam nas almofadas da cadeira onde ela estava sentada.

Afundando-se no sofá ao lado, Patsy respirou fundo.

— Você sabia que foi Esther Moore quem sugeriu que eu pintasse de roxo a área de chá? Ah, que saudades eu sinto daquela mulher.

— Eu também.

— Ela estaria entusiasmada com a nova loja de Brenda. O estabelecimento deu um toque diferente. Fez a rua comercial inteira parecer mais elegante, mais fina.

— É verdade — Ashley murmurou. — Tranquility está começando a ficar parecida como uma cidadezinha charmosa em vez de ponto de parada para comprar gasolina e artigos de pesca.

— Outro dia dei uma olhada no salão e vi que ele estava com cara de velho, de gasto por ter sido lavado muitas vezes. Está precisando de, no mínimo, uma pintura.

— E o mural de Cody, com os retratos de Jennifer usando penteados diferentes? Você não vai passar tinta por cima deles, vai?

— Claro que não. Aquilo é um tesouro. — Patsy tomou outro gole de sidra em sua xícara de porcelana. — Quero terminar esse serviço antes do início do verão, quando a agitação é maior. Charlie Moore vai ajudar Bitty a transformar o Pop-In num pequeno restaurante de primeira linha, por isso acho que também preciso fazer algumas mudanças no Assim Como Estou.

— Depois de terminar a pintura, você poderá mudar o nome dele para Melhor Do Que Eu Era.

Patsy riu.

— Na verdade, o nome é muito importante para mim. Foi tirado de um hino antigo.

— Eu estava brincando, Patsy. Gosto do nome do salão. — Ashley não conhecia o hino, mas sempre achou que o salão de beleza de Patsy tinha um ar acolhedor. O salão e a casa de Patsy espelhavam o que ela era. Patsy era cordial, incentivadora, rápida para oferecer um abraço ou um lenço, sempre pronta para dar uma palavra de solidariedade.

A maioria das pessoas não era assim. Na lanchonete dos pais de Ashley, ela presenciara mais do que necessário o lado desagradável da humanidade. O mesmo se aplicava ao clube de campo. Ricos ou pobres, moços ou velhos, todos eram iguais. Os clientes adoravam encontrar falhas. Sempre prontos para reclamar, eles raramente agradeciam ou elogiavam. Seus comentários mordazes ainda lhe soavam nos ouvidos algumas vezes.

“Pedi mostarda neste cachorro-quente”, alguém dizia.

Outro marchava até a vitrina da lanchonete, com a fúria levantando-se como se fosse a neblina no lago: “Por que você pôs mostarda no meu cachorro-

quente?".

No restaurante do clube de campo, ela ouvia com frequência: "Meu bife está esturricado. Leve-o de volta à cozinha".

Ou: "Esta carne está tão crua que quase ouço o mugido do boi".

— Em que você está pensando, querida? — Patsy perguntou. — Parece estar a milhões de quilômetros daqui.

— Algumas pessoas são muito grosseiras. — Ashley enfiou os dedos na tigela de pipoca novamente. — Que bom que você não é assim.

— Tenho meus momentos. Não valorize muito o que as pessoas dizem.

— Patsy... agradeço muito você ter me aceitado aqui na noite de Natal.

— Oh, céus, você foi um presente de Deus! Com meu tornozelo inchado como uma ameixa, eu mal conseguia me movimentar. Uma semana depois, ainda sinto dor quando não descanso de vez em quando.

— Ouvi dizer que as luxações demoram muito para sarar. — Ashley não queria lembrar-se de quem lhe dera aquela informação: um ex-jogador de futebol que havia sofrido esse tipo de problema muitas vezes. Lutando contra as recordações, ela deixou cair mais algumas pipocas no chão para Tagarela, que estava ficando cada vez maior e mais felpudo com o passar do tempo. O cão mastigou a pipoca, lambeu os beiços e sentou-se olhando para ela, com a cauda balançando e os olhos castanhos cheios de esperança.

Fazia alguns dias que Ashley estava tentando encontrar uma forma de discutir um assunto importante com a amiga. Agora decidira simplesmente pôr tudo para fora.

— Patsy, decidi alugar um apartamento na praia de Osage. Já fiz o depósito.

Patsy fez uma pausa, com metade da maçã caramelizada na boca.

— Um apartamento?

— Encontrei um no jornal da semana passada. Não vi o lugar, mas liguei e consegui um preço razoável. E posso cancelar o aluguel com duas semanas de antecedência, se eu não gostar do apartamento. Quando o verão chegar e a procura por imóveis for maior, o proprietário disse que vai aumentar o aluguel, e vou ter de encontrar outro lugar. Mas isso me dá quatro meses para procurar. Também...vou pedir demissão de meu emprego no clube de campo.

— Pedir demissão? — Patsy endireitou o corpo e devolveu a fatia de maçã à bandeja. Em seguida, olhou para ela, colocou-a na boca e começou a mastigar.

Ashley levantou o queixo.

— Ganhei muito dinheiro com meus colares, Patsy. Uma grande *bolada*. Mal posso acreditar, mas é verdade. Agora que as festas terminaram, eu esperava que os negócios também diminuíssem, mas não diminuíram. Entrei no meu *site* outro dia, e os pedidos continuam chegando.

— Que ótimo!

— E sabe o que mais? — ela estremeceu ao pensar na novidade que mantivera em absoluto segredo. — Você não vai adivinhar, por isso vou lhe contar. Uma de minhas clientes, uma senhora de St. Louis, é proprietária de uma pequena rede de butiques de presentes e móveis. São cinco lojas, todas no Missouri. E mais, há duas pessoas conversando com ela a respeito de adquirir franquias para lojas fora do Estado. Ela me ligou e disse que recebeu tantos elogios sobre meus colares que deseja vender minhas contas em suas lojas. Recebi um pedido enorme, Patsy. Ela me adiantou uma grana preta. Tenho o suficiente para pagar vários meses de aluguel, para comprar comida e também para confeccionar os colares. Tenho tanto trabalho para fazer que quase não estou dando conta.

— Você vai continuar trabalhando no porão de Brenda?

— Não, vou levar tudo para o apartamento. Decidi convidar Jennifer para ser minha sócia, e vou repassar a ela uma parte dos lucros. Ela me disse, antes do Natal, que não vai frequentar nenhum curso para missionários neste semestre. Sei que ela e eu podemos montar colares, braceletes, tiaras e outras coisas. E enquanto eu crio mais pedras, ela poderá embalar os produtos e despachá-los. Ainda não contei a Miranda Finley, mas tenho certeza de que ela vai continuar a cuidar do meu *site*. Não é maravilhoso, Patsy? Vou ter uma empresa de verdade.

— Ah. — Patsy tentou engolir uma fatia de maçã. — Uma empresa.

— Sim, uma empresa, e por que não? — Os olhos de Ashley entristeceram-se em razão do ressentimento que lhe veio à mente. — Meu ex-marido dizia que eu era uma sonhadora igual ao meu pai. Dizia que eu era louca por acreditar que poderia fazer outra coisa além de meu emprego normal, mas sei que sou capaz de fazer isso.

— Espere. Você disse *ex*-marido? Ashley, você deu entrada no pedido de divórcio?

— Ainda não, mas vou dar. Preciso deixar tudo acertado. As dívidas. A casa. E Tagarela. Não vou devolver meu cão. Não vou permitir que ele leve Tagarela embora. Ele é meu agora. Sou eu que cuido dele, e sou eu que vou ficar com ele.

— Você está repetindo muito a palavra *ele*, Ashley. Um desses *eles* é Brad?

— Não diga esse nome perto de mim, Patsy. Você sabe como me sinto.

— Querida, você não pode pedir o divórcio ainda. Faz apenas uma semana. Vocês dois nem *tentaram* resolver seus problemas.

— Nossos problemas começaram no dia do casamento. Além disso, por que eu haveria de querer tentar resolver qualquer coisa? Não sei se quero voltar a olhar para aquele homem. Vi tudo o que precisava ver naquela noite.

As lágrimas que embaçaram os olhos de Ashley deixaram-na arrasada. Ela já havia chorado tudo o que podia. O marido que ela amara e em quem acreditara não passava de um farsante. Quem precisava disso? Ela não, com certeza.

— Por favor, não desista ainda, querida. — Patsy olhou firme para ela. — Entendo que foi um choque encontrar Brad daquela maneira. Não posso imaginar... apesar de ouvir muitas coisas parecidas no salão. Acontece com mais frequência do que eu imaginava.

Ashley fungou.

— É verdade. Conheço o caso de muitas pessoas. Minha prima, por exemplo. Ela me contou que teve um caso longo de atração por um colega de trabalho. Disse que tudo começou com uma paquera. Depois, eles se apaixonaram e a coisa aconteceu.

— O marido dela deve ter descoberto.

— Ele viu as ligações na conta do telefone. Hoje, eles estão divorciados. O homem com quem ela teve o caso continuou casado. Minha prima pensou em ligar para a esposa dele, mas desistiu da ideia. A esposa nunca descobriu, e agora ele está saindo com outra mulher. O cara é mau caráter.

Patsy sacudiu a cabeça.

— Reconheço que já ouvi todas as coisas possíveis que dão errado num casamento. A questão é remendar tudo.

— Por que alguém haveria de querer fazer isso? Eu não.

— Sim, você deseja isso, querida. Seu cérebro está zangado, mas seu coração continua apaixonado por Brad Hanes. O coração nunca esquece.

Ao ouvir essas palavras, Ashley segurou firme a xícara de chá e esvaziou-a, na esperança de que o líquido quente detivesse suas lágrimas.

— É tarde demais. Não confio nele, Patsy. Pelo que sei, ele é parecido com minha prima... ou com o cara com quem ela se envolveu. Pode ser que ele tenha

tido mais de um caso. Talvez ele e aquela cantora de bar estivessem juntos há meses... antes mesmo de nosso casamento.

— Duvido.

— E se ele estiver apaixonado por ela? Ela deve ser louca por ele. Quem não seria? Olhe para ele. Ele tem o corpo perfeito. É bonito e atrai a atenção de qualquer pessoa. As garotas na escola eram doidas por ele. Se ele ama essa mulher... se diz a ela as mesmas coisas que me disse... — Ela fechou as mãos com força, lutando contra o sofrimento no coração. — Nós nunca vamos voltar a viver juntos. É impossível.

— Impossível — Patsy repetiu.

Ela fixou o olhar por um instante nas velas em cima da mesinha de café. Quando voltou a falar, sua voz era suave.

— Ashley, você se lembra daquelas xícaras de chá antigas que Pete derrubou da parede quando se mudou para a Rods-N-Ends na primavera passada? Fiquei tão furiosa que queria arrancar a cabeça dele.

— E você tentou.

Patsy sorriu.

— Depois disso, ele começou a comprar xícaras para mim... uma a uma, até repor a coleção inteira.

— Pete é um homem bom.

— Ele é muito bom para mim. Você já tomou toda a sidra? — Ela olhou para confirmar. — Pegue sua xícara vazia e segure-a contra a lâmpada do abajur a seu lado. Diga-me o que você vê.

Para sua surpresa, Ashley notou uma espécie de teia de aranha de fios muito finos por toda a xícara de flores amarelas.

— Esta xícara faz parte da minha coleção original — Patsy disse. — Você acaba de tomar sidra quente apimentada nela.

Ashley virou a xícara de cabeça para baixo e analisou a base, sem nenhuma emenda à vista, com o selo do fabricante.

— Não é possível. Aquelas xícaras se espatifaram. Não é possível que você tenha colado os cacos, Patsy.

— Colei. Claro que sim. Os cacos de todas as peças. Aquelas xícaras eram muito preciosas para mim, por isso achei que valia a pena tentar. Separei os cacos em pilhas e comecei a colá-los enquanto via TV. Saiba de uma coisa, querida... não há nenhuma peça quebrada que não possa ser consertada.

Ashley pousou a xícara de volta no pires.

— Você está falando uma daquelas metáforas de Cody, Patsy? Caia na real. O casamento não é uma xícara de chá. Ninguém é capaz de colar os cacos de um relacionamento. É impossível.

— Você disse de novo essa palavra. Mas não poderia ao menos tentar?

— *Não*. Não posso. Como você se sentiria, Patsy, se abrisse uma porta e visse Pete com outra mulher na cama? Se você visse a... a calça *jeans* dele no... — Ashley cerrou os dentes. — Não vou chorar nunca mais! Não quero mais saber daquele homem. Acabou. Sinto nojo só em pensar que ele possa tocar em mim um dia! Você não entende? Os lugares em que ele a tocou... as coisas que ela disse a ele... Patsy, ele *me* pertencia! Prometeu que seria *meu*!

O vislumbre repentino de uma imagem atravessou a mente de Ashley como um relâmpago de verão. Ela estava em pé no altar com seu maravilhoso vestido branco de cetim, um buquê de rosas vermelhas na mão. E Brad ao lado dela, alto e lindo em seu *smoking*. Eles se entreolharam e trocaram promessas. Nos olhos azuis dele só havia amor. Naquele dia, ela acreditou que era a mulher mais feliz do mundo.

— Acho que vou vomitar. — Ashley dobrou o corpo, segurando o estômago.

— Oh, querida. Precisa de ajuda até o banheiro?

— Hã... não, está tudo bem. Todas as vezes que me lembro do momento em que abri a porta do apartamento daquela mulher, volto a sentir náuseas. — Cobrindo o rosto com uma das mãos, Ashley continuou a segurar o estômago com a outra e deu vazão às lágrimas. — Eu o odeio, Patsy. E vou odiá-lo para sempre. Ele nunca vai ter meu perdão. Nunca!

Enquanto os soluços sacudiam seu corpo, ela sentiu Patsy ajoelhar-se no chão à sua frente. Braços afetuosos circundaram os ombros trêmulos de Ashley. Enquanto as mulheres se abraçavam, Tagarela começou a dar um jeito de acomodar-se entre elas. Ele farejou, balançou a cauda e agarrou-se a elas com as unhas até subir pelos joelhos de Patsy e conseguir pôr a cabeça no colo de Ashley.

"Rrnnn", ele resmungou suavemente e encostou o focinho molhado ao rosto de Ashley, enquanto sua língua macia e rosada lambia-lhe as orelhas.

— Ora, veja só quem está aqui. — Patsy endireitou o corpo e acariciou a cabeça do cãozinho. — Nós deixamos Tagarela triste. Ele deve ter ouvido nossa conversa sobre Brad. Não me diga que seu marido maltratou este pobre cãozinho.

Ashley enxugou o rosto.

— Não. Ele ensinou Tagarela a sair de casa para fazer suas necessidades.

— Sério? Bom, pelo menos Brad presta para a alguma coisa. Sabe ensinar um cãozinho a fazer suas necessidades. Ponto para ele!

Com um pouco de esforço, Patsy sentou-se na beira do sofá.

— Ah, preciso emagrecer um pouco, senão vou ter problemas no dia de meu casamento. Quem sabe quando será? Não consigo fazer Pete marcar a data, muito menos falar sobre a lua de mel.

Ashley pensou um pouco no homem com quem se casara.

— No caminho até Bronson para nossa lua de mel, Brad não me largou nem por um segundo. Dirigiu o tempo todo com um braço ao meu redor, beijando-me e segurando-me com força. Ele sabia que eu adorava ficar bem perto dele. Mas ao chegarmos em casa, percebi que ele não era tão maravilhoso quanto eu pensava. Ele esperava que eu soubesse cozinhar, e desde então passou a reclamar de tudo o que eu fazia. Nenhum de nós tinha ânimo para guardar as coisas e manter a casa de forma decente. Ele nunca mais limpou o ralo do boxe. Disse que vivia entupido por causa do meu cabelo, mas não era verdade. Que cara grosso!

Patsy pegou outra fatia de maçã caramelizada e mastigou-a por alguns instantes.

— Parece que vocês dois pararam de se preocupar com as coisas... inclusive com o casamento.

— *Não* é verdade. Eu amava Brad. Fazia tudo para não magoá-lo.

— Infelizmente não posso concordar com isso, minha flor. Você se agarrou muito ao seu trabalho no turno da noite no clube de campo. O que esperava exatamente que seu marido fizesse das 16 horas até a meia-noite, quando você voltava para casa?

— Mas eu ganhava o dobro de dinheiro com as gorjetas durante a noite. Aquele dinheiro era importante.

— Tá — Patsy fungou, sem se mostrar nem um pouco impressionada.

Tagarela havia subido no colo de Ashley. Ela estava tentando impedi-lo de subir nos móveis. O cãozinho já havia roído um buraco enorme no canto de uma das almofadas do sofá de Patsy. Várias pernas da mesa de jantar exibiam as marcas de seus dentinhos. Se aquela mulher não fosse tão bondosa, já teria chutado o cão e sua dona para fora de casa há muito tempo.

— Patsy, você acredita realmente que eu deva ficar com Brad, não? — Ashley perguntou. — Você sabe como ele é arrogante e egoísta. Se me traiu uma vez, vai trair de novo. Ou não? Seja sincera.

— As pessoas *podem* mudar, principalmente se sentirem motivação para isso.

— Meu marido nunca sentiu motivação para mudar, pelo menos por mim.

— Mas agora sente. Ele andou procurando você esse tempo todo. Fiquei sabendo que ele ligou para muitas pessoas tentando descobrir onde você estava. Brad é grosseiro e ignorante. Completamente imaturo. Arrogante também. Não nego isso. Mas o rapaz sempre foi respeitoso e educado comigo. Agora ele está totalmente arrasado. Quem sabe o que pode acontecer daqui em diante? Ele pode transformar-se no melhor marido que uma moça queira ter.

Era difícil imaginar. Difícil demais. Ashley tentou visualizar-se de volta à pequena casa que ela imaginou seria seu lar feliz. Fez um esforço para imaginar um lar com crianças, jantares de Ação de Graças, árvores de Natal e abraços no sofá. Mas tudo o que ela via era o suéter vermelho de Yvonne Ratcliff jogado no chão perto da calça *jeans* azul de Brad.

— Não posso. — Ela sacudiu a cabeça. — Sinto muito, Patsy, mas não posso fazer isso.

— Você não *quer*.

— Não sou tão boazinha como você. Você é muito religiosa. Lê a Bíblia todas as manhãs e vai à igreja aos domingos.

— Eu nunca disse que era boazinha. E enfim, a questão não é essa. Mas de uma coisa eu sei. Quando guardo raiva de alguém, a pessoa que mais sofre sou *eu*. Se você não encontrar um jeito de perdoar Brad Hanes, a pessoa que vai sofrer pelo resto da vida será uma ruivinha linda de coração partido.

Ashley curvou o corpo e encostou o rosto na cabeça de Tagarela. Ela queria acreditar em Patsy. Queria de verdade. Porém, a experiência lhe ensinara a não confiar nas pessoas... nem mesmo numa pessoa tão bondosa quanto a amiga que a recebera em sua casa numa noite escura e fria.

E menos ainda no homem que a traíra, partira-lhe o coração, virara sua vida de ponta-cabeça e lhe deixara uma lembrança que jamais se apagaria.

14

— As coisas por aqui parecem um pouco enlameadas, inclusive você. — Charlie Moore entrou na sala de estar e começou a tirar o casaco. — Eu lhe digo, Brad, que o clima estava muito mais quente na Califórnia. Ainda não chegamos ao fim do primeiro mês do ano, e a umidade e o frio estão fazendo cada osso de meu corpo doer. Boofer também não gosta disso. E por falar em cães, onde está Tagarela?

Preparando um chocolate quente na cozinha, Brad descobriu que não sabia o que dizer. Em vez de responder, ele concentrou-se na tarefa de jogar a mistura em pó nas xícaras com água fervida no micro-ondas.

— Não me diga que você também deixou o cãozinho ir embora? — Charlie acomodou-se no sofá. — Saí daqui por duas semanas, e você perdeu a esposa e o cão. Não estou entendendo mais nada.

— Estraguei tudo.

— Com certeza. — Charlie coçou a cabeça como se a explicação para o comportamento de Brad estivesse escondida entre seu cabelo branco. Finalmente ele deu um suspiro. — Bom, pelo menos você parou de beber. Não seria melhor se pudéssemos aprender com a experiência das outras pessoas? Mas a maioria de nós é teimosa demais para ouvir. Vamos em frente e erramos.

Ao ver que Brad não respondia, Charlie deu uma risadinha de preocupação.

— Esse chocolate vem ou não vem? Esta casa deve estar a ponto de congelar. Você desligou o termostato, rapaz?

Com um pacote de biscoitos de promoção, Brad atravessou a sala carregando duas canecas fumegantes.

— Está no ponto mais baixo que consigo suportar. Desculpe, mas não tenho muita escolha, sr. Moore. O financiamento da casa, as contas, os cartões de crédito, o banco. Há muita gente tentando pegar mais dinheiro do que sou capaz de ganhar.

— Isso se chama dívida, garoto. Meu pai me aconselhava a não dever dinheiro a ninguém, e sou grato por isso. Nunca acumulei dívidas no cartão crédito em minha vida. Pagava todas as contas antes do vencimento. Tentei

ensinar essa lição a Charles Jr., mas não sei até que ponto ele aprendeu. Você deveria ver a casa onde eles moram. Maravilhosa! Sei que agora meu filho é vice-presidente na empresa em que trabalha, mas *cebolas*? Quem tem lucro com cebolas?

— O senhor precisa perguntar a Bitty Sondheim. Ela deve comprar toneladas de cebolas.

— Bitty e eu conversamos sobre cebolas até a exaustão. Aliás, penso ter esgotado o assunto. — Charlie tomou um gole de chocolate e sorriu de contentamento. — Ahhh! Que delícia! Acho que é possível aguentar o inverno se tomarmos uma xícara de chocolate quente de vez em quando para nos manter vivos.

Brad sentou-se na cadeira mais perto do sofá. Apesar das repreensões do sr. Moore, ele sentia necessidade de estar perto daquele homem mais velho. Envergonhado demais para ligar para seus pais e desgostoso consigo e com os amigos para ligar para qualquer um deles, Brad passava as noites sozinho, tendo apenas a companhia da TV e a tentação de voltar a beber.

— O senhor divertiu-se muito na Califórnia? — ele perguntou. — Como foi a viagem?

— Bitty e eu conversamos durante o caminho todo, na ida e na volta. Aquela mulher é uma lutadora, vou lhe contar. Passou por momentos muito difíceis. Eu a admiro. Admiro mesmo. Sabe, eu queria que Bitty se sentasse no banco traseiro com Jessica Hansen, mas a moça disse que não ia a lugar nenhum se seu noivo não se sentasse ao lado dela. E Bitty foi uma ótima companheira de viagem. Nós nos revezamos na direção. De vez em quando tinha uma agarração um pouco exagerada no banco de trás, o que me deixava desconfortável. Infelizmente tive de dar uma espiada no espelho retrovisor de vez em quando para que os garotos soubessem que eu estava de olho neles. Bitty também fez isso.

— Então o senhor gosta de Bitty, não? — Brad perguntou, com um sorriso maroto.

O homem mais velho não negou.

— Gosto dela, sim. Gostei da viagem. Mas não posso negar que estou feliz por ter voltado para casa. Senti saudades de Deepwater Cove. Comecei até a gostar do inverno. Por mais que as estações do ano tragam modificações, eu gosto delas. O homem precisa de mudanças de vez em quando

Ele olhou fortuitamente para Brad.

— Você deve ter tido mais mudanças que esperava.

— O senhor estava certo sobre o que me disse por telefone, sr. Moore. Eu fui a causa de meus problemas. — Brad fixou o olhar na árvore de Natal perto da janela, com suas pontiagudas folhas marrons espalhadas no tapete. — Bom, não de *todos* os problemas. Os colares de Ashley interferiram em nosso relacionamento. A única coisa que ela queria era ter tempo para confeccionar as contas e montar as peças. Não queria conversar sobre outro assunto. Só contas, contas, contas.

— Quando a pessoa gosta de uma coisa, só fala nisso. Eu falava sobre minhas andanças entregando correspondência quando chegava em casa à noite. Contava a Esther quantos pacotes e cartas eu havia entregado e onde. Falava sem parar sobre quem encontrei naquele dia, o que conversamos e as coisas que observei no caminho. Acho que ela não prestava muita atenção, mas nunca reclamou. Você chegou a conversar com Ashley sobre seu trabalho na construtora?

Brad pensou em seu desejo de contar à esposa que era exímio em nivelar placas de gesso. Sentia-se orgulhoso por ter recebido elogio de Bill Walters, mas nunca foi capaz de dizer aquilo a Ashley. Agora, ele pensou, ela provavelmente não estaria mais interessada.

— Meu trabalho é maçante — ele contou a Charlie. — Sou competente, mas apenas faço parte de uma equipe. Nada do que eu faço aparece no panorama geral. Acho que qualquer pessoa poderia assumir o meu lugar, e os condomínios continuariam a ser construídos. Nos tempos do colegial, eu me sobressaía. Tudo o que eu fazia era importante, principalmente no campo de futebol americano. Agora, sou apenas mais um da turma.

— O que você gostaria de fazer?

— Não sei. Queria ir para a faculdade e ser professor. Acredite ou não, eu gostava da escola. Quando estava perto dos outros rapazes, eu fingia, claro. Dizia que achava perda de tempo, essas coisas. Mas eu era bom aluno porque me interessava pelo que estava aprendendo, e queria tirar boas notas para continuar no time de futebol americano. O conselheiro disse que eu era um aluno especial.

— Aluno especial, hein?

— Mas, no fim, tudo não passou de perda de tempo. Aulas de literatura sobre Shakespeare, Mark Twain e outros escritores? Para quê? Esqueça. Ler aquelas coisas não tem nenhum valor. Geografia? Quem quer saber onde fica o Saara?

Educação cívica? Nenhum dos rapazes com quem convivo faz questão de votar. Eu adorava matemática, mas agora só uso os números para calcular onde marcar um pedaço de madeira antes de serrá-lo.

— Por que você não foi para a faculdade, Brad? Poderia ter sido professor e treinador também.

Brad encolheu os ombros.

— Não passei no vestibular. Estava de ressaca naquele dia. Também não consegui bolsa de estudo como jogador de futebol americano. Uma lesão no joelho me deixou de fora do campo quando o pessoal estava recrutando os jogadores. O treinador pediu por mim, mas não adiantou. Agora estou tão afundado em dívidas que nunca vou conseguir sair. Não poderia pagar faculdade, mesmo que quisesse. Ashley e eu conversávamos sobre isso antes do casamento. Ela queria ser professora de jardim de infância, e eu achei que poderia continuar os estudos depois de terminar o colegial.

Enquanto tomava um gole de chocolate, Brad viu-se diante de uma sala de aula. Ele saberia o que os alunos sentiam. E com certeza entenderia as pressões da família, das notas, das atividades esportivas, do namoro. Sabia o que significa ser submetido a pressões até o ponto de não aguentar mais.

— Enfim, acho que não aguentaria nem um mês na faculdade, da mesma forma que não consegui atravessar o primeiro ano de casamento.

— Você acha que Ashley foi embora para sempre?

— Acho. Não sei nem onde ela está. Deve ter ido visitar a prima no Texas. Ela não responde às minhas ligações. Os pais dela sabem onde ela está, mas não dizem.

Brad olhou para o teto, desejando afastar as emoções.

— Ashley me despreza. Mack disse que a mulher... a cantora... fez as malas e saiu da cidade. Voltou ao Tennessee para tentar a carreira musical em outro lugar. Parece inacreditável, mas eu também a magoei.

— Claro que acredito. E acho que a maioria das mulheres leva os relacionamentos a sério. Ela deve ter pensado que havia conseguido laçar você.

— Pensou errado. E não tivemos um relacionamento. Eu mal conhecia Yvonne Ratcliff. Jamais me casaria com uma mulher como aquela. Ela é um lixo.

— E você não? — Charlie pegou um biscoito. — Meu pai dizia: "Os iguais se reconhecem". Se você age como lixo, é igual a um lixo.

— OK, homem! Eu já estou na lama. Não precisa me lembrar disso!

— Você se sente mesmo na lama? Arrepende-se tanto do que fez que deseja

começar tudo de novo?

Brad recostou-se na cadeira e esticou as pernas.

— Ninguém é capaz de começar tudo de novo. Meu pai diz que a gente faz a cama e se deita nela.

— Mas não significa que nunca vai poder sair dela.

— Ora, sr. Moore? Nada vai trazer minha esposa de volta, nem apagar minhas dívidas, nem desamassar aquele caminhão que comprei.

— Isso pode ser verdade. — Charlie fechou os olhos, com as mãos em volta da caneca quente. — Por outro lado, sempre há Jesus.

Suspirando fundo, Brad colocou a caneca vazia na mesa perto de sua cadeira.

— O senhor não vai começar a falar de religião de novo, vai? Não entendo por que as pessoas dão tanta importância a isso. Se a gente faz coisas boas, vai para o céu. Se faz coisas erradas, vai arder no inferno. E é para lá que vou depois do que fiz para minha esposa. E eu mereço.

Brad começou a pensar que não deveria ter concordado em receber Charlie em sua casa. A princípio, ele achou que seria bom ter uma visita. Quando Charlie ligou e perguntou se poderia passar por lá para tomar uma xícara de chocolate naquela noite, Brad gostou da ideia. Agora, preferia estar vendo televisão.

— Apesar do que você pensa, o cristianismo *não* diz que quem pratica boas ações vai para o céu — Charlie disse.

— Para mim, tanto faz. Não estou interessado em religião, tá? Sou esperto o suficiente para saber que nunca vou poder desfazer o estrago, não importa no que eu acredite.

— Você pode, sim. Pode pedir perdão a Deus. Assim que começar a *agir* de modo diferente, vai descobrir que *está* diferente. E Ashley poderá lhe dar uma segunda chance.

— Ashley também não é ligada em religião. É a única coisa que temos em comum.

— E veja no que deu.

Brad soltou a respiração com um gemido baixo. A voz de Charlie começou a sumir por trás do plano que começara a se formar na cabeça de Brad. Ele poderia ir ao Bar do Larry, conversar com os amigos e dar boas risadas. Não precisaria beber, se não quisesse.

Charlie, porém, continuou a falar.

— As pessoas são muito imperfeitas para entrar na presença de Deus. As boas ações não apagam nossos pecados. Para ficar puro, você precisa entregar o controle de sua vida a Jesus Cristo.

— Ah, sim. — Brad assentiu com a cabeça, olhando de relance para sua jaqueta de brim no cabide ao lado do sofá. — Ouça, sr. Moore, gostei da visita, mas estou cansado demais.

— Então você não quer?

— Não quero o quê?

— Não quer ser perdoado. Não quer ter seus pecados apagados.

— Quero. Isto é, parece ótimo. Do jeito que o senhor diz, que maravilha! Faz sentido.

Charlie apontou o dedo indicador para ele.

— Brad Hanes, você não ouviu uma só palavra que eu disse. E sabe como eu sei? Porque eu era exatamente como você. Era esperto demais, atarefado demais e fascinado demais por tudo para me preocupar com outra coisa que não fosse eu mesmo e meus interesses. Ah, Esther e eu íamos à igreja. Eu acreditava em tudo o que o pastor dizia. Em tudo! Claro que acreditava. Mas não a ponto de *agir* como ele ensinava. E foi o que eu lhe disse enquanto você estava sentado aí pensando no Bar do Larry e em dar gargalhadas com seus amigos.

Brad endireitou o corpo.

— Por que o senhor acha que eu estava pensando no Larry?

— Eu lhe falei do clube de *strip-tease*, não?

— Falou. — Brad deu uma risadinha. — Sinto muito, sr. Moore, mas essa história é muito engraçada.

— Talvez para você, mas não para Esther. E não para mim, pouco depois. E sabe por quê? Porque todas as vezes que eu pensava em Deus, tentava ler a Bíblia, fazia amor com minha esposa, entregava correspondência ou fazia outra coisa qualquer, sabe o que me vinha à mente? Aquelas mulheres do clube de *strip-tease*. Uma em particular, Ah, sim. Ela tinha cabelo loiro e comprido, e isso era tudo. Ela rebolou direto para dentro de minha cabeça e passou a morar lá. Ah, eu disse a Esther que estava arrependido do que fiz, e estava. Mas aquilo não me fez esquecer aquela Rainha do Rebolado. De jeito nenhum.

— Rainha do Rebolado! — Brad jogou o corpo para trás e riu.

— Sou capaz de vê-la agora, se eu tentar. Mas não quero. Aliás, tive de fazer um esforço muito grande para tirá-la dos pensamentos. Veja, a religião

verdadeira exige ação. Descobri que se queria mudar de verdade, eu precisava fazer mais do que ficar com o traseiro grudado no sofá. Porque se eu não me levantasse e *agisse* como um homem piedoso, a Rainha do Rebolado voltaria a dançar em meus pensamentos, da mesma forma que o Bar do Larry, uma cerveja gelada e até Yvonne começaram a dançar nos seus enquanto eu falava. Estou certo?

— Acho que sim.

— Claro que estou. É mais importante ter fé que crer. A Bíblia diz que até os demônios creem... e tremem. Não, para ser purificado é necessário arrependimento e mudança.

— O senhor está falando igual ao Cody.

— Não me importo com isso. Ele é um rapaz inteligente. Mais inteligente que a maioria de nós, de algumas maneiras. Arrependa-se, submeta-se, admita que não tem forças para fazer isso sozinho, pare de justificar-se. Assim que fizer isso, *então* a mudança começará.

Brad continuou a pensar na Rainha do Rebolado. De certa forma, Yvonne Ratcliff exercera o mesmo efeito sobre ele. Ele não a amava. Nem sequer se interessava muito por ela. Mas com certeza a desejava. Ele sempre pensava naquela mulher de cabelo castanho comprido, olhos escuros, calça *jeans* apertada e quadril curvilíneo, principalmente quando a situação piorava com Ashley. Sua esposa começou a parecer irritante, áspera e maçante. Yvonne, por outro lado, parecia afetuosa e acolhedora. Dizia sempre que o admirava. Era exatamente daquilo que ele necessitava. Ou assim pensava.

— Você pretende mudar de vida, Brad? — Charlie inclinou-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. — Quer dar início a uma mudança?

— Claro. — Brad olhou firme para o homem mais velho. — Só que é... difícil.

Charlie levantou-se.

— E eu só posso lhe dizer que foi preciso fé e arrependimento para eu tirar a Rainha do Rebolado da cabeça e um monte de outros lixos da minha vida. Deus restaurou meu casamento e continuou a restaurá-lo ao longo de quase cinquenta anos, nos dias bons e nos dias maus. Por causa de minha fé, sei que Esther está no céu. E sei que vou viver bem aqui sem ela. E acima de tudo, não tenho dúvida de que fui amado e perdoado. Agora, se você imagina uma forma de fazer

por si mesmo, me conte, Brad. Porque sei que poderíamos escrever um *best-seller* sobre nós, ser entrevistados na TV e ganhar um rio de dinheiro.

Esticando o braço para pegar o casaco, Charlie tirou o celular do bolso e verificou-o.

— É melhor ir embora. Boofer deve estar querendo dar um passeio no carrinho de golfe, e parece que Bitty me deixou algumas mensagens.

Ele deu um adeus sorridente e saiu antes que Brad pudesse dizer alguma coisa. *Bitty?*

— Você tem visto Ashley Hanes?

— Não, e você?

— Ouvi dizer que ela tirou folga na semana inteira entre o Natal e a véspera do ano-novo.

— Ouvi dizer que ela pediu demissão.

Patsy olhou de relance para Pete, sentado do outro lado da mesa, de frente para ela, na reunião do CAC. Em volta deles, as mulheres falavam sem parar sobre os últimos acontecimentos na comunidade à beira do lago.

Pete estava conversando com Cody. Na verdade, era Cody quem conversava com Pete. Ultimamente, era difícil conseguir falar quando o rapaz estava por perto. Patsy lembrou-se da última primavera quando Cody chegou a Deepwater Cove. Ninguém era capaz de extrair mais que algumas palavras dele. Ele tinha medo de tudo, andava sujo e pouco abria a boca, a não ser para dizer que estava com fome.

Agora falava sem parar, um assunto atrás do outro. O fato de ele ter aprendido a ler — que surpreendera muita gente por ter aprendido rápido demais — abrira um mundo inteiramente novo para Cody. Quando não estava trabalhando ou pintando retratos de Jennifer Hansen, era fácil encontrá-lo na biblioteca do condado de Camden lendo livros.

Pete sugerira que agora Cody sabia mais do que necessário para o bem dele próprio. O rapaz nunca hesitava em dizer a qualquer um o que pensava — e com toda a sinceridade. As áreas que lhe despertavam interesse — pintura, a Bíblia, metáforas e vários outros tópicos — tomaram conta de sua mente. Ele tinha conhecimentos sobre arte impressionista, e também parecia determinado a instruir Patsy. Ela já estava cansada de tanto ouvir falar de Renoir... ou, como Cody dizia, *Rinor*.

Evidentemente, Cody mal conseguia somar dois mais dois. Jennifer usara as contas de Ashley para tentar ensinar-lhe alguns elementos básicos de matemática, mas ele passava mais tempo, claro, falando dos méritos dos bolos cortados em quadrados que tentando aprender a somar ou subtrair.

Uma voz interrompeu as divagações de Patsy.

— Para mim, ela está bem perto daqui — Miranda Finley observou para Kim, sua nora. — Ashley tem um pouco de talento, um lado criativo *avant-garde*, mas não é do tipo aventureiro. Ela poderá até mudar-se para Jefferson City ou Springfield assim que o divórcio for assinado, mas duvido.

— Divórcio? — Patsy não conseguiu conter-se e repetiu a palavra. — De onde você tirou a ideia de que Ashley e Brad estão se divorciando? Ele lhe contou isso?

Miranda tocou conscientemente em seus fios loiros e espetados.

— Não. Mas o que mais poderia acontecer? Vi Brad pegando o carro dele ontem de manhã, e ele me contou que não fala com a esposa desde o Natal. Pobre rapaz. Agora, a vida dele é do trabalho para casa. Duvido que tenha ido à mercearia desde que ela foi embora. Eu lhe disse que ele estava se acabando, mas ele sacudiu a cabeça e partiu. Para mim, está tudo muito claro. Ele está totalmente deprimido com a situação.

— Pensei que a sra. Moore tivesse voltado em forma de Tagarela para resolver todos os problemas deles — Cody disse. Rindo, ele lambeu um pouco do glacê de chocolate ao lado da boca. — Que engraçado!

Sem se dar conta de que ninguém prestara atenção a sua piada, Cody levantou-se e bateu com a colherinha em sua xícara de chá.

— Está na hora de começar a reunião do Clube dos Amantes de Chá — ele disse bem alto. — Não há nenhum assunto antigo a ser tratado. Há algum assunto novo? Se não houver, estou planejando pegar um daqueles *brownies* cobertos com glacê. É por isso que estou pulando quase todas as partes dos Estatutos das Associações Civis, caso vocês queiram saber. Aqueles *brownies* são deliciosos, e restaram somente dois no balcão de doces. Eu gostaria de comer um deles.

— Eu tenho um assunto novo — Brenda Hansen anunciou. — Primeiro, gostaria de agradecer a todos por terem transformado em sucesso a inauguração da Bênção Para o Lar. Foi muito difícil deixar a loja pronta para cortarmos a fita

de inauguração, mas a partida já foi dada e esperamos exercer um papel importante em nossa comunidade. E para colaborar com...

— OK, Brenda, mas qual é o assunto novo? — Cody interrompeu. Ao ver a expressão no rosto de Brenda, ele voltou a sentar-se. — Peço desculpa por ter infringido uma regra de etiqueta social.

Patsy não conseguiu conter um sorriso. Se alguém havia sido mãe de Cody no passado, esse alguém era Brenda. Evidentemente, o amor entre eles era mútuo. Apesar de ter os olhos fixos no balcão de vidro com os dois últimos *brownies*, Cody manteve-se de boca fechada enquanto Brenda continuava a falar.

— Quero que todos vocês saibam que a Bênção Para o Lar está planejando uma comemoração muito especial.

O aviso foi seguido de um vozerio de entusiasmo entre o grupo. Opal Jones inclinou-se de lado para ouvir Kim Finley explicar a novidade. Até Miranda, que parecia entediada, ficou de orelha em pé.

Brenda respirou fundo.

— Steve e eu vamos completar 25 anos de casados, e achamos que a primavera é uma ótima ocasião para comemorarmos a vida e o amor, os novos nascimentos e casamentos, a esperança e a alegria... todas as coisas boas deste mundo. Portanto, no fim de semana da Festa do Corniso de Camdentom, vamos alugar uma tenda grande e montá-la no estacionamento. O pastor Andrew concordou em realizar uma cerimônia de renovação de votos conjugais e de consagração dos bebês. A loja de agropecuária trará pintinhos para as crianças observarem. O departamento de conservação do solo distribuirá sementes de corniso e pata-de-vaca, como sempre faz. E para culminar, o conjunto Cor da Misericórdia vai cantar.

Patsy sentiu o impulso de erguer um brinde à ocasião. Seu conjunto favorito. Ela tocava a música dele quase sem parar no salão. Embora morassem na região do lago, as mulheres do conjunto Cor da Misericórdia viajavam tanto que raramente era possível ouvi-las ao vivo. Que belo presente!

Brenda prosseguiu.

— Após a renovação dos votos e da consagração dos bebês, que serão feitas em pequenos grupos, as famílias poderão posar para a foto. Charlie Moore concordou em fotografar todos e dar as fotos de presente depois. Planejamos montar um arco enfeitado com hera e rosas como pano de fundo, e haverá ponche e bolo também.

— Bolo de chocolate? — Cody perguntou.

Brenda cerrou os lábios por um momento.

— Vamos ver.

— Achei a ideia ótima — Miranda disse em voz alta. — Vou encabeçar o comitê de decoração. Kim e eu trabalharemos juntas.

Todos olharam para Kim, cujo ventre estava aumentando a olhos vistos. Patsy entendeu que aqueles gêmeos do sexo masculino que ela carregava haviam decidido se exibir. A pobre mãe parecia estar atravessando uma fase difícil.

— Eu gostaria de assumir o lugar de Kim — Jennifer ofereceu-se. — Acho que seria divertido.

— Ótimo — Brenda disse, sorrindo para sua linda filha. — Alguém tem alguma pergunta? Nós adoraríamos ouvir ideias de...

Um súbito burburinho entre os membros do CAC silenciou-a. Ashley Hanes acabara de entrar no salão.

15

Com o rosto pálido e sem nenhum colar no pescoço, Ashley caminhou com passos firmes em direção ao grupo. Patsy não sabia como reagir. A jovem havia se escondido do mundo por quase três semanas no quarto extra de sua casa. Pedira demissão do emprego e recusava-se a sair de casa, receosa de que alguém a visse. Não queria ir à igreja nem sair para comer fora com Pete e Patsy. Até aquele momento, ela ainda não conseguira ter forças para visitar o apartamento que alugara, nem de começar a trabalhar no grande pedido de colares que recebera.

O coitado do Tagarela estava confuso. Mas o cãozinho aprendeu rápido a sair de mansinho com Patsy pela porta dos fundos e correr para o mato a fim de fazer suas necessidades. O resto do tempo, ele permanecia ao lado de sua dona sofredora. Patsy sabia que Ashley se apegara ao cão para aliviar o sofrimento.

Agora, lá estava ela, andando com passos largos no meio do CAC, como sempre fez. Embora as mulheres do grupo tivessem boas intenções, Patsy não podia negar que, em geral, o bate-papo entre elas transformava-se em mexericos e até em críticas. Assim que Ashley pisou na área do chá, Patsy visualizou a imagem bíblica de Daniel entrando na cova dos leões. "Oh, Senhor, fecha a boca destas mulheres", ela orou silenciosamente. Mas, de repente, Cody levantou-se.

— Oi, Ashley — ele disse em voz bem alta. — Sente-se à nossa mesa. Ah, sim, atenção! Eu declaro encerrada esta reunião do CAC. Amém.

Antes que alguém se movimentasse, ele caminhou em direção ao balcão de doces. Miranda também levantou-se, e Patsy puxou sua cadeira de lado para dar espaço para outra pessoa na mesa redonda. Ashley sentou-se no lugar vazio de Cody. Como bules de café fumegantes, seus olhos castanhos percorreram o grupo silencioso.

— Oi — ela disse, cumprimentando.

— Que bom ver você, Ash — Jennifer respondeu. Houve outro momento constrangedor antes que Jennifer voltasse a falar. — Cody contou que os pagamentos dos colares estão começando a chegar.

Um sorriso amarelo passou pelo rosto de Ashley.

— É verdade. Preciso falar com você sobre esse assunto.

Patsy limpou a garganta, tentando pensar em algo que diminuísse a tensão à mesa.

— Charlie Moore disse que passou dias maravilhosos na Califórnia. Mas é bom vê-lo de volta.

Pete assentiu com a cabeça.

— Deepwater Cove não era mais a mesma sem Charlie cruzando a cidade em seu carrinho de golfe.

— Sem falar em Bitty Sondheim. — Patsy pensou na amiga. — Acho que esta comunidade não conseguiria sobreviver sem o Pop-In. Quando não saboreio um biscoito, um molho ou uma porção de peru preparados por Bitty uma vez por semana, fico mal-humorada.

Quedando-se em silêncio, ela olhou ao redor da mesa, na esperança de que alguém retomasse o fio da conversa. Se ninguém falasse logo, ela e Pete teriam de levar a conversa adiante pelo resto da tarde. Por mais que ela gostasse de conversar com o noivo, aquilo não lhe parecia nada divertido.

— Peguei! — Cody exclamou. Ele puxou outra cadeira e sentou-se, com os olhos focados no doce. Como sempre, ele parecia não se dar conta das pessoas ao redor, alheio ao fato de que a composição do grupo havia mudado.

— A sra. Miranda Finley fingiu que ia pegar os dois *brownies*, mas aquilo foi uma brincadeira. Não acho graça nas brincadeiras desse tipo e disse isso a ela. Então ela disse: "Bom, Cody, se você não aceita uma brincadeira, não sei o que vai ser de você".

Após ter dito isso, ele deu uma mordida no *brownie*. Jennifer olhou para ele, com um riso aparecendo nos lábios.

— Cody deixou a aquarela de lado por uns tempos — ela contou ao grupo. — Ele diz que o papel fica muito molhado.

— Além disso, as pinturas de Pierre-Auguste Rinor eram feitas em óleo na maior parte. — Cody mastigou o *brownie* enquanto falava. — Ele começou a pintar em porcelana, mas não fez isso por muito tempo.

— O nome do artista é *Re-no-ar* — Jennifer corrigiu-o carinhosamente. — Não *Rinor*.

— Meus livros dizem que, mesmo quando não tinha dinheiro suficiente para comprar tinta, Rinor era um homem feliz. — Cody estava tão encantado com esse assunto que continuou a pronunciar o nome de Renoir conforme havia lido

pela primeira vez num livro na biblioteca. — Rinor contraiu artrite e teve de aprender a pintar com o pincel amarrado no braço, mas continuou a achar que tudo o que ele via era maravilhoso. As pessoas riam dele porque ele só pintava coisas bonitas o tempo todo, mas Rinor disse: "Por que a arte não deveria ser bonita? Há muitas coisas feias no mundo". E é verdade, por isso eu pinto retratos de Jennifer. Ela é a pessoa mais linda que conheço.

— OK, Cody. — Jennifer revirou os olhos. — Chega de Renoir... e de mim.

Cody cravou os olhos nela por um momento. Migalhas de *brownie* haviam ajuntado nos cantos de sua boca, como sempre. Por um momento, ele não soube o que dizer.

— Gostaria de saber quais são os planos de casamento de Pete e Patsy. — Jennifer fez questão de evitar o olhar confuso de Cody. — Já escolheram a data?

Agora foi a vez de Patsy sentir-se desconfortável. Pete lhe dissera que havia tido dois casamentos requintados, e nenhum deu certo. Confessou que morria de medo de organizar uma grande cerimônia e toda a pompa que a acompanhava. No entanto, ele também não queria um casamento rápido na capela. Esperava ter uma cerimônia verdadeira que significasse a bênção de Deus sobre o casal.

— Ainda estamos trocando ideias — Patsy disse a Jennifer. — Está difícil encontrar tempo em nossa agenda.

— A única coisa de que não gosto a respeito de Rinor é que ele tinha uma concubina. — Cody deu outra mordida no *brownie* enquanto falava. — Procurei a palavra *concubina* no dicionário e aprendi que é uma mulher que namora um homem casado. Rinor tinha uma concubina. Isso é mau. Brad Hanes e eu discutimos esse pecado no dia de ano-novo quando ele jogou todas as suas latas de cerveja no lago. Eu sei que ele estava poluindo a água, mas eu joguei uma também. Fizemos isso porque gostamos.

— Cody, estamos falando do meu casamento, não de Renoir! — Patsy disse a ele de modo mais enfático do que pretendia. De que outra maneira ela poderia disfarçar o comentário dele sobre Brad? Aturdida, ela continuou a falar, concentrando-se nas outras pessoas à mesa. — Vejam, quero casar na igreja, e todos os nossos amigos são de lá, mas Pete não tem tanta certeza assim. E, Cody, meu casamento não tem nada a ver com Renoir.

— Pensei que você tivesse terminado esse assunto — Cody retorquiu. — E eu queria falar sobre Rinor.

— Quero saber essa história das latas de cerveja — Ashley disse. — É verdade que Brad jogou todas as suas cervejas no lago?

— Uma lata de cada vez, e chorando. Quando cheguei lá e comecei a falar, ele me empurrou e me lançou no chão. Mas depois tudo ficou bem.

— Brad chorou? — O rosto pálido de Ashley adquiriu subitamente duas marcas rosadas nas duas faces. — Por que motivo?

— Por sua causa, porque você fugiu de casa e se escondeu, exatamente como eu fazia quando alguém me maltratava. Ele estava muito triste por ter perdido você.

Patsy engoliu em seco, observando Ashley atentamente. As faces da moça passaram do tom rosado para o vermelho, e agora seus olhos estavam cheios de lágrimas.

De repente, Ashley levantou-se.

— Vou pegar uma xícara de chá.

— Acabei de fazer um chá inglês — Patsy gritou para ela. Em seguida, virou-se para Cody. — Escute aqui, seu falador, este é um lugar público, e você precisa tomar cuidado com o que diz. Brad e Ashley estão atravessando uma fase difícil. A última coisa que eles precisam é de você expor os problemas deles.

Cody abriu a boca.

— Patsy, você está falando muito duro comigo.

— Acho que está tudo bem, Patsy. Com certeza. — Jennifer enganchou o braço no de Cody. — Ashley precisa saber que Brad está triste. Você sabe onde ela está morando?

Naquele exato momento, Ashley voltou a sentar-se à mesa com sua xícara de chá.

— Vocês devem saber muito bem qual é a minha situação — ela disse suavemente após sentar-se. — Não posso fingir que se trata de um grande segredo. Todos sabem que Brad bebe muito. A sra. Finley viu quando ele derrubou nossa porta com um chute, e tenho certeza de que todos vocês sabem disso. Estamos separados. Tenho certeza de que isso não é segredo. Principalmente com Cody por perto.

— Eu? — Cody piscou. — Eu quebrei outra regra de etiqueta social?

Ashley encolheu os ombros.

— Todos nós temos defeitos, Cody. E se eu não sabia antes, agora sei com certeza.

Ela levantou a xícara e tomou um gole de chá. Patsy analisou cada rosto ao

redor da mesa. Miranda Finley não havia retornado, mas todos estavam olhando para Ashley com grande simpatia.

Patsy andava preocupada com seu futuro casamento mais que o normal. A ideia de terminar numa situação tão triste quanto a de Ashley a fez questionar se não havia cometido uma loucura ao decidir casar-se com Pete. Eles se davam razoavelmente bem — quando não estavam discutindo. Irritados. Discordando de uma coisa ou outra.

Pete gostava de provocar Patsy. E ela não conseguia guardar para si as críticas a respeito dele. Quantas vezes ela o chamara de urso peludo ou cão-sem-dono cabeludo? E se eles começassem a provocar um ao outro exageradamente? E se um dia Patsy se visse sentada desconsoladamente diante da mesa de chá, sabendo que todos os olhares estavam cravados nela, e percebendo que cometera o maior erro de sua vida?

— E por falar em defeitos, Ashley — Pete fez um aparte — admito que tive minha cota mais que suficiente de erros. Espero ter aprendido uma ou duas coisas com eles, porque quero que Patsy e eu sejamos capazes de vencer nossas fases difíceis.

Surpresa, Patsy abriu a boca. Ela sabia que Pete tinha opiniões próprias, mas ele não costumava falar muito. Essa confissão pública era um lado dele que ela raramente havia visto.

— O que você aprendeu, meu amor? — ela perguntou.

Ele passou o braço ao redor dela.

— Bom, não podemos nos concentrar muito no lado mau de uma pessoa. Se fizermos isso, depois de uns tempos, só veremos seus defeitos. Ashley, seu marido é apenas um garoto. Fez uma bobagem atrás da outra. Mas ele também tem pontos positivos.

— Como construir casas — Cody observou. — Brad e o sr. Moore construíam um cômodo bonito juntos. E Brad também é inteligente.

— Ele é um bom atleta — Jennifer disse. — Não é mesmo, Ash?

— Um momento — Pete disse. — Espero sinceramente que Patsy não guarde um registro de meus defeitos, porque, se for assim, vou me sentir mais esmagado que purê de batata. Fiz tantas coisas erradas que não acreditava que poderia deixar o passado para trás. Ainda cometo erros, às vezes. Mas acredito que minha doce Patsy vai fazer o melhor possível para me amar da maneira que Deus ama. Em vez de anotar todos os meus defeitos num caderno, ela vai ver que estou me esforçando muito, e vai me perdoar.

Àquela altura, Patsy não se conteve. Passou os braços ao redor de Pete e beijou-o nas duas faces.

— Claro que vou, doçura — ela conseguiu dizer em razão do nó de amor que se formara em sua garganta.

— Ora, ora, o que está acontecendo aqui? — Miranda colocou sua xícara de chá na mesa e pegou uma cadeira vazia. — Parece que há açúcar demais para o meu paladar!

— Nada pode ter açúcar demais — Cody disse a ela com firmeza. — Esta conversa não é sobre fígado de galinha nem sobre cobras na estrada. Estamos falando de casamento e de amor e de ser carinhoso um com o outro.

— Por favor! — ela levantou as mãos, fingindo-se horrorizada. — Todos sabem que o sucesso no casamento é uma questão de sorte, e foi exatamente por isso que não tentei novamente. É claro que ajuda se o marido for fotógrafo de uma revista e ficar longe de casa durante mais da metade do ano, como foi o caso do meu.

Enquanto ela ria, Patsy decidiu falar.

— Não acho que a sorte tenha alguma coisa a ver com isso. A fé nos fortalece...

— Ei! — Cody disse repentinamente. — Vejam quem apareceu na porta. É Brad.

O cheiro penetrante de esmalte de unha e da solução para permanente atingiu Brad em cheio quando ele pôs os pés dentro do Assim Como Estou.

Atravessando o salão, Brad sentiu os olhos das mulheres sentadas nas cadeiras giratórias cravados nele. Ele tentou não olhar ao redor. Era difícil demais ter de cortar o cabelo no meio de todo aquele *spray*, gel e secadores. Nenhum homem passaria despercebido num lugar como aquele. Hoje — usando calça *jeans* empoeirada, camisa de flanela e botas de trabalho de couro — ele sabia que chamava mais a atenção que um homem com uma melancia pendurada no pescoço.

Olhando para a frente, Brad procurou por um cabelo ruivo-dourado na sala de chá. Ele conhecia muito bem aquela cor. Havia memorizado a cor muito tempo atrás, gravando a tonalidade de cobre no coração.

Menos de dez minutos atrás, Miranda havia ligado para dizer a ele que Ashley estava na reunião do Clube dos Amantes de Chá. Bill Walters —

inesperadamente generoso após tomar conhecimento dos problemas de Brad — concordara em dar-lhe uma hora de folga no meio do dia. Um tempo particular, como Brad dissera.

Dirigindo pela estrada após ter saído da construção do condomínio, Brad sabia que nenhum assunto em Deepwater Cove era realmente particular. Ao aproximar-se do salão lotado, ele questionou sua sanidade mental. Mas a sra. Finley lhe contara que Ashley finalmente havia saído de seu esconderijo. O que mais ele poderia fazer, a não ser ir ao encontro dela?

Ali.

Ele localizou Ashley sentada à mesa. Com os lábios entreabertos, ela olhou firme para ele. Os olhos grandes e castanhos estavam afundados em seu rosto pálido. Quando se deu conta do que via, ela suspirou fundo.

— Oi — ele dirigiu-se ao grupo desajeitadamente. Ashley estremeceu ao ouvir o som de sua voz.

— Sente-se, Brad. — Cody pegou uma cadeira vazia.

— Não, obrigado.

— Você quer ser membro do CAC? Vai ser nosso... um, dois, três... nosso terceiro membro do sexo masculino. Eu, Pete e você.

Ashley soltou de repente a respiração que estava segurando.

— Com licença, pessoal. Preciso ir.

Ela levantou-se e separou-se do grupo como que fugindo de um enxame. Sem olhar para Brad, ela começou a atravessar o salão com passos rápidos. Em seguida, estava correndo.

— Será que quebrei outra regra de etiqueta social?

A voz de Cody ecoou cheia de remorso enquanto Brad dava meia-volta e saía correndo atrás de Ashley. Adiante dele, ela abriu a porta do salão. Antes que a porta se fechasse, ele já havia saído também do local.

— Ashley! — ele gritou enquanto ela corria em direção ao carro dela. — Ashley, espere!

Ela estava procurando as chaves quando ele a segurou pelo braço. Assim que ela se virou, ele viu seu rosto banhado em lágrimas.

— Deixe-me em paz — ela conseguiu dizer entre soluços e puxando o braço. — Solte-me. E nunca mais toque em mim.

— Precisamos conversar. Por favor, você pode me dar apenas um minuto?

— Não tenho nada a dizer. Nada.

Ashley finalmente conseguiu enfiar a chave na fechadura e girou-a. Quando

ela se apressou para sentar-se no banco do motorista, ele se pôs entre a porta aberta e o carro. Para sair de ré do espaço no estacionamento, ela teria de derrubá-lo com a porta aberta do carro. Ao ver a expressão atormentada no rosto da moça, ele não duvidou de que ela faria isso.

— Ashley, por favor, me ouça — ele implorou. — Sinto muito. Sinto muito por tudo o que fiz a você. Desculpe-me por ter magoado você. Por favor, me perdoe.

Afastando uma mecha de cabelo ruivo do rosto, ela encostou a testa no volante.

— Eu odeio você. Já lhe disse antes, e falei sério. E estou falando mais sério agora.

— Você não me odeia. Está zangada comigo, mas não me odeia. Nós nos amamos, lembra? Nós nos apaixonamos e nos casamos. Por favor, preciso apenas de uma chance para explicar.

— Explicar? — Os olhos de Ashley faiscaram quando ela se virou para ele. — Explicar o quê? Que você passou a noite do primeiro Natal de nosso casamento na cama de outra mulher? Que acordou em nossa primeira manhã de Natal com Yvonne Ratcliff ao seu lado em vez de sua esposa? Como você pode explicar isso?

— Eu estava bêbado. Estava completamente bêbado...

— E acha que isso serve de desculpa? Que vai me fazer sentir melhor?

— Não, claro que não. Mas se eu não tivesse bebido...

— Mas você *bebeu*, Bradley Hanes. Você bebeu como sempre bebeu em todos os dias de nosso casamento.

— Eu parei. Parei de vez. Eu juro. Não bebi nem mais um gole desde a noite do ano-novo. Estou limpo, Ash. Estou limpo.

— Você está imundo! Está nojento e cheio de pó. Você não passa de um monte de lixo!

Ele tentou não reagir à hostilidade na voz de Ashley. Por um momento, lutou para não se descontrolar. Mas tinha de aceitar a verdade. Ansiara um dia por ouvir palavras de admiração de sua esposa, e agora merecia o desprezo dela.

— Eu me livrei de tudo — ele confessou. — Joguei tudo fora. As cervejas, a revista. Tudo. Estou lhe dizendo, estou limpo.

— Limpo? Como pode dizer isso? Você é o homem que... que tirou o suéter vermelho de Yvonne Ratcliff. Você é o homem que deixou a calça *jeans*... toda amassada no chão.

— Ashley — ele disse, tentando segurar a mão dela, mas ela a puxou com força. Ao lembrar-se da cena que presenciara, ela começou a chorar mais alto. Ele abaixou a cabeça, sentindo-se envergonhado.

— Nunca mais repita esse nome, Ash. Por favor. Ela foi embora da cidade, e estou feliz por isso. Tudo não passou de um erro.

— Erro é quando eu encho o saleiro com açúcar no clube de campo — ela disse, com voz sufocada. — Erro é quando eu derrubo uma bandeja cheia de pratos. Esses, sim, são erros. Fazer sexo com uma mulher que não é sua esposa é uma *escolha*. Você decidiu fazer o que fez.

— Mas eu estava bêbado. Eu...

— Não, Brad! Pare de tentar se defender. Agora saia do caminho antes que eu passe por cima de você.

Enquanto Ashley tentava puxar a porta do carro para fechá-la, Brad finalmente conseguiu segurar a mão dela.

— Ashley, por favor, ouça. Não estou tentando justificar o que fiz. Sei que estava errado. E sei, sim, que foi um ato deliberado. Foi um ato deliberado pegar o carro e ir ao Bar do Larry. Foi um ato deliberado beber demais. O que eu fiz foi... foi...

Brad não conseguiu mais conter as lágrimas.

— Não sei o que aconteceu conosco — ele disse, com voz rouca. Depois, ajoelhou-se no estacionamento e entrelaçou os dedos dele nos dela. — Eu amo muito você, Ash. Continuo a amar. Não sei por que as coisas chegaram a esse ponto. Não entendo, mas tenho certeza de que sou o maior culpado. Eu me senti sozinho depois do trabalho, por isso fui ao Larry. Eu bebia demais, até em casa. Sei o que fiz, e não tentei parar. Comprei o caminhão. Acabei com ele. E aquela revista... eu não sabia que você ia ficar tão aborrecida com ela.

— Você deve ter pensado que eu ficaria feliz com ela.

— Está bem, sou um idiota. Tenho feito coisas idiotas, e estou muito arrependido.

Por um momento, ambos permaneceram em silêncio. Brad limpou o rosto com a palma da mão. Ashley estava fungando. Ele percebeu uma movimentação ao redor, pessoas abrindo a porta do salão e saindo, conversando, cochichando, passando pelo carro, pisando no pedregulho do estacionamento.

Ao olhar para a mão de Ashley, ele percebeu quanto amava aqueles dedos compridos e aquelas unhas bem cuidadas pela manicure. Ela sempre manteve as

mãos impecáveis, e elas o atraíram desde o início. Como faria para reconquistar sua esposa?

— Você não sabe, não? — ela finalmente perguntou.

— Não sei o quê? — Ele levantou a cabeça e fitou-a nos olhos. — Conte.

Ela puxou a mão.

— As coisas mudaram muito, Brad. Tudo mudou para sempre... e você nem se deu conta.

— Não diga isso. Ouça, podemos procurar um conselheiro ou conversar com o pastor da igreja do sr. Moore. Eu gostaria disso. Sei que estraguei tudo. Admito. Eu amo você, Ash, e acho que podemos consertar nosso casamento, se tentarmos.

— Por que eu haveria de querer tentar? — Ela sacudiu a cabeça. — Saia do caminho, Brad. Preciso ver Tagarela.

Quando se levantou e se afastou do carro, Brad lutou contra as lágrimas.

— Como ele está? Como o Tagarela está?

— Ele está bem. Não sente sua falta. Acho que não se lembra de você.

Ela fechou a porta. Antes de sair do espaço do estacionamento, ela abriu o vidro.

— Você ainda não desmontou a árvore de Natal. É hora de fazer isso. Só então você vai saber como me sinto.

— Eu vi a árvore, Ashley. Sei que você passou o dia inteiro enfeitando-a, e achei que ficou linda. As contas, os flocos de neve e aquilo tudo. Estava muito bonita.

— Desmonte a árvore, Brad. Faça isso agora — ela levantou o vidro e deu partida no carro.

À beira do desespero, ele viu quando ela se afastou. Sem olhar de novo para ele, ela atravessou o estacionamento em direção à estrada.

— Na última vez que o vi, meu chapa — Charlie Moore disse — você parecia um gato atropelado por um caminhão. Como está se sentindo esta noite? Estou pensando em lhe fazer outra visita.

Quando Brad ouviu o som da voz de Charlie Moore, o rosto do homem emergiu através do vazio que lhe invadira a visão. Cabelos brancos. Pele enrugada, curtida pelo sol. Aquela voz. Aquelas palavras. Fé. Crença. Arrependimento. Rainha do Rebolado.

— Brad? Está me ouvindo, rapaz?

— Sim, senhor. — Carregando um saco de compras feitas na mercearia num dos braços e segurando o celular ao ouvido com a mão livre, Brad entrou em sua casa e fechou a porta com o salto de sua bota.

— O quê? Não ouvi o que você disse. Fale mais alto. Tenho quase 70 anos. Você acha que consigo ouvir um sussurro? O que está havendo aí?

— Nada, senhor.

— Andou bebendo? Você parece estranho.

— Não, não bebi nada. Acabo de chegar em casa depois do trabalho.

Enquanto atravessava a sala de estar carregando as compras, Brad lembrou se de que, segundo ele, janeiro era o mês mais comprido, mais frio e mais triste no calendário do Missouri. As festas haviam terminado, e ainda faltava muito tempo para a chegada da primavera. Como regra, janeiro era um mês difícil de atravessar. E aquele não era exceção.

Ele passara trinta dias, nove horas e dezoito minutos daquele janeiro sem beber nada. Com a finalidade de economizar gás, ele passara aquele tempo todo com o termostato ligado em 5 graus no máximo, apenas o suficiente para impedir que o encanamento congelasse. O aspirador de pó, a máquina de lavar roupa e a máquina de lavar pratos consumiam muita eletricidade, por isso ele não tinha mais roupa limpa para trocar e nenhum prato limpo em casa. E se esquecia de barbear-se.

— O que você está planejando fazer esta noite? — Charlie perguntou. — Limpar a casa? Sentir autopiedade como sempre?

Brad não teve forças para indignar-se diante daquelas palavras mordazes.

— Não, senhor. Vou ver um pouco de TV e depois ir para a cama.

O sono tornara-se cada vez mais atraente nos últimos tempos. Quando ele conseguia cochilar, as horas passavam e nada mais importava.

A voz de Charlie chegou novamente aos ouvidos de Brad.

— Preste atenção. Estou pensando em comer uma torta. O Restaurante da Tia Mamie em Camdenton tem a melhor torta de pecã que você já experimentou. Que tal irmos até lá, beliscar alguma coisa e depois comer uma ou duas fatias de torta?

Ao passar pela árvore de Natal, Brad olhou o chão coberto das folhas pontiagudas que haviam restado. Ele passara muitas vezes por cima daquelas folhas no caminho entre a sala e a cozinha, e agora elas estavam entranhadas no tapete. Seria perigoso andar descalço.

Brad lembrou-se da ordem de Ashley para que ele desmontasse a árvore. "Só então você vai saber como me sinto... Só então você vai saber..." Como Ashley sabia que a árvore continuava em pé? Apesar do aviso, Brad não tinha ânimo para retirar as contas que a enfeitavam e arrastar a árvore para fora de casa.

Ele pensou na conversa com a esposa mais de duas semanas antes no estacionamento do lado externo do salão de beleza. Ashley lhe dissera que tudo havia mudado para sempre. Seria verdade? Será que, por mais que ele se desculpasse, por mais que implorasse seu perdão, por mais que tivesse mudado de comportamento, ela continuava determinada a acabar com o casamento?

— Brad, você ouviu o que acabei de dizer? — Charlie perguntou.

— Ouvi, sr. Moore.

— Você está bem? Parece diferente esta noite. Sua voz está um pouco oca.

— Eu *me sinto* oco.

— É claro que eu entendo. Mas você não está oco, rapaz. Está cheio de coisas boas, entende? Você tem bom senso e ética no trabalho. Agora preste atenção, meu jovem. Gosto muito de sua companhia. Por que acha que me lembrei de você quando senti um enorme desejo de comer torta de pecã? Porque somos amigos, foi por isso. Você é um bom amigo para mim. Ouviu o que eu disse?

Brad colocou o saco com as compras no balcão da cozinha. Para comer, ele recorria a cereais e a uma lata de sopa de vez em quando. Às vezes jantava macarrão com queijo comprado pronto. Na pior das hipóteses, comia salsichas e bolachas salgadas.

Enquanto se desvencilhava da jaqueta de brim, Brad aceitou a dura realidade. Ele era um inútil. De que valiam as palavras de Charlie Moore sobre a amizade entre eles? De que valiam os troféus esportivos na estante acima do aparelho de TV? De que valia a nota A? De que valia seu emprego fixo e o salário regular, mas insuficiente? Nada tinha significado.

Depois de colocar um filão de pão e um vidro de manteiga de amendoim no balcão, ele retornou à sala de estar, com o telefone ao ouvido.

Charlie continuava a falar.

— Você é um bom amigo para mim — ele repetiu. — Entende isso?

Brad tentou responder.

— Não sou um homem bom, sr. Moore.

— Ninguém é perfeito. Você não se lembra da história que lhe contei sobre a Rainha do Rebolado? Aquela mulher me voltou à mente só por eu ter falado dela

um dia desses. Esther teria tido um acesso de raiva se soubesse, e provavelmente ela sabe. Às vezes sinto-me como um bode velho sendo conduzido por uma corda presa ao pescoço. Se uma garota bonita desfilar diante de mim, vou atrás dela. Pode acreditar, mesmo sendo um sujeito esquisito como eu sou. E agora não consigo tirar a Rainha do Rebolado da cabeça. Você sabe do que estou falando? Brad? Brad, você continua na linha?

— Sim.

— Bom, e sobre a torta de pecã?

— Estou cansado, sr. Moore. Foi um longo dia.

Apesar de sua normal intolerância com qualquer deslize cometido por sua equipe, Bill Walters parecia aceitar o fato de que Brad não estava dormindo o suficiente e usava calças *jeans* tão sujas que seriam capazes de ficar em pé sozinhas. Até aquele momento, ninguém no trabalho deixava transparecer que havia algo errado na vida de Brad, embora todos soubessem. E ele era grato por isso.

Agora que sabia onde Ashley estava morando, Brad olhava atentamente para a casa de Patsy Pringle todas as vezes que passava de carro por lá. O carro de sua esposa continuava na garagem, e ele nunca mais viu aquele cabelo ruivo. Ele passava por lá nas horas em que imaginava que ela deveria sair de casa para trabalhar, mas os carros deles nunca se cruzaram. Ela não atendia quando ele ligava e deixava recados no celular dela ou lhe enviava mensagens. Ele também não viu mais o cãozinho que retirara de uma caixa de papelão numa noite gelada em Tranquility.

— Tudo bem — Charlie disse. — Vou deixá-lo em paz. Mas se mudar de ideia sobre a torta de pecã, ligue para mim.

— OK, sr. Moore.

Um brilho prateado sob a árvore de Natal chamou a atenção de Brad enquanto ele colocava o celular no bolso. Uma das contas de Ashley, ele imaginou. A curiosidade permitiu-lhe um rápido alívio de seu sofrimento, e Brad enfiou a mão entre os galhos duros para pegar o objeto brilhante. A pele da mão, rachada pelo frio, prendeu-se a uma folha pontiaguda e começou a sangrar. Quando tocou o objeto brilhante com a ponta dos dedos, ele viu que não era uma conta. Era uma caixa. Uma caixa quadrada embrulhada com papel prateado e amarrada com um laço cor de prata.

Um presente.

Pela primeira vez em semanas, o ritmo de seu coração acelerou. Seria um presente de Ashley? Ela o colocara embaixo da árvore depois de enfeitá-la? Talvez. Apesar das palavras duras de acusação que ele lhe dirigira na última manhã que passaram juntos, ela havia previsto um Dia de Natal feliz com ele.

No entanto, claro... após enfeitar a árvore, ela descobrira Brad no apartamento de Yvonne Ratcliff. Talvez na pressa, Ashley se esquecera do presente quando pegou suas roupas mais o cãozinho e correu para a casa de Patsy Pringle. Apesar disso, era um presente de sua esposa. Algo que restara do que eles poderiam ter tido.

Com a boca seca, Brad levou a pequena caixa até o sofá. No silêncio da casa, ele desamarrou o laço e retirou o papel. O que haveria dentro? Ele quase não desejou abrir a tampa. Ashley teria confeccionado alguma coisa para ele? Ou teria gastado o dinheiro ganho com as contas na compra de um presente especial?

Com uma mistura de medo e esperança, ele tirou a tampa. Dentro, havia uma folha de papel dobrado. Ao levantar o papel, ele viu que Ashley havia colocado um objeto sob o bilhete. O anel de brilhante que ganhara no noivado.

A grande pedra preciosa brilhou sob a luz fraca da tarde que filtrava através da persiana atrás do sofá. Brad pegou o anel de ouro com a coroa de brilhante. O anel mal cabia na ponta de seu dedo indicador. Brad nunca se esqueceu da reação de Ashley na noite em que ele lhe dera o anel. Ela irrompeu em lágrimas, passou os braços ao redor dele e prometeu que o amaria para sempre. O anel passara a ser o orgulho e a alegria dela — sempre exibido para ser admirado pelas amigas e os familiares.

Brad lembrou-se de que havia segurado a mão de Ashley no estacionamento do lado de fora do Assim Como Estou, e não notara que não havia nenhum anel no dedo dela. Tremendo, ele abriu o bilhete e começou a ler as palavras escritas com a grafia rebuscada que ele tanto conhecia.

Brad,

Hoje de manhã, depois que você me disse que uma esposa *normal* montaria uma árvore de Natal, saí com Tagarela, entrei no bosque e encontrei esta arvorezinha crescendo perto de algumas mais altas. Acho que as árvores estão na propriedade de Pete Roberts, por isso não diga nada a ele. Derrubei a árvore e arrastei-a para casa. Depois, passei o dia fazendo enfeites. Queria ver você feliz quando chegasse em casa do trabalho.

Eu sempre quis que você fosse feliz.

Acho que não consegui, por isso aqui está o anel que você me deu. Feliz Natal. Talvez ele o faça feliz. Você poderá oferecê-lo a sua namorada. Ou poderá empenhá-lo para pagar algumas contas.

Não me arrependo de ter casado com você. Eu o amei um dia, e pensei que você também me amasse. Bom, eu me enganei. Seja feliz.

Ashley

Brad fixou o olhar na assinatura. Aquele foi o fim. Na noite de Natal, depois que o encontrara com Yvonne, Ashley embrulhou seu anel de noivado e abandonou o casamento para sempre. Só agora ele entendeu realmente o que acontecera.

Ele voltou a dobrar o bilhete, pôs o anel dentro da caixa, deixando o bilhete por cima. Depois, colocou a tampa no lugar.

Escorregando do sofá, Brad ajoelhou-se. Enquanto as lágrimas caíam, ele começou a orar.

16

— Que cheiro esquisito! — Jennifer Hansen fez uma careta. — Acho que o pessoal que alugou este apartamento antes de você possuía gatos.

Ashley deu de ombros.

— Não posso reclamar. Estou planejando trazer Tagarela, mesmo sabendo que é proibida a entrada de animais neste lugar. Assinei o contrato concordando com essa regra. Acho que todos nós somos mentirosos e enganadores, não?

Ao ver que Jennifer não disse nada, Ashley fechou a porta. As duas mulheres permaneceram caladas dentro da sala vazia. Ashley alugara o apartamento quase um mês antes, mas até aquele dia não havia tido ânimo para ir lá e dar uma olhada.

Jennifer continuou imóvel enquanto Ashley caminhava até a janela sem cortina. O edifício térreo dava fundos para uma faixa de árvores plantadas entre a estrada e a encosta íngreme de pedra calcária de cerca de 12 metros de altura que terminava nas águas geladas do lago. Uma densa mata de carvalhos, bordos, patas-de-vaca e cornisos cercavam um ou outro pinheiro com folhas pontiagudas. O lugar perfeito para passear com Tagarela.

A área do estacionamento não era pavimentada, portanto o carpete fino estava manchado de lama trazida de fora nas solas dos sapatos. As paredes tinham marcas de mãos de crianças, manchas de gelatina rosa e molho de macarrão espirrado. O buraco grande na parede de madeira compensada revelava que alguém havia derrubado a porta da frente. "De entusiasmo?", Ashley pensou. "Ou de raiva?"

— Eu poderia trazer algumas velas da loja de minha mãe — Jennifer observou enquanto se dirigia à área aberta da cozinha. Sem tirar as luvas de tricô, ela encostou a ponta do dedo no balcão. — Ela pôs os artigos de Natal em liquidação logo depois do ano-novo. Eu adoro velas com aroma de canela. A fragrância é deliciosa com um pouco de cravo e baunilha. Não é muito forte a ponto de impregnar um cômodo. É claro que nesta sala... bom, qualquer coisa ajudaria.

Ashley tirou o casaco e pendurou-o num gancho que alguém havia parafusado na parede perto da porta.

— O cheiro vai ficar melhor. Vou esfregar o chão da cozinha e alugar um vaporizador para limpar carpetes. Na lanchonete, nós limpávamos o carpete várias vezes ao ano. Nunca entendi por que meu pai acarpetou os banheiros. Mas eles sempre ficavam bonitos depois que eu os limpava.

— Eca!

Talvez Jennifer nunca tivesse lavado um banheiro, Ashley pensou, enquanto entrava no único quarto.

— Minha mãe disse que posso trazer minha antiga cama para cá. Posso trazer até os lençóis.

Ao lembrar-se da tarde ensolarada no meio do inverno quando ela e Brad escolheram a nova cama de casal *king-size*, Ashley sentiu o costumeiro nó na garganta. Enquanto planejavam a compra, eles se viram como duas pessoas adultas. A compra do primeiro móvel verdadeiro antes do casamento foi um momento solene.

No entanto, assim que entraram na loja, eles agiram como duas crianças. Brad começou a correr atrás de Ashley de uma vitrina para outra e a fazer cócegas nela. Ela gritava e ria alto. Eles pularam em todos os colchões à vista, até que o gerente quase lhes pediu que saíssem de lá. No final, eles escolheram uma cama *box* casal com travesseiros, cabeceira de cerejeira e estrutura de metal. A loja ficou satisfeita por oferecer-lhes uma compra parcelada no cartão de crédito.

— Idiota — ela murmurou.

— O quê? — Jennifer acompanhou-a ao quarto. — Você disse alguma coisa?

— Éramos duas crianças brincando de casinha. Bastava acenar o cartão mágico e tudo aparecia... uma cama, um caminhão, uma geladeira, um sofá e cadeiras combinando. Na hora!

Enquanto Ashley fazia alguns floreios com a mão esquerda, Jennifer segurou a mão da amiga e olhou para seus dedos sem nenhum anel.

— Seu anel desapareceu! O que você fez com ele?

— Deixei-o na casa. Brad está recebendo a correspondência, com exceção do dinheiro dos colares, que Pete Roberts pega para mim. Espero que, assim, ele tenha condições de pagar as contas.

— Mas, Ash, o anel era seu! Um lindo anel de noivado com aquele brilhante enorme!

— É verdade. — O nó na garganta de Ashley aumentou. — É a única coisa que foi minha de verdade. Não tenho nem carro, você sabe. Ele está no nome de meus pais. A casa e todos móveis que Brad e eu compramos... estão sendo pagos em prestações. Prestações altas. Mas Brad comprou à vista aquele anel para mim. Ele usou suas economias.

— Oh, Ashley.

Ela encolheu os ombros.

— Ele pensou em cursar faculdade, por isso economizou uma boa soma de dinheiro dos serviços que realizava no verão. Ele tirou uma boa nota, mas não passou no vestibular. Sua conselheira disse que ele deveria tentar até conseguir. Disse que ele deveria se inscrever para receber uma bolsa de estudos, mas ele não fez isso. Achou que poderia ganhar um bom dinheiro jogando futebol americano em algum lugar. Mas não deu certo. Aí, ele encontrou o emprego na construção e me conheceu.

— E apaixonou-se por você e gastou cada centavo ganho com suor num anel de brilhante para você. — Jennifer segurou Ashley pelos ombros. — Brad a amou, Ash, e ainda a ama. Sei que você não acredita por causa do que ele fez. Mas ele parou de beber. Cody jura que eles jogaram todas as latas e garrafas de cerveja no lago. E meu pai me contou que Brad tem assistido ao estudo bíblico para homens na Rod-N-Ends todas as quartas-feiras de manhã.

— Estudo bíblico. — Ashley já ouvira esse boato, mas não acreditou. Ela não confiava *nele*.

— A fé fará diferença em Brad. — Jennifer tinha uma expressão sincera no rosto. — Deus pode mudar a vida das pessoas.

— Sabe, Jen... eu penso às vezes que você está tentando tanto ser santa que não é uma pessoa de verdade. Somos totalmente opostas. Você não quer encarar a verdade acerca das pessoas, mas isso é tudo o que eu vejo. Qual é o seu grande plano enfim? Viver tão isolada que seus filhos nunca precisarão conhecer crianças cujas mães preparam misturas de drogas na cozinha ou crianças que foram abusadas pelos tios quando ninguém estava olhando?

— Não.

— Sim! — Zangada por algum motivo que ela não entendia, Ashley empurrou a mão da amiga de seus ombros. — A vida real é assim Jen. *Eu*. Olhe para mim! O mundo está cheio de pessoas iguais a mim. Moças idiotas que dormem com namorados egoístas. E quando se casam, descobrem que o marido

bebe demais e faz sexo com uma cantora de bar na noite de Natal. Eu sou real. Você não é.

— Eu também sou.

— Ah, é? Você ficou tão enterrada em sua Bíblia e em seu sonho de ser missionária que, quando teve de enfrentar o mundo real, ele lhe deu uma rasteira e você caiu no chão. Bom, eu não vou cair com esta rasteira!

Sem aguardar resposta, Ashley endireitou os ombros.

— Sou uma pessoa forte. Sou forte o suficiente para não depender de um homem. Também não preciso de sua amizade. E não preciso que você me ajude com os colares. Não preciso de nada. Posso ser ignorante, mas pelo menos não sou fraca.

No auge da fúria, Ashley entrou intempestivamente no banheiro. Ela não sabia o que encontraria ali, mas não se importava com isso. Poderia lavar o vaso sanitário, limpar a banheira e fazer o resto sozinha.

No entanto, o que ela viu ao fechar a porta foi seu rosto. A imagem no espelho fez seu coração bater descompassadamente por um momento. Quem era aquela mulher?

Ashley inclinou-se por cima da pia e olhou seu reflexo no espelho. Cabelo ruivo despenteado preso por um elástico frouxo. Os olhos, que eram grandes e castanhos, agora estavam inchados, cheios de sofrimento e dúvidas. Lábios apertados de raiva. Faces afundadas e marcadas por ódio e mágoa.

A porta foi escancarada, e Jennifer entrou no banheiro.

— OK, você está certa — ela disse, olhando para Ashley no espelho. — Eu quis me esconder depois que aqueles homens nos atacaram no México. Mas você também se escondeu quando encontrou Brad junto com aquela mulher. Você se escondeu na casa de Patsy.

A ponta do nariz de Jennifer estava vermelha, e alguns cachos de cabelos loiros haviam grudado em seu rosto em razão da eletricidade estática.

— Você não pode fazer tudo sozinha, Ashley, nem eu. Ninguém pode. Todos nós precisamos de ajuda.

Desviando o olhar de si mesma para a amiga e voltando a ver-se no espelho, Ashley se deu conta de que elas eram muito semelhantes. Jovens. Confusas. Com medo.

Jennifer, porém, possuía uma característica que Ashley apenas observara... algo que nunca foi capaz de encontrar em sua vida. Jennifer tinha uma visão

mais ampla que ela. Apesar das lutas que enfrentara, ela sempre retornava à sua fé. Era lá que ela encontrava força.

Ashley olhou para seu interior. Ela confiava no próprio poder. Acreditava apenas em si mesma. Não confiava em ninguém, nem em Deus, para salvá-la. Tal qual Tagarela na noite em que Brad o levara para casa, Ashley sempre se sentia vazia, faminta. Agora havia sido abandonada como um cão numa caixa de papelão. Jogada fora. Descartada.

No entanto, mesmo quando Jennifer estava triste e confusa, Ashley pensou, ela tinha plena certeza de que Deus a amava. Jennifer nunca se sentiu sozinha. Ela conhecia seu Mestre. Pertencia a ele.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda, docinho de coco? — Patsy pôs a mão no quadril e olhou para a ruivinha. Ashley estava morando em sua casa havia mais de um mês, e a ideia de que ela se mudaria para viver sozinha num apartamento não lhe agradava. — Aquele sofá é pesado. Você não pode arrastá-la sozinha. Por que não me deixa ajudá-la?

A reunião do CAC havia terminado, e, enquanto o pessoal saía do Assim Como Estou, Ashley aproximara-se de Patsy para fazer-lhe um pedido. Queria que Patsy perguntasse a Pete se ele poderia emprestar seu caminhão pelo resto da tarde.

— Sei que ele vai dizer sim — Patsy garantiu a Ashley. — Mas querida, você não precisa carregar essas coisas sozinha. Eu ficaria feliz em poder dar-lhe uma mãozinha.

— Você trabalha aqui até as 18 horas — a jovem observou, olhando de relance para os sapatos de salto agulha de Patsy. Com um sorriso, ela revirou os olhos. — Além disso, não quero que você torça o tornozelo de novo. E por falar nisso, você não deve usar sapatos como este por pelo menos seis semanas. Ordens do médico.

— Ah, deixe esse cara pra lá. Não tenho nenhum sapato de salto baixo para trabalhar. Não sei onde aquele homem estava com a cabeça quando disse aquilo. Tenho pouco mais de 1 metro e meio de altura. Sempre usei sapatos que me deixam um pouco mais alta.

— Eu sei no que o médico estava pensando. Pete me contou depois de sua última consulta. Se você não deixar de usar saltos deste tipo, vai ter joanetes, deformação nos dedos ou calos.

— Pare de falar deste assunto comigo, Ashley. — Patsy não queria falar de seus pés, principalmente no salão onde as pedicures faziam parte do seu negócio. Ela sempre manteve suas clientes focadas em unhas dos pés bem cuidadas e saltos confortáveis. Quem gostaria de pensar em joanetes?

— Vá à loja ao lado e pergunte você mesma a Pete — Patsy prosseguiu. — Ele vai ficar feliz por emprestar-lhe seu caminhão. Brad virá para ajudá-la?

— É melhor ele não aparecer. Enviei uma mensagem de texto a ele dizendo que precisava entrar na casa por algumas horas. Ele disse que vai estar na casa de Charlie Moore até as 20 horas. Quero usar o carrinho de mão do meu pai para tirar o sofá da casa. Vou improvisar uma rampa e empurrá-lo até a carroceria do caminhão.

— Você já olhou lá fora? Está chovendo, menina. E a noite vai ser gelada. Espero que não comece a nevar antes que eu saia do salão.

— Nesse caso vou conseguir uma lona encerada para caminhão. Estou levando só o sofá e as cadeiras. Mais a mesa. Ela pertenceu a minha avó, e é minha. Enviei um *e-mail* a Brad dizendo que vou pagar as prestações da mobília da sala de estar. Ele vai pagar a geladeira e o caminhão. Estamos rachando a prestação da casa até ser vendida.

Patsy sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Foi aquilo que ela mais temeu no momento em que abriu a porta e viu Ashley na varanda na noite de Natal. Aquele casamento tão recente — de menos de um ano — estava prestes a morrer.

Abaixando o tom de voz, ela fez a pergunta terrível.

— Você já deu entrada nos papéis?

Ashley bateu de leve em sua bolsa.

— Estão aqui.

Ela havia enfeitado todo o lado externo de sua bolsa enorme com as contas que haviam sobrado do estoque de Natal. Todos no salão haviam admirado a bolsa naquela tarde. Miranda Finley afirmou que seria um sucesso para a proprietária da butique que encomendara um grande pedido de colares. Evidentemente, Miranda desconhecia a aflição de Patsy. Ashley não havia confeccionado nenhuma conta desde a noite em que seu mundo havia desmoronado.

— Você já assinou os documentos? — Patsy perguntou.

— Claro. Vou deixá-los na cozinha depois que retirar meus móveis. Meu novo endereço está na página principal do *site*, portanto ele pode enviá-los a mim.

— Ah, querida. Que loucura! Vou sentir muitas saudades de você, doçura.

Mexendo nas mechas de cabelo acaju que ela misturara com o tom loiro original alguns dias antes, Patsy olhou atentamente para seus pés. Joanetes e dedos deformados não eram nada quando comparados ao divórcio. O divórcio era devastador e permanente, e mudava a vida da pessoa para sempre.

Ela não tinha certeza absoluta se Brad e Ashley estavam preparados para dar esse passo. Principalmente agora. Patsy sabia que o primeiro aniversário de casamento do casal seria no dia seguinte. Que triste o Dia dos Namorados seria para Brad — assinar os papéis do divórcio! Ashley poderia esperar um pouco mais. E se ela se arrependesse da decisão tomada? Eles não haviam feito nenhum esforço para restaurar o casamento. Pelo menos... Ashley não havia feito nada.

— Tudo bem, sei que não devo falar sobre este assunto. — Patsy olhou para outro lado do salão, como se estivesse conversando com seu noivo através da parede divisória. — É um assunto particular, e eles não querem falar disso. E mais, você sabe o que penso de mexericos, mas simplesmente tenho de lhe contar uma coisa.

Ela respirou fundo, fechou os olhos e desabafou.

— Brad está frequentando as reuniões dos Alcoólicos Anônimos.

Ashley arregalou os olhos.

— Não acredito. Você está brincando.

— Juro. Se não estiver dizendo a verdade, que eu morra aqui neste instante. — Patsy sabia que o amor de sua vida a estrangularia se descobrisse que ela revelara aquele segredo tão importante. Mesmo assim, a esperança compensava o risco.

— Pete mencionou isso outro dia sem querer. — Ela passou a falar num sussurro. — Ele disse que Brad estava procurando uma faculdade, e eu perguntei quando eles tinham tido essa conversa. Pete deixou escapar "AA", e então me fez prometer não contar a ninguém. Não se atreva a dizer uma só palavra. Eu apenas senti que precisava lhe contar isso, porque você está agindo apressadamente, sem parar para pensar em seu marido.

— E daí? Com certeza ele não estava pensando em mim na noite de Natal.

— Mas Brad está mudando, Ashley. Está frequentando o estudo bíblico para homens e as reuniões dos AA. E eu também o vi na igreja no domingo passado, acompanhado do sujeito com quem ele trabalha.

— Bill Walters?

— Sim, ele é assíduo na igreja. Amanhã é o aniversário do seu casamento, Ashley. Você devia ao menos conversar com Brad.

Ajustando as fileiras de contas ao redor do pescoço, Ashley olhou pela janela.

— Não vou estar mais aqui amanhã. Preciso cuidar da mudança de meus móveis, Patsy. Sinto muito.

Assim que Ashley se virou, Patsy não se conteve. Segurou-a pelo braço e a fez dar meia-volta.

— Escute aqui, mocinha — Patsy disse, repetindo o tom de voz de sua mãe. — O que Brad fez foi errado. Errado, errado, errado. Mas o que você está fazendo também não é certo. Não *permita* que o orgulho e o egoísmo interfiram no melhor plano de Deus para sua vida.

Ashley aproximou-se de Patsy e apontou-lhe o dedo indicador. As palavras saíram entre os dentes.

— Deus não sabe que eu existo.

Antes que uma delas voltasse a falar, Ashley virou-se e caminhou em direção à porta. Passando pela cliente de Patsy, que marcara hora na manicure para as 17h30, ela saiu na chuva gelada.

— Você notou que não mencionei o nome de Rinor nem uma vez durante a reunião do CAC? — Cody perguntou, postando-se ao lado de Patsy. — Não quebrei nenhuma regra de etiqueta social. Brenda disse que estou aprendendo, e é verdade.

— Cody Goss — Patsy disse, apertando-lhe o ombro — siga aquela moça. Diga a Pete que eu mandei você ajudar Ashley a transportar a mobília dela, caso ele queira emprestar o caminhão para ela.

Cody abriu a boca.

— Patsy, você está sendo mandona de novo.

— Estou, sim. Agora vá!

Sem olhar para trás, Cody enfiou um *cupcake* inteiro na boca e atravessou o salão.

Enxergando com dificuldade porque o limpador de para-brisa não conseguia afastar o volume de neve que caía, Brad dirigia o carro com os olhos semicerrados na estrada escura. Por que ele estava sempre despreparado? Depois de retirar a neve naquela manhã, ele entrou em casa e esqueceu-se de colocar o raspador de gelo no carro. Provavelmente estava em algum lugar da varanda, coberta de neve. Enquanto observava o tráfego na pista contrária, Brad pensou na maneira como tudo em sua vida parecia ter acontecido em surdina. Ele nunca havia esperado ser um bom atleta. Seus pais não tiveram tempo de matriculá-lo nos jogos da liga infantil ou em aulas de futebol de salão. A habilidade de lançar bolas pegou-o de surpresa. E a posição de armador? Ele esforçou-se muito para conseguir aquela posição, mas não esperava conquistá-la.

O mesmo se aplicava a suas notas. Ele simplesmente tentou permanecer no time. No entanto, acabou recebendo nota A — por mais inútil que fosse.

O fracasso para conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade também o pegara de surpresa. Depois, um dos patrocinadores do time do curso colegial ofereceu-lhe um emprego no ramo da construção. Como aquele homem sabia que Brad precisava trabalhar?

Ashley havia sido a maior das surpresas. Brad não tinha planos de apaixonar-se. Não queria nada com o casamento e todas as suas armadilhas. Pelo menos por uns tempos — ou para sempre. Foi então que ele viu aquela cascata de cabelo ruivo e aqueles grandes olhos castanhos. Um fluxo de adrenalina, diferente de tudo o que ele sentira no campo de futebol, percorreu-lhe o corpo no momento em que Ashley virou a cabeça.

Como aquilo aconteceu? Por quê?

Tentando manter o carro na pista para não cair numa valeta, Brad seguiu para a casa pequenina na base da colina longa e suave. Ele não conseguia ver o lago a distância. Os faróis mal conseguiam penetrar na forte nevasca.

De repente, os limpadores de para-brisa emperraram. Ele os desligou, entrou no caminho de acesso à garagem e mal teve tempo de avistar um grande caminhão preto estacionado em seu lugar. Brad pisou no freio. O carro derrapou lentamente em direção ao para-choque do outro veículo e bateu de leve nele.

A porta da frente foi aberta com força. Uma figura patinou em sua direção, acenando com os braços. Cody Goss bateu com o corpo no carro, com uma pancada surda. O som abafado de sua voz no vento tornou as palavras ininteligíveis.

Brad acenou para Cody e tentou sair do carro. O gelo do lado de fora quebrou e espirrou para todos os lados quando a porta foi aberta. Tremendo, Cody passou os braços ao redor do corpo, pulando o tempo todo, ora com um pé, ora com o outro.

— Ei, Brad! Que bom que você chegou porque está caindo uma tempestade de gelo! Agora preciso ir à casa do sr. Moore. Eu morro de medo de tempestade. De todos os tipos.

Brad abriu a boca para responder, mas Cody tinha mais a dizer. Sob a luz fraca da varanda, seus lábios estavam azuis.

— Ashley e eu já pusemos as duas cadeiras e a mesa no caminhão de Pete e cobrimos tudo. Mas não conseguimos levantar o sofá. É um sofá-cama, e o lado de Ashley está pesado demais. Ela disse: "Não me deixe aqui sozinha, Cody Goss". Ela disse que precisava tirar aquele caminhão daqui antes que você chegasse porque amanhã é o dia do aniversário de casamento de vocês, mas nós tentamos e não conseguimos. As rodas giraram em falso na lama, e é preciso pôr um pouco de pedregulho na entrada para carros. Enfim, agora que você está aqui, tudo bem. Eu preciso ir!

— Cody? — a fina silhueta de Ashley apareceu na porta. — Volte aqui! Eu avisei para você não ir embora! Quem...?

Aparentemente reconhecendo o carro de Brad, ela entrou na casa e bateu a porta com força.

— Tchau! — Cody desapareceu no meio da noite, escorregando a cada passo que dava.

Brad enfiou as mãos nos bolsos. Então Ashley ainda estava ali. Dentro da casa que um dia havia sido o lar de ambos.

Levantando a cabeça, ele deixou que os pingos minúsculos de gelo batessem em seu rosto, na testa e nas sobrancelhas. Ele não poderia fazer aquilo. Não poderia. Não estava pronto para vê-la novamente, sem ninguém por perto. Ainda não.

Quando ele passou pelo Larry minutos antes, as luzes estavam acesas. Talvez pudesse dar ré no carro e...

Palavras de calma filtraram através do alarme que tocava dentro da cabeça de Brad. "Deus, dá-me serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar".

"Coragem."

"Sabedoria."

"Amado Deus", ele orou. "Sabedoria. Por favor, dá-me sabedoria para saber o

que devo fazer."

Endireitando os ombros, ele atravessou o trajeto de 3 metros até a varanda, amassando a fina camada de gelo que cobria as tábuas de cedro, e abriu a porta.

Não havia ninguém na sala de estar.

Talvez ela tivesse pulado a janela dos fundos.

Com a porta trancada atrás de si, Brad tirou a jaqueta de brim. Na sala aquecida, o gelo das solas da bota de trabalho derreteu-se, formando duas poças no ladrilho.

Ashley ligara o aquecedor, ele notou. Ela era assim mesmo, não? Apesar de saber que ele mal tinha condições de pagar as contas, ela não se importava com isso. Pensava apenas no próprio conforto.

Serenidade.

Flexionando os ombros, Brad orou novamente. Charlie lhe falara acerca da paz de Deus. Placidez no meio da tempestade. Calma diante do imponderável.

Brad andou pela sala e espiou a cozinha. A geladeira continuava no mesmo lugar. Pelo menos Ashley não colocara *aquilo* no caminhão.

Por que Pete emprestara seu caminhão a Ashley? Brad sentiu que o homem que ele considerava seu amigo estava tomando partido, concordando em participar da destruição final do casamento.

Será que Pete e Patsy apoiavam apenas Ashley naquela confusão? Será que a ajuda de Pete nas reuniões dos AA não teria passado de um ato de obrigação para com um homem cheio de problemas? Ou seria simplesmente um dever cumprido para atender a um pedido de Charlie?

Assim que Brad chegou ao balcão, onde havia deixado um pão branco dentro da embalagem depois de comer apenas a metade, ele fechou as mãos com força e abriu-as novamente. Olhou de relance dentro do quarto. A lâmpada no teto estava apagada. Ashley estaria escondida ali, com medo dele?

Ele lembrou-se de seus gritos, dos chutes na porta da frente e de ter proferido acusações contra ela. Além de tê-la traído, ele a assustara.

— Ashley? — sua voz soou alto demais, como o grito de um adolescente. Ele soltou a respiração. — Ei, Ashley, não estou aqui para aborrecê-la. São 20h30. Você disse que já teria ido embora a esta hora, por isso entrei em casa. Quer que eu saia novamente?

— Quero! — a voz veio da lavanderia do lado externo da cozinha. A porta vaivém estava balançando, e ele viu que a luz vinha detrás dela, lançando faixas

douradas no piso da cozinha.

— Acho que meu carro está atolado — ele disse. — Derrapou atrás do caminhão de Pete. A entrada para carros está congelada. Posso ir à casa de Charlie. Quer que eu faça isso?

— Quero!

Brad pensou na estrada íngreme de gelo que teria de subir. Charlie, Cody e Boofer não pareciam ser companhias ideais. Mas como ele poderia recusar um pedido de Ashley, depois de tudo o que fizera a ela?

— Eu vou, mas... — Ele deu outro passo em direção à cozinha. — Você vai ficar bem aqui? Cody disse que o caminhão está atolado. Você não vai poder sair daqui esta noite, a não ser que alguém venha ajudá-la.

Um pensamento terrível passou subitamente pela mente de Brad. E se outro homem já houvesse conquistado o coração de Ashley? Isso não era nem um pouco difícil. Ela sempre desejou amá-lo, sempre desejou entregar-se inteiramente a ele. Depois de sofrer aquela traição recente, ela estaria vulnerável. Seria uma presa fácil para um sujeito que se engraçasse com ela. Talvez Jay, aquele gerente do clube de campo.

— Alguém está vindo ajudar você? — mais uma vez sua voz soou fraca, melancólica. Ele limpou a garganta. — Posso chamar Patsy se você quiser passar a...

— Não! Pare! Volte aqui, seu cão malvado!

A porta da lavanderia foi aberta, e uma bolinha de pelos macios, orelhas caídas e pernas ágeis rolou na direção dele.

— Tagarela! — Brad curvou-se e pegou o cãozinho nos braços. — Como você cresceu! Não acredito que possa estar tão grande assim. Puxa, e estas patas então!

Com os olhos marejados, ele coçou a parte traseira das orelhas do cão e afundou o nariz nos pelos marrons e macios.

— Senti sua falta, amiguinho. Como você está? Ah, sim, você se lembra de mim, não? Claro que sim!

A língua úmida e rosada lambeu as faces de Brad, e os dentinhos afiados morderam-lhe o lóbulo da orelha.

— Ei! Isto é jeito de se comportar? Seja um bom garoto.

"Bruuu!" Afastando-se, Tagarela agachou-se para sinalizar que queria brincar. "Au! Au-au-au!"

Brad mexeu nas orelhas do cãozinho, querendo saber onde deixara a bolinha

de borracha com a qual eles brincavam. De repente, uma sombra cobriu o cão.

— Você disse que estava saindo. — Ashley apareceu diante dele, com os braços cruzados. Ela usava camiseta justa, calça *jeans* desbotada, vários colares de contas no pescoço e pulseiras. O cabelo estava preso numa trança.

— É verdade. — Ele levantou-se. Tagarela começou a correr ao redor dele, fuçando os cadarços de suas botas. Ao agarrar um, ele rosnou e puxou-o, alheio aos dois seres humanos perto dele.

Os olhos de Ashley e Brad cruzaram-se.

— Oi, Ash. Você está com bom aspecto.

Ela virou a cabeça de lado e levantou o queixo.

— Agora vá. Tenho muita coisa para fazer.

— Eu guardei um pouco de comida para o cão na despensa.

— Ótimo.

— Não tenho quase nada para você comer aqui. — Ele sentiu o olhar gelado de Ashley, como se houvesse uma parede entre eles. — Há pão e manteiga de amendoim no balcão. Leite na geladeira. Cereal. Talvez duas latas de sopa. Não vão durar muito.

— Não vou *ficar aqui*. — Ela encarou-o de novo, com os olhos castanhos faiscando.

— Alguém vem buscá-la? Quem?

— Não é da sua conta. Não é assim que você sempre diz quando alguém se intromete na sua vida?

— OK. Sem problema. — Ele levantou as mãos em sinal de rendição. — Sei o que você pensa de mim, Ashley, mas eu me preocupo com você. Se tiver problemas...

— Você não faz ideia do que penso de você!

Ele recuou.

— Bom... tenho certeza de que você me odeia. Estou tentando mudar, mas fui um verdadeiro jumento com você, Ash. Sei que fui.

— E continua a ser um jumento. E não venha me dizer que está se achando bonzinho agora. Conheço você muito bem para acreditar que mudou tanto assim.

Aquelas palavras o feriram, mas ele sabia que merecia cada gota de veneno dos lábios de Ashley.

— Você tem razão. Não mudei muito. Continuo o mesmo homem com quem você casou há um ano. Só que... estou envergonhado do que fiz a você. Constrangido.

— Ótimo. Deve estar mesmo.

— Depois que você foi embora, comecei a me ver de forma diferente. Não gostei do cara que vi no espelho. Não queria ser o homem no qual estava me transformando.

— Não se preocupe em me dizer essas bobagens, Brad. Número um, não acredito em você. Número dois, não me importo com você.

— Eu me desculpei. Perante Deus.

— Deus? — Ela pôs as mãos no quadril. — Ah, essa é boa! O que você quer dizer com isso?

— Que lamento muito. Estou me esforçando para dar uma reviravolta na vida, para ser um homem melhor. Quero ganhar sua confiança de novo. Quero reconquistar seu coração, Ashley.

— Eu lhe desejo boa sorte. — Ela deu meia-volta e dirigiu-se novamente à cozinha. Sua voz tremia de emoção. — Vamos, Tagarela. Vamos procurar minha bolsa e ligar para o meu pai.

Uma sensação de alívio percorreu o corpo de Brad como se fosse uma chuva de verão. O pai dela. Não Jay. Não outro cara por quem ela sentira atração.

Brad não entendeu por que se sentiu tão feliz naquele momento, mas era verdade. Evidentemente Ashley havia rompido com ele. Não demoraria muito para outro homem descobrir a beleza e a alegria que ela irradiara quando eles se conheceram. No entanto, por ora... naquele momento... ela não estava ligada a ninguém mais. De uma forma ou outra, ela ainda lhe pertencia.

— OK, onde ela está? — A trança grossa havia caído dos ombros, e ela voltou a puxá-la para a frente, um movimento que Brad vira milhares de vezes. Depois de soltar o cadarço da bota, o cãozinho correu para a cozinha com Ashley. Fungando, ela olhava para cima e para baixo. — Onde eu coloquei minha bolsa, Tagarela?

Brad olhou ao redor e viu imediatamente no chão a bolsa coberta com contas, um pouco mais adiante da ponta do sofá.

— Eu preciso encontrar minha bolsa! — Com os olhos vermelhos e marejados, Ashley olhou diretamente para ele através da porta da cozinha. — Eu a deixei aqui, acho!

Brad sabia que não podia mentir. Não haveria mais mentiras. Nunca mais.

Como, porém, ele poderia entregar-lhe a bolsa e deixá-la ir embora?

— Você está sempre perdendo as coisas — ele disse finalmente. — Lembra-se das chaves que encontramos enterradas naquele vaso de planta?

Ela fez uma pausa. Por um momento, ele viu um sorriso forçado começando a aparecer.

— Foi o cão que fez aquilo — ela rebateu. — E por falar em plantas, o que houve com a árvore de Natal?

Brad olhou na direção da árvore franzina da qual ele havia removido a casca e as folhas pontiagudas. Em suas noites de solidão, ele decidira refazer a árvore da mesma forma que estava se refazendo. Havia cortado cada galho, deixando-os com pouco mais de 10 centímetros. Depois havia lixado e polido o tronco. E havia pendurado novamente em cada galho todas as contas de Ashley.

— Quando vi a árvore pela primeira vez, adorei o que você fez para nós. — Ele sentou-se no sofá, tentando não olhar para a bolsa perdida. — Principalmente as contas. Os raios de sol batiam nelas todas as manhãs antes de eu sair para o trabalho. As estrelas que você fez... são lindas.

Ashley saiu da cozinha e voltou a entrar na sala de estar.

— Você odeia minhas contas, Brad Hanes. Não tente me enrolar. Sei como você age quando quer alguma coisa.

Ao fazer uma pausa, ela pareceu entender o significado de suas palavras. Em seguida, levantou um floco de neve brilhante.

— Enfim, não sei o que você está querendo, mas não vai receber. Tenho um lugar para morar e dinheiro só meu. Está tudo escrito na papelada.

Ele retesou o corpo.

— Que papelada?

— A papelada que está na minha bolsa. Para o divórcio.

— Nós não conversamos sobre divórcio.

— E não precisamos conversar — a voz dela voltou a ser áspera; e o rosto, impassível. — Você já me mostrou exatamente o que pensa de nosso casamento. Lembra? Aquela lembrança é muito mais importante que a outra quando encontramos minhas chaves no vaso de planta. Entendi a mensagem com todas as letras, e agora você tem minha resposta.

— Ashley, sinto muito. — Ele levantou-se. — Por favor...

— Cale a boca! — Ela aproximou-se dele, de dedo em riste. — Cale a boca! Não diga nunca mais que sente muito. Não há desculpas suficientes para resolver

esta situação. Um milhão de *desculpas* não vão reparar o que você fez. Eu nunca vou esquecer e nunca vou perdoar. É tarde demais, Brad.

— Sei que eu não posso reparar. Nada do que eu diga vai apagar suas lembranças. Mas você pelo menos aceitaria me ouvir?

— Para quê? De que adiantaria? — Ela correu para o quarto. — Onde está minha bolsa? Se Cody a tirou do lugar, eu mato aquele rapaz.

Brad seguiu-a. Quando ele acendeu a luz, um brilho doloroso pairou acima da cama.

— O sr. Moore me disse que, se você e eu não perdoarmos um ao outro, a amargura vai nos corroer. Disse que eu tenho de reconhecer meu pecado diante de você, e é o que estou fazendo. Confesso aqui neste instante. Eu... eu cometi adultério.

Por um momento, ele não conseguiu prosseguir. Quando as palavras retornaram, foram forçadas a atravessar uma garganta fechada pela angústia.

— Estou tentando descobrir como me perdoar, porque sei que cometi um erro muito grave. Sei que magoei você, magoei a mim mesmo e que... destruí nosso casamento. Mas, por favor, Ashley, não vá embora desta casa sem me perdoar. Por favor.

Ela estava em pé de frente para ele, do outro lado do colchão *king-size* que haviam comprado.

— Por que eu deveria perdoar você? — ela disse rispidamente. — Para que você se sinta melhor? Eu jamais lhe daria esta satisfação. Eu odeio você! Odeio o que você fez a mim. Odeio o que você fez a... a nós. Você estragou a nossa vida. Estragou tudo.

O rosto dela começou a contorcer-se.

— Deixe-me em paz! Saia desta casa, Brad. Estou falando sério! Vou chamar a polícia.

— Se você me perdoar, a amargura dentro de você desaparecerá — ele implorou. — Sei que matei seu amor. Sei que destruí nosso casamento. Mas não quero destruir *você*. Não vou suportar a ideia de você viver o resto da vida com essa ferida aí dentro, Ashley. Não vou suportar viver se...

— Está bem — ela o interrompeu. — Se isto fizer você calar a boca, eu perdoo você.

Naquele momento, o gelo sobre a fiação elétrica na extremidade de Deepwater Cove bateu no cabo, arrancando-o do poste. A caldeira foi desligada.

A bomba do poço parou. E as luzes se apagaram.

17

Ashley ficou imóvel na escuridão total. Como sempre, quando tudo escurecia, ela voltava a se sentir criança — sozinha, perdida, sem saber para onde ir. O impulso de gritar por socorro cresceu dentro dela, mas ela conseguiu sufocá-lo.

Não. Ela não diria nem uma palavra. Em questão de minutos, a energia elétrica retornaria. Era sempre assim.

Olhando de relance para a janela, ela não viu nenhuma claridade através da cortina. Não havia lua. Nenhuma luz acesa na rua. Nada.

Onde estava Brad? Momentos antes, ele estava em pé, um pouco longe dela — à distância de um colchão *king-size*. Ela se sentira protegida. Mas agora, naquele silêncio, ela não via nem ouvia nada. Ele poderia estar em qualquer lugar. Poderia estar muito perto.

Ela fechou os olhos.

Alguma coisa esbarrou em sua perna, e ela soluçou.

— Ashley? — a voz de Brad do outro lado do quarto era profunda. — Você está bem?

"Au! Auuu!"

Tagarela.

Soltando a respiração, Ashley curvou-se e sentiu a cabeça macia do cãozinho.

— Venha aqui, garoto. Está tudo bem.

Segurando o cão nos braços, ela sentou-se na beira da cama. "Espere", ela disse a si mesma. "Espere em silêncio. Não diga nada."

A energia elétrica voltaria logo, e Brad iria embora. Se ele não fosse, ela chamaria a polícia para forçá-lo a sair de sua vida. Antes, porém, precisava encontrar a bolsa para pegar o celular. Onde ela o teria deixado, e o que diria aos policiais quando eles chegassem? "Este homem cometeu adultério. Partiu meu coração." Eles não prenderiam uma pessoa por esse motivo.

No entanto, um deles precisaria sair dali. Ashley e Brad não podiam ficar naquela casa juntos. Era véspera do Dia dos Namorados. Amanhã seria seu primeiro aniversário de casamento. Ela precisava livrar-se dele.

Encostando o rosto na cabeça aconchegante de Tagarela, ela tentou não chorar. Se já era difícil ficar frente a frente com o homem que ela amara tão desesperadamente, imagine ter de ouvir todas aquelas desculpas novamente. Ouvir sua confissão. Saber que ele estava tentando mudar. Era demais para suportar.

Ashley queria continuar zangada. O perdão a amoleceria, e a mágoa voltaria com mais força. Se ela perdoasse Brad, como faria para levar a vida adiante? A raiva e a mágoa foram responsáveis por levá-la a procurar um apartamento, pedir demissão do emprego, contratar Jennifer. Ela necessitava da fúria que a manteve ativa durante as longas semanas de separação.

— Você sabe se temos alguma vela na casa?

Brad novamente.

"Não vou responder", Ashley decidiu. Aquilo exemplificava perfeitamente por que ela o desprezava tanto. Quanto tempo eles moraram nesta casa? Quase um ano — e ele nunca notara as velas com que ela enfeitava cada cômodo. Às vezes colocava flores silvestres recém-colhidas em volta delas. Ou então, espalhava velas pela casa com fotos emolduradas, dela e de Brad. No último outono, ela as cercara com pequenas pinhas e bagas. Costumava acendê-las para refrescar o ar e conferir um clima acolhedor ao ambiente.

Brad, porém, entrava em casa, farejava os aromas agradáveis e perguntava o que ela havia feito para o jantar.

"São velas, seu idiota", ela gostaria de ter dito. "Você não consegue ver nada?"

— Ash?

A voz dele de novo, que sempre a fazia tremer.

— Ei, Ashley, você poderia me responder se temos velas?

— Não — ela informou.

— Tudo bem, mas, se eu não conseguir enxergar, vou passar a noite aqui.

— A eletricidade vai voltar. Espere um pouco.

Ela ouviu um respiro de frustração. Ótimo. Talvez Brad desistisse daquele arrependimento que estava tentando demonstrar e voltasse a ser o que era. Exigiria que ela lhe respondesse sobre as velas. Andaria de um lado para o outro resmungando, e depois gritaria com ela.

Ashley aguardou.

— E daí, Ashley, onde você está?

A figura enorme dele materializou-se ao lado dela na escuridão, e ele sentou-se pesadamente no colchão. Sua mão esbarrou na dela no momento em que ele

tentou pegar o cão.

— Levante-se, Brad — ela gritou rispidamente. — Afaste-se de mim.

Era como tentar mover um bloco de concreto. Ele não saiu do lugar. Ela foi para o outro lado da cama em direção à cabeceira. Ambos estavam do lado *dele*, ela percebeu, sentindo de repente o perfume do homem nos lençóis e cobertores. Tagarela pulou do colo dela e começou a cheirar os travesseiros.

— Eu quero lhe contar uma coisa — Brad disse. — Parei de beber.

Ashley já sabia disso, por isso não quis responder. Ele continuava muito perto, mas ela não conseguiria encontrar a porta do quarto na escuridão sem tropeçar em cima dos pés ou dos joelhos dele.

— O sr. Moore foi muito importante nesse caso. — A voz dele era baixa. — Eu não podia negar que o álcool fazia parte do nosso problema, não para ele. Ele não aceitou minhas desculpas. Finalmente parei de negar o que a bebida havia feito comigo. Ficar sem beber está sendo mais difícil do que eu esperava. Estou frequentando as reuniões dos AA com Pete Roberts.

— Que ótimo! Agora vá embora.

— Vou para lá direto do trabalho, quando normalmente estaria indo ao Larry. As pessoas de meu grupo têm me ajudado. Estamos todos no mesmo barco. Até Pete, e ele não toma nenhum gole há anos.

Ashley tentou passar as mãos ao redor do corpo e tocou acidentalmente no travesseiro de Brad. Era macio, e por um momento ela acariciou a superfície de algodão.

Reunião dos AA. Talvez Brad estivesse falando sério.

No entanto, ela não tinha nada com isso. *Não* se importava. Ela afastou-se do travesseiro e cruzou os dedos no colo.

Ele voltou a falar.

— O sr. Moore e eu estamos pintando a casa dele. Ele queria pintar as paredes de branco porque a cor roxa o fazia sentir uma saudade insuportável da esposa. Temos conversado bastante. Eu me abri com o sr. Moore. Para um homem daquela idade, ele me entende melhor do que você imagina.

Pela primeira vez em meses, Ashley ouviu um tom suave na voz de Brad. Fazia muito tempo que ele não conversava com ela daquela maneira. Com carinho. Bondade. Respeito.

— Agora entendo por que você ficou tão triste quando a sra. Moore morreu — ele prosseguiu. — Passei a conhecê-la melhor depois de andar com o sr.

Moore. E mais... ele agora é meu amigo. Se ele morrer, vou sofrer muito. Ele é um pouco fechado, mas ainda tem muita energia.

Brad fez uma pausa, e Ashley ouviu um ar de sorriso em sua voz.

— Energia? — ela perguntou. — O que você está dizendo?

— Acho que ele tem uma pequena queda por Bitty Sondheim. Você sabe que eles viajaram juntos à Califórnia no Natal.

— Bitty, a dona da lanchonete? — Ashley demonstrou perplexidade. — Mas e a esposa dele? Como ele pode sentir alguma coisa por Bitty Sondheim? Os Moores foram casados durante todos aqueles anos. Eles se amavam. Isso é terrível! O que a sra. Moore pensaria se soubesse?

— Calma, Ashley. — Brad virou-se na cama. — Bitty é apenas uma amiga. Ela incentiva o sr. Moore, só isso. Eles estão reformando a lanchonete dela, e acho que estão se divertindo muito. Ninguém vai ocupar o lugar da sra. Moore no coração dele. Mas é bom que ele encontre um pouco de felicidade.

Ashley não concordava. Charlie Moore choraria a morte de Esther pelo resto da vida. E certamente *ela* jamais se recuperaria da perda da amiga.

— Há sempre alguém para substituir outro alguém — ela murmurou. — Sai um, entra outro.

— Ora, você sabe que o sr. Moore é um homem bom. — Na completa escuridão da noite, os dedos dele encontraram a costela de Ashley. — Ora, Ash. Pare de ser tão dura com os outros.

— Não toque em mim! — Ela deu um tapa na mão dele e afastou-se um pouco mais na cama. — Pensei que você estivesse indo embora. Por que não sai daqui?

— Não vou deixar você sozinha no escuro. A caldeira parou de funcionar, e já está ficando frio neste quarto. A bomba do poço parou de funcionar também, e vamos ficar sem água.

— Eu não preciso de água. Não vou ficar aqui. Assim que encontrar a bolsa, vou ligar para o meu pai.

Brad mergulhou em silêncio. Ashley passou os braços ao redor do próprio corpo. Estava *esfriando* demais. Ela sabia que o ar frio entraria pelas frestas das janelas velhas. Em breve o lugar se tornaria mais frio que uma geladeira. A última coisa que ela queria era passar a noite sentada na cama, conversando com Brad. Aquilo definitivamente *não* fazia parte do plano.

Aquela situação não duraria muito. Ela sairia dali, colocaria os móveis no caminhão e bateria em retirada antes que o Dia dos Namorados — com tudo o que significava para ela — começasse. Porém, Pete e Cody a atrasaram por causa de uma discussão a respeito de Patsy. Dentro da casa, foi difícil lidar com as cadeiras extremamente pesadas da sala de estar. E Ashley se esquecera de que a antiga mesa de carvalho não passaria pela porta, portanto ela e Cody tiveram de desmontar aquele pesadelo de pernas, tábuas ocultas e encaixes misteriosos. Depois, tentaram erguer o sofá.

— Também tenho ido à igreja algumas vezes.

A voz de Brad no escuro assustou-a novamente. Por que a eletricidade não voltava? Aquilo era ridículo. Sempre voltava logo. Com certeza a empresa responsável pela eletricidade tinha geradores de reserva.

— O pastor Andrew é um cara legal. No começo, achei que não ia gostar dele. Ele é magro demais e tem um pomo de Adão enorme. Parece meio estranho. Mas é muito inteligente. Ele conhece mais a Bíblia que Cody.

Ashley voltou a recostar-se no travesseiro de Brad e fechou os olhos. Para evitar não ouvi-lo, ela tentou visualizar seu futuro apartamento. Jennifer a ajudaria a limpar o local e organizar tudo. Elas colocariam as contas em xícaras. Numa de suas muitas idas ao *shopping*, Miranda Finley havia comprado uma bandeja para espalhar as contas. Seria mais fácil montar os colares.

— Resumindo... acho que você não acredita em mim e deve pensar que tudo isto é uma bobagem, mas agora sou cristão.

O comunicado de Brad eriçou os pelos nos braços de Ashley. Ele dissera que, na infância, odiava a igreja. Religião organizada não tinha nada a ver com ele.

— Aconteceu no dia em que encontrei seu anel embaixo da árvore de Natal — ele prosseguiu. — Eu... bom, pedi desculpas a Deus, e ele me perdoou.

— Como você sabe disso? — ela perguntou com voz zombeteira.

— Perdão é o que ele nos oferece. Não aprendi muita coisa na igreja, mas aprendi isso. A oração também não é como eu pensava. Vi como os homens do estudo bíblico oram. Eles conversam com Deus. O sr. Moore diz que ora o tempo todo. Em tudo o que faz, ele sempre fala com Deus. Pedindo ajuda. Confessando. Ele me deu uma Bíblia que pertenceu à sra. Moore.

— Pertenceu a ela? — Ashley não tinha a intenção de voltar a falar. Mas aquilo era demais. Brad ajoelhando-se no chão? Orando? Lendo a Bíblia da sra. Moore?

— Pertenceu, e acho que ela tinha outras. A que eu ganhei é roxa. — Ele deu uma risadinha. — Ela combinaria mais com você do que comigo. Mas eu não dou mais a mínima para o que as pessoas falam de mim. Eu gostava de receber aprovação. Parecia que eu precisava ser elogiado pelo bom trabalho que estava realizando. Eu me alimentava disso. Fazia parte do que eu amava em você. Você me amava, por isso eu a amava de volta.

Sem saber o que responder, Ashley pegou o travesseiro de Brad, abraçou-o com força e encostou o rosto nele. Brad *não* poderia ouvi-la chorando. Ela não permitiria que isso acontecesse.

— Ainda sou o mesmo Brad Hanes — ele prosseguiu. — Nisto você tem razão. As pessoas continuam a ser o que são. Mas eu também estou um pouco diferente, Ash.

— Ah, se está. — Ela ouviu a própria descrença abafada na maciez do travesseiro de Brad.

— Sei que você não acredita em mim — ele disse carinhosamente. — E não posso culpá-la. Tenho certeza de que não confia em mim.

— Não, não confio — ela disse. — E nunca vou confiar. Pode fazer o que quiser, mas não confio mais em você. Você quebrou sua promessa, Brad. Não podemos mais voltar ao ponto em que estávamos.

Ele silenciou por um momento, como se a rejeição houvesse finalmente calado fundo. Mas quando voltou a falar, foi para contestá-la.

— Não podemos voltar no tempo, mas o sr. Moore me disse que é possível começar tudo de novo. Acho que podemos.

As palavras de encorajamento de Patsy emergiram dentro de Ashley. Ela as reprimiu.

— Sinto muito, mas não acredito nisso. O que quebrou vai continuar quebrado.

— Deixe-me tentar consertar o que foi quebrado, Ashley. — As palavras de Brad tinham um tom de confiança que ela nunca ouvira. — Quero tentar reconquistar minha esposa. Quero reconquistar sua confiança... e quero seu amor.

— Sem chance — ela murmurou. Parecia tão ridículo quanto Patsy tentando colar os cacos das xícaras de chá.

— Ando pensando nisto há muito tempo. E se você permitir, farei uma nova promessa de casamento esta noite. Prometo nunca mais beber. Prometo nunca

mais pôr os pés dentro de um bar. Juro que vou ser fiel a você enquanto eu viver.

Ashley franziu o cenho. Que bobagem! Era muito tarde para Brad fazer promessas tão ocas.

Ele, porém, não havia terminado.

— E sei também como fazer tudo isso dar certo. Desta vez, para provar que vou cumprir minhas promessas, vou transformar minha vida num livro aberto. E você pode conferir a hora que quiser. Pegar meu celular para ver para quem eu liguei. Verificar meu talão de cheques e os cartões de crédito. Fuçar minha carteira. Ver minhas contas bancárias. Você pode fazer o que quiser para voltar a confiar em mim, Ash. Não vou ficar bravo.

— Ah, Brad. — Ela sacudiu a cabeça, sem querer acreditar que ele poderia ser tão sincero depois de tudo o que havia feito.

— Preste atenção, Ashley — ele continuou. — Não vou mais a lugar nenhum sem lhe dizer. Nunca mais vou sair sem antes avisar você de aonde estou indo. Não vou me aborrecer se você for atrás de mim para comprovar se eu disse a verdade. Você pode perguntar aos meus amigos onde estou. Pode perguntar a Bill Walters, a Pete ou ao sr. Moore. Pode perguntar a quem quiser.

Ashley esforçou-se para conter as lágrimas.

Aquela proposta era impossível. Certamente Brad não a cumpriria. Ele era frio demais, seguro demais, autoconfiante demais para humilhar-se tanto assim. No entanto, estava fazendo uma promessa. Estava oferecendo meios concretos para ela descobrir se ele merecia sua confiança.

— Por favor, acredite em mim — ele disse, colocando a mão ao lado da dela na beira da cama. — Sei que levará muito tempo para eu reconstruir o que quebrei. Não espero que você volte a confiar em mim de repente. Mas preciso de uma chance para provar o que estou dizendo. Que este seja o começo de uma nova vida para nós.

Ashley sentiu um cansaço repentino. Tudo o que ela sentia emergiu numa torrente de lágrimas que molharam o travesseiro. Foi como se Brad tivesse aberto a comporta para liberar toda a mágoa e a raiva represadas dentro dela. Ashley chorou com o rosto afundado no travesseiro, na esperança de abafar o ruído dos soluços.

Não era para Brad ouvir seu choro. Não poderia saber quanto ela queria acreditar nele. Mas como acreditar que aquele homem poderia ter ao menos um pingo de fé? Ashley estava com muito medo. Assustada demais, temendo que ele voltasse a magoá-la.

Ela precisava sair da casa. O caminhão de Pete estava atolado, mas ela poderia caminhar. Deixaria Tagarela com Brad e iria à casa de Patsy. Sem dúvida Patsy a acolheria novamente.

No entanto, desta vez a amiga de Ashley não seria tão compreensiva. A mensagem de Brad faria sentido para Patsy. E pior, ela acreditaria nele.

Patsy, Pete e o sr. Moore eram pessoas boas, mas Ashley vira o comportamento de outras pessoas que se diziam piedosas e falavam de sua fé a torto e a direito. Depois, apareciam no clube de campo com suas observações maliciosas, piadas racistas e casos extraconjugais. Por que ela deveria acreditar nas palavras de Brad?

— E por último quero dizer que amo você, Ashley. Amo de verdade. Lembro-me do dia em que nos conhecemos... e sei que nos amamos de verdade... e tudo ia bem.

Ele parou de falar. Ela ouviu-o engolindo em seco, tentando controlar as emoções, e mal conseguiu acreditar. Era impossível que Brad Hanes chorasse. As únicas emoções que ele sempre demonstrou eram lascívia, raiva e jactância, provocada pela bebida.

Tristeza? Súplicas? Oferecimento de ser um homem totalmente aberto? Essas não eram as características do homem com quem ela se casara.

— Mesmo que eu decida voltar a confiar em você — ela disse — como poderia perdoá-lo, Brad? Nunca vou esquecer o que você me fez na noite de Natal.

Quando ele levantou a mão para enxugar o rosto, seu braço tocou no dela.

— Sei que você não vai esquecer. Mas com certeza pode ouvir meu pedido de desculpa. Você não pode negar que lamento muito. Odeio o que fiz a você, e jurei nunca mais fazer qualquer coisa parecida. Por que você não consegue me perdoar?

— Talvez eu consiga na mente. Já disse as palavras há alguns minutos. Mas no coração? Meu coração estaria mentindo se eu dissesse que o perdoo. O que você fez me machucou demais. Todas as vezes que lembro, sinto a mesma dor. Como posso livrar-me disso?

— Não sei. Para mim também é difícil esquecer o sofrimento que lhe causei. Não tenho todas as respostas. E talvez nem tenha o direito de lhe pedir isso. Só sei que a amo muito e que quero muito que a gente tente outra vez. Por favor, Ashley, você me daria outra chance?

A palavra *não* gritou dentro da cabeça dela. *Não, não, não!* Ela jamais daria outra chance a Brad. Por que deveria? Ele era traidor e mentiroso. Com certeza estava mentindo, dizendo-lhe aquelas coisas e implorando para afastar a culpa que sentia.

"Rrnnn. Rrnnn." Os roncos de Tagarela ressoaram no quarto escuro.

Ashley ergueu o rosto do travesseiro e respirou fundo. O ar estava muito mais frio. A eletricidade ainda não retornara, e, quanto mais demorasse, mais certeza Ashley tinha de que não voltaria naquela noite. A neve continuava a bater nas janelas, e de repente ela ouviu uma forte pancada. O som do disparo de uma arma de fogo.

Tensa, ela aproximou-se instintivamente de Brad.

— O que foi?

— Um galho — ele respondeu. — Quebrou com o peso do gelo.

— Não gosto disso. Queria estar em outro lugar.

— Mas Deus colocou você aqui.

— Ora, chega desta conversa sobre Deus, Brad. Você está estranho. Parece... parece o sr. Moore.

Sem nenhum aviso, as lágrimas irromperam novamente. Ela chorava pelas perdas grandes demais para suportar. Sua inocência. Sua credulidade em contos de fadas. Sua amizade com a sra. Moore. E finalmente seu marido. O casamento estava destruído; nunca mais seria recuperado. Apear do que Brad dissera, apesar da esperança de Patsy, não havia remédio para nenhuma dessas perdas.

— Ashley. — Brad aproximou-se dela no escuro. Tocou-lhe o braço e depois o ombro. — Sinto muito pelo que aconteceu com a sra. Moore.

Ele enfiou os dedos na trança dela. Segurou seu rosto com a mão em concha, e puxou-o para perto de si. Enquanto ela chorava, ele encostou o rosto dela em seu peito e abraçou-a.

— Eu amo você, Ashley — ele sussurrou, enquanto a noite se enchia dos estalos dos galhos das árvores se quebrando. — Eu amo muito você.

Escondida sob uma pilha de cobertas, Ashley estava deitada no sofá com Tagarela roncando suavemente a seu lado. As velas na mesinha de café haviam derretido e formado poças de cera colorida. Enquanto olhava atentamente para elas sob a luz do alvorecer, Brad lembrou-se das contas vibrantes que sua esposa

fazia. A certa altura daquela noite, sem conseguir pegar no sono, ele observou os pingos de cera das velas e concluiu que havia sentido ciúme.

Ciúme das contas.

Objetos inanimados que o induziram a dizer palavrões e ferver de raiva com a esposa. Ele acreditara realmente que ela amava mais as contas do que a ele. Que tolice! Ele agira como um garoto, com inveja e raiva dos brinquedos de outra criança. Talvez ele *fosse* um garoto, e Ashley, uma garota. Talvez a juventude e imaturidade de ambos fossem responsáveis por todos os problemas. Charlie Moore certamente acreditava que Brad era tão irresponsável quanto uma criança e o repreendera por isso.

Naquele dia, após um ano de casamento, Brad sabia que não podia fazer nada, a não ser orar, para que Ashley o perdoasse. Uma hesitante reconciliação se iniciara entre eles na noite anterior antes que os galhos das árvores começassem a rachar. Ainda assustada, Ashley permitira que Brad a conduzisse à sala de estar. No escuro e em silêncio, eles comeram algumas fatias de pão com manteiga de amendoim. Depois, com a respiração trêmula e as mãos frias, Ashley deixou que ele a cobrisse — e cobrisse também o cão — com cobertores e um acolchoado grosso de casal.

Sentado no chão ao lado dela, Brad cochilou e acordou várias vezes. Teve sonhos intermitentes, despertando todas as vezes que outro galho desabava lá fora. À medida que o dia clareava, ele não conseguiu dominar a apreensão. O que aconteceria quando Ashley despertasse? Pularia do sofá e se dirigiria à porta? Ou permaneceria ali e o perdoaria?

Enquanto ele pensava, Tagarela levantou subitamente a cabeça e bocejou. Os olhos de Ashley, inchados de tanto chorar, abriram-se aos poucos. Castanhos e profundos, eles se detiveram no rosto de Brad.

Em seguida, ela cobriu a cabeça com o acolchoado.

— Ah, não. Você não!

— Ashley. — Ele tocou-lhe o braço. — Está tudo bem.

— A eletricidade voltou? — ela perguntou, ainda embaixo das cobertas.

— Tenho o pressentimento de que ainda vai demorar. Receio que nosso encanamento esteja congelado.

Ela pôs o rosto para fora das cobertas novamente, com os cabelos encaracolados ao redor do rosto como punhados de aparas de cedro. Com os olhos fechados e visível expressão de sofrimento no rosto, ela falou.

— Quero deixar bem claro que não acredito em você, Brad. As coisas que você disse ontem à noite não são verdadeiras. A história da bebida, da religião e das mudanças. Pode ser que você esteja diferente agora, mas isso não vai durar.

— Um dia por vez — ele murmurou, tentando tocar num cacho de cabelo dela. — É o que eles dizem nas reuniões dos AA. Está escrito na Bíblia também. Jesus disse que não devemos nos preocupar com o dia de amanhã. Disse que Deus cuida dos pardais e coloriu os lírios do campo. Se ele cuida tanto dos pardais e dos lírios, podemos ter certeza de que ele também cuida de nós.

— Estamos morrendo congelados, e você fica aí falando baboseiras como Cody.

— Cody é mais inteligente do que eu. Além disso, ele conhece a Bíblia de capa a capa, e se preocupa com as pessoas. E acima de tudo, ele tenta seguir as etiquetas sociais.

— *Aí* está uma coisa que você poderia aprender.

— Ei! — Ele a abraçou. E sem conseguir se conter, beijou a pele lisa da testa dela. — Você tem razão. Sou um imbecil. Cody pelo menos se esforça.

Os lábios de Ashley, fechados com força, estavam tremendo.

— Não... — ela sussurrou — Não tente ser bonzinho, Brad.

— Ora, vamos, Ashley, é nosso aniversário de casamento. Diga que vai me deixar tentar. Tenho muito que aprender. Sei que continuo a cometer erros. Mas você pode confiar que vou ser fiel, vou amar você e passar o resto da minha vida ao seu lado. Nunca vou ser perfeito, mas eu mudei.

— Como você sabe? Como posso ter certeza? Se voltar a me enganar de novo...

— Não vou fazer isso, Ashley. — Ele apoiou o ombro no sofá. Um galho estalou e caiu, mas ele continuou com o olhar fixo na esposa. — Posso fazer promessas o dia inteiro, mas em determinado ponto você vai precisar decidir a ter fé.

Ela acariciou a cabeça fofa de Tagarela.

— Não sei. É difícil não pensar no passado. Lembro-me dele o tempo todo, e continuo zangada. Muito zangada.

Por um momento, Brad não soube o que responder. Evidentemente ela estava furiosa, e como ele poderia diminuir aquela raiva? Ao imaginar viver sob a ira constante de Ashley, ele sentiu uma onda de desespero atravessar-lhe o peito.

— O sr. Moore me disse que o marido precisa aprender a ouvir a esposa — Brad propôs. — Quero saber sobre suas contas, Ash. Quero apoiar seu sonho em vez de desencorajá-la. Os sonhos, como as ideias de seu pai, não são maus.

O olhar dela estava cada vez mais concentrado nele.

— Ouvi dizer que você está procurando uma faculdade.

— Já fiz a inscrição para um curso intensivo semestral na faculdade comunitária com início em março. Redação básica. Bill Walters está frequentando a Capela do Cordeiro. Conversamos depois do culto no domingo passado e mencionei a ele meu velho sonho de lecionar matemática e ser técnico de futebol americano. Bill ofereceu-se para pagar esses cursos, a não ser no verão, quando ele precisa de mim no trabalho. E disse que, se eu me sair bem, ele vai pagar o curso inteiro até eu receber o diploma. Beleza, não?

O silêncio de Ashley disse mais que palavras.

Brad soprou ar quente nas mãos e esfregou-as.

— Ouça, Ashley, quero dar a este casamento tudo o que tenho. Somos diferentes um do outro, claro, mas acho que podemos conviver em paz. O que você diz? Podemos tentar novamente?

Ele aguardou, sentindo como se estivesse no fim de um jogo de futebol americano acirrado. Ele deveria lançar a bola? Atirá-la nos braços do receptador? Seria um lance perfeito, um gol que salvaria o time da casa?

— Preciso pensar um pouco. — A voz dela tremeu como a de uma garota prestes a irromper em lágrimas. — Eu não esperava...

O estrondo que sacudiu o chão silenciou Ashley. Ela olhou em direção à janela e agarrou-o pelos ombros.

— Brad! É a casa de Miranda Finley! Uma árvore desabou em cima dela. O telhado inteiro afundou e... oh, Brad, acho que a casa está pegando fogo!

18

— As botas, as botas! — Brad vasculhava a sala de estar à procura de suas botas de trabalho. Tagarela saltara do sofá e corria em círculos, latindo como louco. Brad encontrou uma bota e começou a calçá-la.

— Sua bolsa está ali. Perto do sofá. Ligue para os bombeiros, Ash!

— Aqui está a outra bota! — Ela atirou-a na direção dele enquanto esticava o braço para pegar a bolsa.

Interceptando a bota no ar, Brad apontou para o cão.

— Não deixe Tagarela sair, tá? E você fique também aqui, Ash. Ore para que não haja ninguém lá dentro.

— Não consigo achar meu celular! — Enquanto falava, Ashley agarrou um objeto de metal gelado. Ela tirou o celular da bolsa e abriu-o. — Está desligado. Deve ser a bateria. Com certeza congelou.

— Tente encontrar o meu. Deve estar no quarto. Tagarela, pare de morder os cadarços das minhas botas!

— Venha cá, Tagarela! — Ashley levantou o cãozinho do chão e olhou pela janela. Não havia mais dúvida. A pequena casa ao lado estava em chamas. A fumaça subia pela saída de ar do sótão e pelo beiral do telhado. — Corra, Brad. E se a sra. Finley estiver ferida? Não há água! Como vamos tirá-la de lá?

— Vou usar a serra elétrica. — Brad abriu a porta com força e saiu correndo da casa, com Tagarela em seu encalço.

— Não, Tagarela! Volte aqui! — Enquanto Ashley esforçava-se para calçar as botas, a serra elétrica engasgou várias vezes. Ela entendeu que Brad já estava puxando o fio para ligá-la. Correndo em direção à entrada da casa, ela ouviu o som agudo da serra funcionando. "Graças a Deus!"

Contudo, no momento em que pisou na varanda, Ashley escorregou no gelo. Sem respirar e de costas no chão, ela não conseguia se mexer. Tentou inspirar um pouco do ar gelado enquanto Brad corria em direção às chamas que despontavam do telhado em ruínas. Tagarela estava na metade do gramado congelado entre as duas casas quando o ar inflou os pulmões dela.

— Tagarela! — Ashley disse, respirando com dificuldade. Curvando totalmente o corpo, ela tentou novamente. — Tagarela, venha aqui! *Já!*

O cãozinho parou de repente, virou-se e olhou para ela.

— Venha, Tagarela!

Enquanto ela batia nas coxas e gritava o nome dele, o cãozinho deu meia-volta e correu em sua direção. Quando ele chegou à varanda, Ashley ajoelhou-se no chão e pegou-o nos braços.

— Cão bonzinho! — ela disse. Enquanto abraçava o cãozinho, ela olhou para a casa em chamas. O carvalho enorme no quintal de Miranda estava rachado ao meio. Seus galhos congelados apontavam para cima, como se fossem dedos brancos agarrando o telhado.

— Você vai ficar lá dentro — ao dizer isso ao cãozinho, ela o fez atravessar a porta da frente e fechou-a, mantendo-o dentro da casa.

Num esforço para aquecer o celular, ela esfregou-o na perna. Por que aquele aparelho parou de funcionar quando ela mais precisava dele? Aquilo era uma loucura. Nenhum botão funcionava. E por que nenhum outro vizinho correu para ajudar Brad? Será que também não ouviram a árvore rachando ao meio? Será que esperavam que Brad fizesse tudo sozinho?

Imagens da serra elétrica atravessando as tábuas de madeira nova vieram à mente de Ashley. E se Brad se machucasse? Na pressa, talvez ele deixasse a cautela de lado. Poderia estar sangrando.

Endireitando o corpo, Ashley agarrou-se ao parapeito da varanda e patinou degraus abaixo. Seus ouvidos zuniam quando o gelo batia neles. Ela ouviu o ruído da serra elétrica a distância, e logo atrás o grito de uma mulher.

— A sra. Finley!

Escorregando, caindo, voltando a se levantar, Ashley atravessou o gramado em direção à casa. Enquanto corria, ela apertava os botões do celular. “Funcione, droga! Funcione!”

E de repente ele funcionou. Os números apareceram na tela. Ela segurou-o de encontro ao ouvido.

Uma voz calma feminina atendeu.

— Emergência, em que posso ajudar?

— Uma árvore caiu no telhado da sra. Finley, e a casa está em chamas. Mande uma ambulância e um carro de bombeiro.

— Qual é o endereço, senhora?

— É a casa de Miranda Finley. Não sei o número. — Ashley fez uma pausa à procura de ar, sentindo que cada respiração se cristalizava em seus pulmões. Ela tentou enxergar a caixa preta de correspondência perto da rua. — OK, consegui. O endereço é Shadyside Lane, 4312. Eu já disse que fica em Deepwater Cove? É onde estamos. Mande um caminhão de bombeiro com reservatório de água. Está tudo congelado. A parede da casa da sra. Finley está em chamas, e o telhado desabou. E meu marido foi até lá com uma serra elétrica. Ele pode ferir-se!

— Por favor, continue na linha, senhora — a atendente disse. — Estou contatando os serviços de emergência. Um momento.

Ashley tentou segurar o fone junto ao ouvido enquanto seus pés escorregavam e derrapavam em direção à casa em chamas.

— Brad! — ela gritou. — Brad, você está bem?

Um grito lancinante cortou o ar. Miranda de novo! Ashley agarrou-se à coluna da varanda e caminhou penosamente rumo à varanda de sua vizinha. Ela precisava ajudar. Antes de tudo, precisava encontrar Brad, que poderia estar machucado. Ele não podia morrer. Ainda não. A conversa ainda não terminara. Havia mais coisas a dizer, mais coisas a fazer.

A fumaça preta envolveu Ashley, e ela dobrou o corpo, tossindo. Seus dedos estavam dormentes. Os dentes não paravam de bater um no outro. Ela havia esquecido as luvas, o gorro, o cachecol. Patinando na varanda, ela fez uma pausa e espiou através de uma janela.

Dentro da casa, ela conseguiu enxergar a silhueta de um homem coberto de fuligem, encostada na janela atrás de si. Ele manejava a serra elétrica sobre os galhos cobertos de gelo a seu redor, abaixando-a para permitir que os dentes atravessassem a madeira, depois levantando-a e curvando o corpo para cortá-la novamente.

A fumaça continuava a sair da casa. Grande parte do telhado e da parede dos fundos havia desabado. As janelas de frente para o lago refletiam o tom alaranjado das chamas que dançavam através das cortinas e lambiam a parede e os caibros.

— A senhora continua na linha? — a voz da atendente assustou Ashley. — Os veículos de emergência estão a caminho da Shadyside Lane, 4312. Fica perto de Tranquility, senhora?

— Sim. Deepwater Cove fica no caminho de quem vem de Tranquility. Eu lhe disse que meu marido está dentro da casa? Ele pode morrer lá! Preciso desligar!

Sem conseguir suportar a tensão, Ashley fechou o celular, guardou-o no bolso e contornou a varanda para chegar à porta da frente da casa de Miranda Finley. A porta estava pendurada no batente, presa a uma única dobradiça.

— Brad! — ela gritou no meio da fumaça sufocante. — Brad, você está bem?

— Ashley? — A serra elétrica gemeu e parou aos poucos de funcionar. A voz forte de Brad gritou: — Afaste-se desta casa, Ash! Vá procurar Derek Finley. Diga que a mãe dele está presa aqui dentro, mas estou quase chegando até ela.

Ao atravessar a porta e pisar no carpete, Ashley viu imediatamente a magnitude da devastação. A imensa copa da árvore havia se separado do tronco, chocando-se contra o telhado e caído na sala de estar, aprisionando Miranda dentro da própria casa. Agora as chamas estavam fora de controle. Brad conseguiria permanecer consciente no meio de tanta fumaça?

Ashley tremia de frio. E se um galho em chamas ou uma viga do telhado caísse sobre seu marido? E se o fogo alcançasse o botijão de gás, ao lado da porta dos fundos? Novamente Miranda gritou por socorro.

— Brad, estou com medo do que possa acontecer com você! — Ashley gritou. — Não quero que você morra!

De repente, ele apareceu através da nuvem de fumaça. Com a serra elétrica numa das mãos, ele puxou-a para perto de si com a outra.

— Ashley, eu amo você — ele disse, forçando-a a sair pela porta. — Por favor, fique longe deste lugar.

— Eu liguei para a emergência — ela disse, emocionada. — O socorro está vindo.

Com o rosto coberto de fuligem, Brad aguardou um instante com os olhos azuis cravados nela, e depois desapareceu de novo dentro da casa. Como se estivesse suspensa no ar como uma marionete, Ashley continuou parada na varanda gelada, sem conseguir movimentar-se. De repente, a serra elétrica funcionou novamente, e o calor voltou a percorrer as veias do corpo dela.

Pegando o celular no bolso, ela verificou seus contatos. O número de Kim e Derek Finley não estavam na agenda, por isso ela ligou para a casa dos Hansens. Jennifer atendeu. Seguindo em direção à casa dos Finleys, Ashley pôs a amiga a par da situação.

Ashley visualizou o rosto de Brad, seus olhos penetrantes, sua voz de súplica. Ele a amava. Havia feito tudo o que podia. Queria conquistá-la novamente.

Com lágrimas turvando a visão, Ashley percorreu a calçada até chegar à escada da casa dos Finleys. No momento em que ela se preparava para bater na

porta, esta se abriu com força. Derek saiu apressado, quase derrubando Ashley no chão. Esforçando-se para manter o equilíbrio, ela sentiu a mão dele segurar-lhe o braço.

— Você viu minha mãe? — ele perguntou, com o rosto pálido. — Onde ela está?

— Ela está viva, mas presa dentro da casa. Brad está lá com a serra elétrica. Há muita fumaça. Ele precisa de ajuda, Derek.

— Você pode ficar aqui com Kim? Estou preocupado com ela, e os gêmeos estão assustados, com medo do que possa acontecer com a avó deles. Eu preciso que você faça isso, Ashley.

— Tudo bem, mas corra. — Ela segurou a manga do casaco de Derek antes que ele se afastasse. — Derek, não é só sua mãe que está na casa. Meu marido também está lá!

— Brad é muito esperto, Ashley. Ele vai ficar bem.

— Faça o possível para isso. Prometa!

— Prometo.

Enquanto Derek corria em disparada pela rua, Ashley entrou na casa. Vindos da lareira, Luke e Lydia correram na direção dela com toda a energia que duas crianças de 11 anos são capazes de possuir. Mas Kim estava dois passos adiante deles.

— Ashley! — ela gritou. — Graças a Deus você está salva. Venha para perto do fogo e aqueça-se. O que está acontecendo?

Antes que Ashley começasse a se movimentar, Kim ordenou aos gêmeos que corressem até a casa vizinha, vissem como Opal Jones estava e voltassem imediatamente. Depois do apagão da noite anterior, Kim contou a Ashley, a viúva rejeitou todos os pedidos para não ficar sozinha em casa. Não queria ser uma intrusa na casa dos Finleys nem ir para um hotel. Na verdade, Opal não conseguira ouvir nada.

— Ela também não quis colocar o aparelho de audição — Kim explicou, aproximando-se de uma pilha de almofadas perto da lareira. Apesar das várias blusas que Kim estava vestindo, Ashley conseguiu ver o tamanho do ventre dela. Os próximos gêmeos da família Finley pareciam determinados a mostrar sua presença.

— Derek discutiu com Opal até não aguentar mais — Kim prosseguiu. — Ela disse que já havia enfrentado muitas tempestades de neve em seus 95 anos de vida, e não estava disposta a sair de casa por causa desta última. Fazia tempo que

eu não via Derek tão frustrado. Aposto que ele foi vê-la a cada meia hora durante a noite.

Ashley esticou os braços para a frente e abriu as mãos perto do fogo crepitante, mas, assim que seus dedos se aqueceram, ela só conseguiu pensar no rosto de Brad, cheio de fuligem. Os caminhões dos bombeiros e a ambulância pareciam não chegar nunca a Deepwater Cove, e ela sabia que até as estradas principais deviam estar cobertas de gelo.

— A mãe de Derek agiu quase igual à sra. Jones — Kim disse. — Nós ligamos para ela, claro. Miranda insistiu que estava perfeitamente bem em casa. Veja só no que deu aquela teimosia. Ah, espero que ela esteja bem.

Ashley olhou de relance para Kim.

— Estou muito preocupada com Brad inalando tanta fumaça. Ele está rodeado de galhos. Parece estar enroscado naquela árvore. Qualquer coisa pode acontecer... e eu... ah, Kim, fui mais teimosa que a sra. Jones ou que a mãe de Derek. Não quis ouvir Brad. Todas aquelas semanas quando ele ligou e enviou *e-mails* e recados por meio de meus pais... Eu estava zangada demais para falar com ele. Apaguei todas as mensagens sem ler nenhuma delas. Ontem à noite quando ficamos presos em casa, ele não parou de dizer que me amava muito... e eu quase o expulsei. Fiquei muito brava com Brad. Eu o odiava... mas agora estou com medo de perdê-lo. Não sei em que pensar.

— Ei! — Kim sorriu enquanto apertava levemente a mão de Ashley. — Calma! Tudo vai ficar bem. Derek e Brad sabem o que estão fazendo. Tenho certeza de que ficarão bem. Você ainda terá uma oportunidade de resolver a situação com Brad.

— Essa é a parte mais maluca. Ainda não tenho certeza se *quero* resolver a situação com Brad. Ando tão... tão... zangada, magoada e... — ela engoliu em seco. Não queria começar a chorar na frente de Kim.

— Entendo como você se sente. Talvez mais do que imagina. Não tenho certeza se você sabe, mas há alguns meses eu tinha certeza de que casar com Derek foi o maior erro que cometi na vida. — Kim deu um sorriso maroto. — Ou talvez o segundo maior erro, depois de meu primeiro casamento. Sei que os problemas em meu primeiro casamento foram piores porque eu ainda tinha de amadurecer muito.

Ashley assentiu com a cabeça.

— A imaturidade de Brad contribuiu muito para que o nosso casamento desmoronasse.

— Só a de Brad?

— Como assim?

— Você acha que o problema todo foi por culpa de Brad? Sei que ele foi infiel, e não posso nem imaginar como você deve ter se sentido. Mas sei, por experiência, que todas as vezes que há um problema no casamento, a culpa é dos *dois*.

Piscando para conter as lágrimas que lhe inundavam os olhos, Ashley olhou para o fogo.

— Patsy disse a mesma coisa. Disse que eu estava errada em esticar o trabalho noturno no clube de campo, mesmo que fosse para receber mais gorjetas. Eu não aceitei as palavras dela. Mas acho que ela estava certa.

— Agora você está no caminho certo. — Kim apertou a mão dela.

— Eu não parava em casa para estar com meu marido. Mesmo quando nossos horários permitiam isso, eu ia à casa dos Hansens, para trabalhar nas minhas contas. Brad bebia tanto que eu não queria mais estar com ele.

— Eu entendo. Vocês dois começaram a afastar-se um do outro, e logo o casamento começou a desmoronar.

— Eu não queria isso. — Ashley passou a mão nos olhos, e esta ficou umedecida. — No começo, eu amava muito Brad. Mas ele fez coisas estúpidas. Como quando comprou aquele caminhão a prazo e depois o destruiu. Mas ele também fez algumas coisas maravilhosas. Reformou a nossa casa com a ajuda do sr. Moore. Construiu uma ponte para você e Derek em seu jardim. E conduziu o desfile em homenagem à sra. Moore pouco antes de ela... de ela morrer. E também... usou suas economias para comprar um anel de noivado para mim. Eu o amava muito.

Curvando o corpo de sofrimento ao lembrar-se do gesto carinhoso de Brad, Ashley cobriu o rosto com as mãos.

— Ah, Kim, sei que a culpa não foi só dele. Nós dois erramos.

Envolvida no sofrimento da própria culpa, Ashley sentiu seu coração ser tomado pelo medo.

— Preciso saber se Brad está bem — ela disse, levantando-se e atravessando a sala para olhar pela janela da frente. Por um momento, ela só viu uma espécie de teia de gelo cobrindo o vidro. Depois, ouviu as sirenes.

— Até que enfim! — ela gritou, virando-se para Kim. — Os bombeiros estão chegando.

— O que está acontecendo na casa de Miranda?

— Não consigo enxergar. A casa dos Hansens está no caminho.

— Corra até nosso quarto no fim do corredor. Derek disse que acompanha, pela janela, os rituais esquisitos da mãe dele.

Ashley olhou para Kim, que gesticulou para que ela prosseguisse.

— Não se preocupe comigo. Já tive gêmeos antes. Está tudo bem. O problema é Derek. Ele está me deixando maluca, porque se preocupa com cada coisinha.

Correndo pelo corredor, Ashley passou pelas fotografias emolduradas da família Finley penduradas na parede. Parecia haver uma fila interminável de fotos de Luke e Lydia. Ela entrou apressada na suíte do casal, afastou as cortinas e viu a cena através da janela.

A coluna de fogo no céu havia sido substituída por fumaça. Ashley avistou os caminhões vermelhos com as luzes ainda piscando, mas sem o som das sirenes. Uma ambulância aguardava perto da varanda. Os bombeiros com seus pesados aparatos subiam as escadas armadas na frente da casa. As mangueiras esguichavam água no ar. A uma distância segura, Charlie Moore e Cody acompanhavam a cena que se desenrolava. E então ela avistou Brad.

Carregando Miranda Finley desmaiada nos braços, Brad atravessou a porta da frente da casa em ruínas. Antes que Ashley pudesse avaliar a situação, a equipe de emergência cercou-o e levou Miranda ao terraço. Alguém levantou um saco plástico de soro intravenoso acima dela. E Brad desapareceu no meio do povo.

Temendo que ele houvesse entrado na casa de novo. Ashley voltou para a sala de estar de Kim.

— Brad carregou a sra. Finley para fora da casa — Ashley gritou. — Eu o vi no terraço.

— Ela está bem?

— Não sei. A ambulância está lá.

— Você viu Derek?

Ashley sacudiu a cabeça.

— As pessoas estão aglomerando-se no local. Vi o sr. Moore e Cody. Talvez Patsy também. Parece que Steve Hansen estava conversando com Cody.

— Por favor, encontre meu marido e peça que ele me ligue imediatamente. — Kim disse em voz alta o número de seu celular enquanto Ashley o anotava. —

E tome cuidado de Luke e Lydia, para que não cheguem perto daquela casa. Veja também como Opal Jones está. Ah, espero que as crianças não a tenham deixado sozinha e corrido para perto do incêndio.

— Você tem certeza de que devo ir, Kim? Derek pediu que eu ficasse aqui com você.

— Vá. *Por favor!* Vá para perto de seu marido. Só verifique se Derek está bem, e me dê notícias de Miranda.

Ashley colocou o celular de volta no bolso.

— Vou ligar assim que souber de alguma coisa.

Um bombeiro carregando uma mangueira passou por Brad enquanto ele descia da varanda de Miranda para o quintal. Seus passos esmagavam o gelo sobre o gramado. Ainda com a serra elétrica na mão, Brad chegou à rua e virou-se para ver a casa da qual acabara de sair. Ele mal podia acreditar que era a mesma casa vizinha à sua apenas algumas horas antes. O telhado desaparecera. Os galhos da árvore esquelética despontavam no local que havia sido uma sala de estar. A água usada para extinguir as chamas começava a formar pedrinhas de gelo no ar.

— Você está bem, amigo?

Brad olhou e viu Charlie Moore a seu lado. Agasalhado com um casaco grosso e gorro xadrez de vermelho e preto, como o de um lenhador, o homem tinha o cenho franzido.

— Você não parece estar bem, Brad. É melhor pedir a um médico que examine seus pulmões.

— Estou bem. — Brad tossiu as palavras.

Charlie levantou uma sobrancelha.

— Você nunca me ouve, não?

— Ouço o senhor mais do que qualquer outra pessoa, sr. Moore. Mas estou bem. Só preciso recuperar o fôlego. Estava frio lá. E quente também. Esquisito, não?

— Foi um incêndio e tanto.

Brad colocou a serra elétrica na calçada.

— Quando cheguei perto da sra. Finley, ela me disse que deixou as velas acesas a noite inteira e, enquanto estava presa debaixo de um galho, viu as

cortinas da sala pegarem fogo. Nós também acendemos velas, Ashley e eu. Mas hoje cedo, elas já haviam derretido e apagado.

— Espere! Ashley ficou com você? Verdade?

Brad assentiu com a cabeça. Coçando os olhos, ele tentou lembrar como aquele milagre acontecera. Imobilizada por causa da neve e da escuridão, Ashley permanecera dentro da casa. E — pela graça de Deus — ouvira o que ele tinha a lhe dizer.

— Ela não pôde sair — Brad admitiu. — O caminhão de Pete atolou em nossa...

— Brad!

Ao ouvir a voz tão conhecida, ele virou-se. Com os braços abertos e andando desajeitadamente, Ashley veio escorregando pela rua e caiu nos braços dele.

— Ah, que bom que você não morreu. Está machucado? Ferido? Queimado? Está bem?

— Estou bem. — Mal acreditando que a ruivinha magra estava agarrada a ele, Brad olhou de relance para Charlie Moore, com ar de surpresa. — Claro, Ash. Estou ótimo.

Ela ergueu o rosto e fitou-o com seus olhos castanhos cheios de entusiasmo.

— Brad, você salvou a sra. Finley!

— Sim. Isto é, cortei alguns galhos.

— Você salvou a vida dela! E está inteiro! — Ashley piscou para conter as lágrimas. — Estou muito contente.

— A sra. Finley também vai ficar bem. Ela deve ter quebrado um braço, mas não é nada tão grave.

— Não para *você*, talvez. Você é um cara durão.

Sorrindo para ela, Brad notou que Charlie se afastara para livrar um bombeiro da conversa interminável de Cody.

— *Você* está bem, Ashley? — Brad limpou uma lágrima do rosto dela, e seus dedos deixaram duas listas de fuligem em sua pele clara. — Qual é o problema, amor?

Antes que ela pudesse responder, a ambulância partiu com a sirene ligada, cortando o ar gelado com seu ruído ensurdecedor. Assim que o veículo ganhou a rua, um súbito burburinho tomou conta da multidão de espectadores. Brad olhou por cima do ombro e viu o poste de iluminação piscar. Seguiu-se um murmúrio entre as pessoas quando a luz da varanda da família Hansen piscou.

Evidentemente a empresa fornecedora de eletricidade havia restaurado a energia elétrica em Deepwater Cove.

Brad, porém, estava mais interessado na mulher em seus braços. Era *Ashley*. Ela passara os braços ao redor dele, encostara o rosto contra seu peito e estava chorando. E de repente ele se deu conta de que aquelas lágrimas não tinham nada a ver com o incêndio nem eram de preocupação com Miranda Finley.

Ela chorava por *ele*.

Brad engoliu em seco.

— Ash?

— Brad, preciso lhe dizer uma coisa neste instante — ela disse, sufocada pelo choro. — É sobre nós. Sobre mim. Eu também fiz muita coisa errada em nosso casamento.

O medo atingiu-lhe como uma flecha.

— Fez? Com aquele cara que trabalha com você? Jay?

— O Jay do atendimento aos clientes? — Ela franziu a testa. — Ele tem a idade do meu pai. Tem seis filhos e uma penca de netos... e o quê? Você achou que eu *gostava* de Jay? Não! — Ashley sacudiu a cabeça, sem acreditar no que ouvira. — Estou tentando dizer a você que tive culpa nos nossos problemas. Fui egoísta com minhas contas e meu emprego. Fiquei furiosa com você e preocupada com nossas dívidas. Não confiava em você, por isso me afastei e comecei a agir de modo tolo. Eu estava errada, e peço desculpa. Peço desculpa por não ter pedido desculpa. Estava zangada demais. Mas agora estou falando sério. Desculpe-me, Brad.

Brad não conseguiu conter o riso.

— Puxa, Ash! Que belo pedido de desculpa!

— Estou falando sério! — Ela apertou o ombro dele. Depois, fitou-o dentro dos olhos, e seu rosto começou a contorcer-se, como se ela fosse começar a chorar de novo. — Ah, Brad, foi tudo horrível demais! Eu não queria admitir que também errei. Mas não posso continuar a negar a verdade. E... e agora não sei o que fazer. Continuo brava e magoada, e assustada também. Quero acreditar que você mudou. Gostaria de poder confiar em você. Hoje é nosso aniversário de casamento. Se a gente pudesse consertar a situação, seria maravi...

— Ei, espere. — Ele puxou-a para perto de si. — Vamos entregar isso a Deus, Ash. Não quero viver o resto da vida sofrendo por causa do passado. Quero pensar no hoje. E no futuro.

— Eu também.

Brad sentiu a primeira onda de esperança verdadeira crescer dentro dele.

— Você quer?

— Acho que sim.

— Está dizendo que quer dar uma nova chance ao nosso casamento?

— Estou — a voz de Ashley tremeu, como se ela estivesse prestes a chorar.

— Não senti firmeza.

— É verdade. Vai ser difícil. Não tenho muita fé.

— Vou fazer o possível para viver de forma que você acredite cada vez mais em mim. Acho que podemos fazer isso, Ashley. Caminhe ao meu lado. Fique comigo até que tudo melhore. Você vai fazer isso?

Fungando com força, ela olhou para ele.

— Vou — ela disse num sussurro.

— Oh, Ash, você é a garota mais bonita do mundo. — Ele olhou atentamente para seu rosto molhado de lágrimas e seu cabelo despenteado. — Eu poderia... você se importaria... se eu a beijasse?

Tremendo nos braços dele, ela consentiu com a cabeça. Carinhosamente ele encostou seus lábios nos dela. Com os olhos fechados, ele sentiu o aroma da doçura de sua esposa, a fragrância conhecida que se desprendia de sua pele e de seu cabelo.

— Beijar você é o mesmo que orar — ele murmurou.

— Não me solte, Brad. Não pare nunca de me abraçar. É uma loucura, mas ainda amo você.

— Eu amo você, Ashley. Feliz aniversário para nós. Não vejo a hora de começarmos uma vida juntos.

Enquanto dizia essas palavras, Brad abriu os olhos. A distância, ele viu Charlie Moore em pé ao lado de Patsy Pringle. Ambos estavam sorrindo.

19

Ashley acompanhou Jennifer até a porta da frente. Ambas estavam exaustas por ter trabalhado o dia inteiro para atender a um grande pedido. Com um rápido abraço de despedida, elas concordaram em encontrar-se na manhã seguinte.

Algumas semanas após a tempestade de neve, uma temporada quente e agradável começara a instalar-se em Deepwater Cove. O céu azul brilhante e os dias ensolarados tornaram a relva verdejante, estimularam os narcisos silvestres e as tulipas a romper o solo, e expandiram os brotos das folhas. Os cardeais e os tordos saíram em busca de ramos para fazer seus ninhos enquanto cantavam à procura de parceiras para acasalamento. Botões amarelos desabrochavam das forsítias enquanto os esquilos corriam entre os galhos das patas-de-vaca. E para encanto de todos, os cornisos de tonalidade rosa e branca começavam a florescer.

Ashley estava fechando a porta no momento em que o carro de Brad entrou na garagem. Ela sentiu imediatamente um nó no estômago. Continuava comprometida a tentar salvar seu casamento. Mas apesar de sua disposição para perdoar, os medos, a mágoa e até um pouco de raiva persistiam.

Da janela, ela o viu pegar alguns sacos de compra da mercearia. Ashley aceitara a oferta dele de ser um livro aberto. E ela *controlava* o marido. Quando ele dizia que ia à reunião dos AA, ela ligava para Pete para confirmar se ele estava lá. Certa vez ele foi ao correio para enviar vários pacotes de colares para ela, e ela o acompanhou de longe. Ia de carro regularmente ao Bar do Larry e esquadrinhava o estacionamento. Ele nunca mais mentiu.

Aquele, porém, era apenas um período curto de sinceridade. Por mais importante que fosse, Ashley precisava confiar nele durante a vida toda. Seu perdão não podia eliminar as consequências dos erros de Brad — e ele sabia disso.

De sua parte, ela decidira resolver as questões que os dividiam. Pelo fato de não trabalhar mais no clube de campo, a nova agenda dela incluía bastante tempo para passarem juntos. O negócio das colares continuava a prosperar, e Brad sugeriu que ela investisse os lucros na pequena empresa. Ashley, porém,

queria reduzir as dívidas, portanto eles se sentaram diante da mesa de jantar durante muitas horas, conversando, planejando e pagando contas. Agora que o novo cômodo se transformara em oficina de trabalho, ela fazia questão de estar em casa para recebê-lo quando ele chegava do trabalho na construção.

— Oi, Ash. — Com um sorriso no canto da boca, Brad entrou na casa. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, ele mostrou-lhe um ramalhete de rosas vermelhas que trazia escondido atrás de si. Era o quarto buquê naquela semana.

— Ah, são lindas. — Ela forçou um sorriso e beijou-o no rosto. — Que perfume delicioso!

— Não tanto quanto o seu. — Levando as compras para a cozinha, ele deixou o costumeiro rastro de sujeira na sala de estar. Felizmente aquele homem assumira a responsabilidade de passar o aspirador de pó. Ele colocou as compras no balcão. — E então, como está a rainha das contas esta noite?

— A rainha está feliz — ela respondeu. — Acho que posso enviar todos os braceletes até segunda-feira à tarde.

Por um momento, ele pareceu preocupado.

— Você vai trabalhar neste fim de semana?

— Não. Já está tudo quase pronto.

— Ótimo, porque tenho um plano. Não pergunte. Não vou contar.

Ashley foi forçada a rir. Brad estava se esforçando tanto para conquistar o coração dela que se encontrava à beira da exaustão. Passava o aspirador de pó na casa toda, punha a roupa para lavar e ajudava a limpar o banheiro. Uma noite, quando deixou escapar um comentário sarcástico a respeito dos dotes culinários de Ashley, ele se desculpou tanto que ela teve de beijá-lo para silenciá-lo.

Aquela parte do casamento ia necessitar de um pouco de tempo para ser totalmente restaurada. Ashley ainda amava ser tocada pelo marido, e ele a tomava nos braços muitas vezes todos os dias. Brad parecia entender que aquilo era muito importante para ela, e todas as vezes que ele a abraçava ou a beijava, ou até mesmo mexia em seu cabelo, ela sentia que a dor diminuía um pouco mais. Ashley tinha fé de que, com o tempo e os carinhos de Brad, ela não sofreria mais e sentiria a alegria de ver a chama do desejo ser acesa novamente.

— Ah, qual é? — ela disse, pondo a mão no quadril. — Conte o que você está planejando. A Festa dos Cornisos vai ser no sábado, você sabe. A sra. Finley vai vender minhas contas e quer que eu esteja lá.

Ele fingiu estar ofendido.

— Você acha que eu ia esquecer um acontecimento como a Festa dos

Cornisos? Ajudei o sr. Moore a construir os cenários para suas fotografias. Ei, que cheiro bom é este?

— É de *chili*. — Ela afastou as lembranças de sua atitude anterior. — Mas não é igual ao que é feito na lanchonete. A sra. Moore me deu esta receita e...

Brad tomou-a nos braços e beijou-a na boca.

— Adoro *chili*. Principalmente porque ela lhe deu a receita.

Ashley não se mexeu, apreciando a força do abraço dele e passando os dedos por seus braços musculosos. E então — sem nenhum aviso — ela pensou em Yvonne Ratcliff. As mãos daquela mulher também tocaram o corpo de Brad. Ashley afastou-se dele, virando-se para pegar as tigelas e travessas no armário da cozinha.

Naquela tarde, após a reunião rotineira do CAC, ela continuou lá por mais tempo, conversando com Patsy e outras mulheres. Patsy acreditava que as dúvidas de Ashley eram coisas do demônio cutucando-a, tentando desviá-la do rumo. Brenda e Kim concordaram. Disseram que, no casamento, alguns sofrimentos nunca desaparecem totalmente. Mas ambas reconheceram que também haviam magoado seus respectivos maridos. A culpa é sempre dos dois. E com o tempo, a dor da ferroada diminui.

Era muito bom poder contar com o apoio de mulheres que ela respeitava, Ashley admitiu enquanto despejava o *chili* nas tigelas com uma concha e as colocava na mesa. Brad participava do estudo bíblico para homens na loja de Pete, e disse que era muito importante ouvir os outros discutirem problemas semelhantes aos dele.

— Mack vai se dar mal — Brad comentou enquanto puxava a cadeira para sentar-se. — Conversei com Bill Walters sobre ele outro dia no trabalho, mas não sabemos o que fazer. Acho que está se envolvendo com drogas.

Ashley sentou-se e pegou um guardanapo.

— Verdade? Por que você está dizendo isso?

— Ele tem faltado muito ao trabalho. Pode ser por causa da ressaca, mas ouvi uma conversa dele outro dia. Parecia que ele estava querendo aprontar alguma coisa.

— Espero que não.

Ele inclinou a cabeça.

— Pensei que você odiasse Mack.

— Eu não gostava que ele fosse seu melhor amigo, mas...

— Não é mais. Faz parte do passado. — Brad franziu a testa por um momento. — Peço desculpa por ter interrompido você. É que não gosto de falar de tudo o que aconteceu. Eu me sinto mal quando penso nisso. Você sabe... mal por dentro.

— Eu sei.

Os olhos deles se cruzaram. Ao ver tristeza no semblante do marido, ela esticou o braço por cima da mesa e segurou-lhe a mão.

— Eu amo você, Brad.

Ele soltou a respiração.

— Também amo você, Ash.

Apertando os dedos dele, ela sorriu.

— Você não vai orar?

Quando ele curvou a cabeça e começou a falar com Deus, Ashley elevou uma oração silenciosa de agradecimento. A oração era mais uma coisa que começara a mudar a vida deles. Para surpresa de Ashley, ela descobriu que estava começando a acreditar nas mudanças ocorridas no marido. Brad encontrava-se no meio de uma batalha, mas não estava sozinho na guerra. Além de contar com o apoio dos homens de Deepwater Cove, ele tinha Deus.

O coração de Ashley começara a amolecer a respeito da religião. Apesar de ser cautelosa, por ter presenciado atos desagradáveis cometidos por pretensos cristãos, seus olhos haviam sido abertos de uma nova maneira. Jesus, ela começou a entender, fazia uma diferença genuína na vida das pessoas. Patsy e Jennifer disseram isso a ela, mas, com Brad, ela *vira* explicitamente. Seu marido queria ser um novo homem, um homem melhor — e estava se transformando aos poucos na frente dela.

Além de a nova vida de Brad ter mexido com Ashley, a vida da sra. Moore começou a ter um significado mais importante para ela. A velha Bíblia roxa daquela mulher estava repleta de grifos e anotações. Coisas que ela havia considerado importantes e dignas de ser lembradas. Agora Ashley também entendia seu valor. Também percebeu que essa firme confiança em Deus era a coisa que ela mais amava em sua amiga. Não eram as risadas e as comidas que haviam feito. Não era separar as contas. Não eram as conversas profundas ou os encorajamentos. Era a fé da sra. Moore que fazia dela uma pessoa tão especial. Se aquela mulher entregou sua vida a Jesus, Ashley sentiu que deveria fazer o mesmo. Mas não em memória de Esther. Para seu presente e seu futuro.

— Amém — Brad terminou a oração, levantando a cabeça.
Ashley repetiu.
— Amém.

20

— Você sabe o que dizem sobre o Missouri — Cody disse a Ashley no lado de fora da loja Bênção Para o Lar, numa tarde quente e ensolarada de um sábado de abril. — Se você não gosta do tempo... ih, esqueci!

Ela riu.

— Se você não gosta do tempo, fique aqui, porque ele vai mudar.

— OK — ele coçou a cabeça. — Não entendo isso.

Cody raramente entendia a graça de uma frase da maneira que os outros entendiam, portanto isso não era nenhuma novidade para Ashley. Ela bateu de leve no ombro dele.

— Ei, é verdade o que andei ouvindo sobre você e Jennifer?

Eles estavam bebericando ponche enquanto aguardavam na fila do lado de fora de uma enorme tenda branca no estacionamento da faixa comercial de Tranquility. A grande comemoração da primavera pela Bênção Para o Lar havia sido anunciada durante duas semanas nos periódicos *Lake Sun* e *Westside Star*. Havia cartazes de cor rosa pendurados nas janelas de quase todas as lojas da região. Cansados do inverno rígido, os moradores afluíram em massa para fazer compras e ouvir o conjunto Cor da Misericórdia cantar músicas evangélicas e patrióticas numa plataforma enfeitada com fitas coloridas. Aqueles que desejassem podiam pedir ao pastor Andrew que orasse abençoando seus bebês ou renovar os votos feitos no casamento.

Com visível temor, Brad perguntara a Ashley se ela gostaria de permanecer ao lado dele e renovar os votos matrimoniais em público. Para surpresa dela própria, Ashley concordou e entendeu imediatamente que isso era o que ela mais queria fazer no mundo.

Aquela havia sido a primeira parte do plano de Brad para a grande comemoração do aniversário de casamento, e Ashley estava deslumbrada.

— É verdade. — Cody anunciou com orgulho, olhando de Ashley para Brad, que tinha o braço ao redor dos ombros da esposa. — Não é só você que vai para a faculdade. Jennifer vai também. As aulas vão começar no verão. Ela vai fazer mestrado, e eu vou ser o tema dela.

— Parece sério — Brad disse.

— Jennifer já é bacharel. Bacharel é quando um aluno recebe diploma na faculdade. E agora ela está estudando autismo, e vou ser cobaia dela, o que é bem melhor que ser fígado de galinha.

— Com certeza, meu chapa. — Brad fingiu dar um soco no braço de Cody. — Bom para você.

Ashley desconfiava que seu marido não tinha ideia do que Cody estava falando, mas — como sempre nos últimos tempos — Brad continuava a se esforçar para seguir as regras de etiqueta social e outras coisas mais.

— Jennifer vai voltar para a faculdade para receber o título de mestre — ela explicou a Brad enquanto Cody corria para a mesa onde Miranda Finley estava vendendo as pedras de Ashley.

Brad afastou um cacho de cabelo do rosto de Ashley.

— Mas Jennifer vai continuar trabalhando com você, não?

Ashley pensou por um instante no cômodo extra que o sr. Moore e Brad haviam construído na casa dos Hanes. Talvez um dia se transformasse em quartinho de bebê, mas por ora...

— Ontem, antes de sair, Jen me contou que decidiu ajudar autistas adultos — Ashley contou ao marido. Embora eles estivessem no último grupo para renovar os votos, ela não se importava. Estava usando o vestido favorito de Brad e um conjunto de colares que ela havia feito especialmente para a ocasião, e sentia-se feliz por receber elogios dos amigos e vizinhos, sem mencionar a evidente apreciação de Brad. Apesar de Ashley ter se considerado esquelética e sem atrativos no passado, a admiração constante do marido estava começando a calar fundo nela.

— Autismo — Brad disse. — Cody é autista.

Ashley retornou ao assunto do momento.

— É o que parece. Jen vai começar a estudar na Universidade de Missouri neste verão, portanto logo vai saber mais sobre o assunto. Aprovaram o projeto dela de desenvolver estratégias que ajudem a melhorar a qualidade de vida de pessoas como Cody, que não foram diagnosticadas antes e não receberam ajuda na escola. Ele vai ser o tema principal do estudo dela.

— Primeiro ela diz que vai ser missionária; depois se envolve com você no negócio das contas. Agora vai trabalhar com autistas? Sempre pensei que Jennifer, principalmente ela, soubesse exatamente o que Deus queria para sua vida. Ele não mudou de ideia, mudou?

Ashley sacudiu a cabeça. Apesar de ser uma tarde de sábado, Brad vestira camisa branca, calça *jeans* e um casaco emprestado de Charlie Moore. Havia feito reservas para jantar num restaurante requintado na praia de Osage, e dissera a Ashley que queria que aquela noite fosse memorável para eles. Com seu cabelo escuro e olhos azuis brilhantes, Brad era, sem sombra de dúvida, o homem mais bonito do grupo.

Sem conseguir resistir, Ashley pôs-se na ponta dos pés e beijou-o no rosto.

— Deus não muda de ideia — ela cochichou no ouvido do marido. — Ele sabe tudo. Mas Jen diz que Deus tem planos que não somos sequer capazes de adivinhar.

— Hmmm. Parece ser verdade.

— Claro que é. Ela diz que Deus a colocou na escola de missionários para ensiná-la a usar o idioma e aprender a enfrentar os fatos quando a vida toma um rumo inesperado, como aconteceu no México. Agora ela entende melhor o que significa ser autista... viver assustado, ser mal compreendido, incapaz de comunicar-se bem e até ser ridicularizado ou agredido. Ela disse que os autistas se sentem isolados do nosso mundo, e foi isso que ela sentiu quando saiu dos Estados Unidos. Portanto, o plano de Deus foi esse o tempo todo.

— Puxa! — Ele voltou a lhe acariciar o cabelo. E sussurrou: — Estou fazendo o possível para ouvir o que você está dizendo, mas é difícil quando estou abraçando uma mulher tão apetitosa.

Corando, Ashley desviou o olhar e viu que eles eram os próximos da fila.

— Ei, agora é a nossa vez.

Eles entraram na tenda com um grupo de outros quatro casais. Ao avistar as velas e o pequeno altar, notaram que o pastor Andrew estava todo compenetrado, em pé sobre uma plataforma baixa, enquanto alguém tocava flauta a seu lado. Quando os casais se reuniram, ele limpou a garganta.

— A união de um homem com uma mulher foi ordenada por Deus — ele começou a explicar. — Deus disse que, por esta causa, o homem deve deixar seus pais e unir-se a sua esposa. Jesus também confirmou a bênção do matrimônio quando realizou seu primeiro milagre numa festa de casamento. Agora, em obediência ao Senhor, virem-se um de frente para o outro, deem as mãos e repitam as promessas que vou dizer.

Quando olhou para o rosto de Brad, Ashley viu que os olhos deles estavam cheios de lágrimas. Suas mãos grandes seguraram as dela com força quando ele

repetiu as palavras de compromisso. E quando ele prometeu diante de Deus ser fiel a ela pelo resto da vida, Ashley não conteve a emoção. Enquanto lágrimas desciam pelo rosto dela, ele enfiou a mão no bolso do paletó e tirou o anel de brilhante. E enquanto o colocava no quarto dedo da mão direita dela, ela repetiu as promessas.

— E agora cada marido pode beijar sua esposa — o pastor Andrew disse solenemente. — Senhoras, o beijo deve ser grande!

Rindo, Brad e Ashley abraçaram-se e beijaram-se até o pastor limpar a garganta. De mãos dadas, eles atravessaram apressadamente a tenda e pararam no caramanchão branco onde o sr. Moore tirou uma foto do casal.

— Esta foto vai ficar pendurada ao lado da porta da frente — Ashley disse — para ninguém esquecer.

— Esquecer? Eu nunca vou esquecer este dia!

Ashley prendeu a respiração de susto quando Brad a levantou do chão e começou a rodar com ela nos braços. Assim que saíram da tenda, eles ouviram gritos de viva e aplausos. A princípio, Ashley pensou que deveriam ser para ela e Brad. Apesar de tentarem manter seus problemas em segredo, será que a comunidade inteira sabia o que eles haviam passado e como estavam gratos por ter restaurado o casamento?

Quando, porém, Brad a colocou no chão, ela avistou uma profusão de laços, organza, seda e babados saindo pela porta da frente do Assim Como Estou. Todos viraram-se para a Rods-N-Ends, onde um garboso cavalheiro de cartola e fraque havia aparecido na porta.

— Oh, céus! — O grito de Patsy veio detrás daquele amontoado de rendas. — Alguém segure o meu véu! Esta brisa é tão forte que vai me derrubar.

Surpresa, Ashley riu encantada enquanto Patsy andava apressada em direção à tenda branca. Sua figura ampla se acentuava com todos os adornos imagináveis capazes de enfeitar um vestido de noiva — pequenas pérolas, fitas de cetim, rendas e muitos laços. Ela atravessou a aglomeração com passos titubeantes com seus sapatos salto quinze, acenando com o buquê de flores brancas: lírio, gipsófila e filamentos de hera.

— Surpresa! Atenção, pessoal! Surpresa! — ela gritou. — Pete e eu decidimos casar hoje para que todos vocês estivessem presentes. Onde está aquele homem? Não me digam que ele desistiu.

Ela parou no meio do caminho e, em seguida, gritou de alegria.

— Pete Roberts, é você?

— Sou eu, meu amor! Vamos nos casar. O que você acha?

— Eu topo! — Ela virou-se para as pessoas a seu redor. — Vamos entrar. Há espaço para todos, e vocês precisam ver isto. Vai ser o começo de uma vida maravilhosa.

Conheça outras obras de

Gary Chapman & Catherine Palmer

- Acontece a cada primavera
- Brisa de verão
- Incertezas de outono

Veja mais neste link.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opiniao-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>


GARY CHAPMAN
Best-seller do New York Times
5
AS
LINGUAGENS
DO AMOR
Como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge
3ª Edição

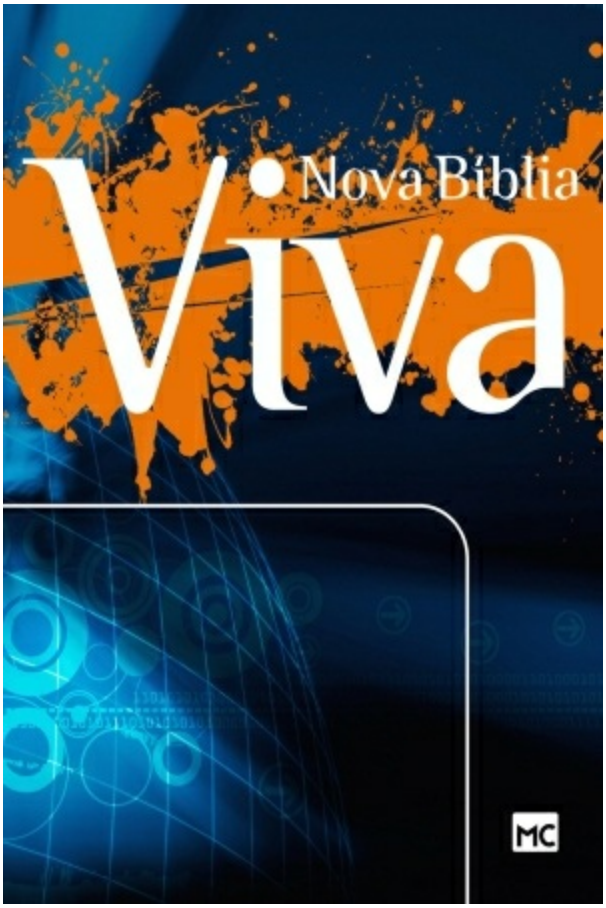
As cinco linguagens do amor - 3ª edição

Chapman, Gary
9788573259285
139 páginas

Compre agora e leia

As diferenças gritantes no jeito de ser e de agir de homens e mulheres já não são novidade há tempos. O que continua sendo um dilema é como fazer dar certo uma relação entre duas pessoas que às vezes parecem ter vindo de planetas distintos. Compreender essas diferenças é parte da solução e é nisso que Gary Chapman vai ajudar você. Com mais de 30 anos de experiência no aconselhamento de casais, ele percebeu que cada um de nós adota uma linguagem pela qual damos e recebemos amor. Quando o casal não entende corretamente a linguagem predominante de cada um, a comunicação é afetada, impedindo que se sintam amados, aceitos e valorizados. Nesta terceira edição de sua clássica obra sobre relacionamentos, que já vendeu mais de 8 milhões de exemplares, Gary Chapman não só explica as cinco linguagens como apresenta um questionário para os maridos e outro para as esposas descobrirem a sua linguagem de amor. Além disso, uma seção especial de perguntas e respostas vai esclarecer todas as suas dúvidas e lhe dar o direcionamento sobre como expressar melhor seu amor a seu cônjuge e ajudará você a compreender a forma dele manifestar o amor. Gary Chapman identificou cinco formas através das quais as pessoas expressam e recebem as manifestações de amor: palavras de afirmação; tempo de qualidade; presentes; atos de serviço; toque físico. Aprendam, você e seu cônjuge, a se comunicar através dessas linguagens e experimentem como é ser realmente amado e compreendido.

Compre agora e leia


Nova Bíblia
Viva
MC

Nova Bíblia Viva

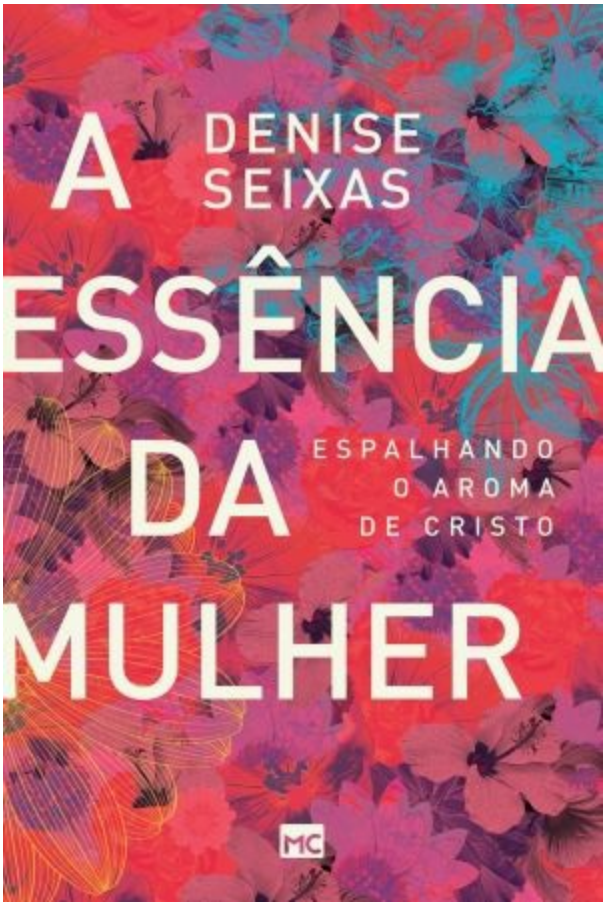
Autores diversos
9788573258523
1056 páginas

Compre agora e leia

Lançada em 1981, a Bíblia Viva foi a primeira edição brasileira da Bíblia Sagrada a contar com linguagem simplificada e de fácil compreensão. Ela foi concebida de acordo com os princípios de tradução que serviram de base para a pioneira Living Bible (EUA, 1971). O apelo da Bíblia Viva foi imediato, principalmente entre jovens e pessoas recém-convertidas ao cristianismo que desconheciam os termos eruditos e as construções sintáticas formais das versões bíblicas mais antigas. Para muitos leitores, abrir a Bíblia Viva passou a ser como respirar, pela primeira vez, o ar puro da compreensão. Duas razões motivaram esta revisão, empreendida em comum acordo entre a Sociedade Bíblica Internacional e a Editora Mundo Cristão. Em primeiro lugar, a língua portuguesa do Brasil é dinâmica, como todos os idiomas modernos, e muda de modo incremental e constante de acordo com os hábitos de uso do publico que fala, lê, ouve e escreve. Percebemos que na Bíblia Viva havia elementos de linguagem já ultrapassados. O que era moderno e comunicativo no início dos anos 1980 já não era necessariamente tão expressivo. Havia a necessidade de trazer a Bíblia efetivamente para o século 21. Em segundo lugar, determinamos a necessidade de trazer algumas opções semânticas e sintáticas da primeira edição a um alinhamento maior com as línguas originais das Escrituras. Como resultado, a Nova Bíblia Viva é tão simples e fácil de entender como sempre, e agora está ainda mais fiel aos originais redigidos em hebraico, aramaico e grego. Houve outras alterações. Na primeira edição, a indicação de versículos seguia a lógica da unidade de pensamento.

Em vez de indicar versículos individuais, era feita a sinalização de blocos de versículos (ex.: 1-4, 12-15). Na Nova Bíblia Viva, a divisão em parágrafos adequados foi mantida, mas foram inseridos os números de versículos de acordo com a divisão tradicional.

Compre agora e leia


DENISE SEIXAS
A ESSÊNCIA DA MULHER
ESPALHANDO O AROMA DE CRISTO
MC

A essência da mulher

Seixas, Denise
9788543302782
161 páginas

Compre agora e leia

Denise Seixas convida você a deixar-se impregnar pela inigualável fragrância divina. Um aroma incomparável que contém a essência do Criador, capaz de restaurar qualquer aspecto de sua vida. Anseie pelo aroma de Cristo e busque-o, para que seus pensamentos e ações reflitam Deus. Revele sua mais bela essência, o sinal visível da graça de Deus. Que este livro seja um instrumento de Deus para incentivá-la a manifestar por meio de sua vida a essência de Jesus em todos os locais por onde você andar, a fim de levar até os confins da terra o perfume que dá vida a toda criatura. Denise Seixas

Compre agora e leia


kevin leman
é seu filho,
não um
hamster
Reduza o estresse na educação das crianças

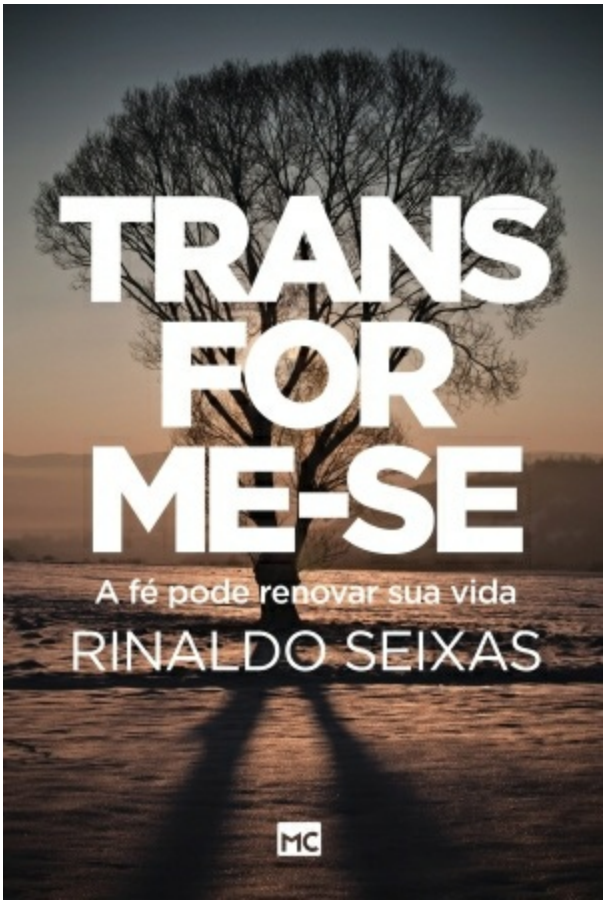
É seu filho, não um hamster

Leman, Kevin
9788573258356
249 páginas

Compre agora e leia

A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

Compre agora e leia


TRANS
FOR
ME-SE
A fé pode renovar sua vida
RINALDO SEIXAS
MC

Transforme-se!

Seixas, Rinaldo
9788543302577
236 páginas

Compre agora e leia

A jornada da vida exige fé, obediência e determinação. Ao longo da história, homens e mulheres tementes a Deus que aprenderam a confiar experimentaram o poder restaurador e transformador do Criador. Eles e elas compreenderam que crer e confiar não nos afastam das turbulências da vida, mas nos tornam pessoas capazes de superar as tribulações mais difíceis. Se você precisa restaurar e transformar algum aspecto de sua vida, esta obra foi escrita pensando em você!

Compre agora e leia